

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA

ORGANIZAÇÃO

Gerência de Planejamento e Proteção Ambiental – SMAC/SUBMA/CAV/GPPA



RIO
PREFEITURA

SUBSECRETARIA
DE MEIO AMBIENTE

**PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES
DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS DOS
CAMPOS DE SERNAMBETIBA**

SETEMBRO/2018



PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

EQUIPE TÉCNICA
SUBGERÊNCIA DE MONITORAMENTO DA BIODIVERSIDADE
(SCMA/SUBMA/CCA/GMFA/GMFA7)

ARQUITETA

Marcia Cristina Moraes Giannini

BIÓLOGOS

Felipe de Noronha Andrade

Jorge Antônio Lourenço Pontes

Paulo Sergio Gama Nascimento

Ricardo Couto

ENGENHEIRO FLORESTAL

Luiz Octavio Lima Pedreira

GEÓGRAFOS

Brasiliano Vito Fico (Subgerente)

Vladimir da Franca Fernandes

Edinaly Freire (Estagiária de Geografia - UERJ)

Índice Geral

INTRODUÇÃO e JUSTIFICATIVAS	9
ÁREA DE ESTUDO	11
METODOLOGIA.....	12
CAPÍTULO I - MEIO ABIÓTICO	14
CLIMA	15
GEOLOGIA	19
GEOMORFOLOGIA	22
CONTEXTO DA ÁREA DE ESTUDO NAS ZONAS ÚMIDAS DA CIDADE	26
SOLOS.....	29
RECURSOS HÍDRICOS.....	34
MONITORAMENTO DA QUALIDADE DAS ÁGUAS	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS DO MEIO ABIÓTICO.....	41
CAPITULO II - MEIO BIÓTICO	43
FLORA	43
PONTOS NOTÁVEIS	57
FAUNA	62
CAPITULO III - MEIO ANTRÓPICO	71
HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO	71
LEGISLAÇÃO URBANÍSTICA	76
ZONEAMENTO URBANO	80
SITUAÇÃO FUNDIÁRIA.....	84
OCUPAÇÃO IRREGULARES.....	86
ÁREAS DE ESPECIAL INTERESSE SOCIAL (AEIS).....	91
ASPECTOS DEMOGRÁFICOS.....	93
INFRAESTRUTURA.....	98
BENS NATURAIS PROTEGIDOS	105
INDICAÇÃO DE ÁREAS PRIORITÁRIAS À CONSERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO	109
CAPITULO IV - PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UCs	115
CRITÉRIOS PARA DEFINIÇÃO DO PROTOLIMITE	117
PROTOLIMITES.....	118
CONCLUSÕES.....	120
RECOMENDAÇÕES	122
GESTÃO DAS FUTURAS UCS	122
GESTÃO PARTICIPATIVA.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125
ANEXO 1 – LISTA DE ESPÉCIES DE FLORA	134
ANEXO 2 – LISTA DE ESPÉCIES DE FAUNA	171

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 - PRECIPITAÇÃO MÉDIA MENSAL (MM) PARA UM PERÍODO DE 16 ANOS (2000 – 2016).....	17
GRÁFICO 2 - PRECIPITAÇÃO MÉDIA ANUAL (MM) PARA UM PERÍODO DE 16 ANOS (2000 – 2016)	18
GRÁFICO 3 - DINÂMICA POPULACIONAL DAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO – 2000 E 2010.....	95
GRÁFICO 4 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO NA ÁREA DE ESTUDO ENTRE 2000 E 2010.	96
GRÁFICO 5 - POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA NA ÁREA DE ESTUDO EM 2010.	97
GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DAS TAXAS DE ANALFABETISMO PELA RAS DO MUNICÍPIO.	98
GRÁFICO 7 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS FORMAS DE ABASTECIMENTO DOS DOMICÍLIOS	99
GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE DOMICÍLIOS ATENDIDOS PELA REDE DE ABASTECIMENTO.	99
GRÁFICO 9 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS FORMAS DE ABASTECIMENTO DOS DOMICÍLIOS	100
GRÁFICO 10 - ESGOTAMENTO DOS DOMICÍLIOS, POR TIPO.....	101
GRÁFICO 11 - PERCENTUAL DA COLETA DE LIXO, SEGUNDO OS DOMICÍLIOS	102

Índice de Tabelas

TABELA 1 - UNIDADES DE MAPEAMENTO PEDOLÓGICO E SUAS ASSOCIAÇÕES COM AS DIFERENTES CLASSES DE SOLO.....	31
TABELA 2 - DESCRIÇÃO DOS RIOS QUE DESEMBOLCAM NO COMPLEXO LAGUNAR DE JACAREPAGUÁ.....	35
TABELA 3 - SÍNTESE DOS RESULTADOS DE BALNEABILIDADE DAS ÁGUAS DAS PRAIAS NOS PONTOS DO RECREIO DOS BANDEIRANTES E PONTAL DE SERNAMBETIBA - 2018.....	40
TABELA 4 - CLASSES DE USO DO SOLO E PERCENTUAL DA ÁREA DE ESTUDOS	54
TABELA 5 - CLASSES DE USO DO SOLO E PERCENTUAL DA ÁREA DE ESTUDOS, COMPARATIVO ENTRE OS ANOS DE 2010 E 2016.....	55
TABELA 6 – ÁREAS DE REFLORESTAMENTO NA ÁREA DE ESTUDO.....	56
TABELA 7 - FAVELAS NA ÁREA DE ESTUDO E SUA POPULAÇÃO ESTIMADA	88
TABELA 8 - LOTEAMENTOS IRREGULARES NA ÁREA DE ESTUDO	88
TABELA 9 - ÁREAS DE ESPECIAL INTERESSE SOCIAL NA ÁREA DE ESTUDO	93
TABELA 10 - POPULAÇÃO, DOMÍCILOS, ÁREA DOS BAIRROS E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DA ÁREA DE ENTORNO DA ÁREA DE ESTUDO - 2010.	94
TABELA 11 - VARIAÇÃO DE POPULAÇÃO RESIDENTE ENTRE 2000 E 2010.....	94
TABELA 12 - VARIAÇÃO DE POPULAÇÃO POR BAIRROS DA ÁREA DE ESTUDO	95
TABELA 13 - RENDIMENTO* NOMINAL MÉDIO PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE, SEGUNDO OS BAIRROS DA ÁREA DE ESTUDO - 2010.	96
TABELA 14 - EXTENSÃO DA REDE HIDROGRÁFICA PRINCIPAL, SEGUNDO OS CURSOS D'ÁGUA, COM INDICAÇÃO DAS SUB-BACIAS HIDROGRÁFICAS E BAIRROS A QUE PERTENCEM.....	103
TABELA 15 - INSTRUMENTOS LEGAIS DE PROTEÇÃO NA ÁREA DE ESTUDO.....	105
TABELA 16 - UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA INSERIDAS PARCIALMENTE OU TOTALMENTE NA ÁREA DE ESTUDO.....	106
TABELA 17 – ÁREAS DE ÁPPS NA ÁREA DE ESTUDO, POR TIPO	109

Índice de Figuras

FIGURA 1 - ÁREAS DE BREJOS ENTRE OS ANOS DE 2010 E 2016	9
FIGURA 2 - LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	12
FIGURA 3 - ÁREA DE ESTUDO.....	14
FIGURA 4 - MAPA GEOLÓGICO-GEOTÉCNICO DA ÁREA DE ESTUDO.....	20
FIGURA 5 - MAPA GEOMORFOLÓGICO DA ÁREA DE ESTUDO.....	23
FIGURA 6 - MAPA DE DECLIVIDADE DA ÁREA DE ESTUDO.....	24
FIGURA 7 - MAPA HIPSOMÉTRICO DA ÁREA DE ESTUDO.....	25
FIGURA 8 - ÁREAS ÚMIDAS SUCETÍVEIS À INUNDAÇÃO	26
FIGURA 9 - ÁREAS ÚMIDAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, EVIDENCIAM A EXTENSA PORÇÃO OCUPADA PELAS VARGENS DE SERNAMBETIBA	28
FIGURA 10 - MAPA PEDOLÓGICO DA ÁREA DE ESTUDO.....	29
FIGURA 11 - MAPA DE SUSCETIBILIDADE À EROÇÃO DOS SOLOS DA ÁREA DE ESTUDO.....	33
FIGURA 12 - MACRODRENAGENS HIDROGRÁFICAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO COM DESTAQUE PARA A ÁREA DE ESTUDO	34
FIGURA 13 - SUB-BACIAS E CURSOS D'ÁGUA NA ÁREA DE ESTUDO.....	37
FIGURA 14 - LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS DE MONITORAMENTO DA QUALIDADE DAS ÁGUAS INTERIORES E DAS PRAIAS.....	39
FIGURA 15 - RESULTADO DE IQA DOS PONTOS DE MONITORAMENTO DAS ÁGUAS INTERIORES. QUADRO DESTACANDO OS PONTOS DE INTERESSE NA ÁREA DE ESTUDO.....	41
FIGURA 16 - BREJO HERBÁCEO NA ÁREA DE ESTUDO E ESPÉCIE TÍPICA <i>THYPHA DOMINGUENSIS</i>	51
FIGURA 17 - MATA DE CAIXETA NA ÁREA DE ESTUDO E EXEMPLAR DE <i>TABEBUIA CASSINOIDES</i> EM FRUTO ENCONTRADO NA ÁREA.....	52
FIGURA 18 - COBERTURA VEGETAL E USO DAS TERRAS – 2016	55
FIGURA 19 - DETECÇÃO DAS MUDANÇAS NA CLASSE DE BREJOS, ENTRE OS ANOS DE 2010 E 2016	56
FIGURA 20 - ÁREAS DE REFLORESTAMENTO EXECUTADAS PELA PREFEITURA NA ÁREA DE ESTUDO.....	57
FIGURA 21 - MORROS ISOLADOS DA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ, REPRESENTADOS DENTRO DA ÁREA DE ESTUDO PELOS MORROS DO CANTAGALO, DO AMORIM, DO URUBU E DO PORTELO	58
FIGURA 22 - DETALHE DA VEGETAÇÃO RUPÍCOLA NO MORRO DO URUBU, COM A ESPÉCIE AMEAÇADA <i>ALCANTAREA GLAZIOUANA</i>	59
FIGURA 23 - CAMPOS DE SERNAMBETIBA, ÁREAS PERMANENTEMENTE ALAGADAS DENTRO DA ÁREA DE ESTUDO	60
FIGURA 24 - EXEMPLAR DE <i>TABEBUIA CASSINOIDES</i> ENCONTRADA NAS MATAS PALUDOSAS DA ÁREA.....	60
FIGURA 25 - ENCOSTAS DO MACIÇO DA PEDRA BRANCA E O MORRO DO BRUNO REPRESENTAM AS ÁREAS DE FLORESTA COM MAIOR PORTE NA ÁREA DE ESTUDO	61
FIGURA 26 – ESPÉCIES DE ANGIOSPERMAS ENCONTRADAS NA ÁREA EM TELA (<i>BILLBERGIA AMOENA</i> (LODD.)LINDL., <i>DICHORISANDRA THYRSIFLORA</i> J.C.MIKAN E <i>FRIDERICIA CONJUGATA</i> (VELL.)L.G.LOHMANN)	62
FIGURA 27 - ÁREA DE ESTUDO, COM DESTAQUE PARA OS PRINCIPAIS CURSOS D'ÁGUA RETIFICADOS E ABERTOS PARA DRENAGEM (AZUL); ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA A FAUNA (VERDE) E DE ZOOPASSAGEM (AMARELO).	65
FIGURA 28 - MAPA DE INDICAÇÃO DE ÁREAS CONSIDERADAS PRIORITÁRIAS PARA A CONSERVAÇÃO DE ESPÉCIES DE PEIXES-ANUAIS (RIVULIDAE).....	67
FIGURA 29 - <i>PHALLOCEROS HASPARGOS</i> LUCINDA, 2008 (POECILIIDAE) E GRUPO DE <i>GEOPHAGUS BRASILIENSIS</i> QUOY & GAIMARD, 1824 (CICHLIDAE).....	68
FIGURA 30 - <i>ACANTHOCHELYS RADIOLATA</i> (MIKAN, 1820) E <i>PHRYNOPS GEOFFROANUS</i> (SCHWEIGGER, 1812). ..	69
FIGURA 31 - BANDO DE CAPIVARAS (<i>HYDROCHOERUS HYDROCHAERIS</i> LINNAEUS, 1766) NA ÁREA DE ESTUDOS.	69
FIGURA 32 - LAGARTA SOBRE JARRINHA (<i>ARISTOLOCHIA TRILOBATA</i> L.) E FORMA ADULTA DE BORBOLETA-DA- PRAIA (<i>PARIDES ASCANIUS</i> (CRAMER, 1775)), ESPÉCIE ENDÊMICA E AMEAÇADA DE EXTINÇÃO, AINDA COM UMA POPULAÇÃO NA REGIÃO.....	70
FIGURA 33 - MAPA DO MUNICÍPIO NEUTRO – LAEMMERT, 1870.....	71
FIGURA 34 - O SERTÃO CARIOCA	72
FIGURA 35 - CAMPOS DE SERNAMBETIBA.....	73
FIGURA 36 - MALHA VIÁRIA - PLANO DOXIADIS	74
FIGURA 37 - PLANO PILOTO PARA A BAIXADA DE JACAREPAGUÁ – LÚCIO COSTA – 1965.	75
FIGURA 38 - BAIXADA DE JACAREPAGUÁ NA DÉCADA DE 1960	76

FIGURA 39 - LEGISLAÇÃO PARA A ÁREA DAS VARGENS EM ORDEM CRONOLÓGICA.....	79
FIGURA 40 - SUBZONAS NÃO EDIFICANDI DO DECRETO 3046/81.....	81
FIGURA 41 - ÍNDICE DE APROVEITAMENTO DE TERRENO PELO DECRETO 3046/81. FONTE: APRESENTAÇÃO DA AUDIÊNCIA PÚBLICA – SMU – GPL4.....	82
FIGURA 42 - ÍNDICE DE APROVEITAMENTO DE TERRENO NO PEU VARGENS.	82
FIGURA 43 GABARITOS NO PEU VARGENS.	84
FIGURA 44 - GRANDES PROPRIETÁRIOS NA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ	85
FIGURA 45 - PRINCIPAIS PALS NA REGIÃO DAS VARGENS.....	85
FIGURA 46- FAVELAS NA ÁREA DE ESTUDO.....	87
FIGURA 47 - LOTEAMENTOS IRREGULARES NA ÁREA DE ESTUDO	91
FIGURA 48 - ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE SOCIAL NA ÁREA DE ESTUDO	92
FIGURA 49 - VARIAÇÃO POPULACIONAL NAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO - 2000 E 2010.....	94
FIGURA 50 - CENÁRIOS COMPARATIVOS ENTRE A SITUAÇÃO ATUAL E FUTURA (COM INCREMENTO DA URBANIZAÇÃO), APÓS UMA CHUVA PROJETADA COM DURAÇÃO DE 120 MINUTOS; NOTA-SE CLARAMENTE A PREVALÊNCIA DAS ÁREAS ALAGADAS PELO TRANSBORDAMENTOS DOS CANAL DE SERNAMBETIBA E SEUS TRIBUTÁRIOS.....	104
FIGURA 51 - TOMBAMENTOS E SÍTIOS DE RELEVANTE INTERESSE AMBIENTAL E PAISAGÍSTICO	106
FIGURA 52 - UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA.....	107
FIGURA 53 - HIDROGRAFIA COMO ELEMENTO DE INTEGRAÇÃO DAS ÁREAS PROTEGIDAS POR UNIDADES DE CONSERVAÇÃO.....	108
FIGURA 54 - ÁREAS PROTEGIDAS FORMANDO CORREDORES DE INTEGRAÇÃO ECOLÓGICA.....	108
FIGURA 55 - ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE NA ÁREA DE ESTUDO	110
FIGURA 56 - ÁREAS DE COTA ALTIMÉTRICA ATÉ 2 METROS, NA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ.....	112
FIGURA 57 - ÁREAS DE COTA ALTIMÉTRICA ATÉ 2 METROS, NOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA.	112
FIGURA 58 - PROTOLIMITES DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO PROPOSTAS	119

INTRODUÇÃO e JUSTIFICATIVAS

A baixada de Jacarepaguá é formada por um mosaico complexo de formações vegetais, intercalando mangues, floresta ombrófila, restingas e brejos. Este fantástico panorama natural aliado ao modelado de solos arenosos e baixadas alagadas, temporária ou permanentemente, em contato direto e abrupto com as encostas dos Maciços da Tijuca e Pedra Branca resultaram numa peculiar diversidade de paisagens e riqueza de espécies de fauna e flora.

Nesse contexto, a presença de áreas alagáveis oferece diversas funções ecossistêmicas, especialmente na regulação dos processos fundamentais do ciclo hidrológico (atenuação do impacto das chuvas), contenção de encostas, controle de enchentes, amenização climática, além de possuir atributos estéticos e paisagísticos sem igual para a cidade.

Os chamados Campos de Sernambetiba, área objeto deste documento, é a maior área úmida remanescente da Baixada de Jacarepaguá; permaneceram território muito pouco alterado até os anos de 1950, como testemunham as fotografias aéreas do período (PCRJ, 1955).

Entretanto, os ecossistemas de baixada são frágeis no Rio de Janeiro, perderam e vêm perdendo espaço rapidamente para as atividades humanas. Os brejos, sejam os herbáceos, sejam os na forma de mata paludosa, foram os que mais sofreram (SMAC, 2016). Este fundamental ambiente alagado, até então presente em largas porções dos Campos de Sernambetiba, perdeu mais de 500 ha apenas no período 2010-2016.

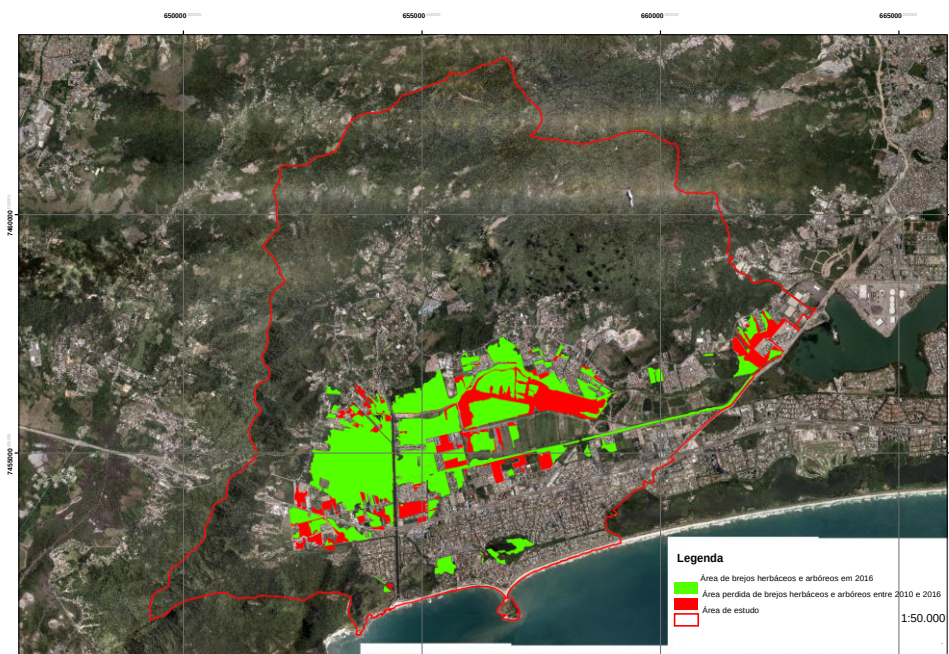


Figura 1 - Áreas de brejos entre os anos de 2010 e 2016

Fonte: SIG Floresta, 2010-2016

No Brasil e em especial no município do Rio de Janeiro, as áreas úmidas foram consideradas erroneamente pelo senso comum como local sempre passível de ocupação e de reduzida relevância ambiental. Desta forma, a maioria das várzeas úmidas da cidade foi simplesmente aterrada, ocupada sem estudos de impacto ambiental ou sequer resgate de espécimes (CARDOSO et al. 2015; PONTES et al. 2015; TELLES & SILVA, 2015). Também, gradativamente, as poucas áreas ainda livres da especulação imobiliária são ocupadas por moradores de baixa renda, aumentando os conflitos socioeconômicos (PEREIRA, 2015).

Como agravante, esse tipo de ecossistema associado ao bioma Mata Atlântica, apesar de ter a proteção amparada em diversos instrumentos legais, não está claramente protegido pela Lei Federal 12.651/2012 (o chamado “Novo Código Florestal”), como acontece com os ecossistemas de restinga e manguezal. Todos eles, de uma forma ou de outra, são muitas vezes degradados desrespeitando a legislação ambiental em detrimento da expansão imobiliária que se fez mais intensa nos últimos anos por conta da realização dos grandes eventos internacionais sediados pelo município.

No Rio de Janeiro, a redução e o isolamento crescente dos fragmentos de brejo causaram alterações significativas no sistema, provocados especialmente pela poluição hídrica, o aterramento sem critérios e a construção irregular ou regular. Populações inteiras de plantas endêmicas do brejo carioca foram extintas localmente. Os projetos de intervenção não consideraram historicamente os impactos cumulativos e sinérgicos das interferências na hidrodinâmica deste sistema de baixada, geradas por aterramentos, compactações de solo e rebaixamento dos lençóis freáticos que alteraram o regime hídrico como um todo, comprometendo potencialmente toda a comunidade biológica como também aumentando os riscos de inundações e déficit hídrico para a população local.

Infelizmente, nenhum fragmento significativo do ecossistema de brejo está protegido por unidades de conservação no Rio de Janeiro, apenas pequenas porções nas Área de Proteção Ambiental de Marapendi e das Tabebuias e nos Parques Naturais Municipais do Grumari, Bosque da Barra, Chico Mendes, fato que contradiz com a importância ecológica do mesmo para a manutenção das condições de habitabilidade na baixada de Jacarepaguá.

Nos últimos 5 anos, entretanto, a Prefeitura do Rio de Janeiro vem considerando a Área de Estudo como Área de Especial Interesse Ambiental (AEIA), figura provisória e que visa à “proteção do meio ambiente natural e cultural”, pela criação de Unidade de Conservação ou Área de Proteção do Ambiental Cultural. Através da reedição de Decretos neste período, a AEIA permanece como uma frágil garantia de que o Plano de Estruturação Urbana das Vargens (Lei Complementar 104/20019) não seja imediatamente implementado, sob a ameaça dos graves impactos decorrentes. Diz o DECRETO Nº 44203, DE 5 DE JANEIRO DE 2018, em um dos seus Considerandos:

“CONSIDERANDO que a Lei Complementar nº 104/2009 define índices de aproveitamento dos terrenos (IATs) muito elevados, incompatíveis com uma região ambientalmente frágil, de grande interesse paisagístico e com grande porção do território situada em áreas de baixada, o que poderá provocar danos, de natureza urbana e ambiental, irreversíveis à região do PEU Vargens;

Neste sentido, a proposta aqui apresentada de Unidade de Conservação visa restituir a primordial importância histórica e ambiental dos brejos para a cidade, proporcionando sua conservação, proteção efetiva, garantia de manutenção, conservação e recuperação, bem como a conexão com os ecossistemas das encostas do Maciço da Pedra Branca e o complexo lagunar da baixada de Jacarepaguá.

ÁREA DE ESTUDO

A Área de Estudo para a proposição de criação das novas UCs possui 9.313,26 hectares e é formada pelos bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena, Recreio dos Bandeirantes e Camorim. Está situada no sopé do maciço da Pedra Branca, próxima a sua vertente sudeste; é circundada pelas lagoas de Jacarepaguá, Marapendi e Lagoinha que integram o sistema lagunar da baixada de Jacarepaguá.

É cortada por rios e diversos canais que, através da dinâmica hídrica promovida pelo escoamento superficial e subsuperficial, mantêm um ecossistema com características brejosas, incluindo florestas paludosas com ocorrência de espécies de fauna e flora ameaçadas de extinção. As áreas alagadas que são observadas, principalmente em sua porção central, abrigam uma biota totalmente adaptada às condições físicas do relevo e constituem um dos últimos remanescentes deste ambiente no Estado do Rio de Janeiro e, principalmente, no município.

A Área de Estudo é o recorte espacial utilizado para análises que envolvam o território. O olhar sobre o território é necessariamente diferente para cada tema abordado no trabalho e, conseqüentemente, o recorte espacial vai variar conforme a necessidade de coleta de dados e organização das informações. Um exemplo é a abordagem do tema hidrografia, que aborda o território a partir de uma lógica de bacias hidrográficas, e o tema relacionado aos aspectos socioeconômicos, que ao tratar a influência antrópica sobre o território utiliza a divisão político

administrativa (Bairros, Regiões Administrativas, etc) como referência. O mesmo vale para o meio Biótico (Fauna e Flora).

Para o atual estudo foi definida uma Área de Estudo que abrange todos os temas levantados, mas que pode apresentar variações conforme explicado acima. Ao final do Estudo os temas serão analisados conforme seus relacionamentos com o território.

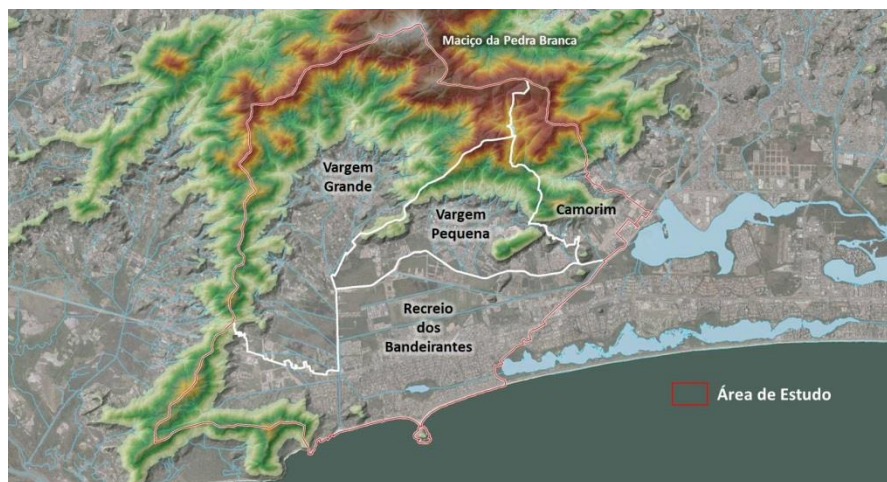


Figura 2 - Localização da Área de Estudo.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

METODOLOGIA

Todo o trabalho de diagnóstico e definição da nova unidade foi realizado pela Subgerência de Monitoramento da Biodiversidade, utilizando equipe multidisciplinar formada por biólogos, engenheiros florestais, arquiteta e geógrafos.

Foi definida uma área de estudo base e, posteriormente, cada integrante do grupo de trabalho ficou responsável por um tema e pôde detalhar essa área, de acordo com o seu tema, conforme descrito nos respectivos tópicos. Utilizou-se farto material bibliográfico reunidos de diversas fontes secundárias, incluindo obras acadêmicas, técnicas e oriundas de Sistemas de Informação Geográficos.

Para o presente estudo, o grupo de técnicos contou com larga experiência em criação de unidades de conservação, bem como da realidade ambiental da cidade, vivenciada em muitos anos de experiências dos técnicos que compuseram a equipe de trabalho. Realizou-se ainda vistorias complementares para coleta de dados, fotografias, verificação de verdade terrestre e coleta de pontos de GPS.

O presente documento, além de uma apresentação e material de apoio, deverão ser disponibilizados no site da PCRJ com, no mínimo, 15 dias de antecedência à consulta pública. Nesta o estudo para a criação da APA será apresentado e posteriormente discutido com a

população, a fim de obter contribuições para a construção do limite definitivo da unidade de conservação em tela.

A consulta pública será realizada em local a ser definido, o mais próximo possível da área de estudo, de modo a garantir a facilidade de acesso da população local. A convocação dar-se-á através do Diário Oficial do Município e site da PCRJ.

Após a elaboração do limite definitivo e respectivo memorial descritivo da Unidade de Conservação, a SECONSERMA encaminhará uma minuta de Decreto para apreciação do Exmo. Sr. Prefeito do Município, da qual constarão também os objetivos e justificativas relativos à criação desta unidade de conservação.

Deste modo, será atendido o que preconiza a Lei Federal 9.985/2000 (Sistema Nacional de Unidades de conservação – SNUC), no tocante à criação de unidades de conservação, como se segue:

“Art. 5º O SNUC será regido por diretrizes que:

...

III - assegurem a participação efetiva das populações locais na criação, implantação e gestão das unidades de conservação;...”

“Art. 22. As unidades de conservação são criadas por ato do Poder Público

§ 1º (VETADO)

§ 2º A criação de uma unidade de conservação deve ser precedida de estudos técnicos e de consulta pública que permitam identificar a localização, a dimensão e os limites mais adequados para a unidade, conforme se dispuser em regulamento.

§ 3º No processo de consulta de que trata o § 2º, o Poder Público é obrigado a fornecer informações adequadas e inteligíveis à população local e a outras partes interessadas.”

CAPÍTULO I - MEIO ABIÓTICO

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma caracterização e análise ambiental expedita dos temas relacionados ao meio abiótico da área de estudo, alvo de processo de estudo para criação de unidade de conservação, de acordo com os preceitos regulamentados em MMA (2010) e BRASIL (2000).

A área de estudo define *a priori* o território a ser caracterizado no presente relatório (Figura 3). No caso do meio abiótico optou-se por se fazer uma caracterização descritiva integrando os temas de clima, geologia, geomorfologia, pedologia e recursos hídricos. Tal procedimento foi adotado com o intuito de reunir os aspectos abióticos relevantes já estudados na área, apontando e destacando os pontos notáveis a serem considerados numa proposição de indicação de área prioritária à conservação e proteção legal.

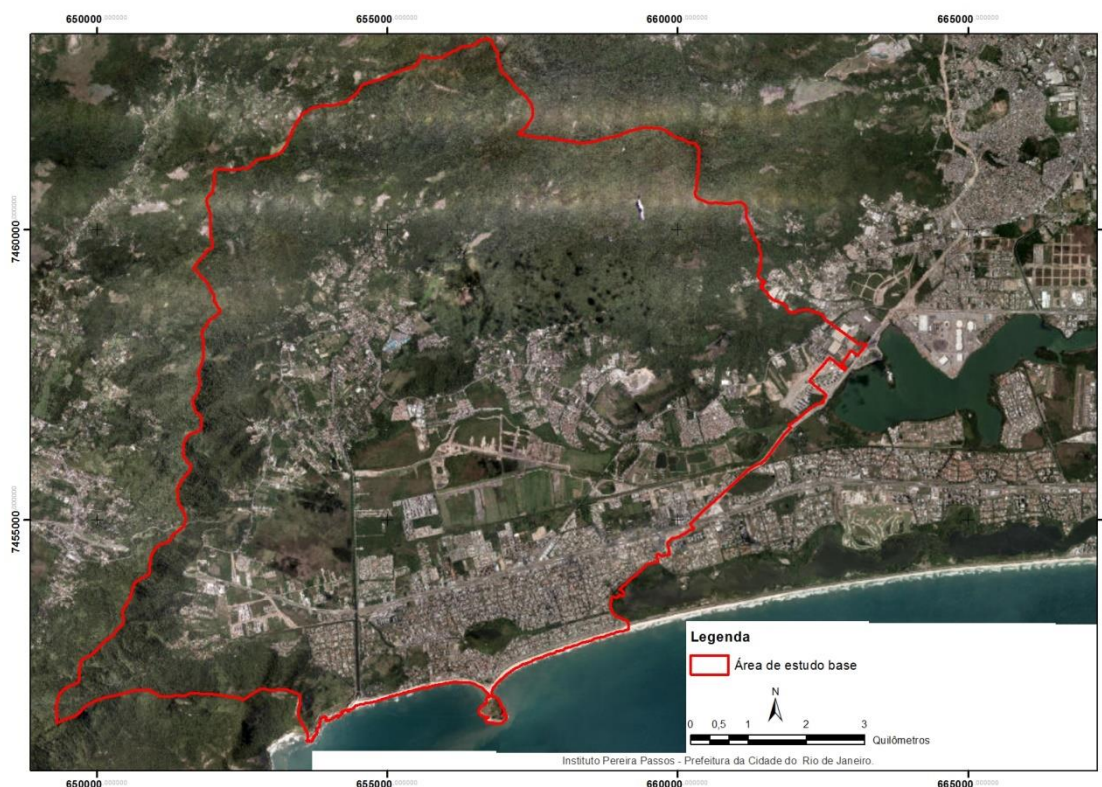


Figura 3 - Área de estudo
Fonte: Elaboração própria, 2018.

Foi realizado levantamento bibliográfico e cartográfico de dados secundários, compilação dos arquivos shapefile do banco de dados da Prefeitura relativos à área e cruzamento de tais dados com objetivo de se gerar análises ambientais integradas no que diz respeito aos temas do meio físico com foco no território em questão. Sendo assim, a elaboração do presente documento partiu de material já produzido em estudos precedentes, atualizando

mapas e dados que permitam demonstrar o andamento do processo de urbanização e ocupação inadequada das áreas úmidas da região, justificando, dessa forma, a proposta de criação da área a ser protegida e o prosseguimento dos trabalhos relativos à gestão dessa futura unidade de conservação.

Na análise são identificados e apresentados alguns fatos associados ao meio físico e suas vulnerabilidades no que diz respeito ao uso e ocupação do solo, aos padrões de urbanização pensados para a área, e confrontado tais dados com os problemas e conflitos potenciais e observados.

Para o presente estudo foram identificados e observados pontos importantes relativos à climatologia, geologia, geomorfologia, pedologia e distribuição das águas que permitiram definir como referencial espacial a importante figura do campo de Sernambetiba e suas adjacências. A partir desse recorte e considerando também as bacias hidrográficas abrangidas pelo mesmo, foram realizados os levantamentos e análises de dados para caracterização ambiental da área de estudo.

CLIMA

A superfície terrestre pode ser observada e individualizada a partir de diferentes paisagens que se modificam de um lugar para o outro. O que torna essas paisagens singulares é a atuação conjugada e associada de diversos agentes naturais, tais como: solos, flora, fauna, clima, relevo, estrutura geológica, água, etc. Nesse conjunto o clima se destaca como principal agente modificador da paisagem ao assumir o protagonismo nas ações que influenciam outros elementos como relevo, solo e vegetação. Vale ressaltar que as relações de influência são pautadas pela reciprocidade.

Max Sorre (1951) propôs a reformulação do conceito de clima definindo-o como “a série dos estados atmosféricos acima de um lugar em sua sessão habitual”.

Para melhor compreensão sobre os efeitos da ação do clima na paisagem é necessário fazer uma distinção entre “clima” e “tempo”. Conforme Ayoade (2003) entende-se por tempo um conjunto de valores que num dado momento e num certo lugar caracteriza o estado atmosférico. Então, “o tempo é uma combinação curta e momentânea dos elementos que formam o clima, ou seja, é um estado particular e efêmero da atmosfera”.

Portanto, para compreensão das relações ambientais estudadas para essa proposta é satisfatório o entendimento de que “TEMPO é o estado momentâneo da atmosfera em determinado lugar, o CLIMA pode ser definido como a sucessão ou o conjunto de variações desses estados médios (podendo, logicamente, ocorrer anomalias) e que vai caracterizar a atmosfera de um lugar. Assim, clima é o conjunto de fenômenos meteorológicos que caracteriza

durante um longo período o estado médio da atmosfera e sua evolução num determinado lugar”.

Esses fenômenos meteorológicos, que atuam na atmosfera terrestre e expressam características do clima de diferentes regiões do planeta, são resultantes de uma combinação de elementos e fatores, os quais variam conforme a localidade e escala de observação. Dentre os fatores climáticos, cabe destacar as massas de ar, que em macro escala funcionam como um mecanismo de alteração das condições atmosféricas de uma determinada área, devido as características que ela carrega associadas à temperatura e umidade do seu ambiente de origem.

Em geral, as massas de ar possuem uma identificação característica de acordo com seu surgimento, sendo úmidas quando originadas no oceano e secas quando continentais; do mesmo modo, consistem em massas de ar quente quando formadas em baixas e médias latitudes, e frias quando circulam partindo das altas latitudes.

Segundo OLIVEIRA (2012), a “circulação geral da atmosfera [...] é o resultado do comportamento dos ventos a nível global. É o mecanismo responsável pelos movimentos na macroescala, influenciando fortemente as características climáticas e sazonais no planeta”. As massas de ar se inserem nesse contexto, alterando ou condicionando elementos como temperatura e precipitação, que junto a radiação solar formam os indicadores principais para classificações climáticas.

No Brasil, são identificadas no mapeamento de clima de 2002, elaborado pelo IBGE na escala de 1:5.000.000, cinco regiões climáticas compreendidas pelos climas: Equatorial, Tropical Zona Equatorial, Tropical Nordeste Oriental, Tropical Brasil Central e Temperado.

Quando observado neste mesmo mapeamento, em meso escala, para o estado do Rio de Janeiro tem-se como tipo climático predominante o Tropical Brasil Central. Este possui diferenciações ao longo do território fluminense que estão associadas às variações geomorfológicas e cobertura vegetal do estado, que estão diretamente relacionadas ao regime de chuvas do ambiente.

Ao norte o subgrupo climático é o quente semiúmido com quatro a cinco meses secos ao longo do ano e temperatura média mensal acima de 18°C.

Na porção central, onde encontra-se a região serrana, tem-se o mesotérmico brando superúmido, característico pela temperatura média mais amena (entre 10 e 15°C) e ocorrência de subsecas.

Ao sul, na região litorânea do estado, ocorrem os tipos quente úmido com 1 a 2 meses secos – na faixa mais distante do litoral – e o quente superúmido com subsecas – tangente ao litoral.

Nessa compartimentação climática a cidade do Rio de Janeiro apresenta o clima Tropical Brasil Central, sendo uma pequena porção ao norte do tipo quente úmido e, ao sul, onde se encontra a maior parte do município (e a área deste estudo), do tipo quente superúmido.

Conforme sintetizado pelo INMET (2013) nas normais climatológicas do período 1961-1990, para a estação de Jacarepaguá, foi registrada uma precipitação acumulada anual de 1306mm. No mês de dezembro, o mais úmido, a precipitação total fica em 191,4mm e em junho, o mais seco, em 41,5mm.

Dados mais atuais da estação pluviométrica de Recreio dos Bandeirantes, pertencente ao Sistema Alerta Rio (Fundação GEORIO), localizada em um dos bairros da área de estudo, mostram que a média de precipitação anual dos últimos 16 anos (2000-2016) é de 1135,66mm, com acumulada máxima de 1561,2mm em 2003 e mínima de 686,6mm em 2001.

O Gráfico 1 mostra a precipitação média mensal, em um período de 16 anos (2000 – 2016), medida na Estação Pluviométrica de Recreio dos Bandeirantes. Os meses de verão (janeiro com 155,76 milímetros) destacam-se com as maiores médias para o período.

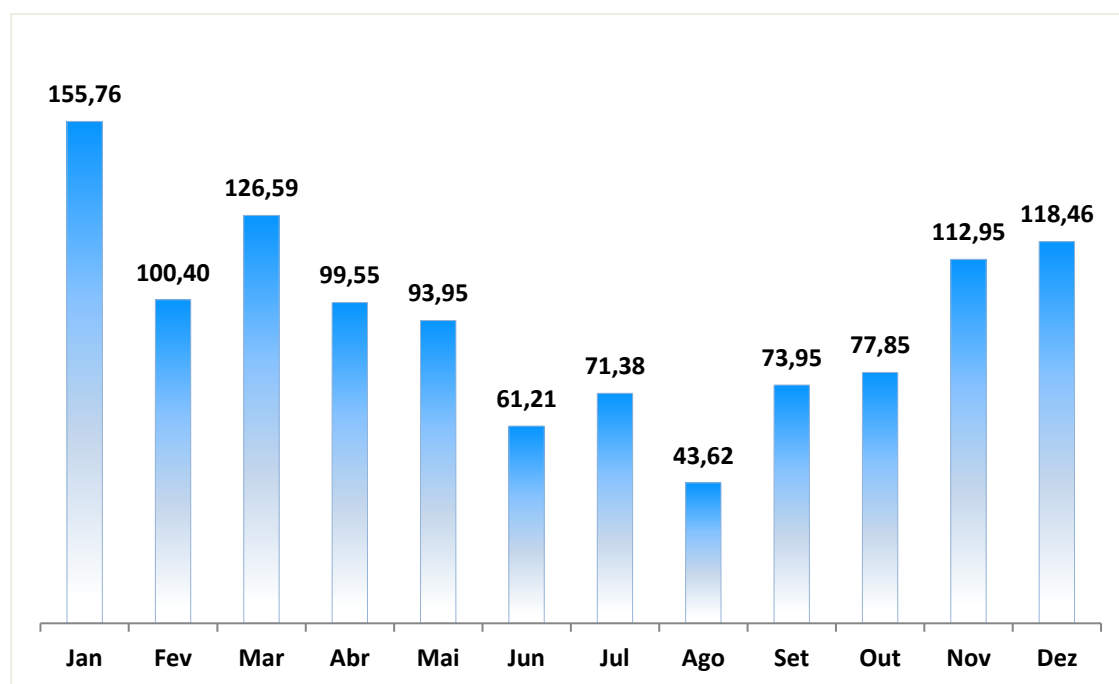


Gráfico 1 - Precipitação média mensal (mm) para um período de 16 anos (2000 – 2016)

A precipitação média anual medida a partir da Estação Pluviométrica de Recreio dos Bandeirantes (GEO-RIO) destaca o ano de 2010 com a maior média anual para o período de 2000 a 2016: 133,95 mm (Gráfico 2).

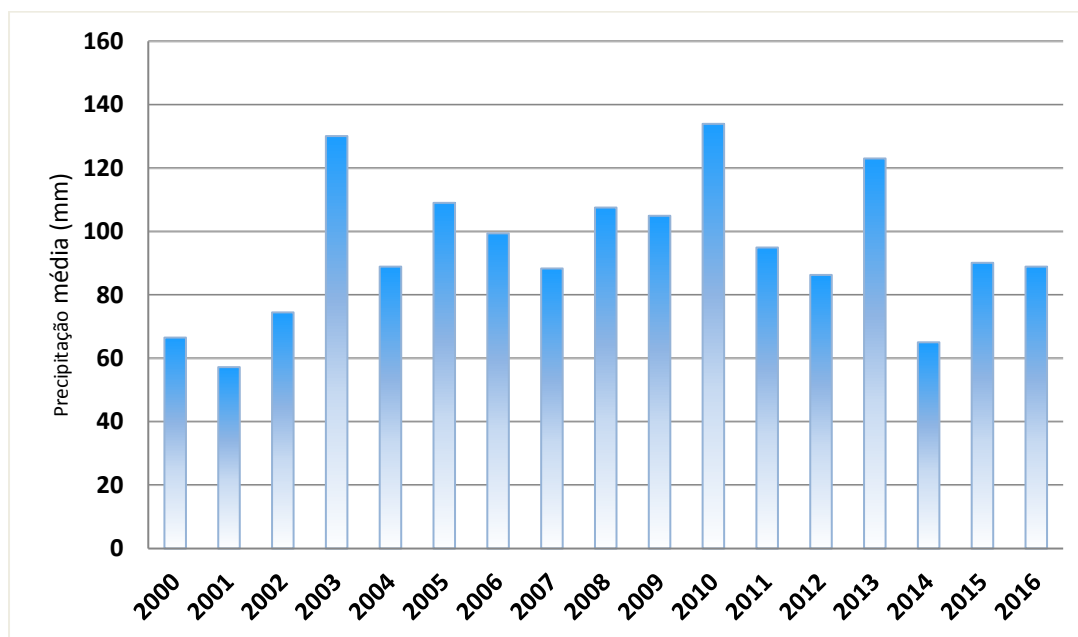


Gráfico 2 - Precipitação média anual (mm) para um período de 16 anos (2000 – 2016)

Quanto à temperatura, as normais climatológicas do período 1961-1990 do INMET (2013) – estação meteorológica de Jacarepaguá –, indicam uma média anual de 23,6°C. A média mensal fica entre a máxima de 26,7°C em fevereiro e mínima de 20,3°C em julho. Já com base em dados da EMBRAPA, do período de 1973-1990, no Rio de Janeiro a temperatura média anual ficou em 23,7° C, com máxima mensal de 26,5°C em fevereiro e mínima de 21,3° C em julho.

As Normais Climatológicas de 1961-1990 do INMET (2013), para a estação do Rio de Janeiro, mostram uma intensidade de ventos que varia entre 2,91 m.s-1 em novembro e 1,90 m.s-1 em junho. Sendo definido quanto à direção como calmo o ano inteiro.

As médias de precipitação e temperatura estão em consonância com a classificação climática do IBGE. O clima da área abrangida nesse estudo, portanto, está na zona Tropical Brasil Central e é do tipo superúmido, com influência direta da Massa Tropical Marítima que atua ao longo do litoral.

A área de estudo em questão está confinada entre os maciços da Tijuca e da Pedra Branca e o Oceano Atlântico, na sub-bacia da Zona dos Canais, o que confere a esse ambiente particularidades microclimáticas que se refletem em “áreas úmidas, matas de encosta ao norte, áreas de mangue e restingas ao sul de inúmeras áreas alagadas ocupadas por brejos e florestas alagadas (matas paludosas) ou por campos agrícolas” (ALBUQUERQUE, S/D).

MONTEZUMA & OLIVEIRA (2010) destacam que “Na escala da paisagem, a diversidade de ecossistemas vem sendo reduzida em número e em área. Dada a geodiversidade da área, tais ecossistemas ocorrem naturalmente em fragmentos. Com a supressão da

vegetação e a paulatina ocupação humana, associada aos equipamentos urbanos necessários ao estabelecimento desses grupos, grande parte desses fragmentos estão sendo suprimidos, restando atualmente poucos remanescentes, sobretudo na área focada no atual PEU Vargens. [...] Cabe ressaltar que dos ecossistemas presentes na planície da Baixada de Jacarepaguá as áreas úmidas, que abrigam os brejos e margens de rios e canais (matas riparianas), e a restingas são consideradas Áreas de Preservação Permanentes (APP), segundo o código florestal, artigo 2º, alínea F e resolução CONAMA no 303/2002, artigo 3º, IV”.

Analisando dados da Estação Climatológica de Jacarepaguá do INMET entre os anos de 1946 e 1987 (Normais Climatológicas) e imagens LANDSAT do Canal Terma, BRITO & BRANDÃO (2009) concluem que vem ocorrendo alterações microclimáticas na baixada de Jacarepaguá. A temperatura média vem aumentando e isso se deve, como sugerido no estudo, ao crescimento populacional, que está diretamente associado à supressão da vegetação e impermeabilização do solo. A redução da umidade também foi constatada, atestando-se que esta diminui quando a temperatura aumenta, o que se reflete em problemas de saúde na população.

Os fatores climáticos desempenham papel importante na modelagem da paisagem e nas condições para desenvolvimento e da qualidade de vida. Os dados levantados trazem à luz das discussões a importância da região para o equilíbrio ecológico em meso escala e a importância das áreas naturais para a regulação dos processos ecológicos e microclimáticos. Fica evidente a contribuição dos processos de urbanização, como são praticados na Cidade do Rio de Janeiro, nas condições climáticas locais, como por exemplo, na formação de Ilhas de Calor.

GEOLOGIA

De acordo com o Mapa Geológico-Geotécnico do Município do Rio de Janeiro compilado por Fundação GeoRio (1997) e que constitui a base corporativa da Prefeitura na escala 1:10.000 é possível observar e descrever as unidades geológicas da área que abrange as rochas cristalinas do maciço da Pedra Branca e os depósitos sedimentares das baixadas das vargens e campo de Sernambetiba (Figura 4). Tais informações estão relacionadas no mapeamento compondo algumas unidades litológicas, a saber: Qa – Sedimentos Quaternários Fluviais; fraturas geológicas; pCgr – Rochas graníticas; pCIln – Unidade Rio Negro e; pCgd – Unidade Granodiorítica.

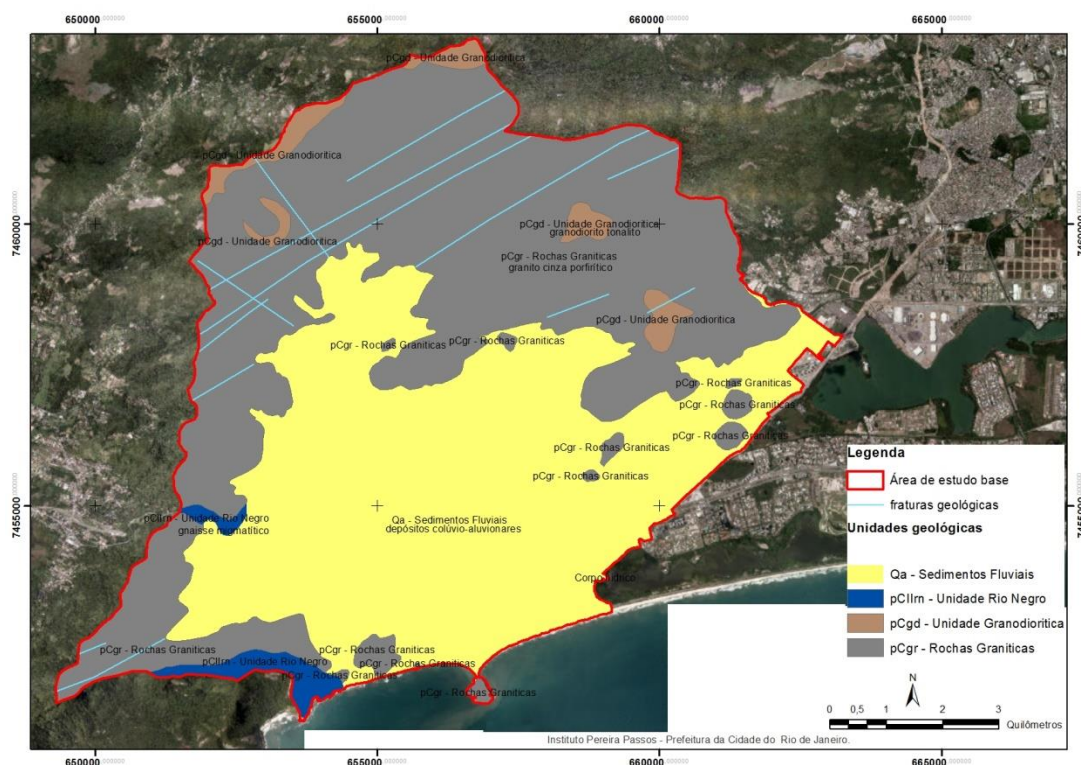


Figura 4 - Mapa Geológico-Geotécnico da área de estudo.
Fonte: Fundação GeoRio (1997).

Abaixo segue a descrição das unidades geológicas em sequência cronológica, conforme Fundação GeoRio (1997):

Qa – Sedimentação de depósitos colúvio-aluvionares quaternários holocênicos compostos por areias finas a grossas com intercalações de argila, cascalho e restos de matéria orgânica, estratificados e moderadamente selecionados. Compreendem feições geomorfológicas de barras arenosas, planícies de inundação dos rios e várzeas que contribuem com o preenchimento dos canais de drenagem, além de depósitos de talus na base dos sopés das encostas, provenientes do transporte de materiais mais grosseiros vindos de montante. Compreendem também depósitos de pântanos com influência flúvio-lacustre, compostos por sedimentos argilosos, turfosos e ricos em matéria orgânica. Pela análise das bases cartográficas constata-se que é nessa unidade geológica que se concentra a maior parte da ocupação do solo pelo tecido urbano.

Fraturas geológicas – Compõem fraturas geológicas que formam diques de diabásio e diques de rochas vulcânicas como os fonolitos, datados do período Cretáceo durante o processo de quebra do continente Gondwana. Os fonolitos são rochas vulcânicas influenciadas pelo hotspot do maciço do Mendanha que penetrou inclusive nas fraturas do maciço da Pedra Branca. Os diques de diabásio, por sua vez, são rochas básicas. Devido à grande quantidade de diques de diabásio e fonolitos na área de estudo proporcionados pela condição de faturamento

do embasamento cristalino observa-se maior susceptibilidade à queda de blocos pequenos nas adjacências desses diques, aumentando o risco de se atingirem bens materiais e pessoas que residam próximos a esses locais.

pCgr – Esta unidade refere-se aos corpos graníticos formados a partir do colapso orogênico, durante a passagem do período Cambriano para o Ordoviciano na Era Paleozóica. Denominada de Suíte Suruí conformam os Domínios Costeiros compostos por leucogranito foliado a biotita, porfirítico branco a cinza claro, apresentando fácies homogênea, bandada, pegmatítica. O granito Pedra Branca representa essa unidade geológica na área de estudo por ser comumente encontrado no complexo das serras de Inhoaíba. São rochas bem resistentes ao intemperismo e que sustentam as elevações e pontos mais altos das serras.

pCIln – Esta unidade forma o embasamento constituído por rochas metamórficas de alto grau, geradas no Neoproterozóico. Essas rochas são agrupadas em dois grandes domínios lito-estruturais: o Arco Magmático Rio Negro e a Megassequência ou Grupo São Fidélis (Heilbron et al. 1995). Os dois domínios foram intensamente metamorfizados e deformados no evento brasileiro que culminou com a formação do Orógeno Ribeira (Heilbron et al. 1995). As litologias representantes desses grandes domínios lito-estruturais são gnaisses migmatíticos ou gnaisses granitoides no caso do Complexo Rio Negro (pCIln – Unidade Rio Negro).

pCgd – Esta unidade compõe a Suíte Rosilha que é um conjunto de rochas granitoides de grande variação composicional que aflora, principalmente, nas zonas oeste e norte da cidade do Rio de Janeiro, intrudindo as rochas do Domínio Costeiro, no Terreno Oriental. A Suíte Rosilha é constituída pelos seguintes litotipos: o Diorito Sulacap, o Tonalito Tachas e o Granodiorito Rosilha (Santos, 2014), sendo esses dois últimos mais predominantes. O conjunto apresenta grau de deformação variado, incluindo termos pouco deformados até aqueles com deformação penetrativa. A Suíte Rosilha pertence a um evento magmático no auge do metamorfismo e concomitante à deformação nas zonas de cisalhamento, e seus litotipos ocorrem como xenólitos no interior da Suíte Pedra Branca (Valeriano et al., 2012).

De maneira geral, toda a área em estudo encontra-se inserida na Faixa Móvel Ribeira, apresentando arcabouço geológico com alinhamento na direção NE-SW, e corresponde ao domínio costeiro que compreende um complexo cinturão orogênico associado ao evento tectônico do ciclo Brasileiro de idade Neoproterozóica a Cambro-Ordoviciano. Em termos de processos tectônicos, após a colisão continental que deu origem ao soerguimento de uma grande cadeia montanhosa que formou o continente Gondwana e todo seu processo erosivo, iniciou-se durante o Mesozóico a quebra desse supercontinente, que proporcionou intensos fraturamentos e falhamentos e a abertura do Oceano Atlântico Sul que, por sua vez, propiciaram magmatismo registrado por inúmeras intrusões de diques de rochas vulcânicas e basálticas, representado pelo enxame de diques de diabásio e fonolitos de idade Cretácea, limite com

Cenozóico. Este processo tectônico foi responsável pelo soerguimento das Serras do Mar e da Mantiqueira e pela formação de bacias sedimentares terciárias como o Graben da Guanabara (INEA, 2013). Ao longo do período Quaternário sucessivos ciclos erosivos e deposicionais formaram os depósitos sedimentares colúvio-aluvionares associados às transições climáticas ocorridas nesse período.

Nos últimos anos o território que compreende os limites da área de estudo base tem sido alvo de intensa expansão da urbanização da cidade. A escassez de serviços públicos básicos de abastecimento de água e saneamento, aliado a falta de planejamento e gestão que priorize a conservação ambiental da região, acaba afetando muitas vezes os processos hidrológicos de recarga do lençol freático e da qualidade das águas superficiais e subsuperficiais.

GEOMORFOLOGIA

Os princípios utilizados no presente diagnóstico têm como base o mapeamento dos fatos geomorfológicos, distinguindo os modelados como unidades geomorfológicas. Para diferenciação do conjunto de feições são considerados como fatores formadores, os processos de natureza estrutural, litológica, pedológica e morfodinâmica, que influenciam a evolução das formas do relevo e sua compartimentação na paisagem. As serras, por exemplo, podem ser consideradas um compartimento de relevo constituído por relevos acidentados, declivosos, de maior ou menos amplitude, elaborados em rochas diversas, formando cristas e cumeadas conjugadas à encostas de vertentes mais ou menos íngremes dependentes da ação dos processos erosivos e deposicionais (IBGE, 2009).

A Figura 5 exhibe o Mapa Geomorfológico da área de estudo que representa o mapeamento das unidades geomorfológicas que são definidas como um arranjo de formas altimétricas e fisionomicamente semelhantes em seus diversos tipos de modelado.

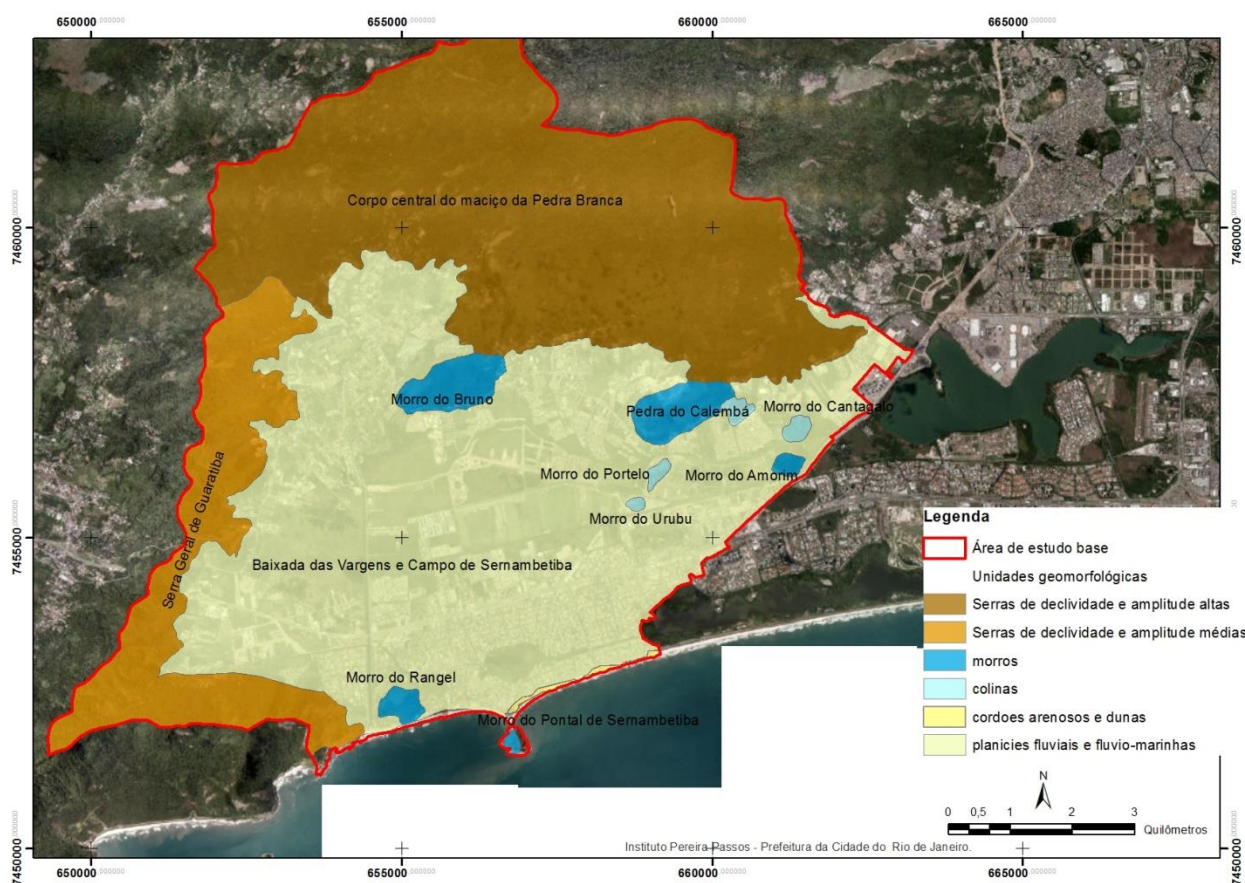


Figura 5 - Mapa Geomorfológico da área de estudo.
Fonte: INEA Adaptado da base geomorfológica do Estado do Rio.

A característica marcante da área de estudo é representada por unidades geomorfológicas constituídas por serras de declividade e amplitude médias como a Serra Geral de Guaratiba, Serras de declividade e amplitude altas como o complexo de serras que formam o corpo central do maciço da Pedra Branca, ambas formando as cabeceiras de drenagem que convergem suas águas e sedimentos para uma extensa baixada formada por planícies flúvio-marinhas e flúvio-lacustres resultantes dos processos de acumulação de sedimentos arenosos, argilosos, turfosos, ricos em matéria orgânica, sujeitos a inundações permanentes e/ou periódicas. Como observado na Figura 6 essas planícies estão designadas como Baixada das Vargens e Campo de Sernambetiba. Observa-se também a presença de morrotes isolados (Morro do Bruno, Morro do Rangel, Morro do Amorim, Pedra do Calembá) e colinas dissecadas (Morro do Portelo, Morro do Urubu, Morro do Cantagalo e Morro do Pontal de Sernambetiba) que apresentam gradiente topográfico menor. Outra unidade geomorfológica mapeada na área de estudo é a estreita faixa de praia e primeiro cordão arenoso que formam as praias do Recreio e da Macumba.

Esses modelados de dissecção podem ser homogêneos, no caso dos morros e colinas onde não se observa um controle estrutural marcante nem tampouco um padrão de drenagem

que obedeça a uma direção preferencial, ou podem ser estruturais, no caso das serras, marcado por um evidente controle estrutural, caracterizados pelo alinhamento serrano, com cristas e vales estruturais, indicando a influência das estruturas geológicas. As formas de topo convexo, típicas dessa área, foram esculpidas em rochas ígneas e metamórficas caracterizando vales bem definidos e vertentes com amplitudes de relevo e declividades variadas (Figura 6).



Figura 6 - Mapa de declividade da área de estudo.
Fonte: Elaboração Própria, 2018.

A dinâmica erosiva dessas formações de relevo resume-se em descargas fluviais que descem das encostas dos morros e serras, despejando seus materiais e fluxos nas baixadas a jusante. O resultado desta dinâmica se apresenta na formação de pacotes sedimentares colúvio-aluvionares mais ou menos espessos que se depositam nas áreas planas das baixadas suscetíveis a alagamento, notadamente nas cotas mais baixas (Figura 7).

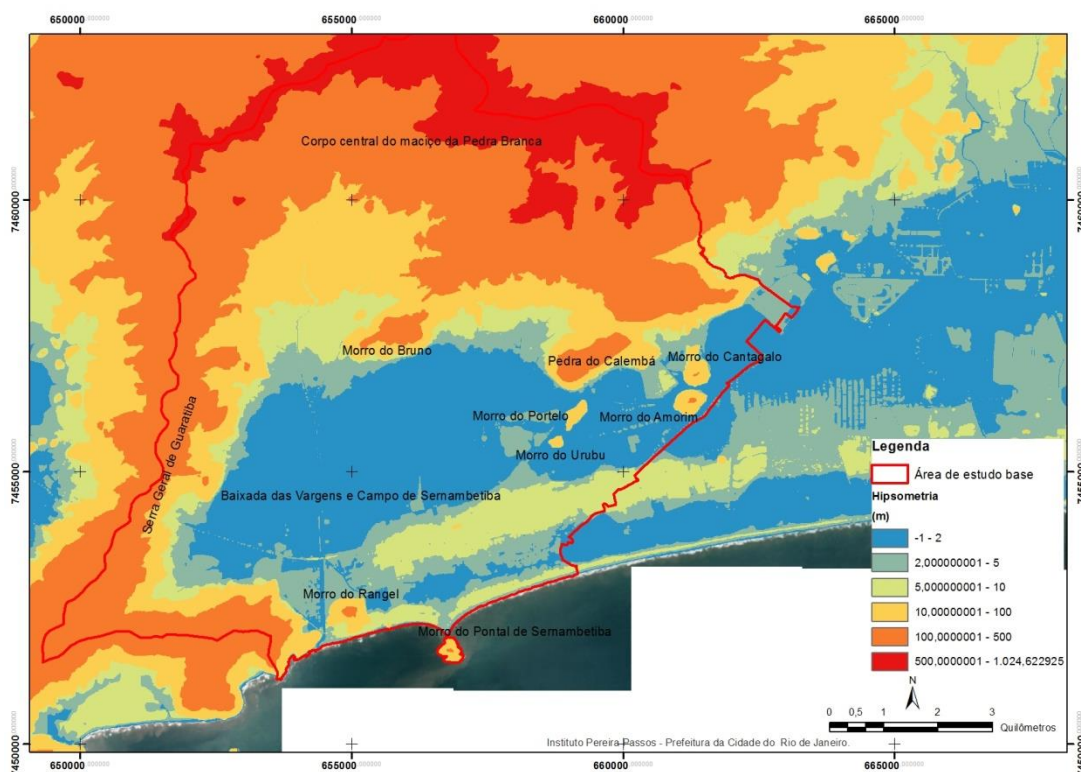


Figura 7 - Mapa hipsométrico da área de estudo

Fonte: Elaboração Própria, 2018.

Nas áreas da Baixada das Vargens e Campo de Sernambetiba, a dinâmica deposicional é marcada por sedimentação dos materiais minerais argilo-arenosos trazidos pelos rios e também dos depósitos orgânicos associados ao lento processo de decomposição da matéria orgânica que propiciam a formação de brejos e matas paludosas. Essas planícies condicionadas também por processos de colmatação das lagoas costeiras configuram-se como áreas sujeitas à inundação, como se constata na Figura 8 elaborada a partir do cruzamento dos dados obtidos no mapeamento pedológico (solos hidromórficos), de uso e ocupação do solo (áreas suscetíveis à inundação) e no mapeamento da cobertura vegetal (formações pioneiras com influência flúvio-lacustre).

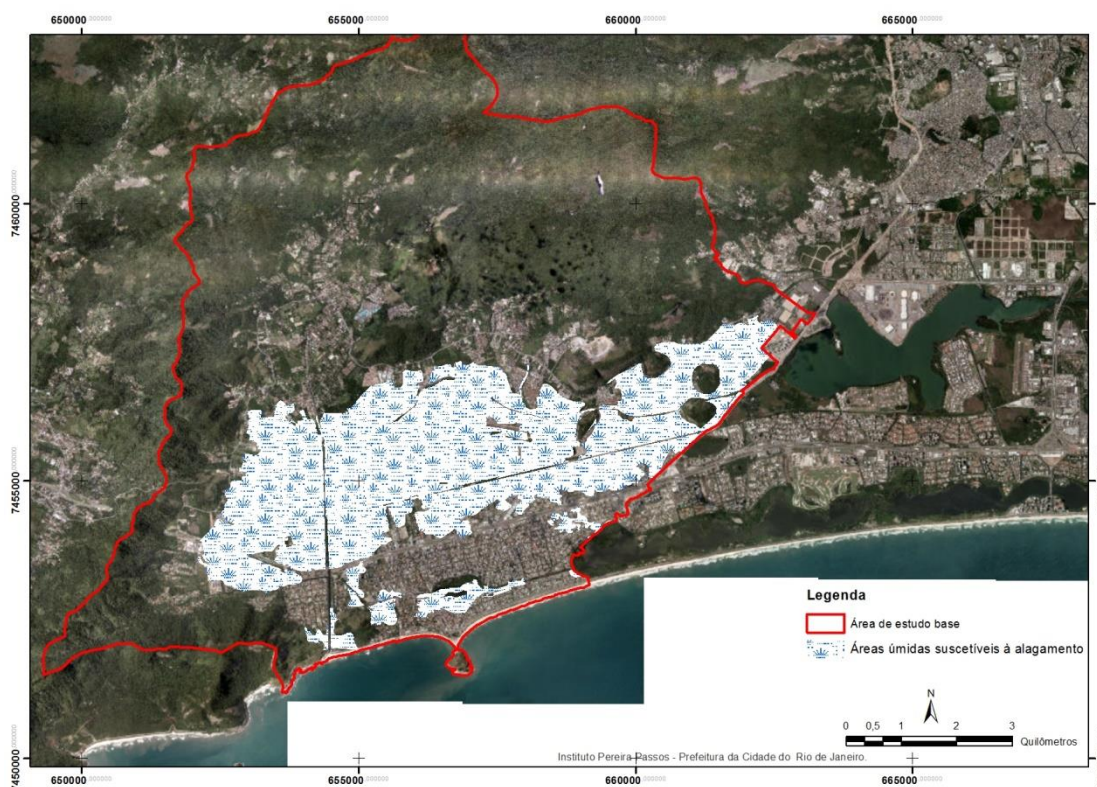


Figura 8 - Áreas úmidas suscetíveis à inundação
Fonte: Elaboração Própria, 2018.

É notório que nessas áreas úmidas sujeitas à inundação diversos aterros estão sendo aplicados sobre os ecossistemas de brejo para ocupação urbana, constituindo grande impacto sobre os mesmos (SMAC, 2015). Testemunha-se, portanto, forte pressão de urbanização e ocupação que desrespeita e não valoriza a importância intrínseca desse ecossistema que deve ser prioritariamente protegido. Em termos de impactos ambientais, o que se observa é a abertura de canais para drenagem das águas e secamento desses solos hidromórficos, além de atividades de aterramento voltadas para ocupação muitas vezes irregular do solo, resultando em outras interferências sinérgicas e negativas como degradação do solo, redução dos índices de diversidade da flora e fauna, maior incidência de doenças proliferadas por mosquitos e piores condições de qualidade de vida.

De maneira geral constata-se que nessa unidade das baixadas das Vargens que formam as planícies flúvio-marinhas e flúvio-lacustres se concentra a maior pressão de ocupação do solo pelo crescimento urbano.

CONTEXTO DA ÁREA DE ESTUDO NAS ZONAS ÚMIDAS DA CIDADE

Segundo o documento de Recomendação nº7 de 11 de junho de 2015, elaborado pelo Comitê Nacional de Zona Úmidas (CNZU)/Secretaria de Biodiversidade e Florestas/Ministério do Meio Ambiente (MMA), em resposta à Convenção RAMSAR assinada pelo Brasil que dispõe

sobre a definição de áreas úmidas e propõe um sistema de classificação destas áreas, o conceito de área úmida pode ser definido como:

“Ecossistemas na interface entre ambientes terrestres e aquáticos, continentais ou costeiros, naturais ou artificiais, permanente ou periodicamente inundados ou com solos encharcados. As águas podem ser doces, salobras ou salgadas, com comunidades de plantas e animais adaptados à sua dinâmica hídrica (CNZU, 2015).”

Com base neste novo conceito de Zonas Úmidas, foi estabelecido o objetivo de criar Sítios Ramsar em âmbito regional, incluído áreas protegidas e outras áreas úmidas de importância internacional.

Estas áreas possuem um complexo equilíbrio ecológico, com elevada riqueza de espécies da flora e fauna adaptadas a viver em um ambiente com déficit de gás oxigênio dissolvido em suas águas, elevadas temperaturas médias, além do grande acúmulo de matéria orgânica de origem vegetal, sendo formados principalmente por brejos, matas paludosas, lagos e lagoas costeiras (BOVE & PAZ, 2009; TELLES & SILVA, 2015).

Apesar do aspecto, muitas vezes, de um ambiente degradado ou pouco expressivo em termos de biodiversidade, as áreas permanentemente alagadiças ou suscetíveis à inundação periódica possuem extrema importância geohidroecológica para a manutenção de diversos ecossistemas que se caracterizam como formações pioneiras com influência fluvial, flúvio-marinha e flúvio-lacustre como as restingas, brejos, manguezais, lagoas costeiras e matas de baixada (ROCHA et al. 2003; PONTES et al. 2015).

O município do Rio de Janeiro ainda possui remanescentes de áreas úmidas que formam os ambientes de planície costeira do município. Boa parte dessas áreas úmidas está localizada nas baixadas do complexo lagunar de Jacarepaguá, Vargens e baixada de Sepetiba que, por sua vez, vêm sofrendo nos últimos anos com a expansão urbana, tornando essa região alvo de impactos e pressões que afetam direta ou indiretamente a dinâmica dos processos funcionais desses ecossistemas. Como consequência, a maioria das áreas úmidas da cidade foi aterrada e ocupada sem estudos de impacto ambiental e as poucas áreas ainda livres da especulação imobiliária estão gradativamente sofrendo com ocupações irregulares, aumentando os conflitos socioeconômicos (PEREIRA, 2015).

O Comitê Nacional de Zonas Úmidas (CNZU) estabeleceu em 2015 o Sistema de Classificação das Áreas Úmidas, definindo as características das áreas úmidas no país de modo a servir de referência para formulação de políticas públicas voltadas à conservação dessas áreas. Com base na identificação das características das áreas úmidas proposta pelo Sistema de Classificação e no cruzamento de dados da Prefeitura em ambiente SIG relativo aos mapeamentos de solos hidromórficos (Classes Organossolos, Espodossolos, Neossolos Flúvicos, Solos Indiscriminados de Mangue e Gleissolos), do uso do solo (classe áreas sujeitas à

inundação) e da cobertura vegetal (classes brejo herbáceo, mata paludosa, mangue e campos salinos), obtém-se o mapa de áreas úmidas do município (Figura 9). Tais áreas totalizam cerca de 18.800 ha (dezoito mil e oitocentos hectares), que representam aproximadamente 15% da área do território municipal.

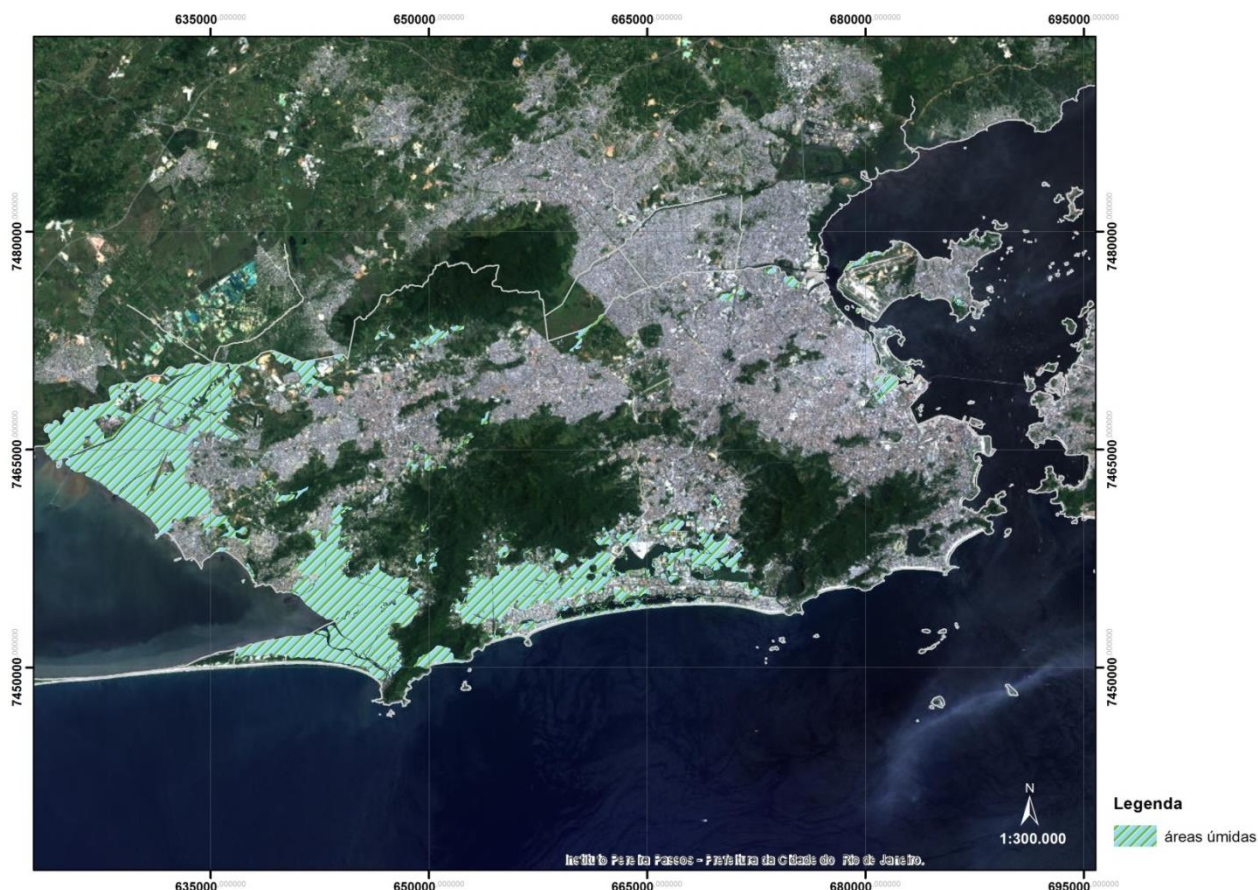


Figura 9 - Áreas úmidas do município do Rio de Janeiro, evidenciam a extensa porção ocupada pelas Vargens de Sernambetiba
Fonte: Elaboração própria, 2018

Dentre esse montante total de áreas úmidas do município do Rio de Janeiro, cerca de 8.000ha encontram-se dentro de alguma Unidade de Conservação de Proteção Integral ou Uso Sustentável, porém, dos 10.800ha restantes de áreas úmidas que não estão protegidos por lei, muitas áreas possuem extrema relevância quanto aos aspectos da conservação da biodiversidade, do funcionamento geohidroecológico do entorno, do próprio planejamento do uso e ocupação adequado do solo e principalmente no que tange aos serviços ambientais prestados por esses ecossistemas na regulação do regime hídrico e por vezes depuradora das águas.

Dentre eles destacam-se os brejos e matas paludosas do Campo de Sernambetiba nas Vargens, área foco do presente relatório, que configura-se como área prioritária por servir não só como habitat de espécies ameaçadas, mas também por ser local de pouso para aves migratórias e por prestarem um serviço ambiental importante em termos geohidroecológicos de convergência e recebimento dos sedimentos e águas que vêm de montante para essas áreas

além da sua contribuição à recarga do lençol freático e distribuição das águas subsuperficiais nas áreas de baixada adjacentes.

SOLOS

Lumbreras & Gomes (2004) no trabalho intitulado “Mapeamento Pedológico e Interpretações Úteis ao Planejamento Ambiental do Município do Rio de Janeiro” realizaram atualizações e complementações na publicação feita com mesmo nome e datada de 1999. Neste trabalho os autores compilaram informações obtidas em 60 perfis de solos distribuídos pelo município e organizaram os mesmos em unidades de mapeamento pedológico, produzindo então o mapa pedológico do município na escala 1:75.000 (Lumbreras & Gomes, 2004).

Ao cruzar essa base de dados do mapeamento pedológico com os limites da área de estudo obtém-se o mapa pedológico da área de estudo, que mostra a distribuição das unidades de mapeamento e classes de solo inseridas nesse recorte espacial (Figura 10).

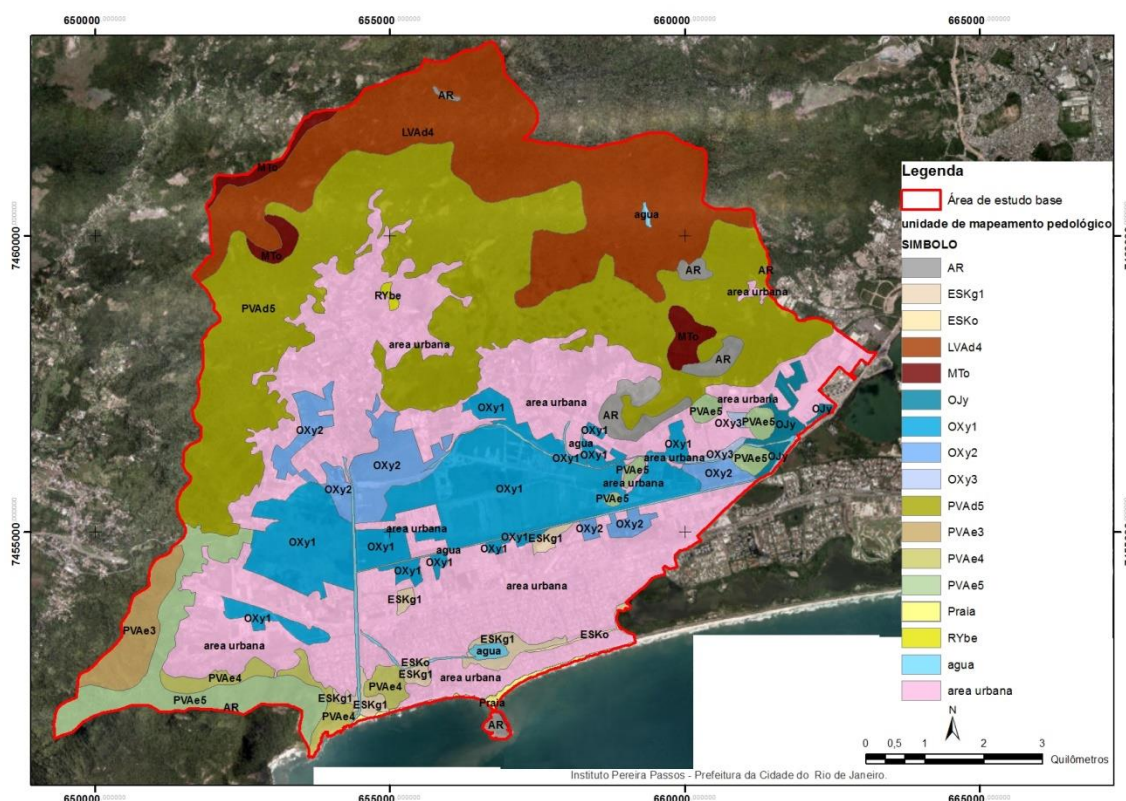


Figura 10 - Mapa pedológico da área de estudo.

Fonte: Elaboração Própria, 2018.

Sendo assim, conforme descrito em SMAC (2015), nas partes superiores e mais íngremes das encostas, próximos aos afloramentos de rocha, encontram-se os solos da classe Neossolos Litólicos, caracterizados por apresentar horizonte superficial raso desenvolvido sobre um saprolito pouco espesso, associados aos Cambissolos Háplicos distróficos com textura

argilosa, cascalhenta, desenvolvidos sobre rochas ácidas graníticas. Ainda nesse compartimento de relevo montanhoso do corpo central do maciço da Pedra Branca dominam os solos da classe dos Latossolos Vermelho Amarelo distróficos câmbicos, havendo também a presença de pequenas manchas de solo da classe dos Chernossolos Argilúvicos órticos, típicos das rochas granodioríticas da unidade geológica pCgd.

Nas áreas altas menos declivosas e no terço médio e inferior das encostas desenvolvem-se os Argissolos Vermelho Amarelo eutróficos e distróficos. Os argissolos eutróficos se concentram mais nas serras da localidade Grotta Funda, mais precisamente na Serra das Bicas e na Serra das Piabas, enquanto os argissolos distróficos se distribuem de maneira mais esparsa na Serra Geral de Guaratiba e no terço médio e inferior do maciço da Pedra Branca.

Nas baixadas, por suas características deposicionais, desenvolvem-se solos associados aos diferentes tipos de depósitos. Nestes casos são encontrados principalmente os solos da classe dos Organossolos, sejam eles tiomórficos (presença de horizontes sulfúricos turfosos) ou háplicos, porém, ambos com caráter salino e hêmico. O caráter salino refere-se à presença de sais solúveis em quantidade que pode interferir no desenvolvimento da maioria das culturas e o caráter hêmico designa solos com grau médio de decomposição da matéria orgânica. Nesses solos encontram-se as várzeas e seus ecossistemas de brejo e mata paludosa, sendo, portanto, solos hidromórficos permanente ou periodicamente saturados. Trata-se, então, do sistema pedológico/ecológico central do presente relatório na proposição de indicação como área prioritária à conservação. Nas margens fluviais estão representados de maneira sutil os Neossolos Flúvicos típicos, associados aos regimes de deposição dos rios nas suas planícies de inundação. Ainda nesse ambiente de baixada, ocupando o que sobrou dos terrenos de cordões e intercordões arenosos típicos e/ou hidromórficos ocorrem os Espodossolos Ferrihumilúvicos. Esses solos apresentam acúmulo de matéria orgânica e ferro em subsuperfície, textura arenosa e possuem geralmente baixa aptidão para cultivos agrícolas. Na área de estudo se distribuem de maneira irregular na matriz urbana, tendo sua principal ocorrência nos limites do Parque Natural Municipal Chico Mendes e arredores.

A constatação geral obtida por Lumbreras & Gomes (2004) é que a expansão urbana, detectada pela comparação entre os trabalhos de mapeamento datados de 1999 versus 2004, chama atenção por ter ocorrido com maior intensidade nas áreas de baixada e no terço inferior das encostas das serras e maciços. Essa constatação é confirmada ao visualizarmos o mapa pedológico da Figura 10. É possível observar o avanço da malha urbana sobre o compartimento geológico-geomorfológico-pedológico relacionado às áreas de baixada que estão classificados como “área urbana”. Destacam-se nesses casos as classes dos Organossolos e Espodossolos das planícies flúvio-lacustres e flúvio-marinhas e os Argissolos de baixa encosta.

A seguir são apresentadas a composição das unidades de mapeamento pedológico e suas associações com as diferentes classes de solo, segundo Lumberras & Gomes (2004), para o recorte espacial do presente relatório:

Tabela 1 - unidades de mapeamento pedológico e suas associações com as diferentes classes de solo

AR – Afloramento de Rocha.
LVAd4 - LATOSSOLO VERMELHO-AMARELO Distrófico câmbico ou típico + LATOSSOLO AMARELO Distrófico câmbico ou típico, ambos textura argilosa + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico latossólico ou típico, textura argilosa ou média cascalhenta, substrato rochas alcalinas ácidas + NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico, textura média cascalhenta ou média, Tb, substrato rochas alcalinas ácidas, todos A moderado, álicos, fase floresta tropical subperenifólia, relevo montanhoso.
MT0 - CHERNOSSOLO ARGILÚVICO Órtico típico ou solódico + LUVISSOLO HÁPLICO Órtico típico, ambos textura média/argilosa, fase pedregosa, floresta tropical subcaducifólia, relevo forte ondulado.
PVAd5 - ARGISSOLO VERMELHO AMARELO Distrófico típico + ARGISSOLO AMARELO Distrófico típico ou abrupto, ambos álicos + ARGISSOLO VERMELHO AMARELO Eutrófico câmbico, todos textura média/argilosa ou média/muito argilosa + NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico, textura média cascalhenta ou média, Tb, substrato rochas gnáissicas ácidas, todos A moderado, fase floresta tropical subcaducifólia, relevo forte ondulado.
PVAe3 - ARGISSOLO VERMELHO AMARELO Eutrófico câmbico ou típico + ARGISSOLO AMARELO Eutrófico saprolítico ou típico + ARGISSOLO VERMELHO AMARELO Distrófico típico, todos textura média/argilosa + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico, textura média cascalhenta ou média, Tb, substrato rochas graníticas e gnáissicas ácidas e básicas (migmatitos), todos A moderado, fase floresta tropical subcaducifólia, relevo forte ondulado.
PVAe4 - ARGISSOLO VERMELHO-AMARELO Eutrófico câmbico ou saprolítico + ARGISSOLO AMARELO Eutrófico câmbico ou léptico, ambos textura média/argilosa, fase floresta tropical subcaducifólia + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico, textura média ou média cascalhenta, Tb, substrato rochas gnáissicas, fase floresta tropical caducifólia, todos A moderado, relevo forte ondulado + AFLORAMENTOS DE ROCHA.
PVAe5 - ARGISSOLO VERMELHO-AMARELO Eutrófico câmbico ou típico + ARGISSOLO AMARELO Eutrófico saprolítico ou abrupto, ambos textura média/argilosa, fase floresta tropical subcaducifólia + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico, textura média cascalhenta ou média, Tb, substrato rochas gnáissicas ácidas e básicas (migmatitos), fase floresta tropical caducifólia, todos A moderado, relevo forte ondulado + AFLORAMENTOS DE ROCHA.
OJy - ORGANOSSOLO TIOMÓRFICO Hêmico salino + ORGANOSSOLO TIOMÓRFICO Sáprico sálico, ambos fase campo halófilo de várzea, relevo plano.
OXY1 - ORGANOSSOLO HÁPLICO Hêmico típico ou salino + ORGANOSSOLO HÁPLICO Sáprico típico ou salino, ambos textura orgânica/argilosa, distróficos, fase campo e floresta hidrófilos de várzea, relevo plano.
OXY2 - ORGANOSSOLO HÁPLICO Hêmico térreo ou salino + ORGANOSSOLO HÁPLICO Sáprico térreo ou salino, ambos textura orgânica/arenosa ou orgânica/argilosa + ORGANOSSOLO TIOMÓRFICO

Hêmico alumínico sálico ou térreo, textura orgânica/argilosa, todos distróficos, fase campo e floresta hidrófilos de várzea, relevo plano.
OXY3 - ORGANOSSOLO HÁPLICO Hêmico térreo ou salino + ORGANOSSOLO HÁPLICO Sáprico térreo ou com carbonato solódico + ORGANOSSOLO TIOMÓRFICO Hêmico térreo ou salino, todos textura orgânica/arenosa ou orgânica/argilosa com conchas, eutróficos, fase campo e floresta hidrófilos de várzea, relevo plano.
ESKg1 - ESPODOSSOLO FERRIHUMILÚVICO Hidromórfico típico ou arênico + ESPODOSSOLO HUMILÚVICO Hidromórfico arênico ou típico, ambos textura arenosa, A moderado, álicos, fase campo e floresta hidrófilos de restinga, relevo plano.
ESKo - ESPODOSSOLO FERRIHUMILÚVICO Hiperespesso típico + ESPODOSSOLO HUMILÚVICO Hiperespesso típico, ambos textura arenosa, A moderado, distróficos, fase restinga arbustiva e campo de restinga, relevo plano e suave ondulado.
RYbe - NEOSSOLO FLÚVICO Tb Eutrófico gleico ou típico + NEOSSOLO FLÚVICO Ta Distrófico gleico ou típico + CAMBISSOLO FLÚVICO Ta Eutrófico típico + CAMBISSOLO FLÚVICO Tb Distrófico típico, todos textura média ou argilosa/muito argilosa, floresta tropical subperenifolia de várzea, relevo plano/suave ondulado.

Fonte: Lumbreras & Gomes (2004)

A avaliação da suscetibilidade à erosão dos solos diz respeito ao desgaste que a superfície do solo poderá sofrer quando submetida a qualquer uso, sem utilização de práticas conservacionistas. Trata-se, portanto, da maior ou menor resistência dos solos à ação dos agentes erosivos e pretende estabelecer uma hierarquização dos diversos solos encontrados na área de estudo no que se refere a essa característica. A Figura 11 apresenta, portanto, a classificação dessa suscetibilidade à erosão dos solos da área de estudo.

Esta avaliação é efetuada com base nas propriedades físicas dos solos, nas condições do relevo regional em que ocorrem, além de outras características como drenagem, fases de rochiosidade e pedregiosidade, cobertura vegetal e condições climáticas (pluviosidade). Trata-se, por fim, da relação de tais variáveis com a fragilidade das terras em função das atividades antrópicas de uso e ocupação do solo.

No geral, os Argissolos Vermelho Amarelo costumam ocorrer em relevo ondulado e possuem potencial erosivo que varia de médio a alto. O grau de susceptibilidade à erosão dessa classe de solo depende não apenas das condições de relevo, mas também do gradiente textural entre os horizontes A e Bt, que se for muito abrupto pode propiciar um comportamento binário dos fluxos d'água tanto em relação à velocidade da infiltração quanto à direção do escoamento, resultando muitas vezes em processos de erosão laminar e ravinamento.

Por sua vez, os Neossolos Litólicos associados aos Cambissolos Háplicos possuem propriedades físicas e estruturais que os tornam bastante susceptíveis à erosão (notadamente movimentos de massa gravitacionais). Esse fato se agrava principalmente se removida a

cobertura vegetal de floresta deixando o solo exposto à atuação do escoamento superficial e subsuperficial das águas das chuvas. O mesmo vale para os Latossolos e Chernossolos quando ocorrem em condições de relevo forte ondulado com a presença de fácies pedregosas e rochosas, tornando-os mediana a altamente suscetíveis à erosão.

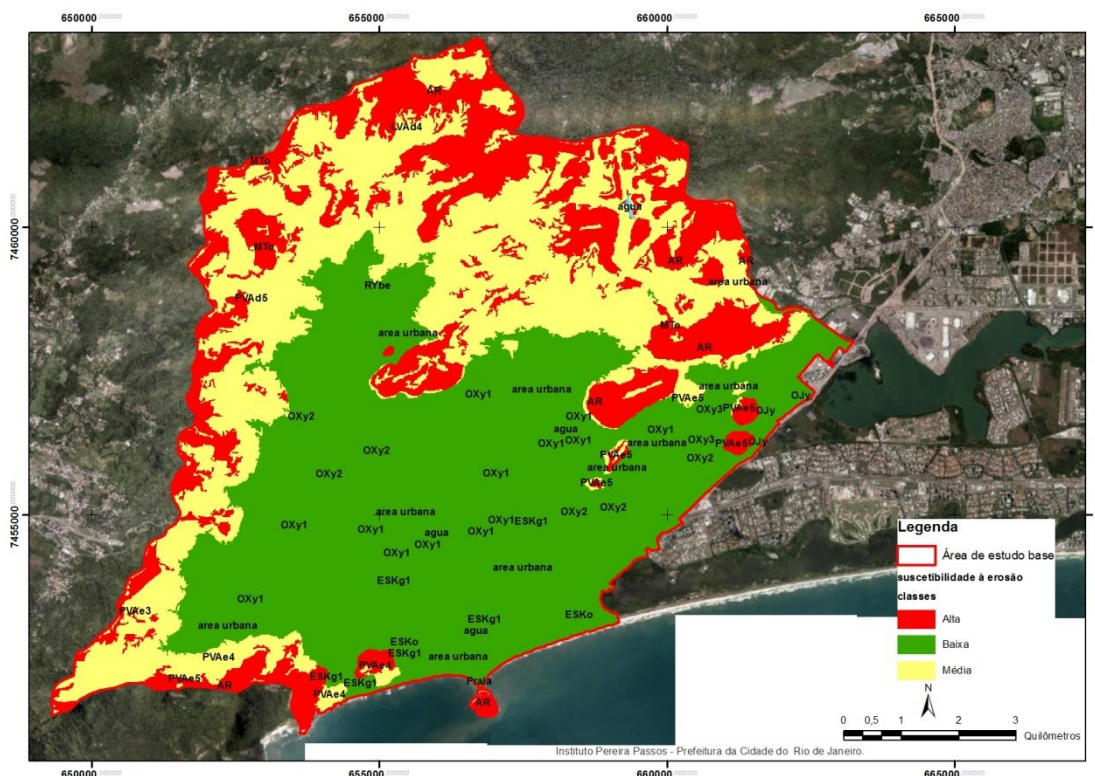


Figura 11 - Mapa de suscetibilidade à erosão dos solos da área de estudo.
Fonte: Fundação GeoRio (1997). Elaboração Própria, 2018.

A Figura 11 ilustra as áreas ocupadas pela unidade geomorfológica de planícies flúvio-lacustres e flúvio-marinhas comumente ocupadas pelos Organossolos e Espodossolos, respectivamente, classificadas como possuindo baixa suscetibilidade à erosão. Na realidade, as maiores restrições à ocupação desses solos referem-se à sua suscetibilidade à inundação permanente ou periódica e no caso dos Organossolos, por serem também solos orgânicos, moles, que trabalham conforme a variação de temperatura e umidade. São solos que apresentam vulnerabilidades e fragilidades ambientais, pois, geralmente não possuem capacidade suporte para aguentar grande peso, necessitando de interferências de estaqueamento, secagem e compactação do solo, processos esses que impactam sobremaneira a estrutura do solo e o próprio funcionamento dos ecossistemas.

Do ponto de vista geotécnico os Neossolos Flúvicos estão sujeitos à inundações nos períodos chuvosos ou ainda à ocorrência de processos de corrida de massa nos eventos de chuva extrema. No entanto, tais solos foram classificados com suscetibilidade à erosão baixa (Mendonça-Santos et al., 2009).

A região carece urgentemente de uma política de ocupação que assegure baixos níveis de impacto decorrentes dos arranjos espaciais, sob pena de se tornar mais uma porção do território municipal a ser ocupado à exaustão, sem um planejamento urbano-ambiental consolidado, como ocorreu em diversas áreas da cidade e como estamos observando na própria região das Vargens. Esta visão racionalizada da questão deve reconduzir o planejamento de ocupação da região atrelando ações estratégicas de conservação ambiental, de agricultura urbana e infraestrutura urbana à sua real dimensão e importância no que diz à sustentabilidade em todas as suas dimensões.

RECURSOS HÍDRICOS

A cidade do Rio de Janeiro possui seu território dividido em quatro macrodrenagens hidrográficas, a saber: Bacia da Baía de Guanabara, Bacia da Baía de Sepetiba, Bacia da Baixada de Jacarepaguá e Bacia da Zona Sul. Inseridas nessas macrodrenagens encontram-se cinquenta e quatro sub-bacias que contam com mais de 250 cursos d'água principais mapeados, onde a maior parte se concentra na zona oeste, cruzando as baixadas de Guaratiba e de Santa Cruz. A área de estudo do presente relatório está enquadrada nos limites da macrodrenagem do Complexo Lagunar de Jacarepaguá, que possui área territorial de 301,8km². (Figura 12)

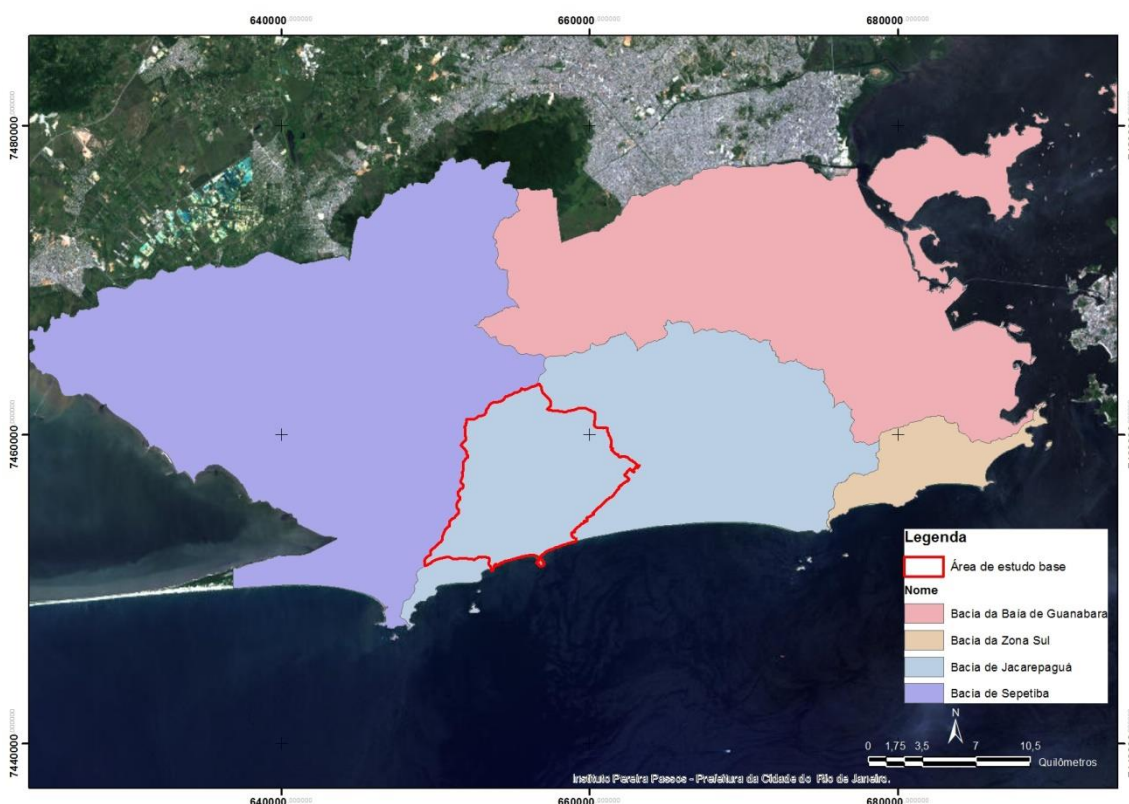


Figura 12 - Macrodrenagens hidrográficas do município do Rio de Janeiro com destaque para a área de estudo

Fonte: Elaboração Própria, 2018.

A Macrodrenagem do Complexo Lagunar de Jacarepaguá é constituída por rios que nascem nas vertentes dos Maciços da Tijuca e da Pedra Branca e pelas lagoas da Tijuca, Camorim, Jacarepaguá, Marapendi e Lagoinha (Tabela 2). Ao sul é limitada pelo Oceano Atlântico, pelas praias da Barra da Tijuca, Reserva, Recreio dos Bandeirantes, Macumba, Prainha, Grumari, do Perigoso, do Meio, Funda e Inferno. As águas da bacia drenante da região tem como destino o Complexo Lagunar, em primeira instância, e em seguida o mar.

Tabela 2 - Descrição dos rios que desembocam no Complexo Lagunar de Jacarepaguá.

Bacias hidrográficas	Cursos d'água	Localização	Extensão (km)
Microbacia do Rio da Barra	Rio da Barra	Barra da Tijuca	2,1
Sub-bacia do Rio Cachoeira	Rio Cachoeira	Alto da Boa Vista; Itanhangá	4,2
	Rio Humaitá	Alto da Boa Vista	0,9
	Rio do Açude	Alto da Boa Vista	2,0
	Rio Itanhangá	Itanhangá	3,5
	Rio Leandro	Alto da Boa Vista; Itanhangá	1,8
	Rio Tijuca	Alto da Boa Vista	2,3
	Rio das Almas	Alto da Boa Vista	2,1
	Rio do Archer	Alto da Boa Vista	2,1
	Rio Gávea Pequena	Alto da Boa Vista	3,1
	Rio Queimado ou Córrego Alegre	Alto da Boa Vista	2,2
	Rio Jacaré	Itanhangá	2,5
Microbacia do Rio Muzema	Rio Muzema	Itanhangá	1,3
Sub-bacia do Rio das Pedras	Rio do Retiro	Jacarepaguá	5,3
	Rio das Pedras	Jacarepaguá	3,8
Sub-bacia do Rio Anil	Rio Anil	Anil; Jacarepaguá	2,8
	Rio Papagaio	Jacarepaguá; Anil	4,2
	Rio Quitite	Jacarepaguá; Anil	4,2
	Rio Sangrador	Jacarepaguá; Freguesia	5,8
	Rio das Pacas	Jacarepaguá	1,6
	Riacho dos Ciganos	Jacarepaguá	1,2
	Rio São Francisco	Jacarepaguá; Anil	3,6
Sub-bacia do Rio Grande	Rio Grande	Jacarepaguá; Taquara	10,5
	Riacho Calhariz	Jacarepaguá	1,6
	Rio da Barroca	Jacarepaguá	2,4
	Rio da Pedra Branca	Jacarepaguá	2,3
	Rio da Figueira	Jacarepaguá	2,0
	Rio Pequeno	Jacarepaguá; Taquara	6,2
	Rio Estiva	Pechincha; Cidade de Deus	1,5
	Arroio Tindiba	Praça Seca; Tanque; Taquara	2,7
	Rio Pechincha ou Covanca	Freguesia; Tanque	4,8
	Riacho Palmital	Freguesia	1,3
	Arroio Fundo	Jacarepaguá	3,7
Sub-bacia do Rio Guerengê	Rio Guerengê	Jacarepaguá; Curicica	2,3
	Rio Monjolo	Jacarepaguá	2,0
	Rio Areal	Jacarepaguá	4,7
	Arroio Pavuna	Jacarepaguá	3,5
	Córrego do Engenho Novo	Jacarepaguá	4,7

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Bacias hidrográficas	Cursos d'água	Localização	Extensão (km)
Sub-bacia do Rio Passarinhos	Rio Passarinhos	Jacarepaguá; Taquara; Jacarepaguá; Barra da Tijuca	3,0
	Canal Pavuninha	Jacarepaguá; Taquara; Jacarepaguá	4,3
Sub-bacia do Rio Camorim	Rio do Camorim	Camorim; Barra da Tijuca	4,1
	Rio São Gonçalo	Camorim	1,7
	Rio Caçambé	Jacarepaguá; Barra da Tijuca	3,4
Sub-bacia da Zona dos Canais	Rio Vargem Pequena	Vargem Pequena	3,9
	Rio do Marinho	Recreio dos bandeirantes	0,7
	Rio das Paineiras	Vargem Grande	2,2
	Rio Morto	Vargem Grande	3,2
	Rio Bonito	Vargem Grande	5,1
	Rio Portão	Vargem Grande	2,6
	Rio Calembá	Vargem Pequena	2,4
	Rio Cancela	Vargem Pequena	3,5
	Rio Firmino	Camorim	0,4
	Canal do Pasto	Vargem Pequena	1,7
	Rio do Sacarrão	Vargem Grande	5,2
	Rio do Café	Vargem Grande	1,3
	Rio Branco	Vargem Grande	1,6
	Rio da Divisa	Vargem Grande	1,5
	Rio Mucuiba	Vargem Grande	2,3
	Rio Água Fria	Vargem Grande	2,1
	Dreno K	Vargem Grande	2,2
	Rio do Cafundá	Vargem Grande	1,5
	Rio Cabungui	Vargem Grande	3,4
	Rio Cachoeira	Vargem Grande	2,8
	Rio da Toca	Vargem Grande	0,7
	Rio do Moinho	Vargem Grande	2,0
	Rio do Morgado	Vargem Grande	2,4
	Canal de Semambetiba	Recreio dos bandeirantes	3,6
	Canal do Cascalho	Vargem Grande	2,9
	Rio Ubaeté	Recreio dos bandeirantes	1,4
	Canal das Piabas	Recreio dos bandeirantes	5,3
	Canal do Urubu	Recreio dos bandeirantes	2,7
	Canal do Portelo	Recreio dos bandeirantes	7,4
Unidade Especial de Restinga da Barra	Lagoa de Marapendi	Barra da Tijuca	38,9
	Canal das Taxas	Recreio dos bandeirantes	4,3
	Lagoa de Semambetiba	Recreio dos bandeirantes	1,4
Microbacia da Prainha			...
Sub-bacia de Grumari	Rio das Almas	Grumari	1,7
	Rio do Mundo	Grumari	1,9

Fonte: Data.Rio

Vale ressaltar que as sub-bacias e rios que abrangem a área de estudo do presente relatório são as sub-bacias do Rio Camorim, da Zona dos Canais e parte da Unidade Especial da Restinga da Barra, conforme ilustra a Figura 13.

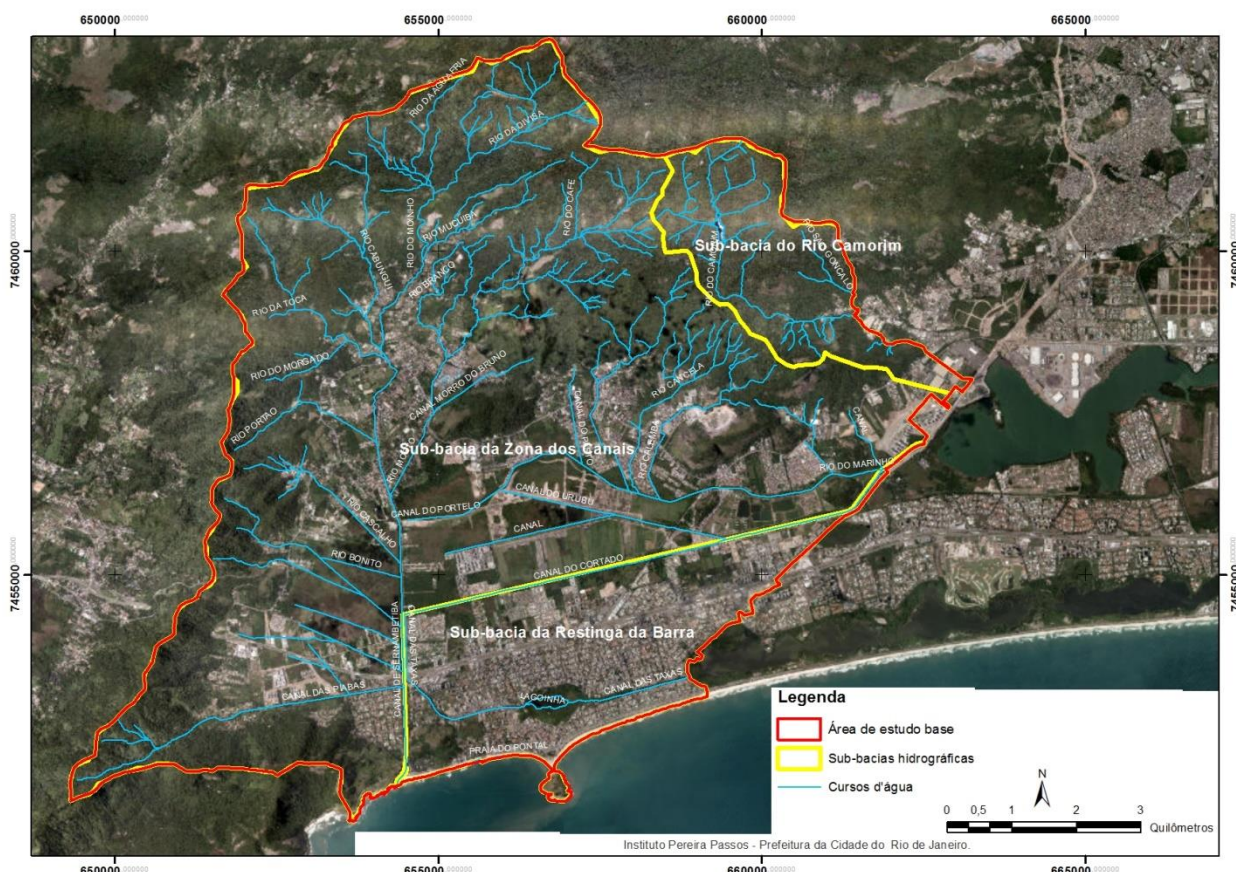


Figura 13 - Sub-bacias e cursos d'água na área de estudo.
Fonte: Elaboração Própria, 2018..

A presença de área urbana adensada e o avanço de ocupações irregulares localizadas em vários pontos da área de estudo e que têm atividades potencialmente contaminantes por conta da escassez de serviços públicos de esgotamento sanitário e coleta de lixo ameaçam o equilíbrio dos ecossistemas ali presentes. Os rios descem as encostas em direção à baixada levando consigo lixo e efluentes domésticos que são despejados ilegalmente nos cursos d'água, contaminando os corpos hídricos receptores e contribuindo com os eventos de inundação recorrentes na baixada. Daí a necessidade de se proteger e adequar ambientalmente não só as várzeas, mas também os trechos altos das cabeceiras de drenagem que alimentam e drenam as águas de montante em direção às terras baixas sujeitas à inundação.

Os problemas observados na maioria dos rios do município são seu estado avançado de poluição que alteram e impactam as características naturais das águas, lagoas e baías. Esse cenário, somado às construções de habitações sobre as APPs provocam desmatamento da mata ciliar, impermeabilização do solo, aumento do assoreamento dos rios, degradação e poluição ambiental por despejos humanos (SMAC, 2015).

Abaixo é apresentada uma breve caracterização da qualidade das águas na área de estudo, porém, a descrição das características físicas de uma bacia hidrográfica tem como intuito dar subsídios para o conhecimento dos fatores que influenciam os processos hidrológicos e funcionais daquela unidade de análise espacial. Para se fazer um estudo mais detalhado de uma bacia com o objetivo de se entender as dinâmicas de vazão, descarga e recarga das águas na bacia é importante analisar não só as suas características físicas mas também os dados meteorológicos e seu histórico de uso e ocupação do solo (Porto et al, 1999). Sendo assim, é de suma importância que tal caracterização seja realizada no âmbito da elaboração do Plano de Manejo da futura Unidade de Conservação prevista para ser criada na área de estudo.

MONITORAMENTO DA QUALIDADE DAS ÁGUAS

O monitoramento da qualidade das águas dos rios e das praias que se encontram no município do Rio de Janeiro é feito pelo INEA. Ele consiste no acompanhamento sistemático dos parâmetros que definem a qualidade das águas, visando à produção de informações destinadas à comunidade científica, ao público em geral e às instituições responsáveis por tomadas de decisão. Esse monitoramento visa acompanhar os principais indicadores que avaliam e demonstram os níveis de contaminação, prevendo os fluxos de contaminantes e a evolução da poluição ao longo do tempo. Desse modo, as características físicas e químicas das águas obtidas das análises são comparadas com padrões e valores orientadores da qualidade da água definidos pelas Resoluções CONAMA nº357, nº274, nº344 e pela Portaria nº518 do Ministério da Saúde.

De acordo com a Figura 14, constata-se que existem 3 pontos de monitoramento da qualidade das águas das praias localizadas nos limites da área de estudo base e 2 pontos de monitoramento das águas interiores também localizadas nos limites da área de estudo base.

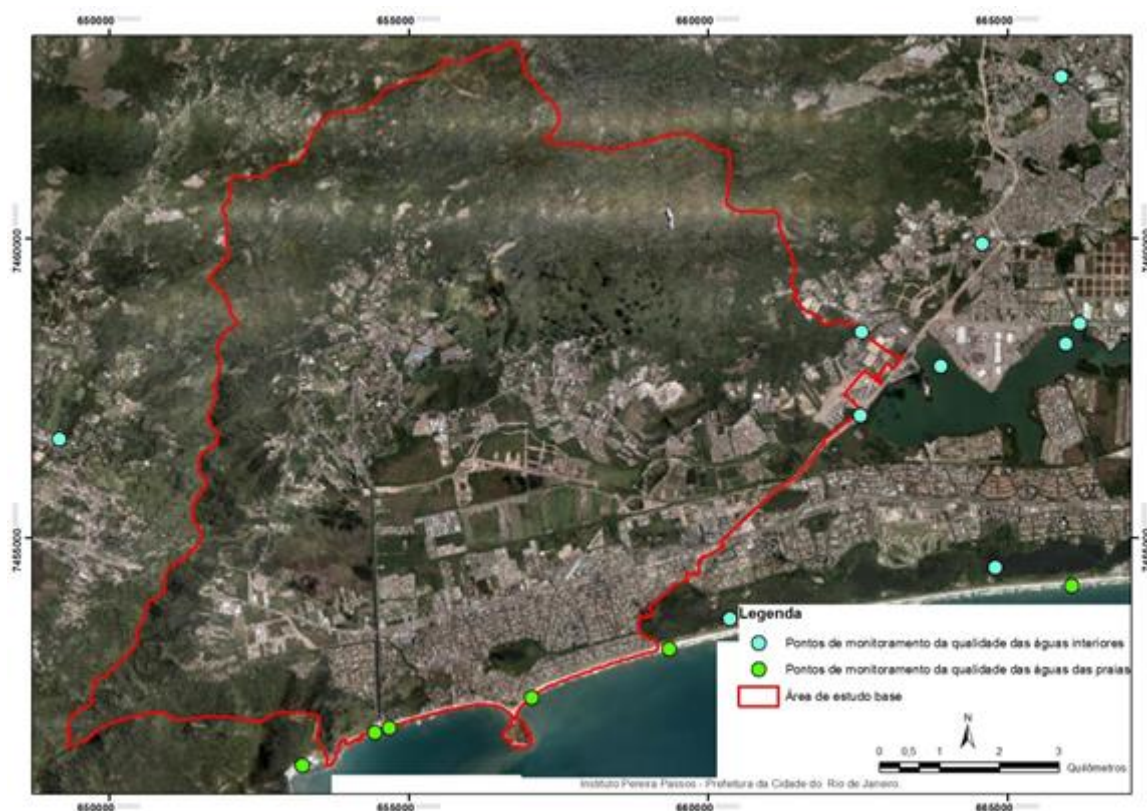


Figura 14 - Localização dos pontos de monitoramento da qualidade das águas interiores e das praias

Fonte: GeolINEA

No que diz respeito ao monitoramento da qualidade das águas das praias, as condições de balneabilidade das praias são divulgadas regularmente por meio de boletins encaminhados periodicamente e acessados no site do INEA. Esses boletins informam as condições vigentes das praias para efeito de balneabilidade, orientando a população no uso diário das mesmas. A avaliação da qualidade da água das praias para fins de banho e recreação é feita a partir da comparação do nível de contaminação das águas por coliformes termotolerantes e enterococos, segundo os padrões previstos na resolução CONAMA nº274/2000. Elevados números destas bactérias em águas marinhas indicam principalmente a contaminação por esgoto.

No caso do monitoramento e avaliação da qualidade das águas interiores os principais parâmetros monitorados são: DBO (Demanda Bioquímica de Oxigênio), oxigênio dissolvido (OD), série fosforada, série nitrogenada, DQO (Demanda Química de Oxigênio), COT (Carbono Orgânico Total), coliformes totais e termotolerantes, pH, condutividade, metais pesados e cianobactérias. Aplica-se, então, o Índice de Qualidade de Água (IQA), que consolida em um único valor os resultados dos parâmetros: Oxigênio Dissolvido (OD), Demanda Bioquímica de Oxigênio (DBO), Fósforo Total (PT), Nitrogênio Nitrato (NO₃), Potencial Hidrogeniônico (pH), Turbidez (T), Sólidos Dissolvidos Totais (SDT), Temperatura da Água e do Ar e Coliformes Termotolerantes.

Em relação à área de estudo, os resultados obtidos no ano 2018 para o monitoramento da qualidade das águas das praias para esses três pontos estão sistematizados na **tabela a seguir**. Observa-se que no geral a condição de qualidade e balneabilidade das águas das praias no ponto do Recreio dos Bandeirantes é própria, e nos dois pontos do Pontal de Sernambetiba, onde deságua o canal de Sernambetiba, a condição de balneabilidade também é própria exceto em algumas épocas do ano, notadamente, fevereiro e alguns dias de janeiro, março e agosto.

Tabela 3 - Síntese dos resultados de balneabilidade das águas das praias nos pontos do Recreio dos Bandeirantes e Pontal de Sernambetiba - 2018.

PRAIAS	PONTO COLETA	LOCALIZAÇÃO (*)	CONAMA 274/2000																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																								
			janeiro-18								fevereiro-18								março-18								abril-18								maio-18								junho-18																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																
Pontal de Sernambetiba	PS001	Em frente ao canal de Sernambetiba																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																									</

Fonte: INEA, 2018.

No que diz respeito às águas interiores, a crescente pressão sobre os recursos hídricos, além do aumento e da diversificação das fontes de poluição, torna o acompanhamento das alterações da qualidade das águas cada vez mais necessário, de maneira a subsidiar ações de proteção e recuperação ambiental, visando à garantia dos usos atuais e futuros. A Figura 15 apresenta os resultados de IQA médio obtidos para o ano de 2017 nos dois pontos que se encontram nos limites da área de estudo. Observa-se que os resultados foram classificados como ruim para o ponto MN240 e médio para o ponto CM220.

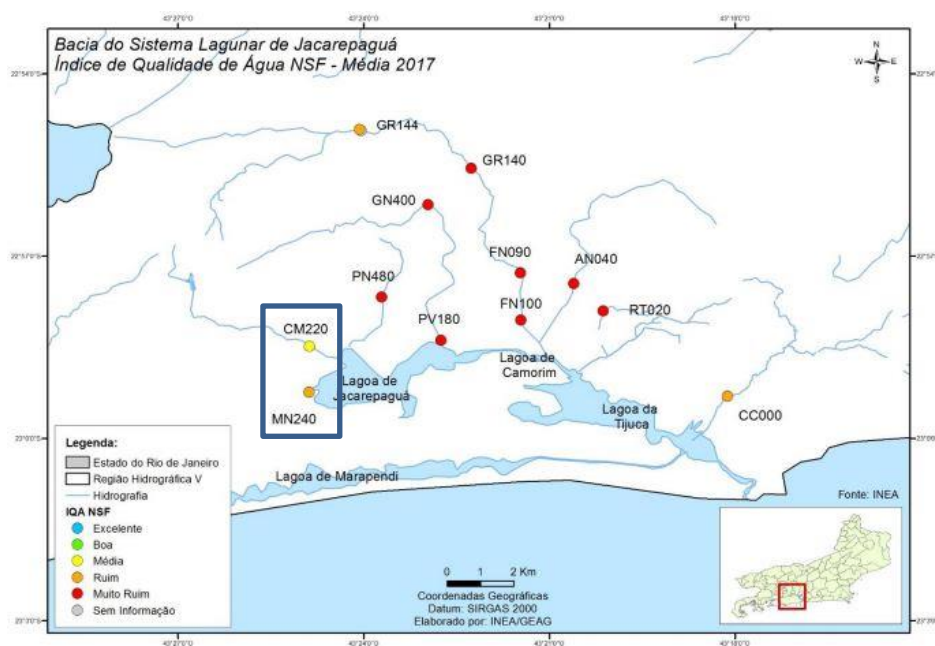


Figura 15 - Resultado de IQA dos pontos de monitoramento das águas interiores. Quadro destacando os pontos de interesse na área de estudo.

Fonte: INEA, 2018.

A partir dos dados disponibilizados pelo INEA, é evidente o problema de poluição hídrica decorrente provavelmente de esgotos sanitários que atingem estes corpos hídricos que cruzam áreas urbanas com tendência de adensamento e serviços básicos de saneamento insuficiente.

Em suma, conclui-se que os dois rios monitorados pelo INEA que se encontram na área de estudo encontram-se com qualidade média a ruim em função, notadamente, do processo de ocupação desordenada e falta de infraestrutura de saneamento, o que acarreta em resultados fora dos valores referenciais para os parâmetros analisados.

Como reação de causa/efeito, o planejamento desordenado do uso e ocupação do solo nesta região favoreceu um cenário de conflitos socioambientais que envolvem diversos atores. Sendo assim, se faz necessária uma gestão ambiental integrada para a região, baseada em ações pragmáticas fundamentadas em instrumentos técnicos e legais que vise à resolução dos conflitos socioambientais e a melhoria da qualidade de vida nos arredores das Vargens e Campos de Sernambetiba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO MEIO ABIÓTICO

O Campo de Sernambetiba configura-se como uma área prioritária para conservação, pois, além de possuir todas as características relevantes de uma área úmida, vem sofrendo forte pressão de urbanização e ocupação que desrespeitam ou não valorizam a sua importância enquanto ecossistema a ser protegido. Em termos de impactos ambientais, o que se observa é a

abertura de canais para drenagem das águas e secamento desses solos hidromórficos, além de atividades de aterramento voltadas para ocupação muitas vezes irregular do solo, resultando em outras interferências sinérgicas e negativas como degradação do solo, redução dos índices de diversidade da flora e fauna, maior incidência de doenças proliferadas por mosquitos e piores condições de qualidade de vida em função da ausência de serviços públicos como saneamento e coleta de lixo.

Como mencionado essa área do Campo de Sernambetiba e seu entorno configura-se como área prioritária para conservação e como pôde ser visualizado nos dados apresentados no presente relatório se observa forte vetor de pressão sobre esses ecossistemas nos últimos anos por conta do avanço de uma ocupação não assistida e não planejada mesmo com a existência da figura institucional decretada como Área de Especial Interesse Ambiental. A fragilidade ambiental dessas áreas que abrange solos hidromórficos, rios e canais de baixada, espécies da flora e fauna ameaçadas de extinção em ecossistemas brejosos é confrontada por ocupações irregulares, por adensamento urbano sem infraestrutura de suporte e deficiência dos serviços públicos, tornando urgente a atuação do poder público no sentido de instaurar uma proteção legal nos ecossistemas de áreas úmidas das Vargens e Campo de Sernambetiba.

CAPITULO II - MEIO BIÓTICO

FLORA

A metodologia adotada para a elaboração do presente capítulo se valeu da utilização de dados secundários, provenientes de revisão bibliográfica (relatórios técnicos, dissertações, teses, livros técnicos, artigos, etc), bases digitais de coleções biológicas (REFLORA, JABOT, SpeciesLink, GBif, etc), bases de análises espaciais (sigfloresta.rio.rj.gov.br; Levantamento da Cobertura Vegetal e de Ocupação e Uso do Solo, dos anos de 2010 a 2018) e imagens aéreas (ortofotos e EOSDIS Worldview, anos 2010 a 2018).

Tais dados foram devidamente especializados e analisados com auxílio do programa ArcGis 10.5, com sobreposição de camadas e cruzamento das informações supracitadas, em toda a área de estudo. Isto posto, foram identificadas as áreas frágeis, áreas notáveis (prioritárias para conservação, com ocorrência de espécies ameaçadas), bem como a dinâmica das mudanças na cobertura vegetal.

A nomenclatura científica segue “The International Plant Names Index” (IPNI), sendo os nomes atualmente aceitos e os sinônimos relativos foram extraídos da Flora do Brasil 2020, assim como os dados relativos a forma de vida, hábitat, ocorrência, nomes populares (quando existentes), bioma de ocorrência e origem das espécies. A classificação do status de conservação das espécies registradas segue o proposto pela IUCN (IUCN, 2017), de acordo com as Portarias MMA nº. 443/2014, Resolução CONEMA nº80/2018 e Decreto Municipal nº 19.149/2000, perfazendo as lista de espécies ameaçadas da Flora nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal, respectivamente.

LEGISLAÇÃO DE PROTEÇÃO À FLORA

A legislação existente para a proteção dos ambientes naturais, incluindo a vegetação, é extensa e citada a seguir.

- **Lei Federal nº 12.651/2012, alterada pela Lei Federal nº 12.727/2012 (Código Florestal)**

“Art. 4º Considera-se Área de Preservação Permanente, em zonas rurais ou urbanas, para os efeitos desta Lei:

I - as faixas marginais de qualquer curso d’água natural perene e intermitente, excluídos os efêmeros, desde a borda da calha do leito regular, em largura mínima de:

- a) 30 (trinta) metros, para os cursos d’água de menos de 10 (dez) metros de largura;*
- b) 50 (cinquenta) metros, para os cursos d’água que tenham de 10 (dez) a 50 (cinquenta) metros de largura;*
- c) 100 (cem) metros, para os cursos d’água que tenham de 50 (cinquenta) a 200 (duzentos) metros de largura;*

- d) 200 (duzentos) metros, para os cursos d'água que tenham de 200 (duzentos) a 600 (seiscentos) metros de largura;
- e) 500 (quinhentos) metros, para os cursos d'água que tenham largura superior a 600 (seiscentos) metros;
- II - as áreas no entorno dos lagos e lagoas naturais, em faixa com largura mínima de:
 - a) 100 (cem) metros, em zonas rurais, exceto para o corpo d'água com até 20 (vinte) hectares de superfície, cuja faixa marginal será de 50 (cinquenta) metros;
 - b) 30 (trinta) metros, em zonas urbanas;
- III - as áreas no entorno dos reservatórios d'água artificiais, decorrentes de barramento ou represamento de cursos d'água naturais, na faixa definida na licença ambiental do empreendimento;
- IV - as áreas no entorno das nascentes e dos olhos d'água perenes, qualquer que seja sua situação topográfica, no raio mínimo de 50 (cinquenta) metros;
- V - as encostas ou partes destas com declividade superior a 45°, equivalente a 100% (cem por cento) na linha de maior declive;
- VI - as restingas, como fixadoras de dunas ou estabilizadoras de mangues;
- VII - os manguezais, em toda a sua extensão;"

- **Lei Federal nº 7.661/1988 (institui o Plano de Nacional Gerenciamento Costeiro (PNGC))**

"Art. 3º. O PNGC deverá prever o zoneamento de usos e atividades na Zona Costeira e dar prioridade à conservação e proteção, entre outros, dos seguintes bens:

- I - recursos naturais, renováveis e não renováveis; recifes, parcéis e bancos de algas; ilhas costeiras e oceânicas; sistemas fluviais, estuarinos e lagunares, baías e enseadas; praias; promontórios, costões e grutas marinhas; restingas e dunas; florestas litorâneas, manguezais e pradarias submersas;
- II - sítios ecológicos de relevância cultural e demais unidades naturais de preservação permanente;
- III - monumentos que integrem o patrimônio natural, histórico, paleontológico, espeleológico, arqueológico, étnico, cultural e paisagístico."

- **Lei Federal nº 11.428/2006 (Lei da Mata Atlântica)**

"Art. 11. O corte e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançado e médio de regeneração do Bioma Mata Atlântica ficam vedados quando:

- I - a vegetação:
 - a) abrigar espécies da flora e da fauna silvestres ameaçadas de extinção, em território nacional ou em âmbito estadual, assim declaradas pela União ou pelos Estados, e a intervenção ou o parcelamento puserem em risco a sobrevivência dessas espécies;
 - b) exercer a função de proteção de mananciais ou de prevenção e controle de erosão;
 - c) formar corredores entre remanescentes de vegetação primária ou secundária em estágio avançado de regeneração;
 - d) proteger o entorno das unidades de conservação; ou
 - e) possuir excepcional valor paisagístico, reconhecido pelos órgãos executivos competentes do Sistema Nacional do Meio Ambiente - SISNAMA;
- II - o proprietário ou posseiro não cumprir os dispositivos da legislação ambiental, em especial as exigências da Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965, no que respeita às Áreas de Preservação Permanente e à Reserva Legal.

Parágrafo único. Verificada a ocorrência do previsto na alínea a do inciso I deste artigo, os órgãos competentes do Poder Executivo adotarão as medidas necessárias para proteger as espécies da flora e da fauna silvestres ameaçadas de extinção caso existam fatores que o exijam, ou fomentarão e apoiarão as ações e os proprietários de áreas que estejam mantendo ou sustentando a sobrevivência dessas espécies."

- **Constituição do Estado do Rio de Janeiro de 1989**

"Art. 268 - São áreas de preservação permanente:

- I - os manguezais, lagos, lagoas e lagunas e as áreas estuarinas;
- II - as praias, vegetação de restingas quando fixadoras de dunas, as dunas, costões rochosos e as cavidades naturais subterrâneas - cavernas;
- III - as nascentes e as faixas marginais de proteção de águas superficiais;
- IV - as áreas que abriguem exemplares ameaçados de extinção, raros, vulneráveis ou menos conhecidos, na fauna e flora, bem como aquelas que sirvam como local de pouso, alimentação ou reprodução;

V - as áreas de interesse arqueológico, histórico, científico, paisagístico e cultural;

VI - aquelas assim declaradas por lei;

VII - a Baía de Guanabara.

(...)

Art. 273 - As coberturas florestais nativas existentes no Estado são consideradas indispensáveis ao processo de desenvolvimento equilibrado e à sadia qualidade de vida de seus habitantes e não poderão ter suas áreas reduzidas.”

- **Lei Complementar nº 111/2011 (Plano Diretor do Município do Rio de Janeiro)**

“Art.163. A realização da política de Meio Ambiente se dará pela implantação e utilização dos instrumentos de planejamento e gestão ambiental através da consecução de ações estruturantes relativas à proteção do Bioma Mata Atlântica, à biodiversidade, às áreas verdes e espaços livres, às práticas sustentáveis e à educação ambiental, bem como na colaboração para a efetivação das ações estruturantes relativas à proteção da paisagem, dos recursos hídricos, à gestão da zona costeira e às referentes à prevenção contra mudanças climáticas danosas, junto aos demais órgãos vinculados ao sistema de planejamento e gestão ambiental.

Parágrafo único. A política de meio ambiente promoverá a proteção da cobertura vegetal de áreas consideradas estratégicas por serem ambientalmente vulneráveis e de importante valor ecológico, paisagístico e ambiental, entre elas:

I - floresta de Mata Atlântica, nos maciços da Pedra Branca, Tijuca e Gericinó;

II - restingas nas regiões da Marambaia, praia do Grumari e baixada litorânea de Jacarepaguá;

III - vegetação ciliar dos sistemas lagunares e canais, como a Lagoa Rodrigues de Freitas, as lagoas da Baixada de Jacarepaguá e a Lagoinha;

IV - comunidades vegetais da areia de praia;

V - vegetação de costão rochoso;

VI - vegetação de áreas de brejo e áreas inundáveis, como os Campos de Sernambetiba e a baixada de Guaratiba;

VII - vegetação nas áreas de reflorestamento.”

- **Portaria MMA Nº 443, de 17 de dezembro de 2014 - Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção.**

“Art. 1º Reconhecer como espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção aquelas constantes da “Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção” - Lista, conforme Anexo à presente Portaria, que inclui o grau de risco de extinção de cada espécie, em observância aos arts. 6º e 7º, da Portaria nº 43, de 31 de janeiro de 2014.

Art. 2º As espécies constantes da Lista classificadas nas categorias Extintas na Natureza (EW), Criticamente em Perigo (CR), Em Perigo (EN) e Vulnerável (VU) ficam protegidas de modo integral, incluindo a proibição de coleta, corte, transporte, armazenamento, manejo, beneficiamento e comercialização, dentre outras.”

- **Resolução CONEMA Nº 80, de 24 de maio de 2018 - Lista de Espécies Endêmicas Ameaçadas de Extinção da Flora do Estado do Rio de Janeiro.**

“Art. 1º - Reconhecer como espécies da flora fluminense ameaçadas de extinção aquelas constantes da “Lista Oficial de Espécies Endêmicas Ameaçadas de Extinção da Flora do Estado do Rio de Janeiro”, doravante denominada de Lista, conforme Anexo à presente Resolução, que inclui o grau de risco de extinção de cada espécie, em observância aos artigos 6º e 7º, da Portaria MMA nº 43, de 31 de janeiro de 2014.

(...)

Art. 2º - As espécies constantes da Lista classificadas nas categorias Extintas na Natureza (EW), Criticamente em Perigo (CR), Em Perigo (EN) e Vulnerável (VU) ficam protegidas de modo integral, incluindo a proibição de coleta, corte, transporte, armazenamento, manejo, beneficiamento e comercialização, dentre outras atividades que possam vir a causar danos às espécies listadas.”

- **Decreto Municipal Nº 15.793 de 04 de junho de 1997 - Dispõe sobre a Criação do Programa Rio-Diversidade - Programa de Conservação das Espécies Raras e Ameaçadas de Extinção.**

“Art. 1º - Fica Instituído o PROGRAMA RIO - DIVERSIDADE - Programa Municipal de Conservação

das Espécies Raras e Ameaçadas de Extinção, de forma a melhor conhecer e proteger a biodiversidade da Cidade, patrimônio da população do Rio de Janeiro.

Art. 2º - O PROGRAMA RIO-DIVERSIDADE tem por objetivo:

- I - reconhecer publicamente as espécies da flora e da fauna, de ocorrência natural no Município do Rio de Janeiro, consideradas como raras, endêmicas, ameaçadas de extinção ou já extintas;*
- II - estabelecer uma estratégia de conservação e recuperação populacional destas espécies, bem como dos "habitats" a que estão associadas e com os quais mantenham uma relação de dependência;*
- III - desenvolver estudos e pesquisas sobre a biologia destas espécies, sobre os ecossistemas de ocorrência e sobre as técnicas de manejo e reintrodução das mesmas;*
- IV - promover programas de educação ambiental visando à motivação da população para participar dos esforços de conservação, bem como reconhecer a importância das iniciativas neste sentido;*
- V - Integrar institucionalmente os Órgãos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e sua articulação com Órgãos das demais instâncias de Governo, Instituições de Pesquisa e outros setores da Sociedade Civil;*

Art. 3º - Fica instituída a Lista Oficial das Espécies da Flora e Fauna Ameaçadas de Extinção na Cidade do Rio de Janeiro, publicada no Anexo I do presente Decreto."

- **Decreto Municipal Nº 19.793 de 14 de novembro de 2000 – Atualiza a Lista Oficial das Espécies da Flora e Fauna Ameaçadas de Extinção na Cidade do Rio de Janeiro.**

"Art. 1º - O Anexo de que trata o art. 3º do Decreto nº 15.793, de 4 de junho de 1997, referente à Lista Oficial das Espécies da Flora e Fauna Ameaçadas de Extinção na Cidade do Rio de Janeiro, passa a vigorar com a redação constante do Anexo ao presente Decreto."

ENQUADRAMENTO FITOGEOGRÁFICO

A vegetação do Rio de Janeiro pode ser enquadrada, segundo regionalização biogeográfica proposta por Morrone (2018), na Sub-zona Chacoan, dentro do Domínio Paraná e finalmente na Província Atlântica. Sendo esta província delimitada por uma tira estreita ao longo da costa atlântica brasileira a leste da cordilheira costeira, entre 7-32 latitude sul (Morrone, 2006).

Dentre as diferentes fisionomias encontradas na Província Atlântica podemos destacar as definidas pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) em 1992:

- Floresta Ombrófila Densa
- Floresta Ombrófila Aberta
- Floresta Ombrófila Mista
- Floresta Estacional Decidual
- Floresta Estacional Semidecidual
- Mangues
- Restingas

Originalmente recobrindo toda a cidade, hoje restam aproximadamente 28 % das formações florestais e ecossistemas associados na cidade, considerados como parte da área não urbanizada do território (SCMA, 2016; SIGFLORESTA, 2016).

Sendo a cobertura vegetal da área de estudos enquadrada, conforme os parâmetros supracitados, nas formações Floresta Ombrófila Densa (de Terras Baixas, Submontana e Montana), além das formações Pioneira com Influência Flúvio-Lacustre (Brejo Herbáceo e Mata

Paludosa) e Pioneira com Influência Marinha (Arbustiva e Arbórea)..

Os remanescentes florestais encontram-se principalmente no domínio da FOD Submontana e da FOD Montana,, com remanescentes descaracterizados e em declínio enquadrados como parte da FOD de Terras Baixas, além do predomínio das formações Pioneira com Influência Flúvio-Lacustre (Brejo Herbáceo e Mata Paludosa), Pioneira com Influência Marinha (Restinga Arbustiva e Arbórea), na planície aluvial.

No final do documento, na forma de Anexo, é apresentada uma lista da ocorrências de flora da áreas de estudo, conforme as bases de dados utilizadas.

a. Formações Originais

a.1 Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial)

Vegetação natural amplamente encontrada na cidade, desde as pequenas elevações até os cumes dos maciços e contrafortes. As maiores concentrações desta fisionomia estão localizadas nos grandes maciços montanhosos: Gericinó-Mendanha, Pedra Branca e Tijuca.

Este tipo de vegetação é caracterizado por fanerófitos - subformas de vida macro e mesofanerófitos, além de lianas lenhosas e epífitas em abundância, que o diferenciam das outras classes de formações. Porém, sua característica ecológica principal reside nos ambientes ombrófilos que marcam muito a “região florística florestal”. Assim, a característica ombrotérmica da Floresta Ombrófila Densa está presa a fatores climáticos tropicais de elevadas temperaturas (médias de 25° C) e de alta precipitação, bem-distribuída durante o ano (de 0 a 60 dias secos), o que determina uma situação bioecológica praticamente sem período biologicamente seco. (IBGE, 2012).

Fatores locais alteram a composição e distribuição dos fragmentos, como a altimetria, as orientações das encostas em relação ao litoral e o potencial pedológico. Além disso, a presença ou a proximidade da matriz urbana e as diferentes dimensões de cada fragmento dão à floresta uma característica de grande heterogeneidade. Na área de estudo foram caracterizadas três diferentes formações em função das faixas altimétricas: Terras Baixas, de 5 a 50 metros acima do nível do mar; Submontana, de 50 a 500 metros acima do nível do mar; e Montana, de 500 a 1500 metros acima do nível do mar.

Na Cidade do Rio de Janeiro essas formações da floresta ombrófila densa são essencialmente secundárias, termo que designa qualquer tipo de vegetação que nasce após a retirada das florestas originais. São as áreas florestais que já sofreram algum tipo de intervenção humana, apresentando três estágios de sucessão – inicial, médio e avançado (adaptados dos critérios estabelecidos pela Resolução CONAMA nº 06/1994):

- Estágio Inicial - Fisionomia herbáceo/arbustiva, cobertura aberta ou fechada, com a presença de espécies predominantemente heliófilas; plantas lenhosas apresentam diâmetro à altura do peito (DAP) médio de 5 cm e altura média de até 5 metros; espécies de crescimento rápido e ciclo biológico curto; idade da comunidade até 10 anos; epífitas raras, podendo ocorrer trepadeiras; ausência de sub-bosque; serapilheira, quando existente, forma uma camada fina pouco decomposta.
- Estágio Médio - Fisionomia arbustivo/arbórea, árvores com DAP médio variando de 10 a 20 cm e altura média variando de 5 até 12 metros; fisionomia arbustivo/arbórea, cobertura fechada com início de diferenciação em estratos e surgimento de espécies de sombra; as espécies lenhosas eliminam as componentes herbáceas ou de pequeno porte do estágio inicial; idade entre 11 e 25 anos; serrapilheira presente; árvores do estágio inicial podem permanecer, mais grossas e mais altas; sub-bosque presente.
- Estágio Avançado - Fisionomia arbórea, com DAP médio de 20 cm e altura superior a 20 metros; grande variedade de espécies lenhosas; cobertura fechada formando um dossel relativamente uniforme, podendo apresentar árvores emergentes com sub-bosque já diferenciado em um ou mais estratos formados por espécies esciófilas; comunidade com idade acima de 25 anos; há cipós, trepadeiras e abundância de epífitas; serapilheira sempre presente, com intensa decomposição.

a.2 Floresta Ombrófila Densa Montana

A Floresta Ombrófila Densa Montana (IBGE, 2012) foi conceituada como ocorrendo entre 500 a 1 000 m na Cidade do Rio de Janeiro (SIG Floresta 2016), onde a estrutura é mantida até próximo ao cume dos relevos dissecados, quando os solos delgados ou litólicos influenciam o tamanho dos fanerófitos, que se apresentam menores. A estrutura florestal de dossel uniforme (em torno de 20 m) é representada por ecótipos relativamente finos com casca grossa e rugosa, folhas miúdas e de consistência coriácea. São típicos dessa formação os gêneros da família Lauraceae (*Ocotea* e *Nectandra*) e outras espécies de ocorrência pantropical.

Na área de estudo essa formação representa 1.227 ha, um percentual de 13,17 % dessa área, sendo encontrada na porção superior N/NE do Maciço da Pedra Branca, no Parque Estadual da Pedra Branca, não tendo sofrido alterações em sua área no período de 2010 a 2016.

a.3 Floresta Ombrófila Densa Submontana

A Floresta Ombrófila Densa Submontana (IBGE, 2012) situa-se nas encostas entre 50 e 500 m de altitude, nas áreas entre 16 e 24° de latitude S. O dessecamento do relevo montanhoso e

dos planaltos com solos medianamente profundos é ocupado por uma formação florestal com fanerófitos de altura aproximadamente uniforme. O sobosque é integrado por plântulas de regeneração natural, poucos nanofanerófitos e caméfitos, além da presença de palmeiras de pequeno porte e lianas herbáceas em maior quantidade. Suas principais características são os fanerófitos de alto porte, atingindo os 30 m na Região Sudeste. Essa formação está situada no Parque Estadual da Pedra Branca e em sua Zona de Amortecimento, dentro de sua faixa altitudinal de ocorrência.

Na área de estudo essa formação representa 2.661 ha, um percentual de 28,57 % dessa área, sendo encontrada desde os contrafortes do até o divisor de águas do Maciço da Pedra Branca, na Zona de Amortecimento e no do Parque Estadual da Pedra Branca. Essas formações sofreram uma perda de 6,91 ha, entre os anos de 2010 e 2016, um percentual correspondente a 0,26 % da área anteriormente ocupada, em sua maior parte pela expansão da área urbana.

a.4 Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas

A Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas (sensu IBGE, 2012) corresponde às formações da Floresta Ombrófila Densa que ocorrem em ambientes situados entre a faixa de 5 a 50 m.s.n.m., estando assentadas sobre as planícies costeiras. É uma típica mata de baixada, perenifólia, com dossel que pode atingir 30 a 35 metros de altura. As árvores possuem troncos fortes, eretos e, em geral, têm raízes tabulares. Segundo IBGE (2012) é uma formação que em geral ocupa as planícies costeiras, capeadas por tabuleiros plioleustocênicos do Grupo Barreiras. Ocorre desde a Amazônia, estendendo-se por toda a Região Nordeste até proximidades do Rio São João, no Estado do Rio de Janeiro. Tais tabuleiros apresentam uma florística bastante típica, caracterizada por ecótipos dos gêneros *Ficus*, *Alchornea*, *Handroanthus* e pela *Tapirira guianensis* Aubl. Outrossim, a partir do Rio São João, em direção ao sul, esta formação ocorre nos terrenos quaternários situados em geral pouco acima do nível do mar, nas planícies formadas pelo assoreamento devido à erosão existente nas serras costeiras, e nas enseadas marítimas. Nesta formação, dominam espécies como *Ficus organensis* (Miq.)Miq. e *F. insipida* Wild. (figueiras), *Guarea guidonia* (L.) Sleumer (carrapeta), *Inga* spp. (ingás) e *Tapirira guianensis* Aubl. (pau-pombo).

Na área de estudo essa formação representa 124 ha, um percentual de 1,33 % dessa área, sendo encontradas na porção inferior dos contrafortes do Maciço da Pedra Branca, na Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Pedra Branca, bem como na zona de transição entre esses contrafortes e a planície aluvionar, não tendo sofrido alterações em sua área no período de 2010 a 2016.

b. Sistema Edáfico de Primeira Ocupação (Áreas das Formações Pioneiras)

Conforme IBGE (2012), ao longo do litoral, bem como nas planícies fluviais e ao redor das depressões aluviais (pântanos, lagoas e lagoas), há frequentemente terrenos instáveis cobertos por uma vegetação, em constante sucessão, de terófitos, criptófitos (geófitos e/ou hidrófitos), hemicriptófitos, caméfitos e nanofanerófitos. Trata-se de uma vegetação de primeira ocupação de caráter edáfico, que ocupa terrenos rejuvenescidos pelas seguidas deposições de areias marinhas nas praias e restingas, as aluviões flúvio-marinhas nas embocaduras dos rios e os solos ribeirinhos aluviais e lacustres. São essas as formações que se consideram pertencentes ao “complexo vegetacional edáfico de primeira ocupação” (Formações Pioneiras). Tal designação prende-se assim a uma tentativa de conceituar comunidades localizadas, sem ligá-las aprioristicamente às regiões ecológicas clímax, pois a vegetação que ocupa uma área com solo em constante rejuvenescimento nem sempre indica estar a mesma no caminho da sucessão para o clímax da região circundante. São exemplos as vegetações da orla marítima e dos pântanos, ambas semelhantes entre si, em qualquer latitude ou longitude do País, sempre com plantas adaptadas aos parâmetros ecológicos do ambiente pioneiro. Isto talvez sugira a causa de estarem estas comunidades ligadas a famílias e gêneros do universo tropical psamófilo e hidrófilo, seja através da dispersão de suas espécies, ou seja, através da adaptação ao ambiente especializado tropical, cujos fatores limitantes em geral determinaram ecótipos de distribuição universal, como é o caso dos gêneros *Remirea*, das praias, *Salicornia*, das áreas psamófilas, *Rhizophora* e *Avicennia*, dos manguezais, e *Typha*, das áreas pantanosas.

Na planície aluvionar da área de estudo prevalecem as Formações Pioneira com Influência Flúvio-Lacustre (Brejo Herbáceo e Mata Paludosa) e Pioneira com Influência Marinha (Restinga Herbácea e Arbustiva).

b.1 Formações Pioneiras com Influência Flúvio-Lacustre

As Formações Pioneiras com Influência Flúvio-Lacustre são comunidades vegetais das planícies aluviais que refletem os efeitos das cheias dos rios nas épocas chuvosas, ou, então, das depressões alagáveis todos os anos. Nestes terrenos aluviais, conforme a quantidade de água empoçada e ainda o tempo que ela permanece na área, as comunidades vegetais vão desde a pantanosa criptofítica (hidrófitos) até os terraços alagáveis temporariamente de terófitos, geófitos e caméfitos. Nos pântanos, o gênero cosmopolita *Typha* fica confinado a um ambiente especializado, diferente dos gêneros exclusivos dos trópicos, *Cyperus* e *Juncus*, possuindo maior amplitude de ocorrência.. Nas planícies alagáveis mais bem-drenadas, ocorrem comunidades campestres e os gêneros *Panicum* e *Paspalum* dominam em meio ao caméfito do gênero *Thalia*. Nos terraços mais enxutos, dominam os gêneros *Acacia* e *Mimosa*, juntamente com várias famílias pioneiras, como: Solanaceae, Asteraceae, Myrtaceae e outras de menor importância sociológica.

Essas áreas podem ser sujeitas à condição de encharcamento permanente ou temporário do solo. Ocorrem nas antigas planícies sedimentares formadas entre os cordões de restinga e as elevações montanhosas. Ecossistemas paludiais ocupavam no passado grandes extensões na Baixada de Jacarepaguá onde se localizavam os maiores alagados do Rio de Janeiro, conhecidos como Campos de Sernambetiba, ainda hoje cobertos por vegetação herbácea típica, mas sob processo de acelerada substituição para usos urbanos. As matas paludosas (arbóreas), por sua vez, eram bem significativas e ocupavam o entorno dos Morros como ilhas circundadas por matas alagadiças densas.

- Brejo herbáceo - Os alagadiços encontram-se por vezes bastante alterados pelos canais de drenagem e por aterros. Verifica-se sobre o solo úmido e turfoso espécies como *Cyperus polystachyos*, *C. surinamensis* e *Taboa* (*Typha domingensis*).



Figura 16 - Brejo Herbáceo na área de estudo e espécie típica *Typha domingensis*

- Mata paludosa - Consistem em uma mata perenifólia, com troncos eretos, em geral sem raízes tabulares, e com densa vegetação arbustiva no estrato inferior. Nesses terrenos encharcados encontram-se, historicamente, além de várias palmeiras, a caixeta ou tabebuia (*Tabebuia cassinoides*) cuja madeira, branca e muito leve, foi muito utilizada na fabricação de tamancos, colheres de pau e objetos leves. Há autores que a classificam como “Floresta Permanentemente Inundada”, considerando-as como um tipo de comunidade vegetal de restinga (Prefeitura do Rio, 1998). Merece destaque a presença conspícua de *Tabebuia cassinoides* (Lam.)DC. (pau-de-tamanco ou caixeta) e de *Myrsine* spp. (capororoca). Nessas matas, um sub-bosque pode estar presente com vários exemplares da família Piperaceae (*Piper* spp. e *Peperomia* sp.), as palmeiras *Bactris setosa* Mart. (tucum) e *Geonoma schottiana* Mart. (geonoma) e o arbusto *Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe (Zingiberaceae). Próximo ao solo,

frequentemente turfoso, coexistem inúmeras espécies de porte herbáceo, como musgos, gramíneas e ciperáceas, além de grande variedade de aráceas dos gêneros *Anthurium* e *Philodendron*, ao lado de muitas bromélias dendrícolas.

Encontra-se praticamente extinta na baixada, com alguns remanescentes mais expressivos no encontro das Avenidas das Américas com a Salvador Allende (APA das Tabebuias) e entre a Avenida Salvador Allende e a Estrada dos Bandeirantes, em terreno contíguo ao empreendimento Ilha Pura. Dada a grande concentração da espécie *Tabebuia cassinoides* (caixeta), costuma-se informalmente designar essa feição de “caixetal”.



Figura 17 - Mata de caixeta na área de estudo e exemplar de *Tabebuia cassinoides* em fruto encontrado na área

Na área de estudo essas formações representam 870,56 ha, um percentual de 9,35 % da área, dos quais o brejo herbáceo representa 808,41 ha, um percentual de 8,68 % da área, e a mata paludosa 62,15 ha, um percentual de 0,67 % da área, distribuídos ao longo da planície aluvial. Essas formações sofreram uma perda de 311,98 ha, entre os anos de 2010 e 2016, um percentual correspondente a 65 % de sua área anteriormente ocupada, sendo em sua maior parte pela expansão da área urbana. A mata paludosa apresentou perda relativa mais significativa, num total de 41,29 ha, um percentual de 39,92 % de sua área, tendo o brejo herbáceo apresentado uma perda absoluta mais significativa, num total de 270,69 ha, um

percentual de 25,08 % da área. Essas formações estão submetidas a forte pressão da expansão urbana formal e informal nessa área.

b.2 Formações Pioneiras com Influência Marinha (Restinga)

As Formações Pioneiras com Influência Marinha, em geral denominadas como vegetação de Restinga, são comunidades vegetais que recebem influência direta das águas do mar apresentam gêneros característicos das praias, como *Remirea* e *Salicornia*. Seguem-se, em áreas mais altas, afetadas pelas marés equinociais, as espécies muito características *Ipomoea pes-caprae* (L.)R.Br e *Canavalia rosea* (Sw)DC., além dos gêneros *Paspalum* e *Hidrocotyle*. As duas primeiras são plantas reptantes e estoloníferas que atingem as dunas, contribuindo para fixá-las. Outros gêneros associados ao plano mais alto das praias contribuem para caracterizar esta comunidade pioneira: *Acicarpa*, *Achyrocline*, *Polygala*, *Spartina*, *Vigna* e outros de menor importância caracterizadora. Uma espécie de Arecaceae que ocorre nas restingas desde Sergipe até o Rio de Janeiro é a *Allagoptera arenaria* (Gomes)Kuntze, sendo esta bastante característica das formações arbustivas do Rio de Janeiro. Nas dunas propriamente ditas, a comunidade vegetal apresenta-se dominada por nanofanerófitos, onde *Schinus terebinthifolius* Raddi e *Lithraea brasiliensis* Marchand imprimem à mesma um caráter lenhoso. Destacam-se também os gêneros: *Erythroxylum*, *Myrcia*, *Eugenia* e outros de menor importância associativa. No “pontal rochoso” que deu origem à restinga e em algumas áreas mais internas das Planícies Marinhas, a vegetação pioneira difere do resto das comunidades arenosas. Neste pontal, a principal espécie característica é as *Clusia criuva* Cambess., *C. fluminensis* Planch. & Triana e *C. lanceolata* Cambess., associadas às Cactaceae dos gêneros *Cereus* e *Opuntia*, além das muitas Bromeliaceae, dos gêneros *Vriesea*, *Bromelia*, *Canistrum*, *Aechmea* e outros, se destacam.

Trata-se de formação com influência direta do mar que reúne vegetação de porte herbáceo, arbustivo ou arbóreo. Aparece em solos de substrato arenoso, pobres em nutrientes, como cordões de praia e dunas. Extremamente modificada pela interferência da urbanização, desta fisionomia restaram poucos fragmentos isolados, espalhados pela Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes (em especial ao redor da Lagoa de Marapendi e da Lagoinha), no terraço pós-praia de Grumari e uma grande área guarnecida pelas instalações militares da Restinga da Marambaia. Originalmente e até a década de 1950, ocupava grandes porções da planície arenosa da Baixada de Jacarepaguá, ladeando de forma exuberante com manguezais, lagoas e brejos; formava uma comunidade complexa com diversos ambientes característicos, incluindo dunas, praias, cordões arenosos, e depressões. Espécies características ainda presentes: no estrato herbáceo, salsa-da-praia (*Ipomoea pes-caprae*), mangue-da-praia (*Scaevola*

plumieri), capim-da-praia (*Panicum racemosum*) e capim-da-areia (*Sporobolus virginicus*); no estrato arbustivo, aroeira (*Schinus terebinthifolius*), *Cereus fernambucensis*, camboatá-branco (*Cupania emarginata* Cambess.), e *Eugenia copacabanensis* Kiaersk; no estrato arbóreo, ingá-da-restinga (*Inga marítima*), pau-pombo (*Tapirira guianensis* Aubl.) e capororoca (*Myrsine* sp.).

Na área de estudo a Formação Pioneira com Influência Marinha Restinga Arbustiva representam 4,92 ha, um percentual de 0,05 % da área, distribuída ao longo da planície aluvial. Essas formações sofreram uma perda de 5,13 ha, entre os anos de 2010 e 2016, um percentual correspondente a 51,04 % de sua área anteriormente ocupada. Os últimos remanescentes dessa formação estão submetidos a forte pressão da expansão urbana formal e informal nessa área.

O recorte espacial da área de estudos abrange diversas categorias de vegetação e uso do solo, com um misto de formações florestais em diversos estágios de sucessão, predominando as fases médias e avançadas. Junto às outras categorias de uso do solo, os percentuais destas categorias podem ser vistos no quadro abaixo (SMAC, 2016).

Tabela 4 - Classes de uso do solo e percentual da área de estudos

Classes	Área (ha)	Percentual
Afloramento Rochoso	132	1,41
Áreas Urbanas	2339	25,11
Atividades de Extração Mineral	32	0,34
Corpos d'água continentais	71	0,76
Floresta Ombrófila Densa, Estágio Avançado	1227	13,17
Floresta Ombrófila Densa, Estágio Inicial	124	1,33
Floresta Ombrófila Densa, Estágio Médio	2661	28,57
Formação Pioneira com influência flúvio-lacustre, Brejo herbáceo	808	8,68
Formação Pioneira com influência flúvio-lacustre, Mata paludosa	62	0,67
Formação Pioneira com influência marinha, Arbórea	20	0,22
Formação Pioneira com influência marinha, Arbustiva	5	0,05
Formação Pioneira com influência marinha, Herbácea	8	0,09
Praia	27	0,3
Reflorestamento	24	0,26
Solo exposto	121	1,29
Uso agrícola, Lavoura Permanente	204	2,19
Uso agrícola, Lavoura Temporária	133	1,43
Vegetação arbórea não florestal	667	7,17
Vegetação gramíneo-lenhosa	649	6,96
Total	9313	100

Fonte: SIG Floresta, 2016

Tabela 5 - Classes de uso do solo e percentual da área de estudos, comparativo entre os anos de 2010 e 2016

CLASSE	Perda 2010 – 2016 (ha)	Percentual de perda (%)
Floresta Ombrófila Densa, Estágio Médio	-6,91	-0,26
Formação Pioneira com influência flúvio-lacustre, Brejo herbáceo	-270,69	-25,08
Formação Pioneira com influência flúvio-lacustre, Mata paludosa	-41,29	-39,92
Formação Pioneira com influência marinha, Arbustiva	-5,13	-51,04
Formação Pioneira com influência marinha, Herbácea	-1,18	-12,69
Uso agrícola, Lavoura Permanente	-8,96	-4,21
Uso agrícola, Lavoura Temporária	-2,17	-1,61
Vegetação arbórea não florestal	-20,73	-3,01

Fonte: SIG Floresta, 2016

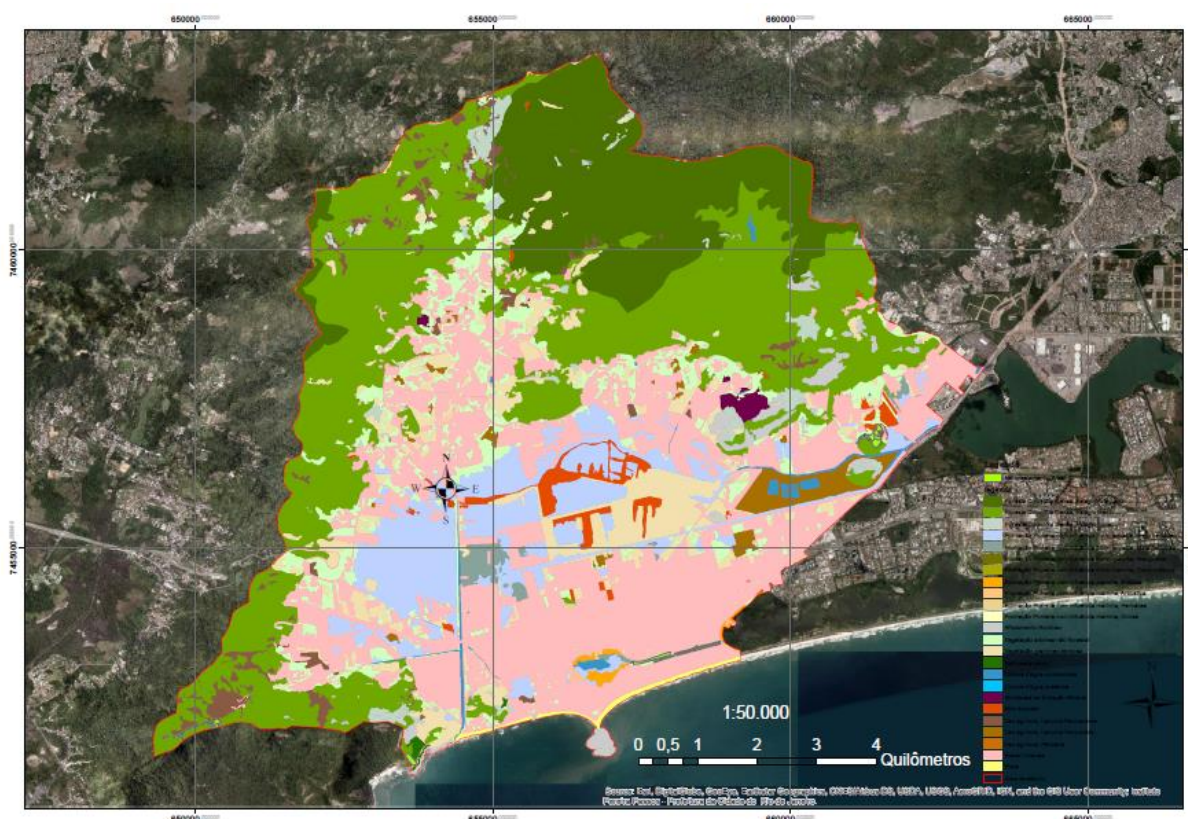


Figura 18 - Cobertura vegetal e Uso das Terras – 2016

Fonte: SIG Floresta, 2016

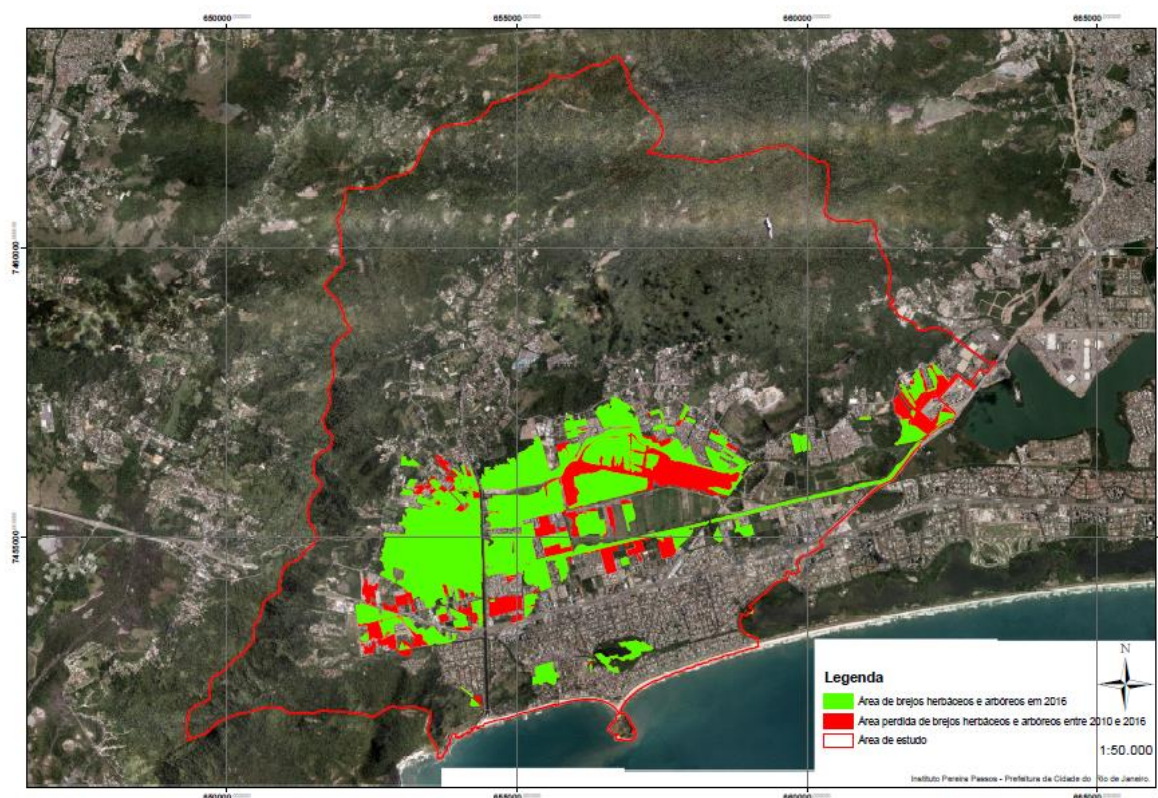


Figura 19 - Detecção das mudanças na classe de Brejos, entre os anos de 2010 e 2016

Fonte: SIG Floresta, 2016

c. Reflorestamento

A área de estudos possui projetos de reflorestamento em implantação desde 1999. São apenas 4 frentes de reflorestamento, sendo sua maioria em áreas de encosta e apenas uma em área de baixada junto ao Canal das Taxas. Estas áreas vêm recebendo plantio e manutenção de espécies nativas, de modo a recompor a vegetação local, acelerando o processo de regeneração e sucessão ecológica das áreas antropizadas. O total reflorestado na área de estudos é de 23,89 hectares, distribuídos da seguinte forma:

Tabela 6 – Áreas de Reflorestamento na área de estudo.

PROJETO MUTIRÃO REFLORESTAMENTO			
PROJETO	ANO DE INÍCIO	ÁREA (hesctares)	SITUAÇÃO
Grumari (Enconsta)	1999	108,47	ATIVO
Coroado	2005	5,37	ATIVO
Prainha	2016	4,2	ATIVO
Canal das Taxas	2004	5,49	CONCLUÍDO



Figura 20 - Áreas de reflorestamento executadas pela Prefeitura na área de estudo

PONTOS NOTÁVEIS

Considerado o contexto da cobertura vegetal, a área de estudo possui os seguintes pontos em destaque:

a. Morros isolados da Baixada de Jacarepaguá

Os Morros isolados da Baixada de Jacarepaguá são representados dentro da área de estudo pelos morros do Cantagalo, do Amorim, do Urubu e do Portelo, estando estes relativamente agrupados na porção leste da área de estudo, mais especificamente podem ser encontrados entre os canais do Cortado e do Portelo, próximo a junção dos mesmos e a transformação destes no Rio do Marinho. Estas “ilhas” rochosas em meio a planície abrigam uma multiplicidade de situações, no que tange à estrutura e florística da vegetação.

Podem ser encontradas as comunidades rupícolas nas zonas onde as rochas são mais expostas e onde o solo é quase inexistente, sendo basicamente composto pelo acúmulo de matéria orgânica após a colonização de uma planta pioneira. As espécies ocorrentes nestas comunidades rupícolas apresentam adaptações específicas e muitas delas possuem características xeromórficas e/ou são poiquilohídricas, possibilitando uma certa independência

do substrato e absorvendo os nutrientes e a umidade do ar. Dentre as espécies características destes ambientes podem ser destacadas nos morros do Cantagalo, do Amorim, do Urubu e do Portelo, as Bromélias do gênero *Alcantarea* (*A. geniculata* (Wawra) J.R.Grant, *A. glaziouana* (Leme) J.R.Grant, *A. imperialis* (Carriere) Harms,) e *Tillandsia araujei* Mez, ainda podemos encontrar o cacto (*Coleocephalocereus fluminensis* (Miq.) Backeb.), a trepadeira (*Oxypetalum alpinum* (Vell.) Fontella) e a bela *Sinningia bulbosa* (Ker Gawl.) Wiehler, todas espécies destacadas como ameaçadas de extinção segundo as Listas Oficiais nas três esferas de poder (Tabela no Anexo 1).

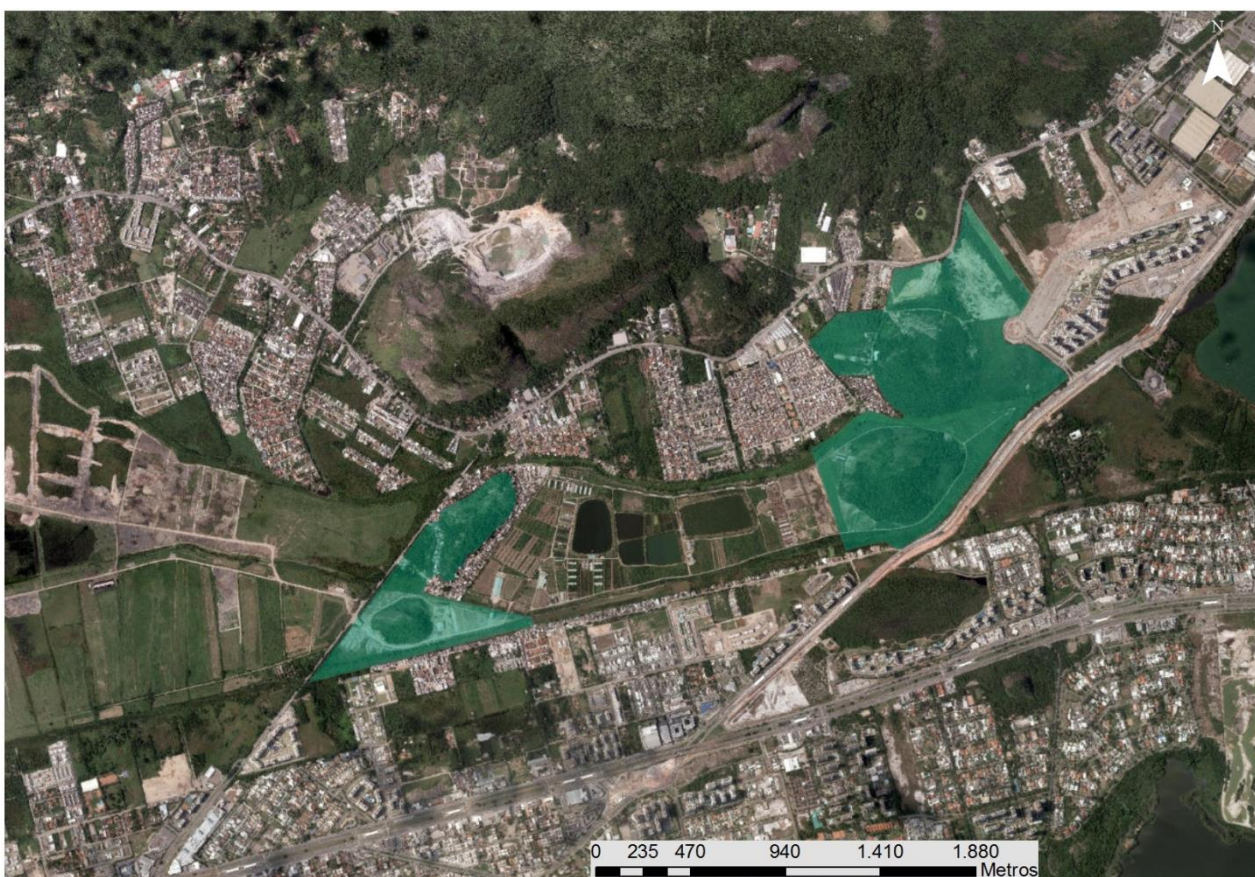


Figura 21 - Morros isolados da Baixada de Jacarepaguá, representados dentro da área de estudo pelos morros do Cantagalo, do Amorim, do Urubu e do Portelo

Nas áreas imediatamente subsequentes a rocha exposta, podemos encontrar um ambiente de transição entre a tórrida temperatura da rocha nua e as áreas alagadas que circundam estes morros, havendo ainda uma porção limitada de solo e com uma flora bastante semelhante a restinga ou ao Ticket Lenhoso Atlântico. Nestes locais encontramos espécies ameaçadas como a bromélia *Portea petropolitana* (Wawra) Mez e a trapoeraba-peluda (*Siderasis fuscata* (Lodd.) H.E.Moore).

Nas áreas alagadiças que permeiam ao redor destes pontos marcantes da paisagem podemos encontrar as mesmas espécies que caracterizam as vargens de Sernambetiba e seus campos alagados.



Figura 22 - Detalhe da vegetação rupícola no Morro do Urubu, com a espécie ameaçada *Alcantarea glaziouana*

b. Campos de Sernambetiba

Os Campos de Sernambetiba, especificamente aqui considerados como as áreas alagadiças limitadas pelos os canais do Cortado e do Portelo, assim como em espraiamento após o canal de Sernambetiba, são dentro da área de estudo os remanescentes das matas paludosas e brejos herbáceos. Estes ambientes podem ser considerados como já bastante raros dentro do município do Rio de Janeiro, com a histórica ocupação destas áreas por toda a cidade, atualmente havendo poucos exemplos naturais destas áreas. Caracterizados pelas duas fisionomias das Formações Pioneiras com Influência Flúvio-Lacustre, estas áreas possuem destaque também pela sua particularidade florística.



Figura 23 - Campos de Sernambetiba, áreas permanentemente alagadas dentro da área de estudo



Figura 24 - Exemplar de *Tabebuia cassinoides* encontrada nas matas paludosas da área

Destacam-se principalmente os aglomerados de caixeta (*Tabebuia cassinoides* (Lam.) DC.), porém, outras espécies podem fornecer excelentes exemplos destas formações, como o ingá (*Inga maritima* Benth.) geralmente associado aos caixetais. As Eriocaulaceae que compõem o extrato herbáceo (*Paepalanthus tortilis* (Bong.) Mart., *Leiothrix hirsuta* (Wikstr.) Ruhland e *Actinocephalus ramosus* (Wikstr.) Sano), algumas árvores que esporadicamente surgem entre os grupamentos mais homogêneos (*Temnadenia odorifera* (Vell.) J.F.Morales e

Kielmeyera rizziniana Saddi) e por fim os arbustos de *Baccharis singularis* (Vell.) G.M.Barroso e a jarriinha-da-praia (*Aristolochia trilobata* L.) são ocasionalmente encontrados neste ambiente. As espécies supracitadas são consideradas como ameaçadas de extinção segundo as Listas Oficiais (Tabela em anexo).

Nas áreas de brejos podemos destacar principalmente a presença dos samambaias-do-brejo (*Acrostichum danaeifolium* Langsd. & Fisch.) e da taboa *Typha domingensis*), espécies comuns em diversas as áreas destes ambientes pelos brasil, porém com grande serventia a rica fauna destes ambientes.

c. Encostas do Maciço da Pedra Branca e Morro do Bruno

As encostas do Maciço da Pedra Branca e o Morro do Bruno representam as áreas de floresta com maior porte na área de estudo, sendo o Morro do Bruno um contraforte do maciço na região central da área de estudo. Com a vegetação florestal mais restrita a as cotas altimétricas após os 50 m.s.m., esta faixa vegetacional possui as formações florestais mais íntegras de toda a área de estudos, provável resultado da regeneração natural após os usos agrícolas e carvoeiros do passado.

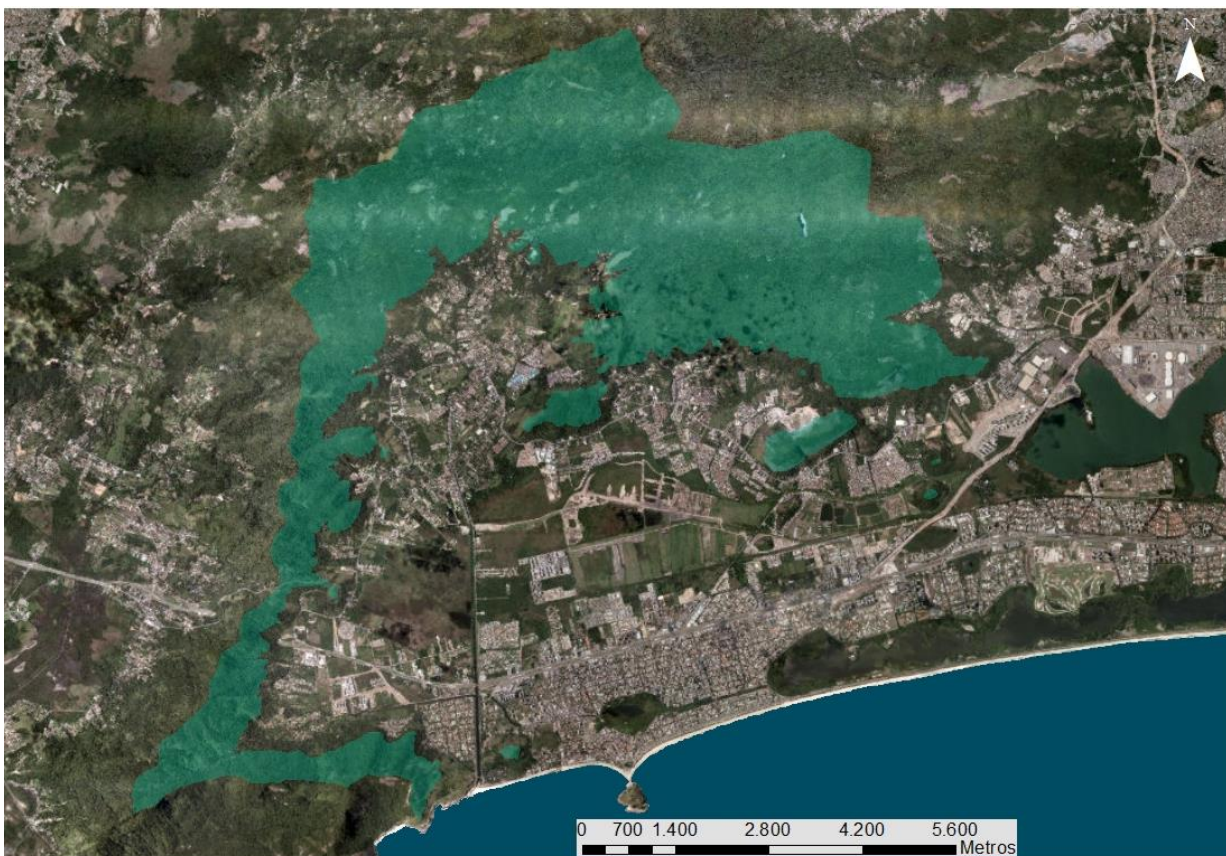


Figura 25 - Encostas do Maciço da Pedra Branca e o Morro do Bruno representam as áreas de floresta com maior porte na área de estudo



Figura 26 – Espécies de Angiospermas encontradas na área em tela (*Dichorisandra thyrsiflora* J.C.Mikan e *Fridericia conjugata* (Vell.)L.G.Lohmann, *Billbergia amoena* (Lodd.)Lindl.)

Destacam-se nestas serras as espécies *Piptadenia gonoacantha*, *Anadenanthera colubrina*, *Senegalia polyphylla* e *Astronium graveolens*, além dos jequitibás, e, de ocorrência conspícua na região.

As áreas florestais encontradas na região devem ser enquadradas em categorias mais restritivas de uso, dado o grau de preservação da cobertura neste trecho.

FAUNA

Na grande planície fluvio-lacustre da Baixada de Jacarepaguá e arredores com pequenos e escassos morros, com lençol freático praticamente superficial e a rede dendrítica de drenagem, havia o predomínio da floresta ombrófila densa de terras baixas ou mata paludosa de planície. Este ambiente é caracterizado pelo solo orgânico turfoso, periodicamente ou permanentemente encharcado de água doce ou salobra com algumas espécies botânicas se destacando como o pau-de-tamanco ou caixeta (*Tabebuia cassinoides* (Lam.) DC.), assim como várias espécies da família Araceae e cactos epífitas (*Rhipsalis* spp.). Compõe a porção pós-dunas da antiga restinga de Jacarepaguá, aqui chamada de Campos de Sernambetiba

Este tipo de floresta é encontrado em poucas áreas da Baixada de Jacarepaguá, restando protegido apenas o fragmento da APA das Tabebuias. Nas margens das lagoas e canais, sem influência marinha, ocorrem vastos alagados que se estendem ao lado da mata paludosa. Nestes predominam a taboa (*Typha domingensis* Pers.), o piri (*Cyperus giganteus* Vahl), assim como gramíneas, ciperáceas, aráceas, gêneros *Anthurium* e *Philodendrum*, bromélias e plantas aquáticas como as ninféias (*Nymphaea* spp.), sendo também muitas vezes invadidos pelo lírio-do-brejo (*Hedychium coronarium* J. Koenig). Este complexo de biótopos compõe a porção pós-dunas da antiga restinga de Jacarepaguá, aqui chamado de em sua maior porção de ‘Campos de Sernambetiba’.

O ecossistema abriga populações de animais adaptados às condições de insolação,

umidade elevada e variação térmica e hídrica com grande amplitude e ventos de intensidade variada, sendo consideradas as porções mais ameaçadas da Mata Atlântica (MACIEL 1984; COSTA, 2003; BERGALLO et al. 2000). Muitas das espécies aí encontradas são endêmicas, raras e ameaçadas de extinção, tais como: borboleta-da-praia (*Parides ascanius* (Cramer, 1775)); peixes-anuais (*Rivullidae*); rãzinha-de-alagado (*Chiasmocleis lacrimae* Peloso, Sturaro, Forlani, Gaucher, Motta and Wheeler, 2014); jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris* (Daudin, 1801)), entre outras (BERGALLO et al. 2000; DI-MAIO & SILVA, 2000; IZECKSOHN & CARVALHO-E-SILVA, 2001; PONTES et al. 2015). Mas uma das maiores perdas foi a extinção do mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia* (Linnaeus, 1776)), que habitava todas as baixadas de florestas alagadas do município (COIMBRA-FILHO, 1969; DI-MAIO & SILVA, 2000).

Este ambiente também representa um refúgio para diversas espécies de aves de restinga e de áreas abertas alagadas, incluindo vários migrantes neárticos, anatídeos, ciconídeos e falconiformes podendo-se destacar as migrantes águia pescadora (*Pandion haliaetus* (Linnaeus, 1758)), a batuíra-de-coleira (*Charadrius collaris* (Vieillot, 1818)), e a batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus* (Bonaparte, 1825)) (MALLET-RODRIGUES et al., 2008).

As áreas úmidas são locais de reprodução de diversas espécies de invertebrados e vertebrados e a perda destas áreas acarreta na redução de populações ou mesmo sua extinção local (BERGALLO et al. 2000; HADDAD & PRADO, 2005; MUGNAI et al. 2010).

No Brasil e em especial no município do Rio de Janeiro, estas áreas úmidas são reconhecidas historicamente como local passível de ocupação e erroneamente de reduzida relevância ambiental. Desta forma, a maioria das várzeas úmidas da cidade foi simplesmente aterrada e ocupada sem estudos de impacto ambiental ou sequer resgate de espécimes, restando poucos testemunhos destes ambientes (CARDOSO et al. 2015; PONTES et al. 2014; PONTES et al. 2015; TELLES & SILVA, 2015). Nos Campos de Sernambetiba não foi diferente, com ausência de uma política coordenada de proteção e conservação.

Os principais fatores de impactos sobre a fauna local são::

- Drenagem das áreas alagadiças através dos canais abertos e retificações de cursos d'água por órgãos público;
- Aterros de áreas úmidas sejam para a implantação de loteamentos licenciados ou de forma clandestina, para ocupações irregulares;
- Desmatamento e fragmentação que isolam e reduz o hábitat de diversas espécies;
- Poluição por esgotos domésticos e descarte de resíduos;
- Caça para captura de aves, forma mais corriqueira, com fins de tráfico e criação, praticada por moradores da redondeza. A caça de mamíferos, como capivaras e preás, também é praticada.

Os tipos de ecossistemas e biótopos que compõem as áreas úmidas cariocas são fragmentos em diversos estágios de conservação. Muitas das vezes ocupados por extensos taboais, locais com predominância de *T. domingensis*, são considerados erroneamente como áreas degradadas e com baixa riqueza de espécies. Em algumas situações a taboa pode ser colonizadora de alagados, mas possui um ciclo de vida ligado as alternâncias de períodos de cheia e de estiagem. Essa espécie requer altas concentrações de nutrientes e podem ser utilizadas na despoluição de lagos e rios, através da remoção de macronutrientes como o nitrogênio e o fósforo, provenientes de despejo industrial e doméstico, utilizando-se do substrato e de biofilmes de bactérias. O conjunto forma um sistema físico-biológico com uma intensa vida microbiana na rizosfera (região ao redor das nove raízes) e nos rizomas da planta. As bactérias heterotróficas que se encontram na zona anóxica (pobre em oxigênio) são responsáveis pela transformação do nitrato em nitrito e posteriormente em nitrogênio gasoso, e na zona anaeróbica, ocorre a remoção da carga orgânica através da decomposição das bactérias anaeróbicas. O fósforo é removido pelas plantas macrófitas, com imobilização microbiana, fica retido no subsolo e precipita-se na coluna de água, não ocorrendo perdas pela forma gasosa (NAIME & GARCIA, 2005; BOVE & PAZ, 2009).

Os quatro maiores taboais registrados para o município do Rio de Janeiro ocorrem no Campo de Santa Cruz (293 ha), no Campo de Sernambetiba (273 ha), na Reserva Biológica Estadual de Guaratiba (154 ha) e no entorno da Pedra da Panela (113 ha). Configuram-se como áreas prioritárias por servirem não só como hábitat de espécies ameaçadas, como os peixes-das-nuvens (Rivulidae), mas também por ser local de pouso para aves migratórias (DI-MAIO & SILVA, 2000; PEREIRA, 2010; ICMBIO, 2013) e por prestarem um serviço ambiental importante em termos geohidrológicos de convergência e recebimento dos sedimentos e águas que vêm de montante para essas áreas e sua contribuição com a recarga e afloramento do lençol freático e distribuição das águas subsuperficiais nas áreas de baixada (PONTES & ANDRADE, 2017).

As matas alagadas são caracterizadas pela presença de espécies arbóreas que se desenvolvem dentro de águas escuras, ricas em tanino, como o pau-tamanco (*T. cassinoides*) e o ingá-de-brejo (*Inga maritima* Benth.) (TELLES & SILVA, 2015). Este tipo de biótopo está reduzido a poucas e pequenas localidades, algumas protegidas legalmente como unidades de conservação da natureza, porém isoladas. As áreas de ocorrência destas espécies geralmente estão acompanhadas de populações de animais e vegetais específicas destes ambientes. Desta forma, a conexão e preservação destes fragmentos irá acarretar a proteção de diversas comunidades associadas (PONTES & ANDRADE, 2017). A manutenção de áreas úmidas, especialmente as matas formadas por caxetas e ingás, e a manutenção de conexão com outras áreas florestadas são importantes para evitarmos um processo de defaunação, que por

sua vez prejudica a existência das matas (WILKIE et al. 2011).

Os anfíbios, invertebrados aquáticos e os peixes-anuais da família Rivulidae são os representantes típicos de ambientes alagados de restinga, com ciclos de vida associados às poças temporárias e rasas (COSTA, 2003; MUGNAI et al. 2010).

A região é drenada para o mar na forma natural pelo Rio Morto e seus afluentes e por uma série de canais como o Cortado, que drena para o Complexo Lagunar de Jacarepaguá, com redução de corredores para a fauna.

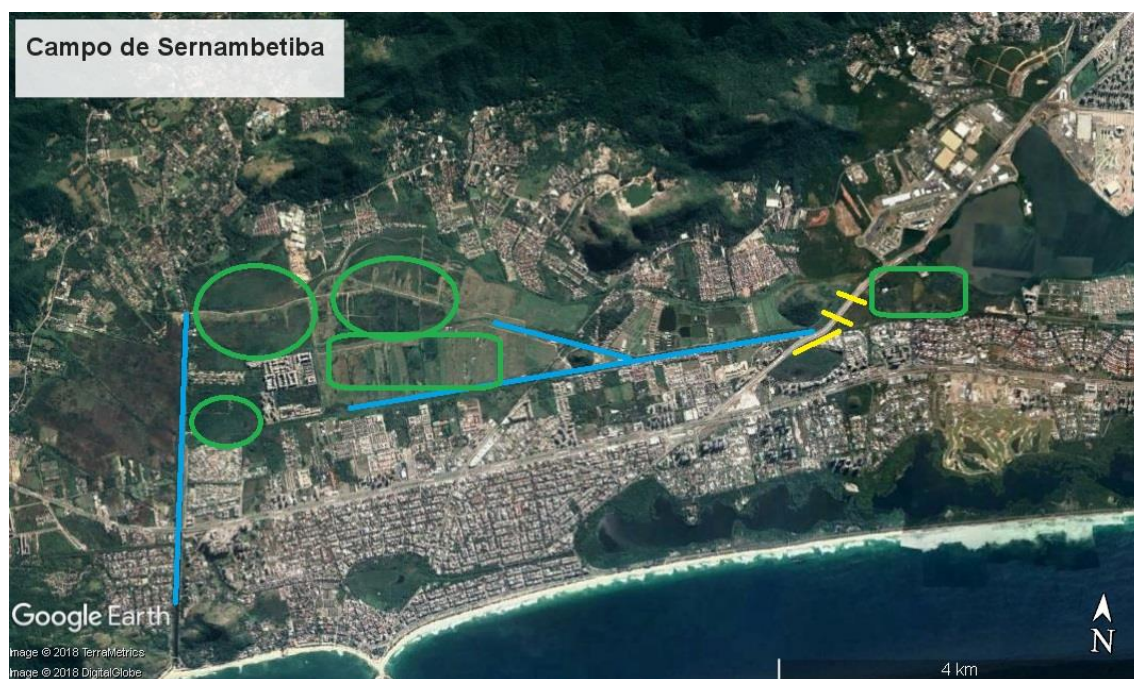


Figura 27 - Área de estudo, com destaque para os principais cursos d'água retificados e abertos para drenagem (azul); áreas prioritárias para a fauna (verde) e de zoopassagem (amarelo).

Fonte: Elaboração própria (2018)

Os dados sobre as espécies inventariadas foram baseados em revisão bibliográfica (e.g., MACIEL, 1984; IZECKSOHN & CARVALHO-E-SILVA, 2001; COSTA, 2003; MENEZES et al. 2007; MALLET-RODRIGUES et al. 2008; MUGNAI et al. 2010; PEREIRA, 2010; PONTES 2013; PONTES et al. 2015.) e por incursões de campo realizadas nos anos de 2014, 2015 e 2017. Nestas incursões procurou-se aplicar, de forma adaptada, a avaliação ecológica rápida (MALDONADO et al. 1995; ERVIN, 2003; SAYRE et al. 2003). Em campo por busca visual e auditiva, limitada por tempo e em transecções em diferentes horários (CRUMP & SCOTT JR., 1994; MCDIARMID et al. 2012). As identificações taxonômicas das espécies registradas em campo, ou de seus rastros e vestígios, foram realizadas a partir de chaves taxonômicas, guias e demais publicações disponíveis (e.g., IZECKSOHN & CARVALHO-E-SILVA, 2001; SIGRIST, 2007; BONVICINO et al. 2008; PONTES & ROCHA, 2008; MUGNAI et al. 2010; REIS et al.,

2011; CALDARA & LEITE, 2012; BECKER & DALPONTE, 2013; PALO JR., 2017).

O estado de conservação das espécies registradas foi compilado através da revisão de listas oficiais disponíveis (ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1998; BERGALLO et al. 2000; DI-MAIO & SILVA, 2000; BRASIL, 2014a e b; IUCN, 2018).

A região dos campos de Sernambetiba abriga pelo menos 434 formas conhecidas de vertebrados. Destas, 277 são aves; 39 répteis; 66 mamíferos (63 nativas e 3 exóticas invasoras); 41 anfíbios e 11 osteíctios (MALLET-RODRIGUES et al. 2008; PONTES, 2013). Destas, 28 espécies estão sob alguma forma de ameaça e inclusas em listas de espécies ameaçadas de extinção, sendo que 11 espécies da avifauna são consideradas ameaçadas em nível estadual (MALLET-RODRIGUES et al. 2008).

Algumas das espécies de anfíbios presentes na região servem como bons indicadores ambientais, como no caso da presença de pererecas dos gêneros *Pithecopus* e *Dendropsophus*, que atestam a boa qualidade de algumas coleções de água e sobre a degradação de outras (TOLEDO, 2009). Os crustáceos, como pitus e insetos, em especial Odonata figuram entre as espécies locais que podem ter suas populações e distribuição alterada, por impactos antrópicos. Os invertebrados também são sensíveis às alterações ambientais, sendo utilizados como indicadores (MUGNAI et al. 2010; BAGLIANO, 2012).

O conhecimento da ictiofauna de água doce na cidade do Rio de Janeiro é muito reduzido, visto o pequeno número de estudos publicados. Entretanto, para o estado do Rio de Janeiro são conhecidas 12 espécies de peixes-de-nuvens (Família Rivulidae), sendo que para estas áreas são indicadas pela literatura pelo menos três: *Leptolebias minimus* (Myers, 1942), *Kryptolebias brasiliensis* (Valenciennes, 1821) e *Atlantirivulus janeiroensis* (Costa, 1991). Estas se encontram inclusas em listas de ameaça de extinção, inclusive a lista oficial da Cidade do Rio de Janeiro, como criticamente em perigo (CP) (BERGALLO et al. 2000; DI-MAIO & SILVA, 2000; ICMBIO, 2013; BRASIL, 2014b). O município se destaca como prioridade para a preservação destas espécies, segundo o Plano de Ação Nacional para os Rivulídeos (Figura 28).

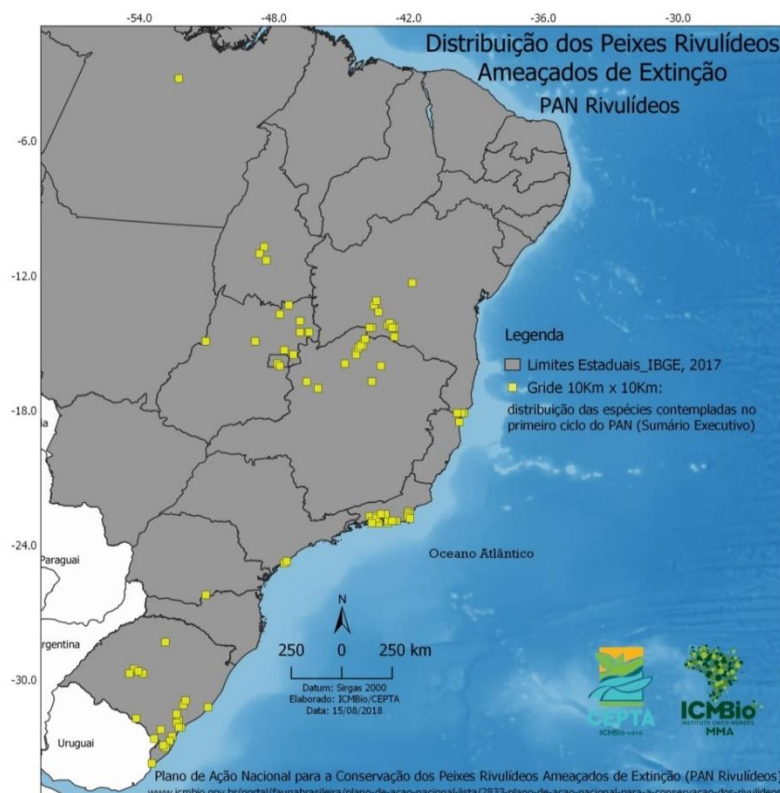


Figura 28 - Mapa de indicação de áreas consideradas prioritárias para a conservação de espécies de peixes-anaís (Rivulidae).

Fonte: PAN para a Conservação dos Rivulídeos, ICBio, MMA, 2018.

Na região, o barrigudinho (*Phalloceros harpagos* Lucinda, 2008) é uma das espécies mais comuns, preferindo poças rasas da margem dos alagados. Mas também registrou-se a espécie exótica e invasora *Poecilia reticulata* Peters, 1859. Os acarás (*Geophagus brasiliensis* Quoy & Gaimard, 1824) estão entre as maiores espécies locais, mas sofrem com a competição por recursos com a tilápia-do-nilo (*Oreochromis cf. niloticus* Linnaeus, 1758), espécie exótica introduzida na região, cujas populações crescem de forma acelerada, prejudicando a ictiofauna nativa. A maior espécie de peixe da região deva ser a traíra (*Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794)), que é um típico predador de água doce e pode atingir mais de 1 kg, preferindo viver oculta em águas mais escuras ou sob a vegetação paludosa. Não sabemos qual espécie de lambari ainda existam na região; a mais provável é o lambari-limão (*Hyphessobrycon bifasciatus* Ellis, 1911), que era encontrada na Barra da Tijuca, sendo um dos últimos registros onde está instalado o campo de golfe olímpico (PONTES, 2013). Um bagre comum nestes ambientes é o tamboatá (*Callichthys callichthys* Linnaeus, 1758).

Os estudos indicam que podem existir outras espécies na ictiofauna, além das citadas.

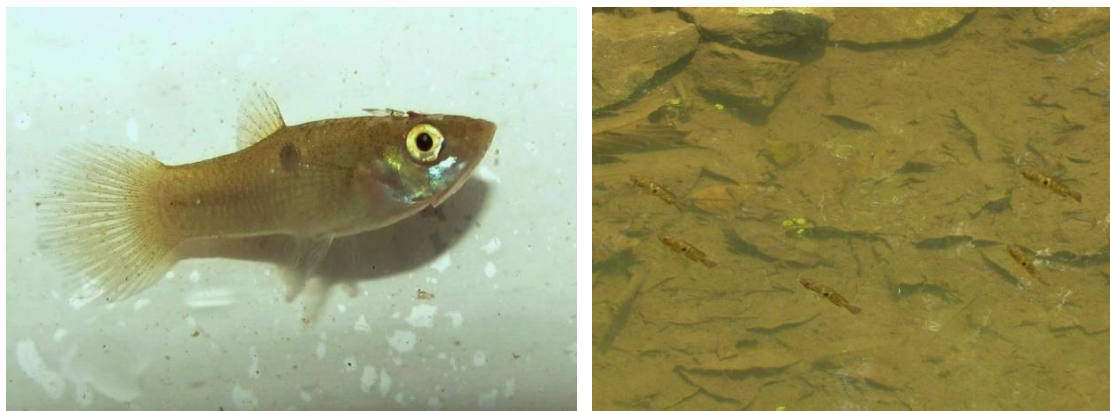


Figura 29 - *Phalloceros haspargos* Lucinda, 2008 (Poeciliidae) e grupo de *Geophagus brasiliensis* Quoy & Gaimard, 1824 (Cichlidae).
Fotos: Jorge A.L. Pontes, 2014

Entre as serpentes conhecidas, a jararacuçu-do-brejo (*Mastigodryas bifossatus* (Raddi, 1820)), há muito tempo não é coletada ou encontrada em inventários, muito provavelmente as populações estão desaparecendo no estado, especialmente no município. Isto reforça, por si só, a necessidade de proteção da região, pois os taboais são seu hábitat típico (conforme comunicação pessoal do pesquisador Anibal Melgarejo).

A única espécie de crocodiliano existente no município é o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris* (Daudin, 1801)), também ameaçada de extinção na lista municipal e estadual (ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1998; BERGALLO et al. 2000; DI-MAIO & SILVA, 2000), que ocorre na região com uma população em bom estado de saúde, pois vivem em um ambiente praticamente livre da poluição que prejudica outras, como no Complexo Lagunar de Marapendi (FREITAS-FILHO, 2015).

Os Testudines estão representados por três espécies: o jabuti-de-cabeça-vermelha (*Chelonoidis carbonarius* (Spix, 1824)), que pode estar extinto na região; o cágado-amarelo (*Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820)) e o cágado-de-barbicha (*Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812)). As duas primeiras espécies são ameaçadas segundo a lista municipal (DI-MAIO & SILVA, 2000), mas a segunda deve ser incluída em uma futura revisão, pois suas populações indicam ser muito reduzidas e sob uma forte ameaça por perda de hábitat.



Figura 30 - *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) e *Phrynops geoffroyanus* (Schweigger, 1812).
Fotos: Jorge A.L. Pontes, 2012 e 2014.

A avifauna é a mais bem conhecida, especialmente após a revisão e compilação de dados realizada por Mallet-Rodrigues e colaboradores (2008). É representada não só por espécies paludícolas, como os da família Anatidae, mas também por espécies migratórias, que utilizam a região durante suas rotas, como o bacurau-norte-americano (*Chordeiles minor* (Foster, 1771)) e a andorinha-de-bando (*Hirundo rustica* Linnaeus, 1758).

As formas de mamíferos conhecidas estão ligadas ao tipo de ambiente predominante na região, sendo as capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris* Linnaeus, 1766) ainda frequentes, em grandes grupos familiares. Aqui não estão incluídos os gatos e cães ferais que circulam pela região e causam danos a fauna nativa (LESSA & BERGALLO, 2012), além dos búfalos criados na localidade. Os predadores, em especial os felinos nativos, vagam por toda a região, pelo maciço da Pedra Branca e pelas trilhas locais.



Figura 31 - Bando de capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris* Linnaeus, 1766) na área de estudos.
Foto: Jorge A.L. Pontes, 2012.

Para elaboração da lista de invertebrados, praticamente não se dispõe de informações

consolidadas. Na região de estudo destacam-se a borboleta-da-praia (*P. ascanius*), espécie endêmica do estado do Rio de Janeiro e ameaçada de extinção nas listas municipal, estadual, nacional e internacional (ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1998; BERGALLO et al. 2000; DI-MAIO & SILVA, 2000; BRASIL, 2014b; IUCN, 2018), que depende de matas alagadiças onde cresce a planta alimento de sua lagarta, a jarrinha (*Aristolochia trilobata* L.). Outro grande destaque é a elevada riqueza de espécies de libélulas (Odonata), por causa de diferentes tipos de alagados. Muito provavelmente existem espécies ameaçadas de extinção na região, já que são indicadas por especialistas (BERGALLO et al. 2000; DI-MAIO & SILVA, 2000).

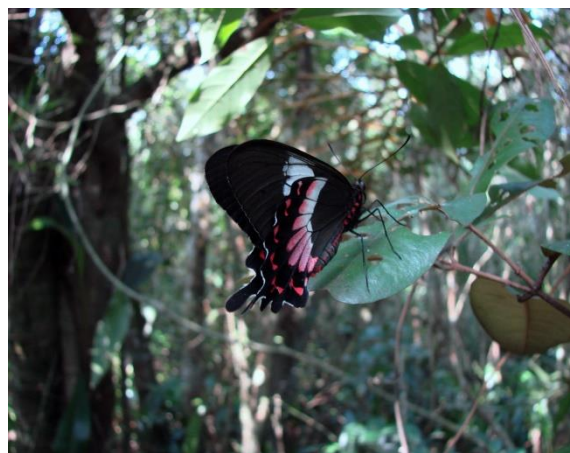


Figura 32 - Lagarta sobre jarrinha (*Aristolochia trilobata* L.) e forma adulta de borboleta-da-praia (*Parides ascanius* (Cramer, 1775)), espécie endêmica e ameaçada de extinção, ainda com uma população na região.

Fotos: Jorge A.L. Pontes, 2008 e 2017.

CAPITULO III - MEIO ANTRÓPICO

HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO

A ocupação da Baixada de Jacarepaguá se estruturou na forma de grandes sesmarias, fazendas e engenhos ao longo dos séculos XVI e XVII que foram sendo instalados nas planícies em função da topografia plana do terreno e da abundância de água. A sesmaria inicial de Mem de Sá foi sendo passada para seus herdeiros. No século XVII, existiam 6 engenhos na área: Camorim; N.^a Sr.^a dos Remédios; Engenho de Fora; Engenho da Taquara; Engenho D'água e Engenho da Serra. A região continuou sendo utilizada para atividades típicas de zona rural, abrigando plantações de café e a criação de gado e poupando a porção litorânea das terras por não serem adequadas para esse uso. No final do século XIX, as grandes propriedades começaram a ser divididas e parte das terras de Victoria de Sá e Benevides (descendente de Mem de Sá) foi doadas à Ordem dos Beneditinos em 1891 e mais tarde vendidas à Companhia Central de Jacarepaguá, que as repassou ao Banco de Crédito Móvel.



Figura 33 - Mapa do Município Neutro – Laemmert, 1870

Fonte: Biblioteca Digital do Senado.

A ocupação da Barra da Tijuca se intensificou nos anos de 1930 com a ocupação das Glebas A e B da Fazenda da Restinga e dos primeiros loteamentos da região: Tijucamar, Jardim Oceânico e Recreio dos Bandeirantes. Ao longo do século XX, a região da Baixada de Jacarepaguá ainda se configurou em área para futura expansão da cidade, com ocupação rarefeita e na região das Vargens, de caráter ainda agrícola.

Na década de 1930, a partir de observações no local e contato com os habitantes, Armando Magalhães Corrêa publica no jornal Correio da Manhã crônicas e ilustrações sobre a região que mais tarde foi denominada “O Sertão Carioca” no livro que as reuniu organizadas por Roquette Pinto. Magalhães Corrêa retratava as paisagens, sua natureza exuberante, os alagados e “campos extensos de Sernambetiba” e o modo de vida do povo remanescente na área que àquela época parecia distante do centro da cidade.

“O systema das aguas é interessante, pois formam ellas tres degrãos ou compartimentos: os Campos de Sernambetiba com o leito a 1m,50, o de Camorim, de 2 metros e o da Tijuca com três metros, distribuídas da seguinte maneira: a primeira agua doce, a segunda salobra e a terceira salgada, com a respectiva flora: juncal, tabual e mangal.”



Figura 34 - O Sertão Carioca

Fonte: Armando Magalhães Corrêa – O Sertão Carioca – 1936 – Imprensa Nacional



Matta Tropheila (alagado), Campos de Sernambetiba
Figura 35 - Campos de Sernambetiba
Os Sertão Carioca – Magalhães Corrêa –
1936 – Imprensa Nacional

Ainda na década de 1930, a cidade foi pensada pelo Plano Agache que apesar de propor transporte rápido fazendo a ligação do Centro com Santa Cruz, através da Baixada de Jacarepaguá, se deteve no Desenho Urbano das áreas já ocupadas da cidade.

Já o Plano Doxiadis, em 1965, influenciado pelo urbanismo modernista, propôs a reestruturação urbana para a área metropolitana do Rio de Janeiro. O Plano era baseado em consistente compilação de dados e definiu diretrizes para a organização territorial da cidade inteira e de estratégias para a gestão do território, definindo localização de atividades e uma malha viária como suporte do plano de desenvolvimento. Apesar da grande área destinada à Reserva Biológica de Jacarepaguá, a região das Vargens recebeu tratamento equivalente ao restante da cidade.

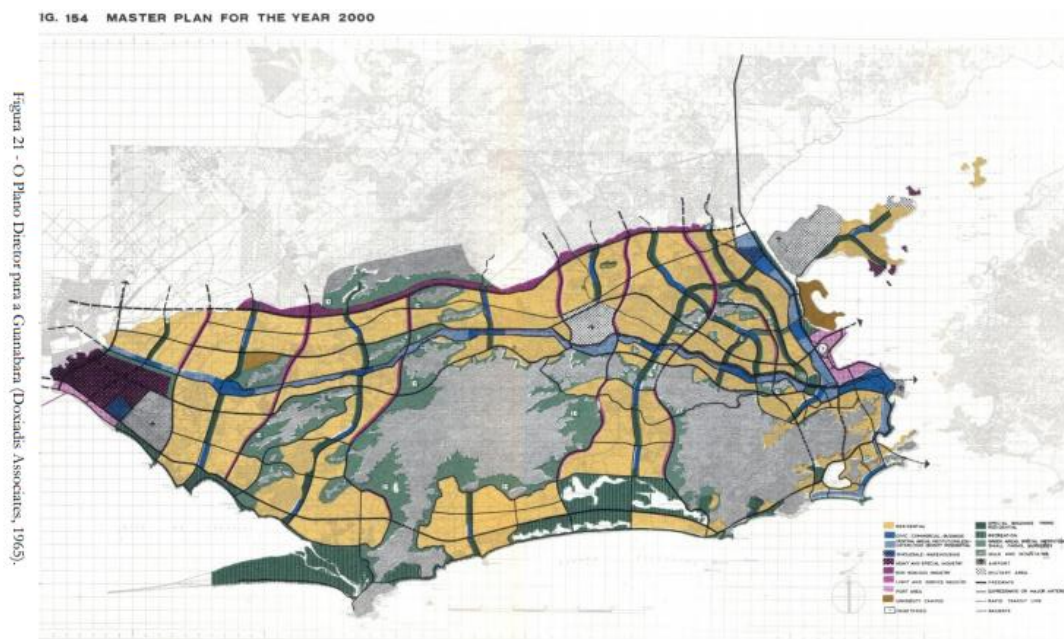


Figura 36 - Malha viária - Plano Doxiadis

No final da década de 1960, Francisco Negrão de Lima, então governador do Estado da Guanabara, encomendou ao arquiteto Lúcio Costa a elaboração de um Plano urbanístico, o Plano Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá. O objetivo era conciliar a expansão urbana e a preservação da natureza exuberante do local.

O Plano Piloto propôs a ocupação da Baixada de Jacarepaguá criando nova uma ligação entre as zonas norte e sul e estabelecendo um novo Centro Metropolitano com a intenção de criar um polo de serviços a nível estadual e reforçando a destinação para indústria pesada no oeste, em Santa Cruz.

“Durante muito tempo ainda, deixe-se a várzea tal como está, com o gado solto pastando. E só quando a urbanização da parte restante, da Barra a Sernambetiba, se adensar; quando a infraestrutura, organizada nas bases civilizadas e generosas que se impõem, existir, e a força viva da expansão o impuser, – aí então sim, terá chegado o momento de implantar o novo centro que, parceladamente embora, já deverá nascer na sua escala definitiva.”

Lúcio Costa reconheceu no Plano Piloto as características físicas especiais e a exuberância da paisagem natural. A tentativa de conciliar a ocupação com a preservação aparecem nas muitas áreas destinadas a parque e Reserva Biológica. O Plano Piloto

propôs ocupar a área do Recreio dos Bandeirantes de formas distintas entre o Canal das Taxas e a praia e entre o Canal das Taxas e a Avenida das Américas.

“Da mesma forma com o centro de Sernambetiba, que se deverá compor de duas partes, a primeira entre o canal das Taxas e a praia, apesar da turfa, a segunda constituída, possivelmente, não mais de torres, mas de edifícios de gabarito equivalente ao dos demais núcleos, entre o mesmo canal e a BR-101.”

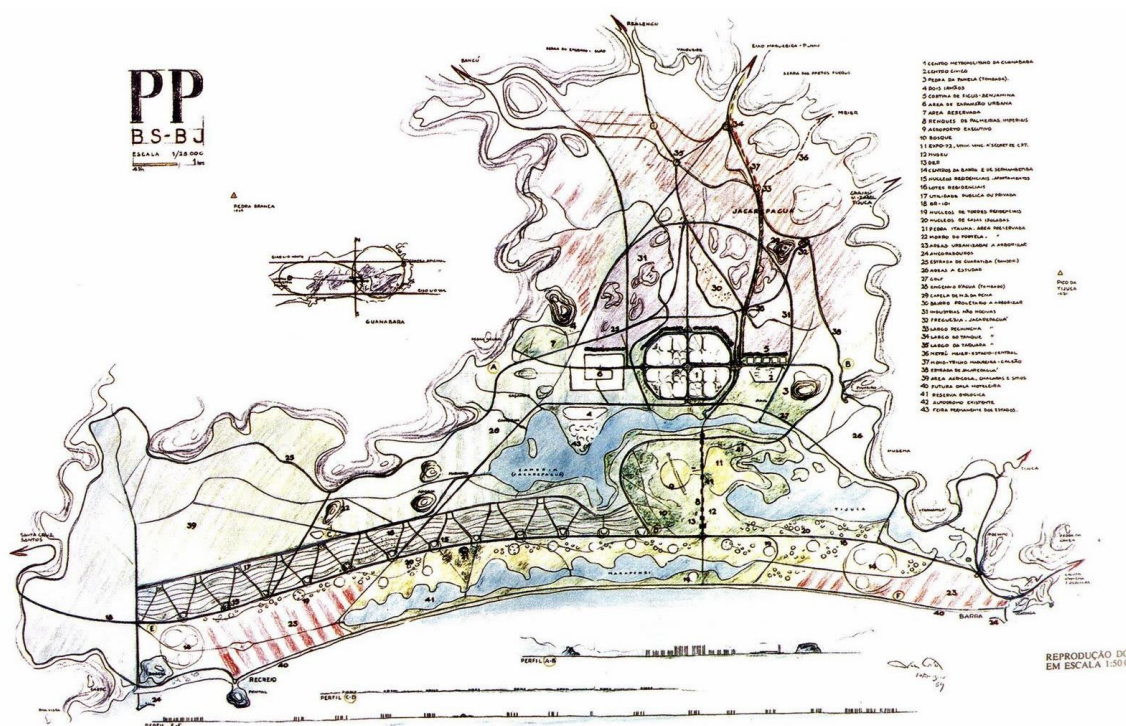


Figura 37 - Plano Piloto para a Baixada de Jacarepaguá – Lúcio Costa – 1965.

O Plano previa a implantação de ruas sinuosas entre a Avenida das Américas e o Canal do Cortado com a previsão de alguns núcleos com edificações de maior porte ao longo da Américas. Já para a área das Vargens, Camorim e Campos de Sernambetiba, o Plano Piloto planejava que fossem mantidas como “áreas de cultura, com sítios, granjas e chácaras”.

A construção do viaduto do Joá em 1969 incluiu a Baixada de Jacarepaguá definitivamente na rota da expansão imobiliária da cidade, porém, a região das Vargens se manteve intacta ainda por algum tempo.

Outro impulso importante para a intensificação da ocupação da Baixada de Jacarepaguá aconteceu em 1997 com a melhoria do acesso à área pela construção da Linha amarela.

O impulso mais recente de ocupação na Baixada de Jacarepaguá se deu pela

opção do poder público em localizar boa parte dos recintos e eventos das Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2016 na região. Foi feito um investimento grande em infraestrutura de transportes pelo Estado em suas três esferas e pela iniciativa privada para viabilização do evento. Novos empreendimentos habitacionais de renda média/alta foram construídos para abrigar os atletas, dirigentes e mídia durante os eventos, assim como algumas remoções foram feitas neste período.

A legislação urbanística refletiu ao longo do tempo a intenção do poder público frente à ocupação da área das Vargens, num modo de continuidade à expansão do restante do território municipal.

LEGISLAÇÃO URBANÍSTICA

O primeiro código de obras do município incluía a área de Vargens na Zona Rural e Agrícola. (Decreto 6000/1937). Esse caráter periurbano foi sendo substituído ao longo do tempo conforme a expansão da cidade se espalhava para a Zona Oeste (AP4 e AP5).

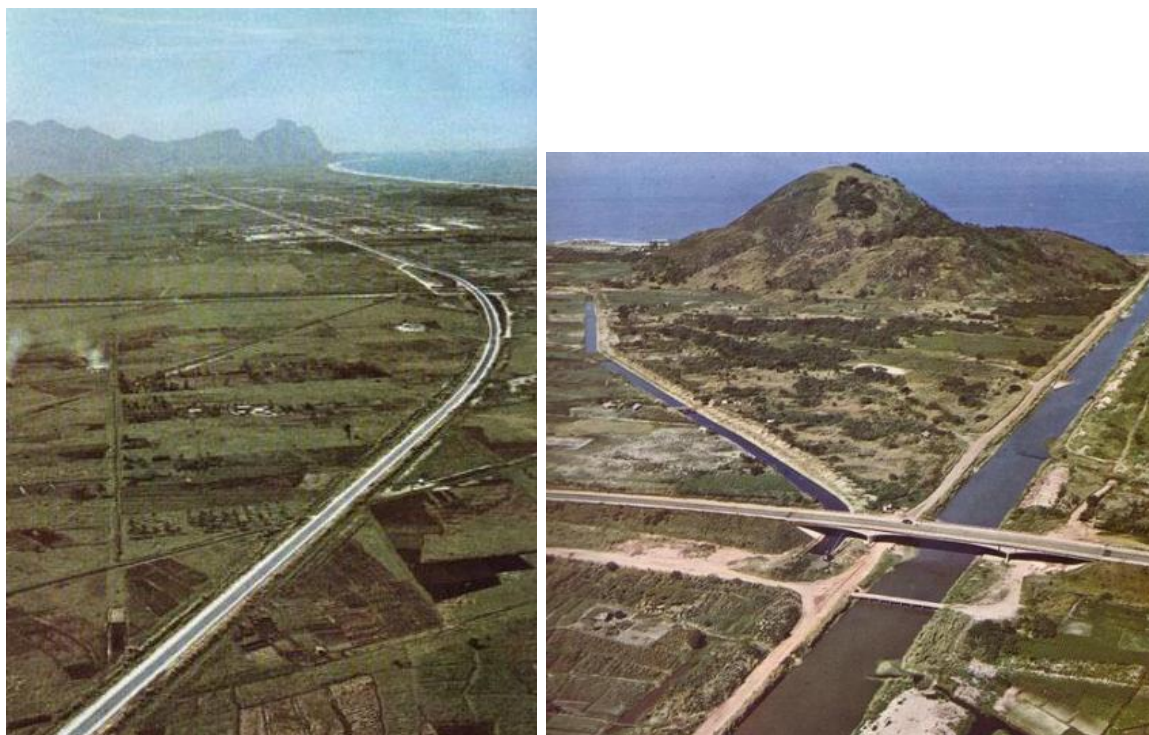


Figura 38 - Baixada de Jacarepaguá na década de 1960

Fonte: <https://peregrinomutante.wordpress.com/2012/03/08/barra-da-tijuca-primordios/>

O Decreto 3.046 de 1981 definiu parâmetros para as 46 subzonas da Baixada de

Jacarepaguá, para as quais estabeleceu condições de zoneamento, parcelamento da terra e edificações. O Decreto teve alterações em vários artigos ao longo dos anos.

Em 1985, o Decreto 5648 definiu áreas de interesse agrícola para fins de proteção, onde o PEU estabelecerá as condições de parcelamento, uso e ocupação dentro das regiões das Vargens.

A Lei Complementar 79/2006 propôs parâmetros construtivos altos e cobrança de outorga onerosa para ultrapassar esses parâmetros. O texto foi alterado pelos vereadores e o prefeito questionou a constitucionalidade da lei, tendo sido totalmente revogada.

Em 2009 foi aprovada a Lei Complementar 104/2009 – PEU Vargens propondo grande adensamento construtivo para as Vargens.

O Plano Diretor de 2011 havia definido a região das Vargens como integralmente inserida na Macrozona de Ocupação Condicionada. Esta Macrozona prevê que o “adensamento populacional, a intensidade construtiva e o incremento das atividades econômicas serão restringidos de acordo com a capacidade das redes de infraestrutura e subordinados à proteção ambiental e paisagística, podendo ser progressivamente ampliados com o aporte de recursos privados” (Lei Complementar 111/2011). Além disso, a área possui grandes trechos em áreas frágeis de encosta e de baixada (Art. 28) e Sítios de Relevante Interesse Paisagístico e Ambiental (Art. 117) sujeitas a condições especiais de ocupação, previsões legais que deveriam ter protegido algumas áreas das Vargens ao adensamento excessivo do PEU Vargens (já mencionado acima).

Em **04/11/2013** o **(Decreto Municipal 37.958/2013)**, transformou a região em Área de Especial Interesse Ambiental (AEIA)¹, suspendendo os licenciamentos por 180 dias. A área do Parque Olímpico, que fazia parte do PEU Vargens, ficou excluída da AEIA, “bem como todo e qualquer terreno, empreendimento, edificação, construção ou obra relacionada, direta ou indiretamente, aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016”.

Esta AEIA foi prorrogada em **05/05/2014** pelo **Decreto 38.647** e alterada em **13/4/2015** pelo **Decreto 39.984**.

O **Projeto de Lei Complementar 140/2015** com a proposta de novo PEU Vargens e Operação Urbana Consorciada para viabilizar os investimentos em infraestrutura foi

¹ As Áreas de Especial Interesse Ambiental – AEIA, (PLC111/2011; Art. 70, Inciso III) são aquelas destinadas à criação de Unidade de Conservação ou à Área de Proteção do Ambiente Cultural, visando à proteção do meio ambiente natural e cultural.

apresentado à Câmara dos Vereadores e permanece parado até hoje nas diversas Comissões para onde foi encaminhado.

A **Lei Complementar 160/2015** aprova a regularização de parcelamento do solo e das construções residenciais uni e bifamiliares nos bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena e Itanhangá, com parâmetros bastante diferentes dos vigentes para a área e para o restante da cidade. A regularização se dará mediante pagamento de contrapartida a ser depositada em conta específica destinada às obras de urbanização, infraestrutura e implantação de serviços públicos a serem executados pela prefeitura. A Lei Complementar 165/2016 prorroga o prazo de aplicação da LC 160/2015 e define a fórmula de cálculo da contrapartida.

Decreto 42.660, de **13/12/2016** - “cria” novamente a AEIA suspendendo os Licenciamentos por 180 dias, excetuando-se o licenciamento de edificações uni e bifamiliares, construção de muros e remembramento de lotes.

Decreto 43.374, de **30/06/2017** – Prorroga por mais 180 dias o prazo de suspensão de licenciamentos na AEIA excluídos os projetos com IAT igual ou inferior a 1,0, limitados aos parâmetros fixados no anexo V da LC 104/2009.

Decreto 44.203, de **05/01/2018** - Prorroga por mais 180 dias o prazo de suspensão dos licenciamentos da AEIA excluídos os projetos com IAT igual ou inferior a 1,0, limitados aos parâmetros fixados no Anexo V da LC 104/2009 e exclui da suspensão além das exclusões anteriores, os projetos de parcelamento cujo lote mínimo for igual ou superior a 600 m². O **Decreto 44.704** de **5/7/2018** – Prorroga por mais 180 dias o prazo do Decreto 44.203.

Em 2018, a Câmara Municipal aprovou a Lei Complementar 188 de 11/05/2018, estendendo a regularização da LC 160/2015 e da LC 161/2015 para toda a cidade com exceção das AP 1 e AP 2, ampliando os usos abrangidos, isentando os requerentes da necessidade de análise prévia do Órgão Gestor Ambiental e flexibilizando a documentação comprobatória de propriedade do imóvel onde se situa a regularização.

O recente **Decreto 44.966**, de **27/08/2018** altera o Decreto 42.660/2016 incluindo na lista de exceções às suspensões de licenciamento, os empreendimentos residenciais de interesse social vinculados ao Programa Minha Casa Minha Vida, aplicando a eles os IATs previstos no PEU Vargens (PLC 104/2009).

Figura 39 - Legislação para a área das Vargens em ordem cronológica.



2018

Decreto 42.660/2016 de 13/12/2016 – “**cria**” novamente a AEIA, excluindo uni e bifamiliares/muro e remembramento.

Decreto 43.374/2017 de 30/06/2017 – **prorroga** a AEIA incluindo na exclusão da suspensão os projetos com IAT igual ou inferior a 1 limitados aos parâmetros da LC 104/2009 (Coluna I, Anexo V).

Decreto 44.203/2018 – 05/01/2018 - **Prorroga** a AEIA por mais 180 dias o Prazo de congelamento de licenciamento da AEIA excluídos os projetos com IAT igual ou inferior a 1,0, limitados aos parâmetros fixados no Anexo V da LC 104/2009 e exclui da suspensão além das exclusões anteriores, os projetos de parcelamento cujo lote mínimo for igual ou superior a 600 m².

Decreto 44.704/2018 – 5/7/2018 – **Prorroga** a AEIA por mais 180 dias o prazo do Decreto 44.203 de 05/01/2018, excluindo os os projetos com IAT igual ou inferior a 1,0, limitados aos parâmetros fixados no Anexo V da LC 104/2009 e excluindo também os projetos de loteamento limitados Às dimensões fixadas para o lote mínimo (Coluna I, Anexo V, LC 104/2009).

Lei Complementar 188 de 11/05/2018, estende a regularização da LC 160/2015 e da LC 161/2015 para toda a cidade com exceção das AP 1 e AP 2 e ampliando os usos abrangidos, isentando os requerentes da necessidade de análise prévia do Órgão Gestor Ambiental e flexibilizando a documentação comprobatória de propriedade do imóvel onde se situa a regularização.

ZONEAMENTO URBANO

O Decreto 3046/81 que vigora ainda para grande parte da Baixada de Jacarepaguá previa para algumas das subzonas que integram a área das Vargens, que fossem não edificandi ou “não passíveis de aproveitamento a qualquer título por parcelamento ou edificação.” São as subzonas A16, setores B e C; A30 setor A (tombamento dos Morros do Portela e do Urubu); A 31 setor A (tombamento do Morro do Cantagalo) e A32 (tombamento do Morro do Amorim), enquanto que nas demais subzonas dos bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim previa o parcelamento em lotes de dimensões generosas com baixas taxas de ocupação e gabaritos de dois pavimentos, gerando baixa densidade de ocupação.

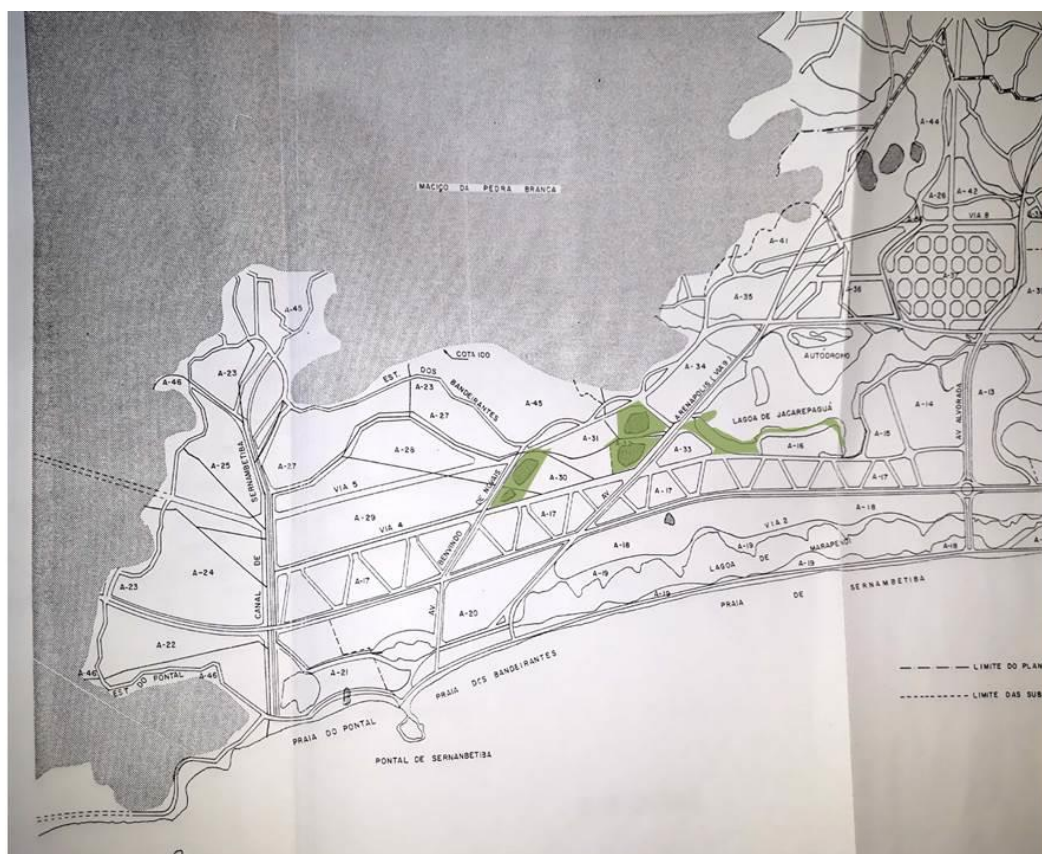


Figura 40 - Subzonas não edificandi do Decreto 3046/81

O Relatório da SMU para revisão do Plano Diretor Decenal da Cidade (2006) apontava as fragilidades ambientais da área das Vargens e Guaratiba propondo a criação de uma Macrozona Condicionada, “onde o adensamento populacional e a intensidade construtiva deviam ser restringidos de acordo com a capacidade das redes de infraestrutura e subordinados à proteção ambiental e paisagística”, devendo os índices permanecer baixos. O documento citado recomendava a manutenção dos índices de aproveitamento máximo definidos no Plano Diretor de 1992, que variavam entre 1 e 1,5.

Apesar dos indicativos da SMU, a Lei Complementar 104/2009 (PEU Vargens) projetou um aumento de densidade de 300% em comparação com o Decreto 3046/1981 propondo a densidade que chega a 579 habitantes por hectare (Diagnóstico para Revisão da Lei Complementar 104/09 – 2015 - SMU).

Ainda assim, em 2011, o Plano Diretor (LC 111) incluiu a região na Macrozona de Ocupação Condicionada.

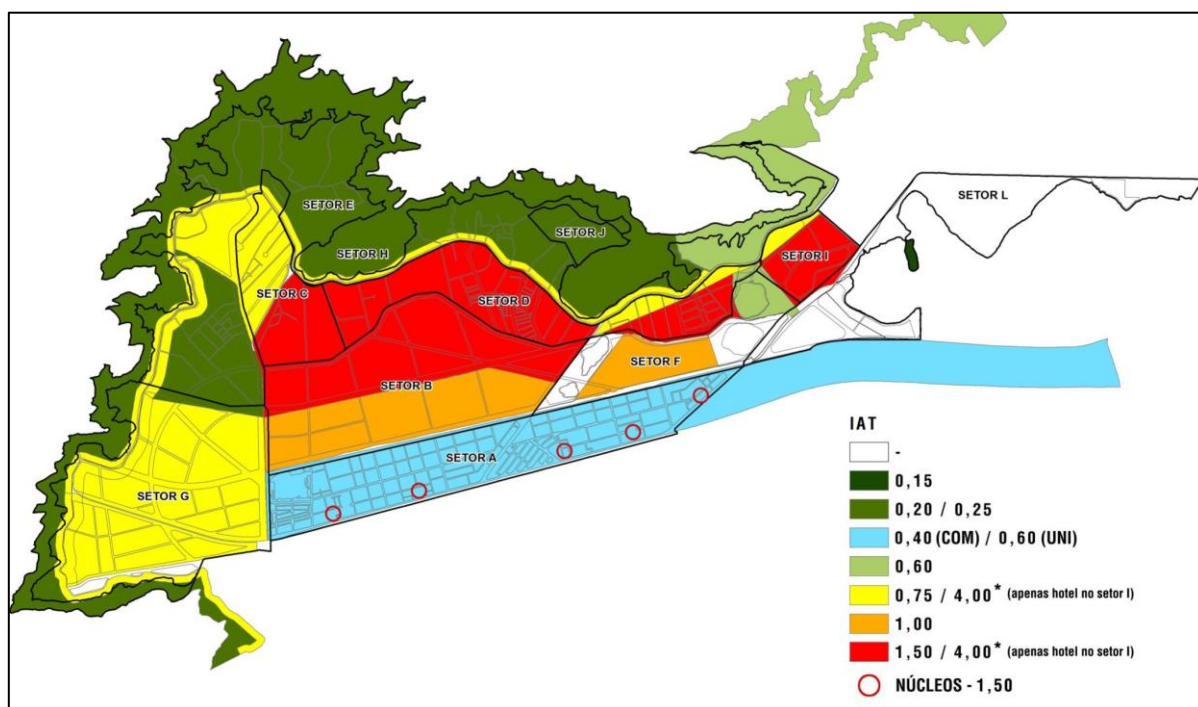


Figura 41 - Índice de Aproveitamento de Terreno pelo Decreto 3046/81. Fonte: Apresentação da Audiência Pública – SMU – GPL4

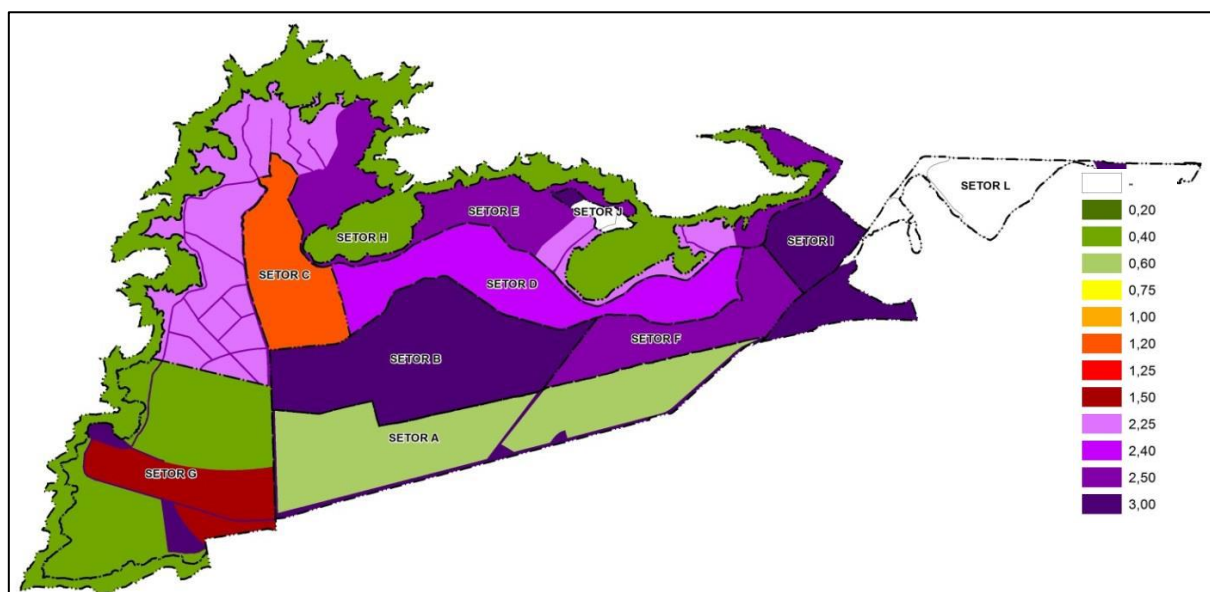


Figura 42 - Índice de Aproveitamento de Terreno no PEU Vargens. Fonte: Apresentação da Audiência Pública – SMU – GPL4

O PEU Vargens propôs a divisão da área em setores, com índices e usos diversos para cada setor. Foram propostos parâmetros básicos altos e aumento desses parâmetros pelo pagamento de contrapartida, aumentando de forma considerável as densidades e interferindo nas taxas de ocupação e permeabilidade (CARDEMAN, 2014). A comparação dos Índices de Aproveitamento de Terreno previstos no Decreto 3046/81 e dos índices propostos pelo PEU Vargens (LC 104/09) demonstram o aumento da

densidade construtiva, inclusive com índice de 3,00 em áreas que o Dec. 3046/81 previa como áreas não edificandi.

Contraditoriamente, o PEU Vargens defende no ART. 6º que as fragilidades ambientais serão respeitadas, citando o Código Florestal, as áreas de turfa, áreas sujeitas à inundação e áreas de brejo, porém essas diretrizes não se efetivam ao longo do texto da lei. Por exemplo, muitas das vias projetadas (PAAs) se constituem em avenidas canal, em contradição com as APPs do Novo Código florestal (Lei 12.651/2012 - Art. 36). Quanto à permeabilidade do solo propõe taxas de permeabilidade variadas, passeio com área permeável e áreas de reserva de arborização nos lotes, assim como reservatório de acumulação para águas pluviais. O PEU permite subsolos, numa região com grandes áreas de solo orgânico e com lençol freático aflorado.

A pedido do Ministério Público Estadual, o Núcleo de Estudos de Meio Ambiente da PUC (NAME 2010) estudou o impacto da nova legislação do PEU a partir da simulação de cenários com as densidades propostas. Os valores de densidade seriam bastante altos em alguns dos setores do PEU, como por exemplo, o setor A.

O estudo conclui que o PEU Vargens é um modelo de expansão espraiada da cidade e onde os parâmetros apontam para um modelo de ocupação que trará risco potencial às condições ambientais da área e demandará maiores orçamentos para reverter os prováveis danos ambientais gerados. Sob o ponto de vista do mercado imobiliário, também demandará altos gastos em função da condição de solo em vários setores propostos.

Os gabaritos propostos também são bastante mais altos que os previstos no Decreto 3046/1981, não levando em consideração a riqueza ambiental e paisagística do local.

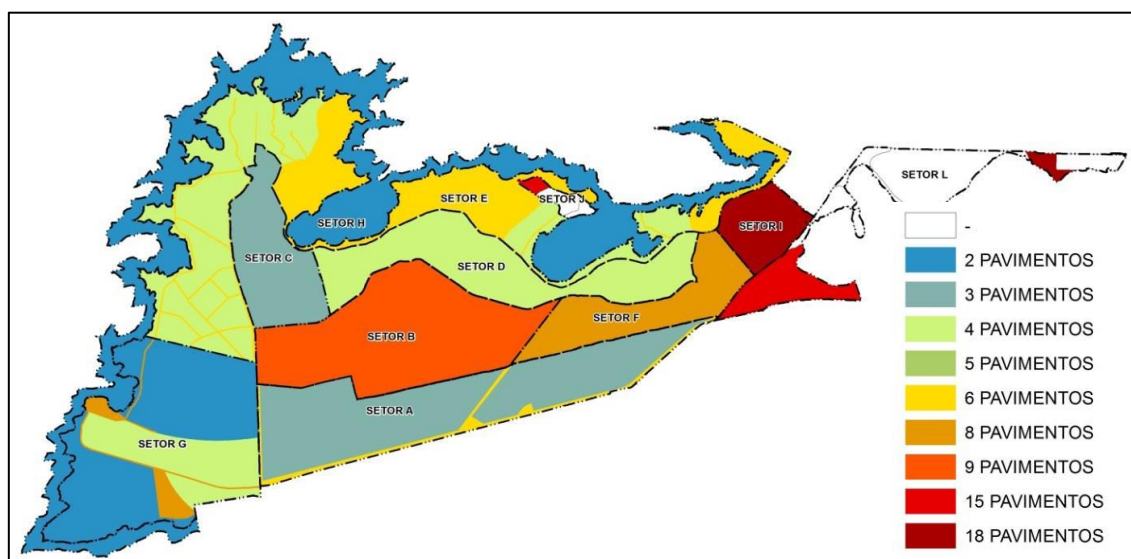


Figura 43 Gabaritos no PEU Vargens.
Fonte: Apresentação da Audiência Pública – SMU – GPL4

O Diagnóstico para Revisão da Lei Complementar 104/09 (SMU, 2015), que embasou o Projeto de Lei Complementar 140/2015 (em tramitação na Câmara Municipal) recomenda para a revisão do PEU Vargens, entre outras, a manutenção de “áreas naturais para garantir a integridade ambiental dos últimos remanescentes de área brejosa, garantindo também a preservação do sistema hidrológico da região e das unidades de conservação existentes no entorno (Parque Estadual da Pedra Branca, Parque Natural Municipal Chico Mendes, APA das Tabebuias, Parque Natural Municipal de Marapendi, além dos morros tombados e das áreas de preservação permanentes – APP) e que se estabeleçam “parâmetros urbanísticos compatíveis com a fragilidade ambiental da área e a relevância de sua paisagem”.

SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

Não há ainda uma caracterização fundiária da área. Este estudo deverá ser feito para embasar as ações de planejamento e consolidação das Unidades de Conservação propostas.

A Reportagem do Jornal do Brasil em 1981 (Os Donos da Terra) indicava que a maior parte das terras da Baixada de Jacarepaguá pertenciam a quatro proprietários, Carlos Carvalho (Carvalho Hosken), Empresa Saneadora Territorial Agrícola (ESTA S.A.), Pasquale Mauro e Múcio Athayde, sendo que a região das Vargens concentrada entre propriedades de Carlos Carvalho e do espólio de Pasquale Mauro.

Terrenos de marinha, acrescidos de marinha e de mangues são, em princípio de

propriedade da União e margens de cursos d'água se caracterizam como bem comum de propriedade do município.



Figura 44 - Grandes proprietários na Baixada de Jacarepaguá
Fonte: Jornal do Brasil, 1981

Grandes Projetos de Loteamento na região central dos Campos de Sernambetiba não foram implantados.



Figura 45 - Principais PALs na região das Vargens
Fonte: SMU

OCUPAÇÃO IRREGULARES

As informações sobre ocupações irregulares foram pesquisadas nos Bancos de dados da Prefeitura disponibilizados no Portal Data.Rio (acesso em setembro de 2018). Dentro da área delimitada para o presente estudo, encontram-se o total de 41 Favelas. A população estimada pelos dados do Censo 2010 é de cerca de 31.000 habitantes. Os dados do Sabren indicam que 19 dessas Favelas eram classificadas em menos de 100 domicílios; 3 delas com mais de 500 domicílios; 16 delas entre 101 e 500 domicílios e 2 sem informação.

Quanto aos loteamentos irregulares, os dados foram coletados no Diagnóstico para Revisão da Lei Complementar 104/09, de 2015 e indicam a existência de 60 loteamentos nesta categoria. Cabe ressaltar que muitos estão procedendo a sua regularização à luz da LC 160/2015 e LC 188/2018, portanto este número pode estar desatualizado.

Algumas dessas favelas e loteamento irregulares se localizam em áreas inadequadas e impedidas à ocupação humana como, nas APPs dos canais da região. Existem ainda algumas favelas na Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Pedra Branca e no entorno de Bens Tombados pelo INEPAC.

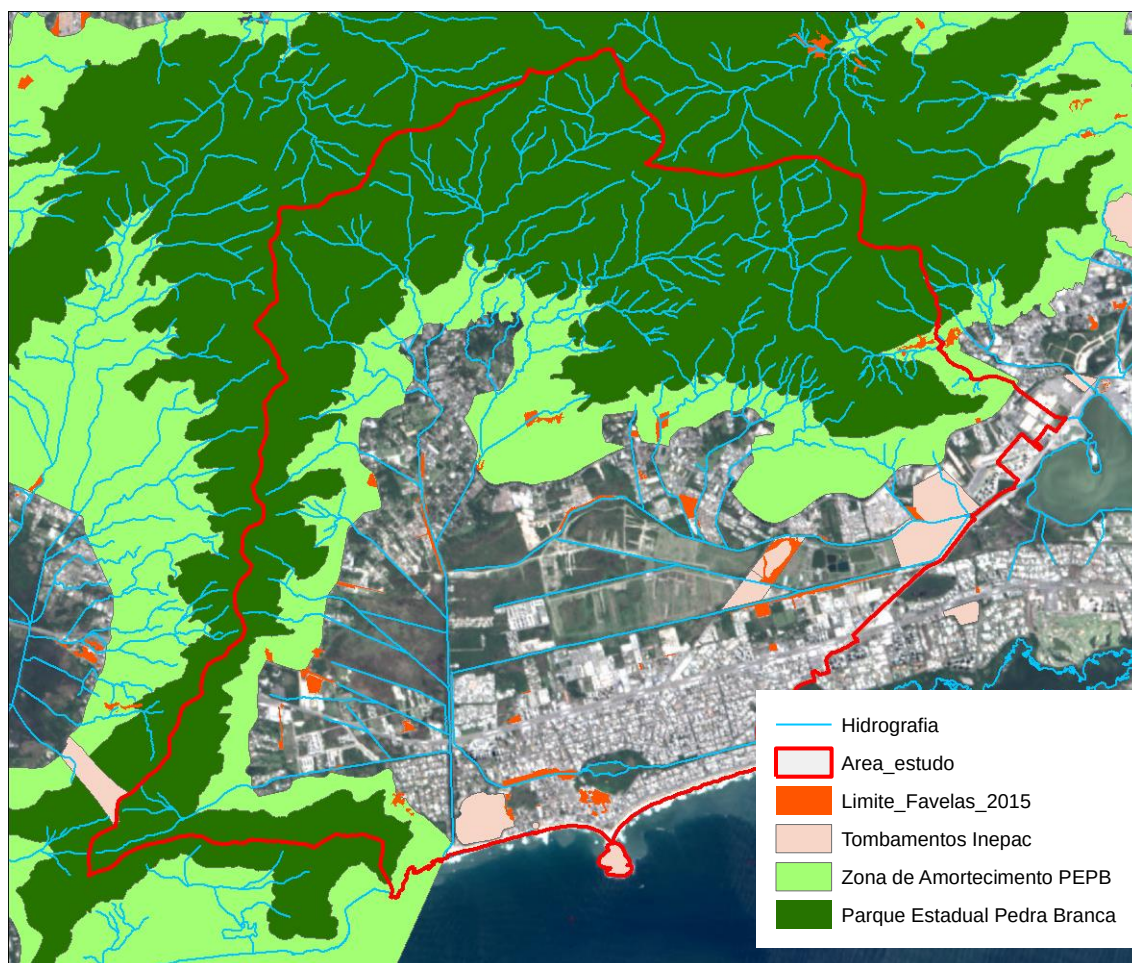


Figura 46- Favelas na Área de Estudo
Fonte: IPP/ Data.Rio

Tabela 7 - Favelas na Área de Estudo e sua população estimada

Nome	Pop SABREN	Fonte
A.M. do Rio Bonito	632	IBGE - Censo Demográfico 2010
A.M. e Amigos do Fontela	1652	IBGE - Censo Demográfico 2010
Avenida dos Eucaliptos, 28	119	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Avenida Guiomar Novaes	119	IBGE - Censo Demográfico 2010
Beira do Canal	1233	IBGE - Censo Demográfico 2010
Bosque Mont Serrat	1689	IBGE - Censo Demográfico 2010
Cachorro Sentado	467	IBGE - Censo Demográfico 2010
Caeté	124	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Caminho do Bicho	0	
Caminho do Marinho	936	IBGE - Censo Demográfico 2010
Canal das Tachas	4562	IBGE - Censo Demográfico 2010
Canal do Cortado	5120	IBGE - Censo Demográfico 2010
Cascatinha	1161	IBGE - Censo Demográfico 2010
Comunidade Bandeirantes	260	IBGE - Censo Demográfico 2010
Comunidade Luz Divina	118	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Comunidade Novo Lar	274	IBGE - Censo Demográfico 2010
Comunidade Solar da Montanha de Jacarepaguá	221	IBGE - Censo Demográfico 2010
Da Curva	83	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Estrada do Pontal (Caité)	138	IBGE - Censo Demográfico 2010
Estrada do Pontal, nº 3.561	43	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Estrada dos Bandeirantes, nº 29.192	120	IBGE - Censo Demográfico 2010
Grota Funda	130	IBGE - Censo Demográfico 2010
Hélio Oiticica	180	IBGE - Censo Demográfico 2010
Morro do Camorim	0	
Palmares	1224	IBGE - Censo Demográfico 2010
Parque Chico Mendes	3387	IBGE - Censo Demográfico 2010
Restinga	621	IBGE - Censo Demográfico 2010
Rio Morto	1198	IBGE - Censo Demográfico 2010
Rua 8W, 500	474	IBGE - Censo Demográfico 2010
Rua Paulo Roberto Matheus, Lote 7	75	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Rua Zenitides Alves Meira, nº L33	35	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Santa Luzia	932	IBGE - Censo Demográfico 2010
Servidão D	20	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Vila Amizade	1424	IBGE - Censo Demográfico 2010
Vila dos Crentes	614	IBGE - Censo Demográfico 2010
Vila Doutor Crespo	220	IBGE - Censo Demográfico 2010
Vila Nova (RA - Barra da Tijuca)	141	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010
Vila Taboinha	476	IBGE - Censo Demográfico 2010
Vista Alegre do Recreio	689	IBGE - Censo Demográfico 2010
Vista da Pedra	100	IPP com base em IBGE - Censo Demográfico 2010

Fonte: IPP. Data.Rio

Tabela 8 - Loteamentos Irregulares na Área de Estudo

Loteamento	Endereço	Localização	PAL
Condomínio Sem Nome	Rua Agapanto 36 casa 03	Vargem Grande	
Associação dos Moradores da Vivenda dos Guimarães	Estrada da Boca do Mato, Lt46	Vargem Grande	
Cond. B. das Palmeiras	Estrada dos Bandeirantes, n. 24428	Vargem Grande	
Condomínio Sem Nome	Estrada dos Bandeirantes	Vargem Grande	Lt10/PAL 22544
Condomínio Montserrat	Estrada dos Bandeirantes, n. 16171	Vargem Pequena	
Melrose	Estrada dos Bandeirantes, n. 27629	Vargem Pequena	
Paraíso Classe A	Estrada dos Bandeirantes, n. 14000	Vargem Pequena	
Vitoria Park	Rua do Cascalho, Lt15	Vargem Grande	Lt15/Qd4/PAL20489
Res. Tulipa Amarela	Estrada Frei Martinho, Lote 2	Vargem Pequena	PAL 45535
Cond. Bosque do Saguí	Rua João Marques	Vargem Pequena	PAL 21352

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Cadengo, Lt 21			
Cond. Palm Green	Rua João Marques Cadengo, Lt20	Vargem Pequena	PAL21359
Cond. Vale do Sol	Rua João Marques Cadengo, Lt17 A/B	Vargem Pequena	
Vale dos Arcanjos	Rua José Leite Lopes, Lt12	Vargem Pequena	Lt12/Qd4/PAL20489
Res. dos Buritis	Rua Luiz Eduardo Lobo, n. 289	Vargem Pequena	
Res. Cabanas da Floresta	Estrada Antonio Barbosa 655	Vargem Pequena	
Cond. Village do Maciço	Estrada da Boca do Mato, n. 111	Vargem Pequena	
Cond. Bosque do Recreio	Daniel Barreto dos Santos, n. 16	Vargem Pequena	
Cond. Pedra do Recreio III	Daniel Barreto dos Santos, n. 15	Vargem Pequena	
Cond. Recreio Rural	Rua Elísio de Araujo	Vargem Pequena	PAL18873
Cond. Pedra do Recreio II	Daniel Barreto dos Santos, n. 13	Vargem Pequena	
Cond. Terra Nostra	Rua Cyro Aranha, n. 20	Vargem Pequena	
Residencial Flamboyant	Rua Célio Fernandes dos Santos Silva, Lt10	Vargem Pequena	Lt10/PAL17579
Sunflower	Rua Elisio de Araujo, n. 347	Vargem Pequena	
Condomínio Renascer I	Rua Paulo José Mahfud, n. 24	Vargem Pequena	
Condomínio Renascer II	Rua Paulo José Mahfud, n. 26	Vargem Pequena	PAL 45354
Condomínio Sem Nome	Rua Paulo José Mahfud, Lt22	Vargem Pequena	Lt22/Qd3/PAL14364
Condomínio Sem Nome	Rua Paulo José Mahfud, Lt 2	Vargem Pequena	PAL 45354
Condomínio Sem Nome	Rua Paulo José Mahfud, Lt 32	Vargem Pequena	PAL 45354
Vivendas em Sossego	Rua Paulo José Mahfud, n. 20	Vargem Pequena	
Cond. Serenidade	Rua Cyro Aranha, n. 21	Vargem Pequena	
Cond. Quinta da Augusta	Estrada do Sacarrão, n. 1219	Vargem Pequena	
Cond. Pedra Bonita	Rua Silvio Elia	Vargem Pequena	
Condomínio Sem Nome	Rua Wellington Jones Paiva, n. 170	Vargem Pequena	Lt20/PAL 26926
Cond. Mãe Terra	Estrada do Morgado, n. 811	Vargem Grande	
Condomínio Sem Nome	Rua Morgado, n. 900	Vargem Grande	
Cond. Fazendinha	Rua Mucuíba, n. 1955	Vargem Grande	
Vale do Mucuíba	Estrada do Mucuíba, n. 948	Vargem Grande	
Cond.das Palmeiras	Caminho Público, Lt9/10	Vargem Grande	Lt9/10/PAL17112
Vale dos Hibiscos	Rua Cleanto Paiva Leite	Vargem Grande	PAL20489
Cond.Jd.Cascalho	Rua do Cascalho, Lt14	Vargem Grande	Lt14/Qd3/PAL20489
Res.Morada da Serra	Rua do Cascalho, Lt19	Vargem Grande	Lt19/Qd1/PAL20489
Sítio Parque Verde	Rua do Cascalho, Lt4	Vargem Grande	Lt4/Qd8/PAL20489
Green Valley	Caminho da Cachoeira, Sítio 807	Vargem Grande	PLT 5035470
Atlântico Sul	Estrada da Boca do Mato, n. 716	Vargem Grande	
Vivendas de Vargem	Praça Vargem Grande -Rua	Vargem Grande	Lt12/Qd3/PAL20489

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Grande	Manhuaçu, n. Lt12		
Jardim Itauna	Rua Lagoa Bonita, n. 100	Vargem Grande	
Condomínio Mirante	Estrada do Sacarrão, n. 869	Vargem Grande	
Cond. Portinari	Rua Santa América, n. 727	Vargem Grande	
Cond. Serra Dourada	Rua Serra Dourada	Vargem Grande	
Paraíso Verde	Rua Serra Dourada, n. 359	Vargem Grande	
Cond. Brisa do Sol	Estrada Alceu de Cavalho, Lt3	Vargem Grande	Lt3/QdB/PLT5155
Cond. Planície do Recreio	Estrada Verador Alceu de Carvalho, n. 2881	Vargem Grande	
Cond. Imperial	Via Serviente 2, Lt30	Vargem Grande	Lt30/Qd01/PAL20489
Cond. New Green	Via Serviente 4, Lt13	Vargem Grande	Lt13/Qd4/PAL20489
Cond. Quality II	Via Serviente 7, Lt8	Vargem Grande	Lt8/Qd7/PAL20489
Cond. Ouro Verde	Rua Zenitildes Alves Meira, Lt9	Recreio	Lt9/Qd3/PAL20489
Res. Vento Leste	Rua Zenitildes Alves Meira, Lt6	Recreio	Lt6/Qd3/PAL20489
Associação de Moradores do Cond. Dom Joaquim	Estrada Pontal 646	Recreio	
Condomínio Sem Nome	Rua Doutor Crespo, n. 174	Recreio	
Res. Alamedas do Pontal	Estrada dos Bandeirantes, n. 1951	Recreio	

Fonte: PEU Vargens – Diagnóstico para Revisão da Lei Complementar 104/09 – 2015, SMU.

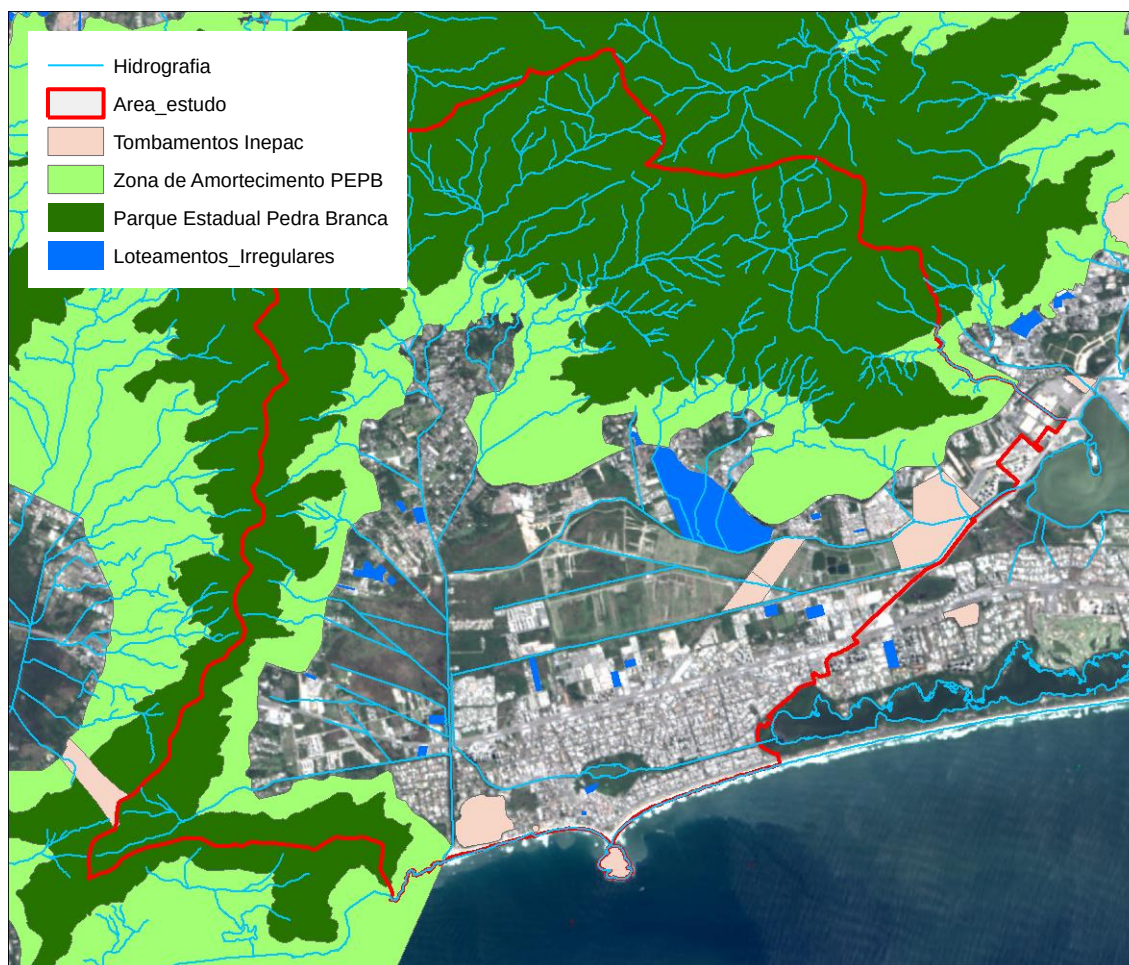


Figura 47 - Loteamentos Irregulares na Área de Estudo

Fonte: IPP – Data.Rio

ÁREAS DE ESPECIAL INTERESSE SOCIAL (AEIS)

O Diagnóstico Urbano-Ambiental da Cidade do Rio de Janeiro – 2015 define que “a declaração de AEIS possibilita o reconhecimento pelo município das localidades caracterizadas pela informalidade na ocupação do solo, onde deverão ser regulamentados os parâmetros urbanísticos e edifícios” e deste modo passa a ser possível a incorporação desta área na malha formal de arruamentos existente. Na regulamentação das AEIS e na definição das normas urbanísticas são consideradas as situações de risco e fragilidade ambiental, assim como áreas impróprias à ocupação, como as áreas de preservação permanente (APP) de margem de rios ou canais. (Diagnóstico Urbano-Ambiental da Cidade do Rio de Janeiro – 2015).

Segundo o Diagnóstico, a Área de Planejamento 5 - AP5 é a com maior número de AEIS declaradas em um total de 454. Na área de estudo, algumas AEIS se localizam em APP de margem de rios, na Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Pedra Branca ou no interior de polígonos de tombamento do INEPAC.

As AEIS listadas constam na base de dados da prefeitura (DATA.RIO), acesso em setembro/2018. Além dessas, o LC 104/09 - PEU Vargens declarou 29 comunidades AEIS sem definir suas delimitações.

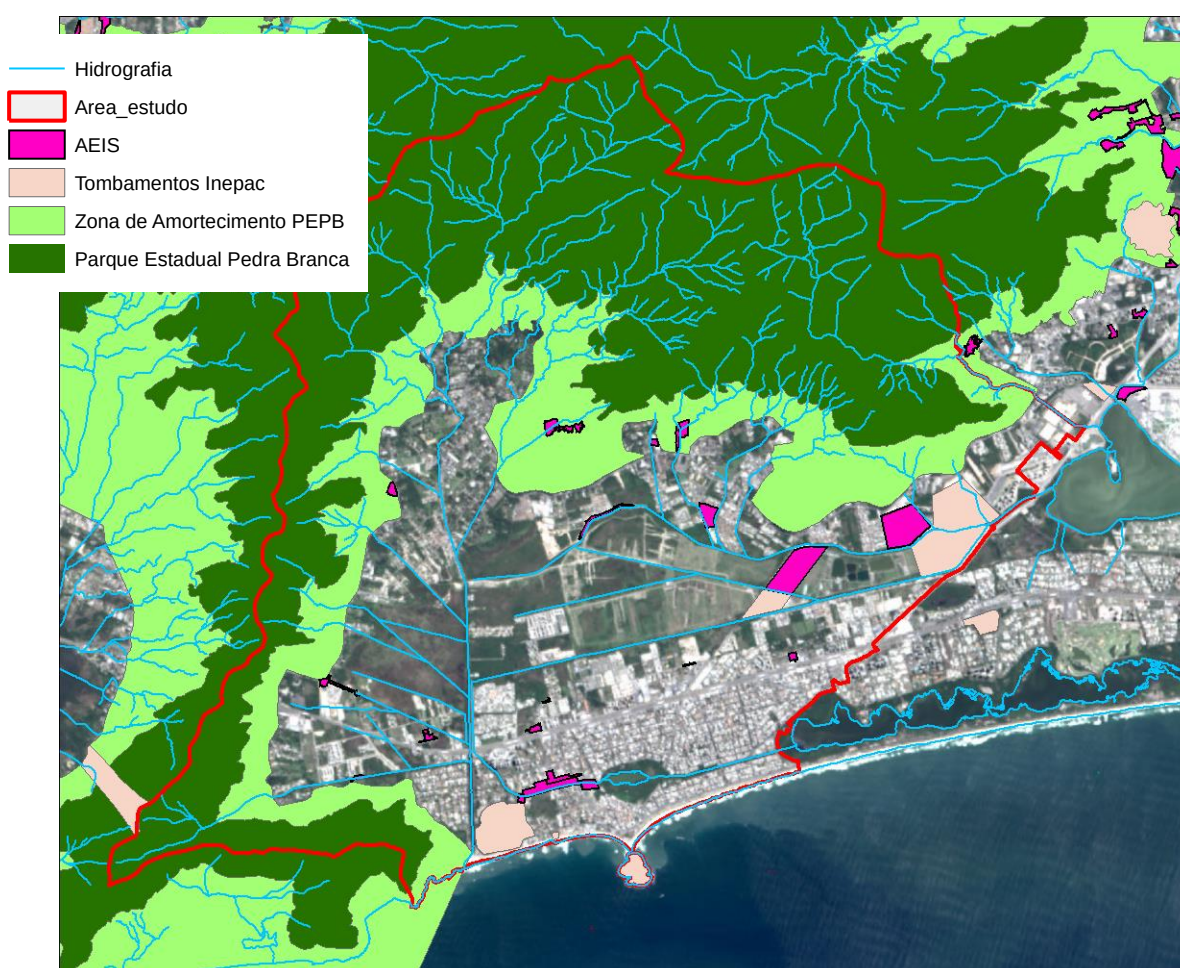


Figura 48 - Área de Especial Interesse Social na Área de Estudo

Fonte: IPP – Data. Rio

Tabela 9 - Áreas de Especial Interesse Social na Área de Estudo

DENOM AEB	NUM LE	DATA LE
Vila Amizade / Canal das Taxas (Polígono A)	5759	16/06/2014
Vila Amizade / Canal das Taxas	5759	16/06/2014
Comunidade Fontella	5021	13/05/2009
Quatorze (Vista Alegre do Recreio)	LC104	27/11/2009
Novo Palmares	LC104	27/11/2009
Vila Nova	LC104	27/11/2009
Dr. Crespo	LC104	27/11/2009
Restinga	LC104	27/11/2009
Novo Lar	LC104	27/11/2009
Caeté	LC104	27/11/2009
Rio Bonito	LC104	27/11/2009
Bandeirantes	LC104	27/11/2009
Cascatinha	LC104	27/11/2009
Santa Luzia	LC104	27/11/2009
Hélio Oiticica	LC104	27/11/2009
Bosque Monte Serrat	LC104	27/11/2009
Novo Horizonte	2616	16/01/1998

Fonte IPP. DATA.RIO

As características de fragilidade ambiental da área de estudos e as questões ambientais gerados pela ocupação informal tanto de favelas como de loteamentos irregulares, que não sejam servidos por infra-estrutura de saneamento, abastecimento d'água ou coleta de resíduos sólidos, devem ser consideradas na criação da UC foco do presente estudo. A solução das questões deve passar por ações de cunho social e ambiental, compatibilizando a questão habitacional com os objetivos de conservação trazendo qualidade de vida para a população local em atendimento ao meio ambiente equilibrado preconizado pela Constituição.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

A área de estudo insere-se na Área de Planejamento 4 (AP-4), parte da Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro. A Região Administrativa (RA) que a compõe representa uma porção da AP-4, constituída pela RA da Barra da Tijuca. Os bairros do entorno da área de estudo que fazem parte desta RA, são: Camorim, Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Vargem Pequena.

A Região Administrativa da Barra da Tijuca possuía uma população residente de 174.353 habitantes em 2000, tendo chegado a 300.823 habitantes em 2010, representando um incremento de (72,5%). Na área de estudo, que inclui os bairros de Camorim, Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Vargem Pequena, a população residente total é de 125.499 habitantes, distribuída por 93,3 km² e a densidade demográfica bruta é de 1.345 hab./Km²

Tabela 10 - População, Domicílios, Área dos Bairros e Densidade Demográfica da Área de entorno da Área de Estudo - 2010.

Bairro	População	Domicílios	Área do Bairro (km²)	Densidade Demográfica Bruta (hab./km²)
Camorim	1.970	640	8,9	222
Recreio dos Bandeirantes	82.240	25.505	30,7	2.682
Vargem Grande	14.039	4.123	39,4	357
Vargem Pequena	27.250	7.548	14,4	1.887
Total	125 499	37 816	93,3	1.345

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010); IPP/Bairros Cariocas (2018).

No período entre 2000 e 2010, a população do município teve um crescimento de 7,9%, enquanto que a AP-4 teve um incremento de 33,3%. Quanto a RA da Barra da Tijuca, dentre todas as existentes no Rio de Janeiro essa foi a que mais cresceu, apresentando um aumento populacional de 72,54%.

Tabela 11 - Variação de população residente entre 2000 e 2010.

Município, AP e Bairro	Censo Demográfico		Diferença	Variação (%)
	2000	2010		
Município	5857904	6320446	462542	7,9
AP4-4	682051	909368	227317	33,3
Camorim	786	1 970	1184	150,6
Recreio dos Bandeirantes	37 572	82 240	44668	118,9
Vargem Grande	9 306	14 039	4733	50,9
Vargem Pequena	11 536	27 250	15714	136,2

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010)

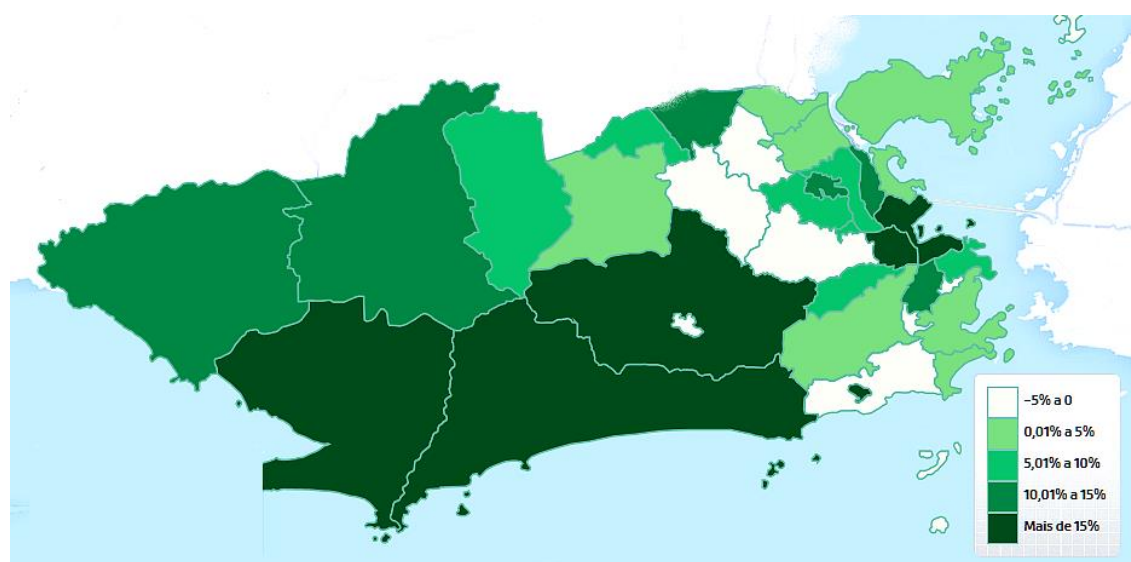
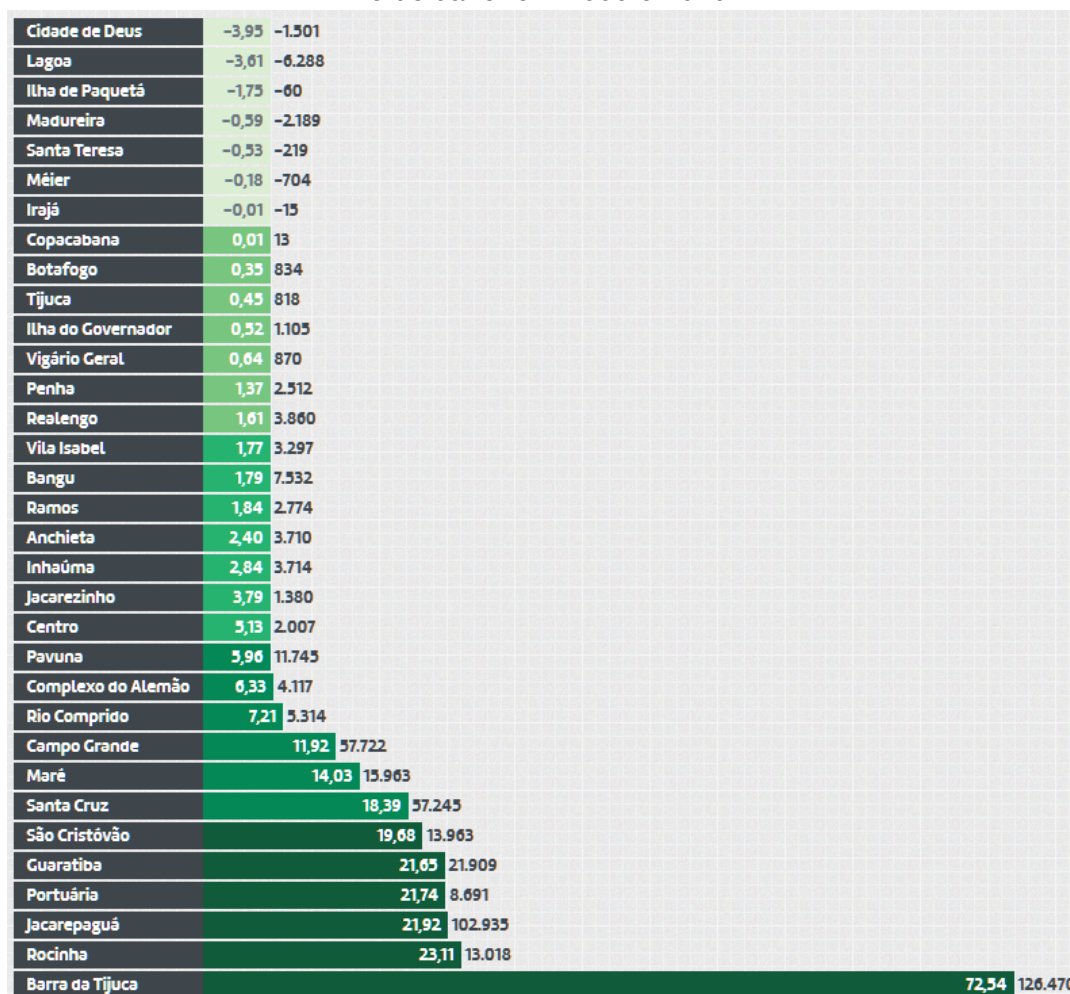


Figura 49 - Variação populacional nas Regiões Administrativas do município do Rio de Janeiro - 2000 e 2010.

Fonte: Modificado de Riocomovamos (2018). Disponível em:
<<http://riocomovamos.org.br/indicadores-regionalizados/indicador/dinamica-populacional/>>.
Acesso em 14/01/2018.

Gráfico 3 Dinâmica populacional das Regiões Administrativas do município do Rio de Janeiro – 2000 e 2010.



Fonte: Riocomovamos (2018). Disponível em: <<http://riocomovamos.org.br/indicadores-regionalizados/indicador/dinamica-populacional/>>. Acesso em 14/09/2018.

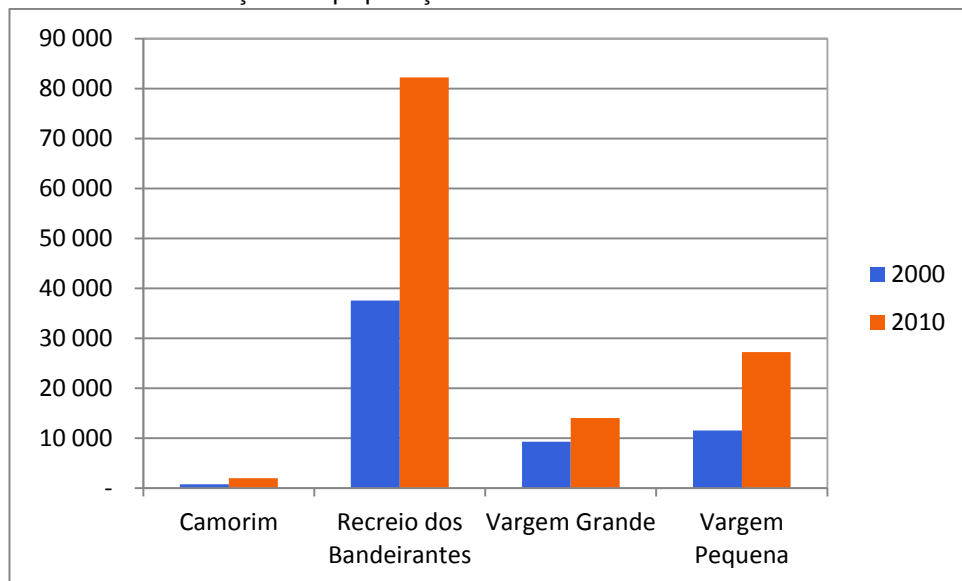
Nos bairros da área de estudo o aumento da população foi ainda mais expressivo, devendo-se destaque ao bairro de Camorim que teve um incremento de 150,6% em sua população residente. Entretanto, mesmo tendo o maior incremento, em número bruto de habitantes este é o bairro menos populoso. O bairro de Recreio dos Bandeirantes cresceu 118,9 % de 2000 para 2010, um pouco menos que Camorim, mas isso representou um aumento populacional de 44.668 habitantes.

Tabela 12 - Variação de população por bairros da área de estudo

Bairro	População Residente		Variação (%)
	2000	2010	
Camorim	786	1 970	150,6
Recreio dos Bandeirantes	37 572	82 240	118,9
Vargem Grande	9 306	14 039	50,9
Vargem Pequena	11 536	27 250	136,2

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010).

Gráfico 4 - Evolução da população na área de estudo entre 2000 e 2010.



Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010).

Quanto ao rendimento obtido pela população, é observado que os valores pagos variam entre 2 e 7,5 salários-mínimos. Isso mostra uma considerável discrepância de rendimentos. Enquanto os maiores salários estão concentrados no bairro de Recreio dos Bandeirantes – média salarial de 3 808 reais –, os menores estão em Vargem Pequena – média salarial de 1 273 reais.

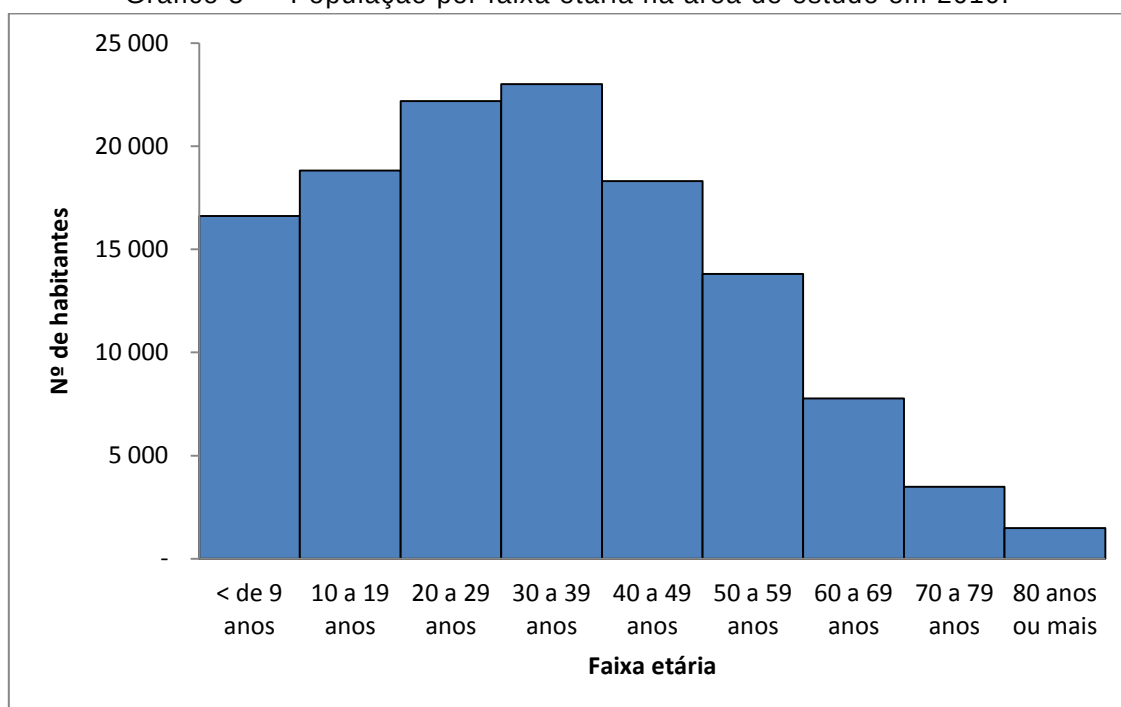
Tabela 13 - Rendimento* nominal médio pessoas de 10 anos ou mais de idade, segundo os bairros da área de estudo - 2010.

Bairros	Rendimento nominal médio (R\$ - inclui sem rendimento)
Camorim	2 261
Recreio dos Bandeirantes	3 808
Vargem Grande	1 456
Vargem Pequena	1 273

Fonte: Datario/ Censo Demográfico IBGE 2010 (adaptada). Obs. * O valor do salário-mínimo à época do recenseamento 2010 era de R\$ 510,00. O valor médio do dólar para o mesmo período era de USD\$ 1,70. Assim, um salário-mínimo médio, em dólares americanos, era cerca de USD\$ 291,43.

A distribuição da população por faixas etárias indica um predomínio de indivíduos com até 59 anos. Nota-se que a faixa etária com maior concentração é a de 40 a 49 anos, a partir da qual decresce gradativamente. O grupo de População Economicamente Ativa (PEA), que é composta por aqueles que estão exercendo ou estão aptos a exercer atividade remunerada, apresenta um contingente significativo. Todavia, as faixas iniciais formadas por dependentes também é expressiva, o que demanda adensamento de serviços como os de educação.

Gráfico 5 - População por faixa etária na área de estudo em 2010.

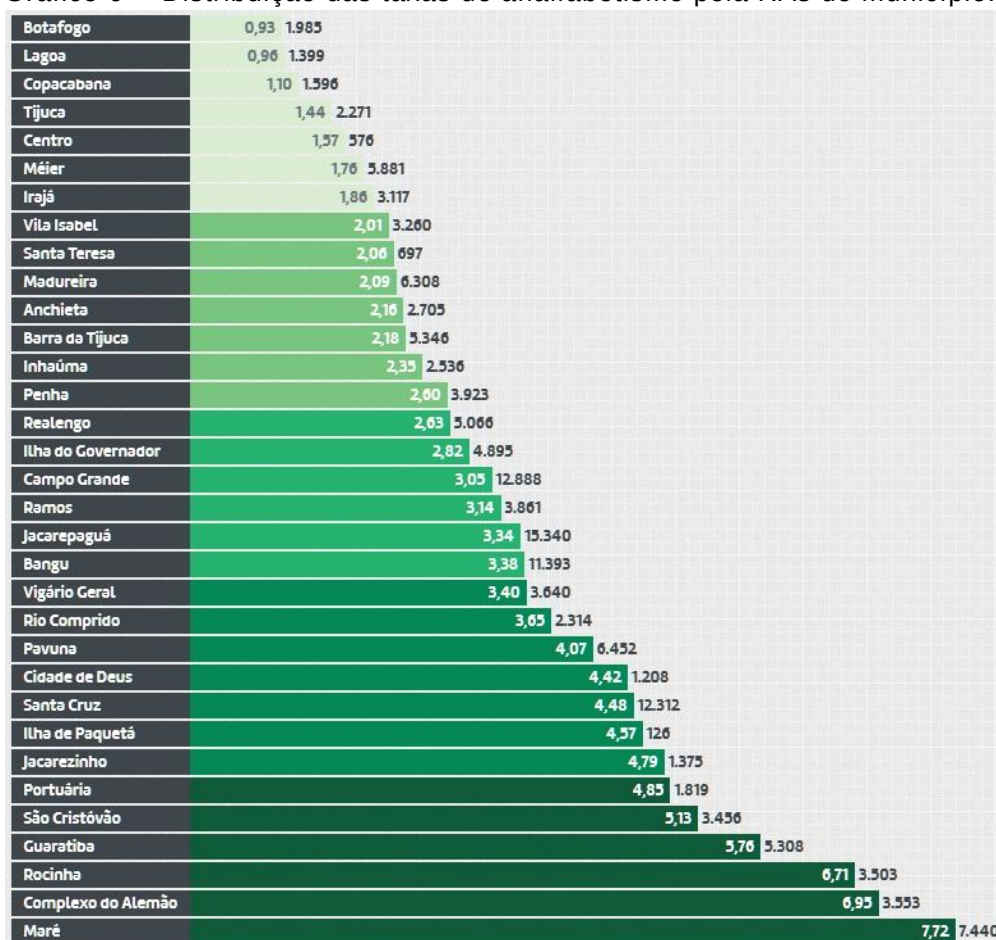


Fonte: Datario/ Censo Demográfico (IBGE, 2010).

Num quadro geral, predominam na área de estudo escolas de 1º grau (1º ao 9º ano), concentradas nos bairros do Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Vargem Pequena. Destaca-se o bairro de Recreio dos Bandeirantes, com 14 unidades municipais de ensino, enquanto que Vargem Pequena possui 10, Vargem Grande 8 e Camorim nenhuma. (IBGE, 2010; Armazém de dados, 2015).

A taxa de analfabetismo em 2010 na RA da Barra da Tijuca (2,18) é baixa em relação à do município (2,85). Se comparada às demais RAs, ela se posiciona em 12º lugar. No nível dos bairros, as taxas são mais elevadas são em Camorim, Vargem Grande e Vargem Pequena (IBGE, 2010; Datario).

Gráfico 6- - Distribuição das taxas de analfabetismo pela RAs do município.



Fonte: Disponível em: <<http://riocomovamos.org.br/indicadores-regionalizados/indicador/analfabetismo/>>. Acesso em 14/01/2018.

INFRAESTRUTURA

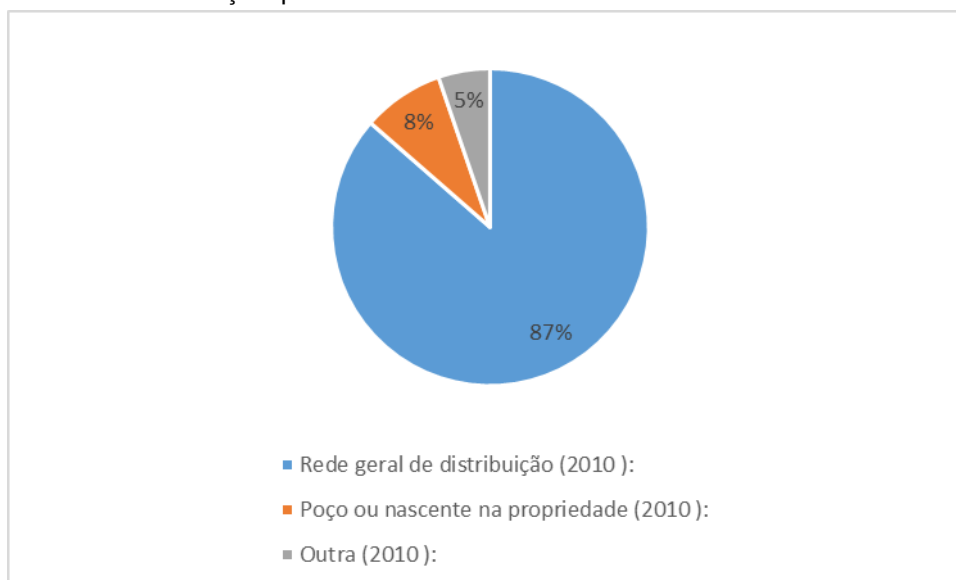
ABASTECIMENTO DE ÁGUA

O abastecimento e distribuição da água na região na área de estudo é responsabilidade da CEDAE. O Censo Demográfico de 2010 indica que cerca de 87 % dos domicílios foram atendidos pelo sistema CEDAE. O abastecimento de água nos bairros da área de estudo tem proporções variáveis, oscilando entre 55% e 97%; Vargem Grande e Camorim têm apenas 55 e 67% dos domicílios conectados à rede geral de distribuição.

As outras formas de obtenção de água são os poços, captações nascentes, captação pluvial, carro-pipa entre outros. Dentre os bairros, o de Vargem Grande é aquele com menor número de domicílios ligados à rede de abastecimento, tendo em contra-partida um maior número de residências que se utilizam de outras formas para obtenção da água por outros meios, tal como cacimbas, poços artesianos e nascentes.

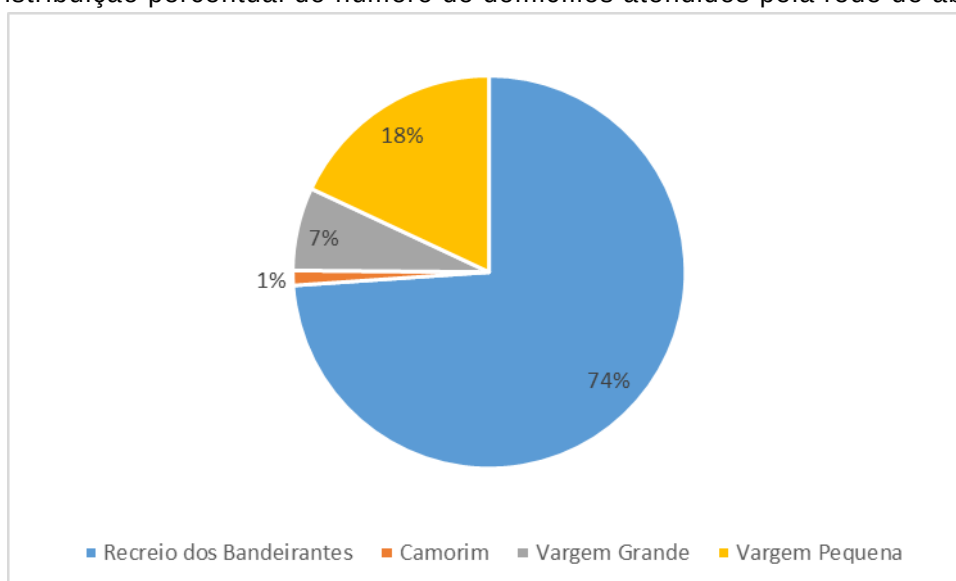
Destaca-se que, o fato de uma parcela significativa dos domicílios estarem ligados à rede de abastecimento (94%) não garante que o serviço de fornecimento seja uniforme e constante na região, especialmente nos bairros de Camorim, Vargem Grande e Vargem Pequena. Soma-se o fato de muitas das ligações serem de origem irregular/clandestina. Este número ainda é influenciado pelos valores do Recreio, bairro mais infraestruturado da área de estudo.

Gráfico 7 - Distribuição percentual das formas de abastecimento dos domicílios



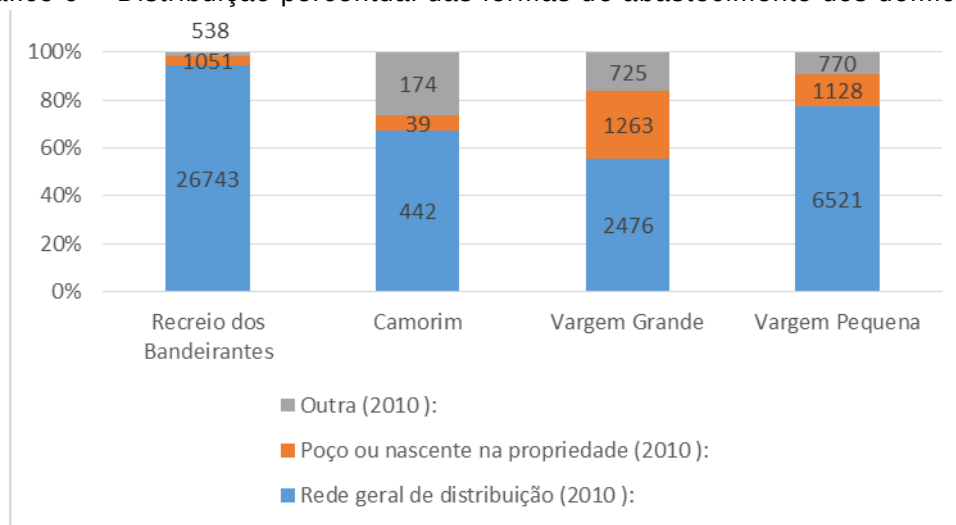
Fonte: Censo Demográfico IBGE (2010)

Gráfico 8 - Distribuição percentual do número de domicílios atendidos pela rede de abastecimento.



Fonte: Censo Demográfico IBGE (2010).

Gráfico 9 - Distribuição percentual das formas de abastecimento dos domicílios



Fonte: Censo Demográfico IBGE (2010)

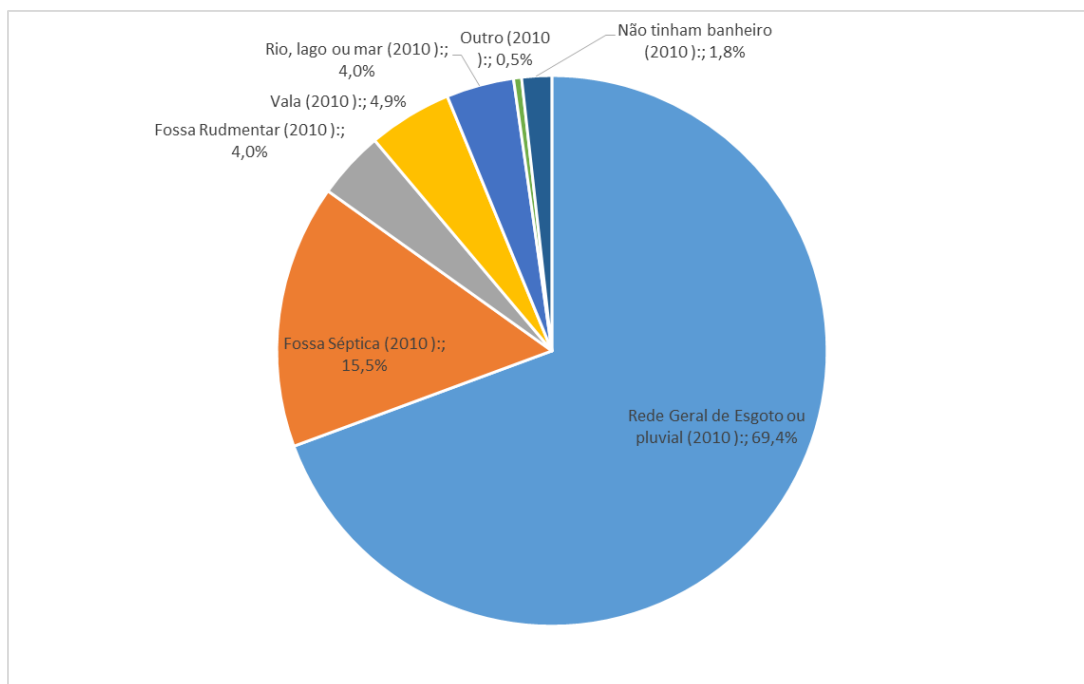
ESGOTAMENTO SANITÁRIO

A área de estudo integra a Área de Planejamento 4 do Município (AP-4), cuja coleta e tratamento de esgotos são de responsabilidade da CEDAE.

Praticamente todos os domicílios dispõem de banheiro exclusivo (98%); a destinação, contudo, é muito variável. Os elementos de esgotamento sanitário na área, quando existentes, podem ser os sistemas individuais residenciais (fossa ou fossa e filtro, 19% dos domicílios), ou aqueles interligados a trechos de redes coletoras que tem como destino final a rede pluvial ou algum corpo receptor (69% do total dos domicílios).

O bairro do Recreio se destaca mais uma vez, com 78% dos domicílios ligados à Rede Geral de Esgoto ou pluvial. Camorim e Vargem Grande, contrariamente, tem valores de 36 e 29% de ligações a estes sistemas. Camorim, inclusive, lança 35% dos seus efluentes em Rio, lago ou mar.

Gráfico 10 - Esgotamento dos domicílios, por tipo



Fonte: Censo Demográfico IBGE (2010).

Entretanto, os dados apresentados por IBGE nos Censos Demográficos apresentam uma limitação em relação aos dados da disponibilidade da rede de esgotamento sanitário oferecida à população. Indica o número de domicílios que dispõe de saída para os efluentes dentro da sua residência, mesmo que estes sejam lançados de forma inadequada, muitas vezes sem tratamento ou destinados à rede de esgotos.

Pode-se dizer que praticamente toda a região da Baixada de Jacarepaguá não dispunha de rede de esgotamento sanitário até 2011. Desde então, a CEDAE está implantando o Programa de Saneamento da Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes e Jacarepaguá (PSBJ). O Programa tem como objetivo a implantação de sistemas completos de esgotamento sanitário nos bairros supracitados e está projetado para o horizonte de 30 anos contados a partir de 2011, no que tange a macro situação de coleta, tratamento e destinação final de 5,3 mil litros/s de esgoto, representando uma capacidade instalada para atender o desenvolvimento urbano da região pelos próximos decênios.

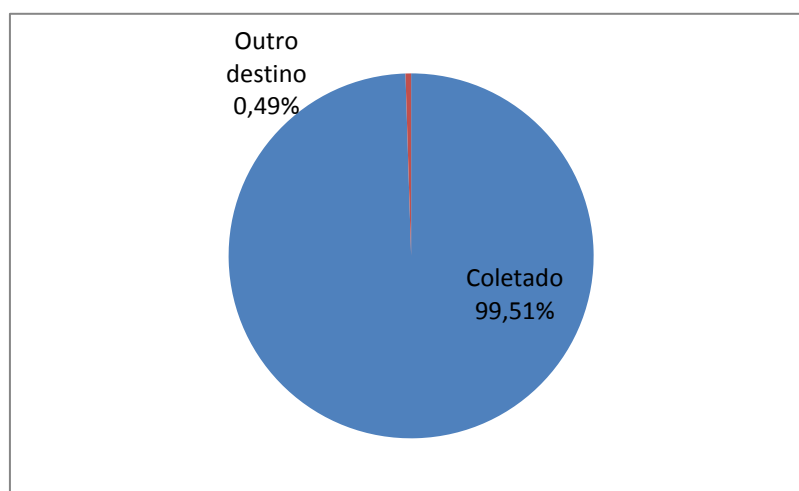
Grande parte das áreas do bairro de Recreio dos Bandeirantes já contam com o sistema operando, onde o efluente é levado ao Emissário Submarino da Barra da Tijuca através das Estações Elevatórias de Esgoto Gilka Machado e Recreio dos Bandeirantes. A CEDAE, a partir de dados de 2013, realizou a interligação com o sistema formal de esgotamento sanitário de 70% do Recreio dos Bandeirantes, tratando seus efluentes e dando destino por meio do Emissário Submarino da Barra da Tijuca (SMAC, 2015).

RESÍDUOS SÓLIDOS

Toda a Área de Planejamento 4 (AP-4) é atendida pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), que executa a coleta e a destinação adequada dos resíduos sólidos urbanos.

Segundo o IBGE (2010), praticamente todo os 41.870 domicílios são atendidos pela coleta pública de resíduos.

Gráfico 11 - Percentual da coleta de lixo, segundo os domicílios



Fonte: Censo Demográfico IBGE (2010).

Conforme o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos - PMGIRS da Cidade do Rio de Janeiro (2015), usando dados de população projetada para 2014, a AP-4 possui 990.545 Habitantes (15,3% da população do Município) e gera 1.388 t/dia de resíduos sólidos urbanos (15% do total do Município).

Essa área de planejamento é beneficiada por 2 Estações de Transferência de Resíduos (ETRs) em Jacarepaguá e Bangu, cujo destino final é a Central de Tratamento de Resíduos de Seropédica (CTR-Rio Seropédica).

DRENAGEM

Apenas parte da área de estudo é atendida por redes de drenagem, que, em geral, são implantadas em conjunto com o asfaltamento.

Há 2 sub-bacias naturais de drenagem na área de estudo, constituídas 31 cursos d'água. As áreas drenadas por estas bacias apresentam alguns pontos recorrentes de alagamentos, associados à ocupação de áreas propícias à inundações, faixas marginais de

proteção, processos de impermeabilização do solo, aterros e desmatamentos.

Tabela 14 - Extensão da rede hidrográfica principal, segundo os cursos d'água, com indicação das sub-bacias hidrográficas e bairros a que pertencem

Sub-bacia	Bairro	Curso	extensão total (km)
Sub-bacia do Rio Camorim	Camorim	Rio do Camorim	4,1
		Rio São Gonçalo	1,7
Sub-bacia da Zona dos Canais	Camorim	Rio Firmino	0,4
	Recreio dos Bandeirantes	Canal do Portelo	7,4
		Canal das Piabas	5,3
		Canal de Sernambetiba	3,6
		Canal do Urubu	2,7
		Rio Ubaeté	1,4
		Rio do Marinho	0,7
	Vargem Grande	Rio do Sacarrão	5,2
		Rio Bonito	5,1
		Rio Cabungui	3,4
		Rio Morto	3,2
		Canal do Cascalho	2,9
		Rio Cachoeira	2,8
		Rio Portão	2,6
		Rio do Morgado	2,4
		Rio Mucuiba	2,3
		Rio das Paineiras	2,2
		Dreno K	2,2
		Rio Água Fria	2,1
		Rio do Moinho	2,0
		Rio Branco	1,6
		Rio da Divisa	1,5
		Rio do Cafundá	1,5
		Rio do Café	1,3
		Rio da Toca	0,7
	Vargem Pequena	Rio Vargem Pequena	3,9
		Rio Cancela	3,5
		Rio Calembá	2,4
		Canal do Pasto	1,7

Fonte: DATA.RIO. Tabela 1454 - Extensão da rede hidrográfica principal, segundo os cursos d'água, com indicação das bacias hidrográficas a que pertencem – 2005.

A drenagem das águas pluviais na área de estudo é incipiente. As enchentes são recorrentes, devido às cotas muito baixas em relação ao nível do mar e aos tipos de solo hidromórficos. Os impactos das mudanças climáticas na escala da cidade, com intensificação das chuvas intensas e elevação do nível médio do mar, agrava esse quadro.

PINTO (2016) estudou os efeitos da urbanização intensa futura na região do Canal de Sernambetiba sobre a drenagem usando modelo matemático. Restou claro que as soluções

tradicionais de urbanização e drenagem, caso aplicadas, que incluem retinilização, aprofundamento, bacias de acumulação, podem ser capazes de solucionar um problema na escala local, apenas transferindo-o para outro local a jusante.

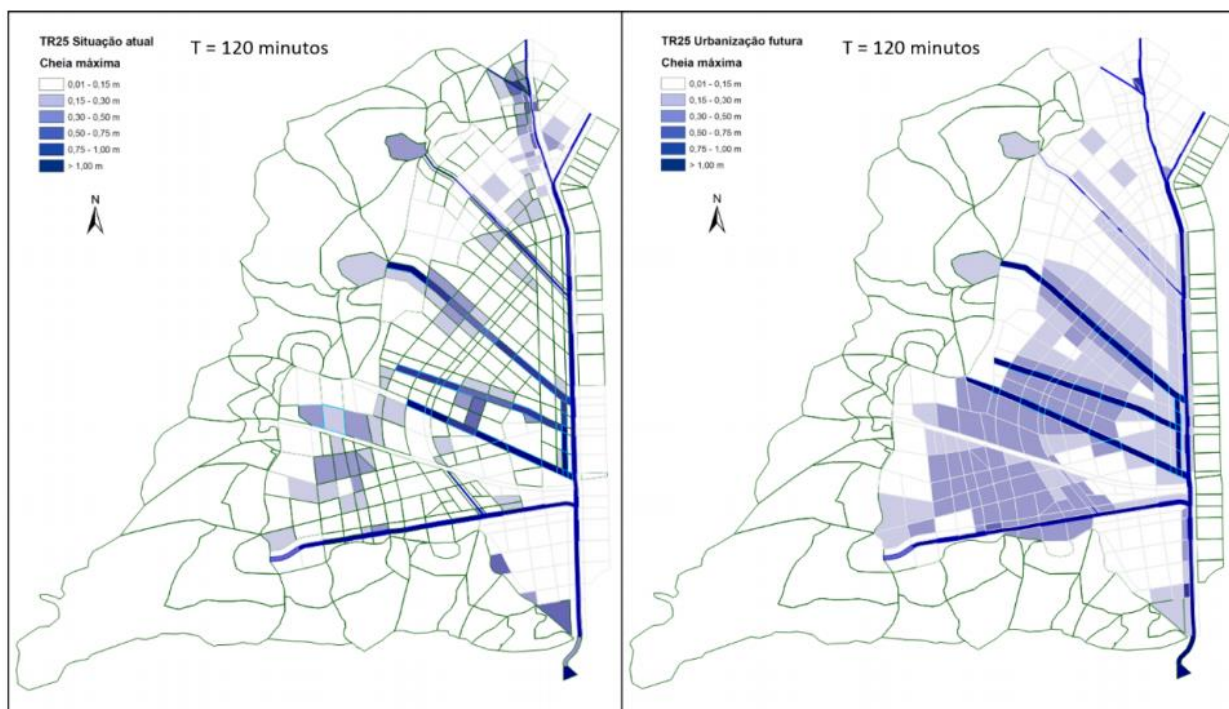


Figura 50 - Cenários comparativos entre a situação atual e futura (com incremento da urbanização), após uma chuva projetada com duração de 120 minutos; nota-se claramente a prevalência das áreas alagadas pelo transbordamentos dos Canal de Sernambetiba e seus tributários.

Fonte: PINTO, Rafael B.C.P. Estudo de Inundação do Canal de Sernambetiba e seus Afluentes utilizando o Programa Modcel. Rio de Janeiro: UFRJ/ Escola Politécnica, 2016

Diante deste quadro dramático, infraestruturas poderão não fazer frente aos desafios de ocupar intensamente uma região com equilíbrio hidrodinâmico e ambiental tão frágil.

BENS NATURAIS PROTEGIDOS

Estão inseridos na Área de Estudo diversas Unidades de Conservação e bens tombados formando um conjunto integrado de áreas protegidas. A área desempenha papel fundamental na conexão do Maciço da Pedra Branca com a Lagoa de Jacarepaguá. A materialização legal desse conjunto visa garantir a proteção do ambiente natural e paisagístico e está sob tutela do Estado e do Município do Rio de Janeiro.

Algumas áreas apresentam sobreposição, como por exemplo, o Morro do Amorim que é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) e relacionado na Lei complementar 111/2011 (Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro) como Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico.

Nesse conjunto, três são os principais instrumentos de proteção que Incidem sobre a Área de Estudo: Áreas Tombadas, Sítios de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico (figura XX) e Unidades de Conservação da Natureza. Tombamentos e Sítios de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico inseridos parcialmente ou totalmente na Área de Estudo somam 3.949,92 hectares na Área de Estudo.

Tabela 15 - Instrumentos legais de proteção na Área de Estudo

Nome	Esfera de Governo	Instrumento de Proteção
Morro do Amorim	Estadual	Tombamento
Morro do Cantagalo	Estadual	Tombamento
Pontal de Sernambetiba	Estadual	Tombamento
Morro do Portelo	Estadual	Tombamento
Morro do Rangel	Estadual	Tombamento
Morro do Urubu	Estadual	Tombamento
Pedra de Itapuã	Estadual	Tombamento
Pedra do Calembá	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Sistema Lagunar de Jacarepaguá	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Morro do Bruno	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Morro do Camorim	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Morro do Amorim	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Morro do Cantagalo (AP4)	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Morro do Portelo	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Morro do Rangel	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Morro do Urubu (AP4)	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Maciço da Pedra Branca, suas serras e seus contrafortes	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Praias	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico
Formações Rochosas	Municipal	Sítio de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico

Fonte: SUBMA, 2018; INEPAC, 2018



Figura 51 - Tombamentos e Sítios de Relevante Interesse Ambiental e Paisagístico

As Unidades de Conservação da Natureza inseridas parcialmente ou totalmente na Área de Estudo somam 5.558,64 hectares na Área de Estudo.

Tabela 16 - Unidades de Conservação da Natureza inseridas parcialmente ou totalmente na Área de Estudo

Nome	Ato de Criação
Parque Natural Municipal Chico Mendes	Decreto Municipal nº 8.452/89
Parque Estadual da Pedra Branca	Lei Estadual nº 2.377/74
APA de Grumari	Lei Municipal nº 944/86
APA da Prainha	Lei Municipal nº 1.534/90
APA da Pedra Branca	Lei Municipal nº 1.206/88
APA da Paisagem e Areal do Pontal	Decreto Municipal nº 18.849/00

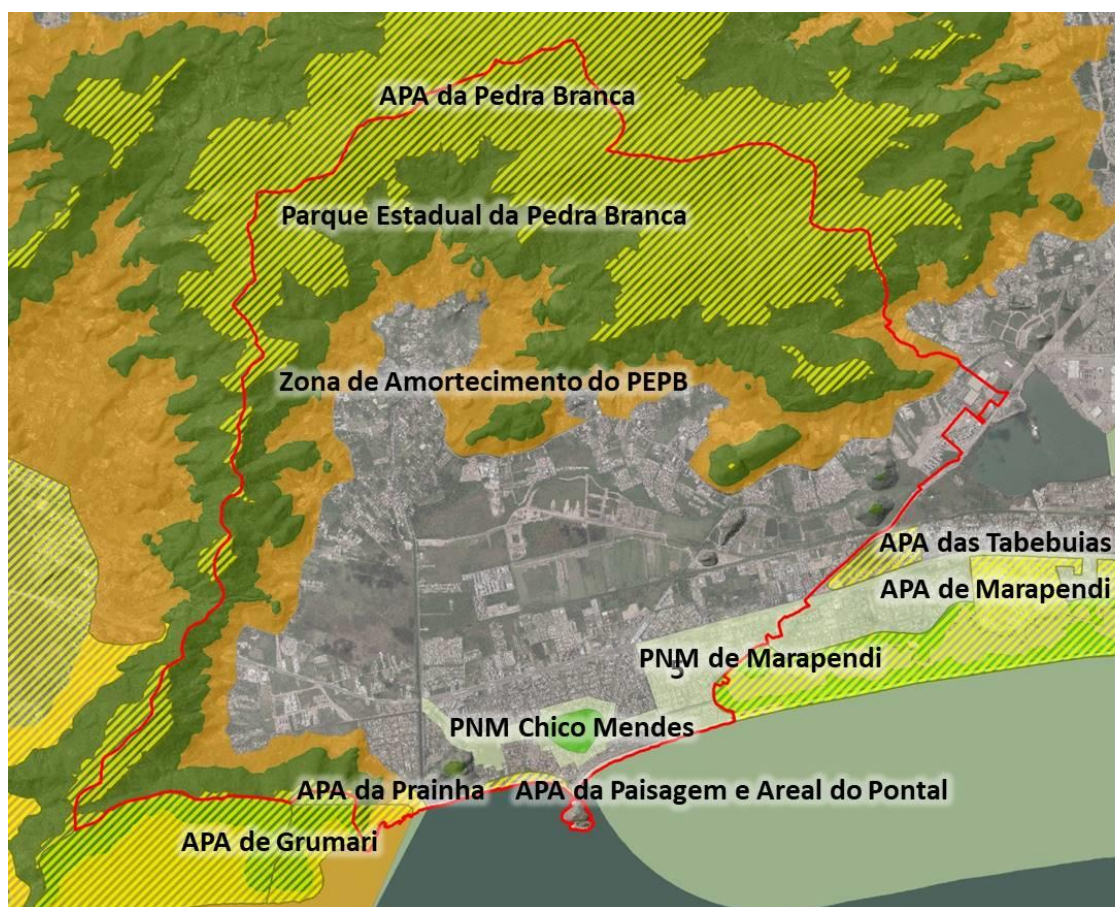


Figura 52 - Unidades de Conservação da Natureza
Fonte: SUBMA, 2018

A conectividade promovida pela malha hidrográfica que corta a área de estudo, assim como corredores ecológicos formados por proximidade entre áreas sob proteção são objetivos a serem alcançados. Essa rede de conectividade visa garantir a manutenção e equilíbrio dos ecossistemas frágeis de baixada coadunando com os objetivos de criação de diversas das Unidades de Conservação inseridas na Área de Estudo e seu entorno (Parques Naturais Municipais de Marapendi, Chico Mendes, Nelson Mandella, APA das Tabebuias, Marapendi etc).



Figura 53 - Hidrografia como elemento de integração das Áreas Protegidas por Unidades de Conservação



Figura 54 - Áreas Protegidas formando corredores de integração ecológica

INDICAÇÃO DE ÁREAS PRIORITÁRIAS À CONSERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO

ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE

As Áreas de Preservação Permanente (APPs) são regulamentadas pelo Novo Código Florestal (Lei Federal 12.651/2012). Na área de estudo ocorrem todos os diferentes tipos de APP (de topo de morro, de declividade acima de 45°, APP de rio e APP de nascentes), excetuando-se somente as APPs relativas às áreas de mangue, que ocorrem ao sul da área de estudo.

Tabela 17 – Áreas de ÁPPs na área de estudo, por tipo

Restrição	Área(m²)
FMP de rios	11.784.671
Topo de Morro	3.707.854
Declividade 45 graus	1.759.663
Nascentes	1.429.892
Mangue e Restinga	1.331.544
Total de área com restrição	20.013.624
Área de Estudo	93.132.624
Restrição/Área de estudo	21,5%

Fonte: Elaboração própria, 2018.

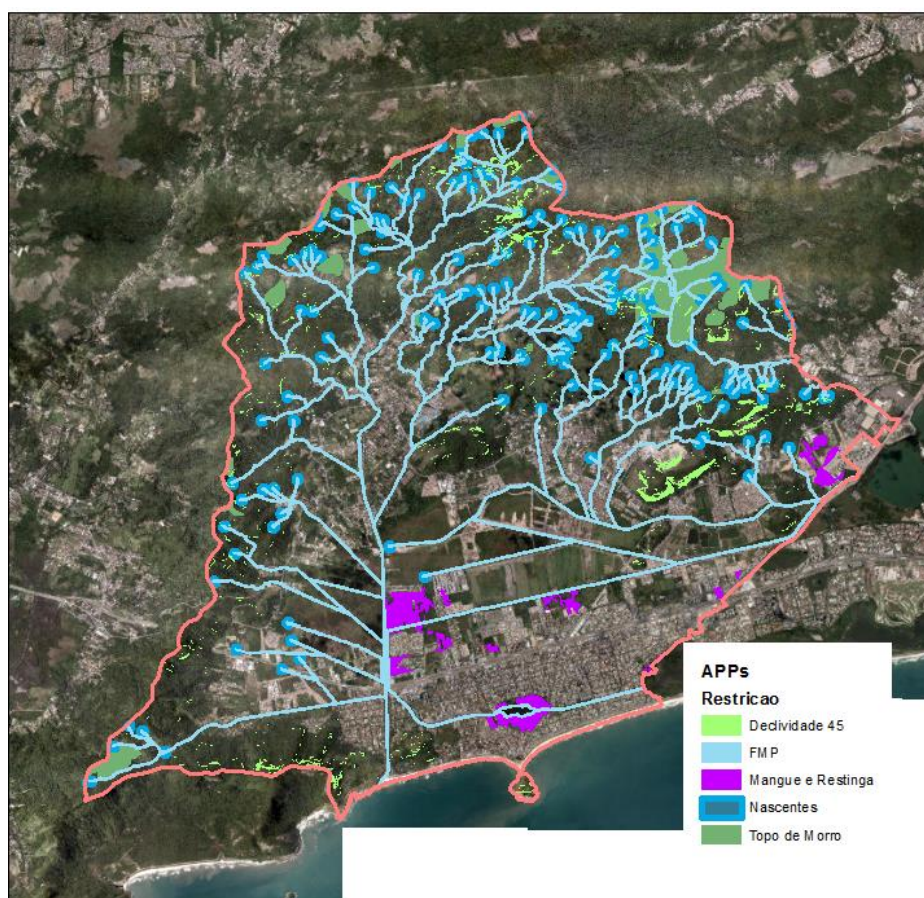


Figura 55 - Áreas de Preservação Permanente na área de estudo

Fonte: Elaboração própria, 2018.

O somatório de todas as APPs na área de estudo, descontadas as áreas sobrepostas entre os polígonos que representam os diferentes tipos de APPs, é de 200 ha, o que corresponde à expressiva marca de 21,5% da área de estudo. Destaca-se, com isso, a necessidade de conservação e recuperação dessas áreas que são de preservação permanente, segundo o regramento federal.

As APPs de rio são as que mais contribuem em termos de valor absoluto e relativo da área total. Para o mapeamento dessas APPs de rios, não foram feitas distinções entre as mesmas e a Faixa Marginal de Proteção – FMP, segundo a Lei Estadual nº 1.130/87. Foram mapeadas, portanto, as APPs de todos os rios que incidem na área de estudo, sendo aplicada a largura mínima de 30 metros de *buffer*, conforme preconizado no Novo Código Florestal, para cursos d'água com menos de 10 metros de largura do leito.

Observando com mais detalhe a distribuição da cobertura vegetal sobre todas as APPs mapeadas, verifica-se que a vegetação original que deveria existir nessas áreas encontra-se comprometida em algumas dessas APPs, em especial a mata paludosa, feição florestal típica de áreas alagadas com influência lacustre.

Os topos de morro cobrem extensas áreas concentradas na porção nordeste da área

de estudo, correspondendo a cristas declivosas daquela porção do Maciço da Pedra Branca. Em relação às APPs de nascentes e de declividade das encostas acima de 45°, algumas delas também estão localizadas em áreas cobertas por vegetação gramíneo-lenhosa.

Conclui-se, assim, que a grande porção de APPs justificam por si só a criação de uma Unidade de Conservação, onde o zoneamento ambiental deva definir as Zonas de Preservação da Vida Silvestre (ZPVS) nessas APPs, bem como a implantação de projetos de reflorestamento e de adequação ambiental das casas, construções e propriedades rurais ali localizadas.

Salienta-se mais uma vez a importâncias dessas APPs na formação dos corredores de biodiversidade entre o Maciço e o Complexo Lagunar de Jacarepaguá que têm como objetivo restituir a conectividade entre os sistemas encosta e baixada e tornar a matriz urbana mais permeável do ponto de vista do fluxo gênico de espécies da flora e da fauna.

O Diagnóstico Urbano-Ambiental da Cidade do Rio de Janeiro, elaborado pelo Comitê Técnico do Plano Diretor (2015), formado por 28 órgãos da Prefeitura do Rio, esclarece de forma lapidar: *“A região das Vargens é área prioritária para a implantação dos Corredores Verdes, visando integrar o Maciço da Pedra Branca ao Maciço da Tijuca via Sistema Lagunar da Baixada de Jacarepaguá e Campos de Sernambetiba. A conectividade entre os fragmentos de Mata Atlântica, promovida pelos rios que cortam a área, deve ser incentivada como forma de garantir a manutenção dos ecossistemas que objetivaram a criação de diversas Unidades de Conservação situadas a jusante daquela região (PNMs de Marapendi, Chico Mendes, Nelson Mandela, APA das Tabebuias e APA do PNM de Marapendi).”* (pg. 20)

Sendo assim, o reflorestamento das APP, a formação dos corredores e os projetos de arborização urbana na matriz garantirão maior variabilidade e diversidade genética das espécies e consequentemente maior resistência e resiliência dos ecossistemas frente aos impactos antrópicos.

ÁREAS SUJEITAS AOS IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Outro aspecto fundamental que embasa a definição das áreas prioritárias, é a suscetibilidade de inundações e transformações do ambiente natural advindas dos impactos provocados a nível local pelas mudanças climáticas globais.

IPP (2008) realizou estudo detectando as áreas da cidade mais suscetíveis aos impactos provocados pelo fenômeno do aumento das inundações pela elevação do nível médio do mar, utilizando critérios altimétricos.

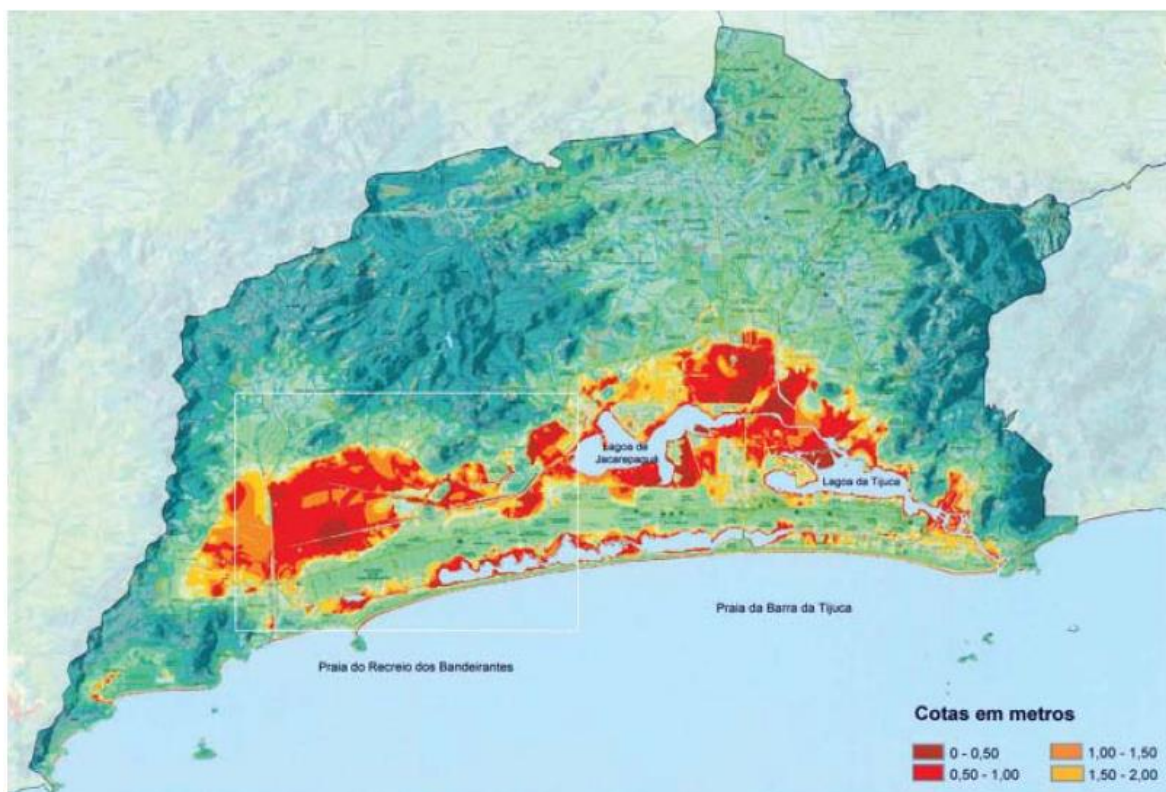


Figura 56 - Áreas de cota altimétrica até 2 metros, na Baixada de Jacarepaguá.
Fonte: IPP (2008).

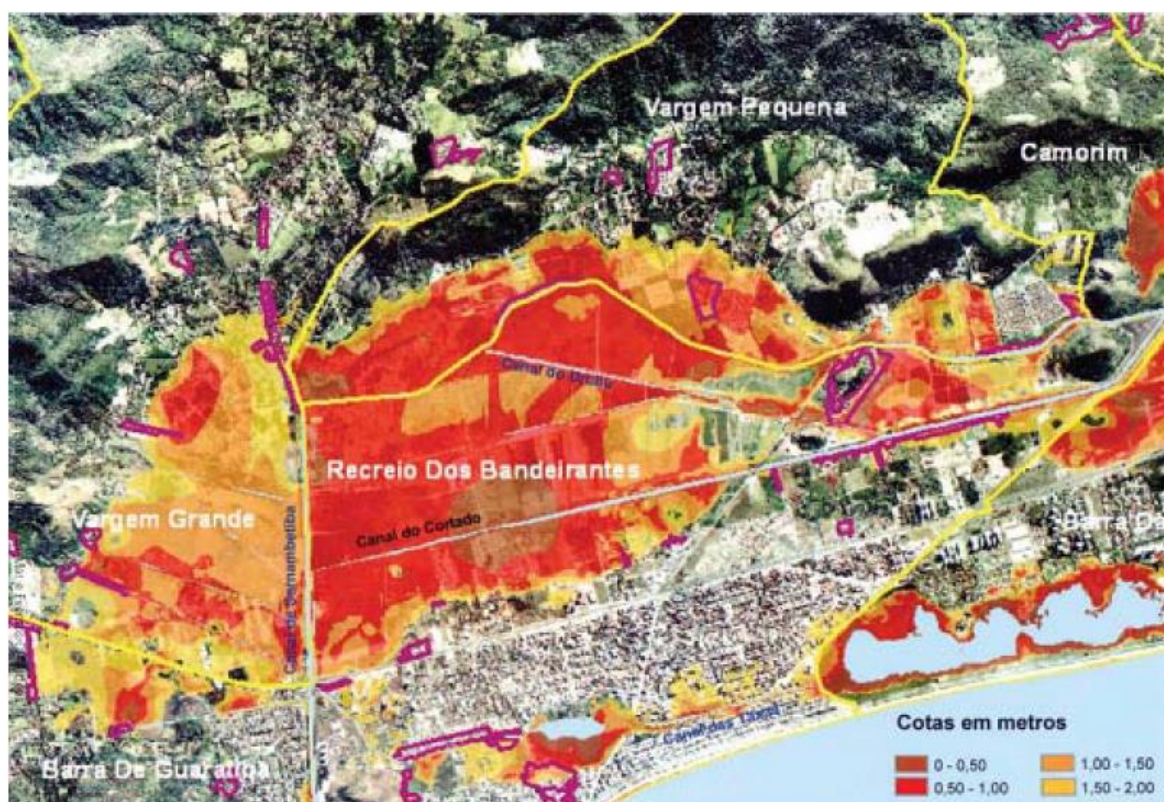


Figura 57 - Áreas de cota altimétrica até 2 metros, nos Campos de Sernambetiba.
Fonte IPP (2008)

Os mapas anteriores indicam, em laranja claro as áreas com cotas até 0,40m; em laranja escuro, aquelas com cotas entre 0,40m e 0,60m áreas atingidas pela elevação do nível do mar, considerando as oscilações da maré, que podem alcançar 0,80m. Deve-se notar que o quantitativo das áreas atingidas é cumulativo, isto é, a cota até 1,50 m inclui as cotas até 0,40m e 0,60m, assim como a cota até 0,60m inclui a cota até 0,40m.

Ou seja, praticamente toda a área de estudo está sujeita a receber os efeitos da potencialização das inundações, uma característica natural de brejos permanentemente inundados. A elevação do nível do mar atingirá estas e outras áreas alagáveis, demonstrando em muitos casos a total inadequação ao processo de ocupação em larga escala, mesmo com vastos investimentos públicos nas infraestruturas de drenagem.

Em “Estratégia de Adaptação às Mudanças Climáticas da Cidade do Rio de Janeiro” (SMAC, 2016), elaborado pela COPPE, é possível comprovar que a capacidade de suporte das bacias e a possibilidade de convívio harmônico com os sistemas fluviais, foi ultrapassado em diversas regiões, levando ao quadro atual de alta suscetibilidade. Exemplos por toda a cidade podem ser encontradas em momnetos de grandes episódios de chuva torrencial, obrigando o poder público a soluções grandiosas, com custo alto para o contribuinte.

No trabalho, foi construído o Índice de Suscetibilidade do Meio Físico a Inundações (ISMFI), no intuito de identificar e hierarquizar os setores mais suscetíveis a falhas da rede de drenagem, com a propensão aos alagamentos. Como ferramenta de planejamento urbano, ele indica claramente onde evitar evitar ocupações e adensamentos em áreas críticas. O limite aceitável para o processo de intervenção antrópica numa região como as Vargens de Sernambetiba é baixíssimo, considerando suas características naturais. Quase toda a área é considerada com valor **Muito Alto** ou **Alto** para o ISMFI (Figura 58)

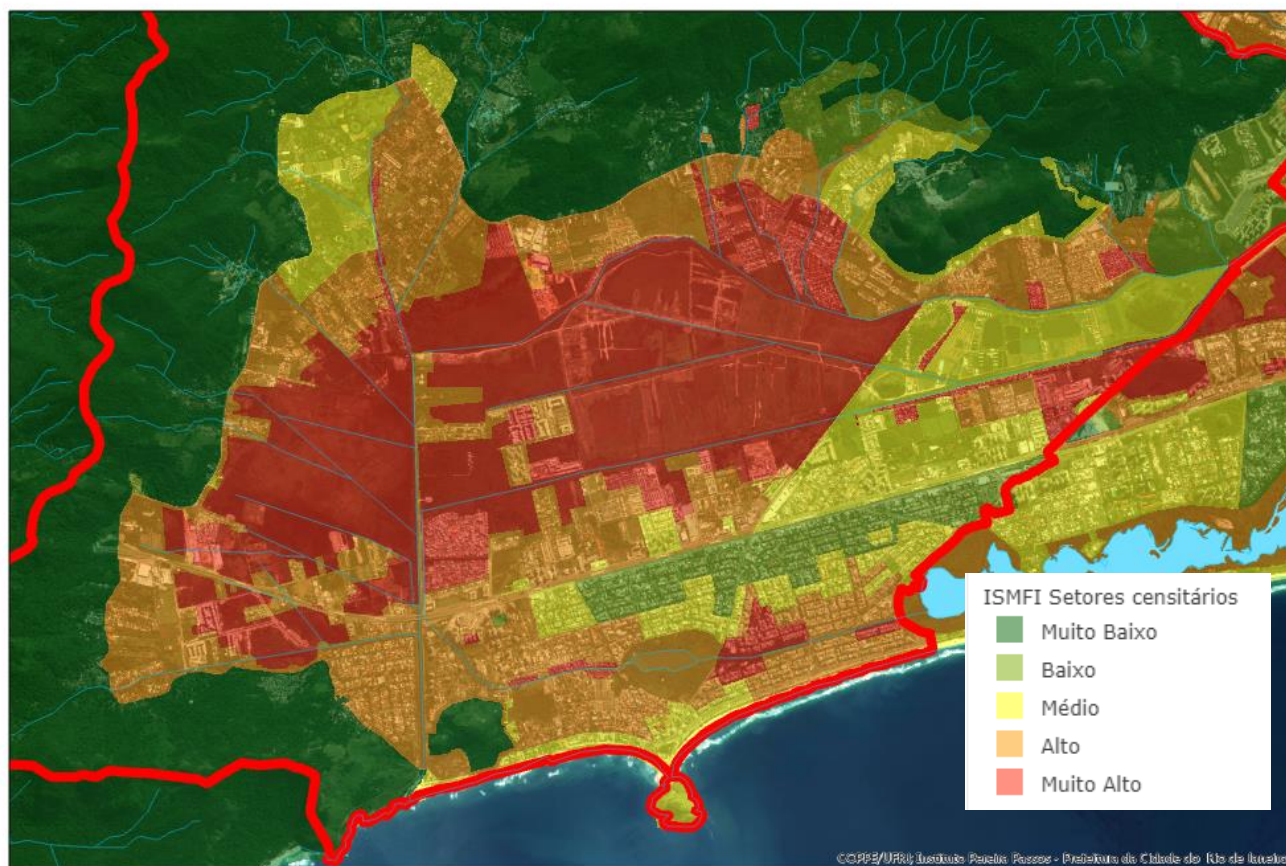


Figura 58 - Índice de Suscetibilidade do Meio Físico a Inundações (ISMFI) para a Área de estudo.
Fonte: SMAC (2016)

Estas vastas porções do território municipal, conhecida como Vargens dos Campos de Sernambetiba, segundo os critérios adotados neste relatório, devem ser consideradas críticas para o ocupação, devendo ser consideradas, em conjunto daquelas preconizadas pela legislação federal, de preservação permanente.

CAPITULO IV - PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UCs

A área estudada, de aproximadamente **9.313,26** hectares, é dotada de atributos naturais e culturais importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas. Seu território possui uma diversidade biológica que carece de instrumentos de proteção mais efetivos e o processo de ocupação humana pressiona de forma intensa os recursos naturais. O ordenamento da ocupação neste território, que é formado por terras públicas e privadas, deve ser entendido como alternativa viável para o estabelecimento de um processo de desenvolvimento urbano sustentável que garanta a manutenção dos recursos naturais para a presente e futuras gerações. Nesse sentido o Sistema Nacional de Unidades de Conservação define um conjunto de características principais que, juntas, enquadram uma determinada área relevante em uma das categorias de manejo elencadas na lei.

A manutenção dos serviços ambientais prestados pelos ecossistemas naturais, se faz urgente na formulação de políticas públicas. Neste sentido, é fundamental a proteção ambiental e a adequação dos usos da terra pela criação de duas Unidades de Conservação na área de estudo, usando os pressupostos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Em resumo, os principais serviços ecossistêmicos oferecidos pelas novas UCs são

- Atuar na regulação dos processos fundamentais de regulação do ciclo hidrológico, atenuação do impacto das chuvas e no controle de enchentes.
- Interferir na amenização dos efeitos da alteração climática a nível da cidade.
- Possuir atributos estéticos e paisagísticos sem igual para a cidade.
- Manter os ecossistemas associados de Mata Atlântica - restingas, brejos e manguezais.
- Gerar economia para os cofres públicos, quando preservados, evitando gastos desnecessários para construção de infraestrutura e reconstrução de áreas danificadas por enchentes. Estes valores chegam a mais de US\$ 14.000/ha ao ano.
- Abrigar populações de animais e vegetais endêmicas, raras e ameaçadas de extinção, adaptados às condições de insolação, umidade elevada e variação térmica com grande amplitude.
- Permitir a conexão dos ecossistemas de baixada com o encostas.

Para a proteção efetiva de todo o complexo ambiente descrito neste diagnóstico, ficam propostas duas Unidades de Conservação contíguas, uma de proteção integral e outra de uso sustentável.

1. Na área central dos Campo de Sernambetiba, área permanentemente alagada e core da proteção das áreas úmidas da região é proposta a criação de **Refúgio da Vida**

Silvestre (REVIS) das Vargens de Sernambetiba. Segundo o SNUC, o REVIS tem por objetivo a proteção de ambientes naturais para garantir as condições de existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora da localidade e da fauna residente ou migratória (art. 13).

Esta UC proposta engloba o mais importante remanescente de áreas úmidas da cidade, constituindo um valioso acervo para a cidade não só como patrimônio natural e paisagístico, mas como provedor de serviços ambientais para a população.

Deverá ainda permitir a conexão permanente entre o Maciço da Pedra Branca e a Lagoa de Jacarepaguá por meio das áreas úmidas e fragmentos florestais, desempenhando também a função de um verdadeiro Corredor Ecológico.

O REVIS é uma Unidade de Proteção Integral, portanto, será admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos no SNUC. Pode ser constituído por áreas particulares e públicas e deverá compatibilizar a utilização da terra e dos recursos naturais pelos proprietários com os objetivos da unidade, expressos no seu ato de criação e Plano de Manejo.

São objetivos da REVIS:

- Proteger os remanescentes de áreas úmidas dos Campos de Sernambetiba, visando dar proteção ao último grande testemunho deste ambiente na Baixada de Jacarepaguá;
- Garantir que as conexões existentes entre o Maciço da Pedra Branca e a Lagoa de Jacarepaguá por meio das áreas úmidas e fragmentos florestais desempenhem suas funções ecológicas;
- Proteger as populações de espécies ameaçadas de extinção;
- Proteger o patrimônio paisagístico.

2. Na área de entorno do REVIS, englobando os núcleos mais urbanizados dos bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena e Recreio dos Bandeirantes, fica proposta a criação da **Área de Proteção Ambiental (APA) do Sertão Carioca**, visando disciplinar o crescimento urbano acelerado ocorrido nos últimos anos nessa região e sua pressão sobre as áreas verdes tanto de encosta como os brejos remanescentes da área core de brejo. Neste sentido, torna-se uma zona de transição entre o sistemas de encosta e de baixada, visando sua conexão ecológica.

Em síntese, a criação da futura APA é de suma importância e visa adequar e regular ambientalmente as atividades e processos vigentes naquela área, sejam elas de cunho agrícola, urbano, natural, para contribuir com o planejamento ambiental e territorial integrado da região.

Por definição do Art. 15 do SNUC uma Área de Proteção Ambiental é:

“... uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.”.

São objetivos da APA:

- Proteger os recursos naturais de grande relevância e importância para a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, de modo que estes possam produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral;
- Disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais de modo que sejam preservadas as áreas úmidas;
- Proteger as populações de espécies ameaçadas de extinção;
- Proteger o patrimônio Cultural e Paisagístico.

CRITÉRIOS PARA DEFINIÇÃO DO PROTOLIMITE

O status de limite provisório ou protolimites se dá em virtude da possibilidade de ajustes no limite final resultante do processo de consulta pública e das análises cartográficas para elaboração de memorial descritivo.

A partir do entendimento inicial sobre as principais características da área estudada alguns critérios foram utilizados para definir as porções do território municipal que estariam inseridas nas UCs:

- 1 – Áreas vulneráveis à condição de encharcamento permanente do solo;
- 2 – Áreas ocupadas por brejos, baixios, com a vegetação característica desses ambientes;
- 3 – Áreas onde há ocorrência de espécies ameaçadas de extinção;
- 4 – Áreas onde há ocorrência de solos orgânicos.

5 – Áreas que estejam em relação ecológica direta com as áreas brejosas cuja ocupação humana seja inexistente ou rarefeita, de modo que seja possível implementar parâmetros de uso e ocupação do solo compatíveis com os objetivos de criação da UC.

A definição dos Protolimites levou em consideração as informações que foram levantadas durante o presente estudo e informações já produzidas em estudos anteriores. A escala de proposição teve como suporte a cartografia de maior detalhe disponível na Prefeitura do Rio de Janeiro. As ortofotos, os mapeamentos e a base cartográfica cadastral foram utilizadas como apoio às vistorias (registradas com GPS) para que se chegasse a um resultado mais atualizado possível. Por fim, o ajuste mais fino foi feito a partir do georreferenciamento dos loteamentos que confrontam com o protolimite.

O trabalho detalhado da cartografia é importante para que o limite definitivo tenha condições de ser descrito em um ambiente cartográfico e, com isso, também atender às exigências dos órgãos ambientais que mantem os cadastros do Sistema de Unidade de Conservação em âmbito estadual e federal. Outro fator utilizado na definição do Protolimite, como forma de facilitar a gestão do território, foi a utilização de elementos que sejam facilmente identificados por qualquer pessoa, tais como: ruas, rios, divisa de lotes, etc.

PROTOLIMITES

As novas UCs possuem área de 4.059 hectares, de acordo com os Protolimites.

O **Refúgio da Vida Silvestre (REVIS) das Vargens de Sernambetiba**, com **1.203 hectares**, abrange a baixada das Vargens dos Campos de Sernambetiba, no sentido leste-oeste, entre os limites do Parque Estadual da Pedra Branca e as magens da Lagoa de Jacarepaguá. Foi incluída ainda na proposta brejo da área a leste da Avenida Salvadore Allende, inserida de modo a suportar a futura conexão da área central das Vargens com o Complexo Lagunar de Jacarepaguá.

As porções mais urbanizadas da baixada e a baixa encosta do Maciço da Pedra Branca formam a **Área de Proteção Ambiental (APA) do Sertão Carioca**, com **2.856 hectares** de limites propostos. Constitui-se numa zona de entorno do REVIS e inclui o centro urbanizado de Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim, além de um trecho a sul da Via 4 (projetada).

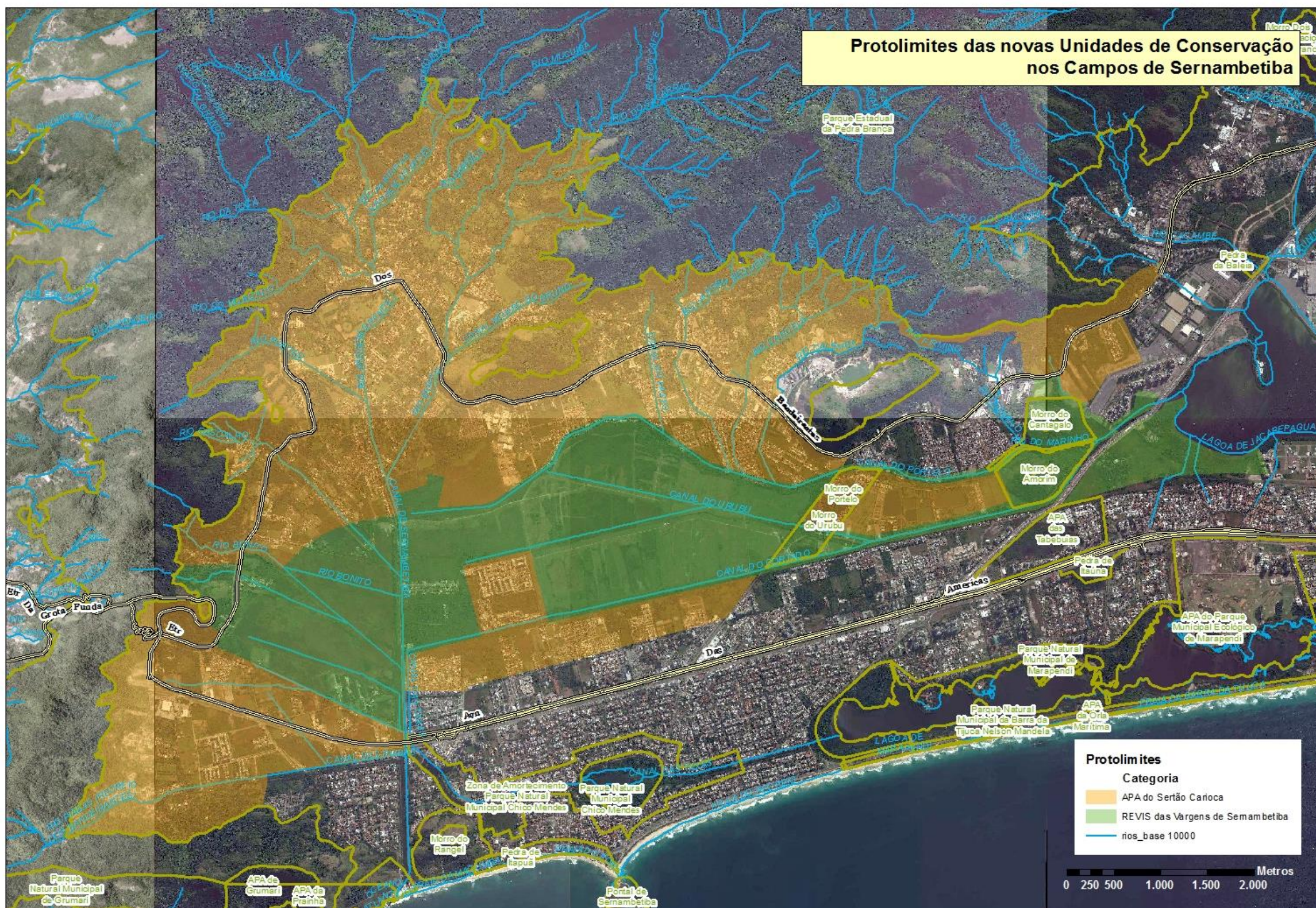


Figura 59 - Protolimites das Unidades de Conservação Propostas

CONCLUSÕES

O Município do Rio de Janeiro está totalmente inserido no bioma Mata Atlântica e, conseqüentemente, todas as Unidades de Conservação no seu território fazem parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Estas reservas são “áreas reconhecidas pelo programa *Man and the Biosphere* (MaB), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como importantes, em nível mundial, para a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável”.

As reservas da biosfera apresentam uma constituição espacial que visam garantir maior proteção às suas áreas centrais e divide-se em três zonas principais: Zonas núcleo, Zonas de amortecimento e Zona de Transição. Neste modelo territorial as APAs desempenham papel importante no amortecimento das áreas mais urbanizadas e protegendo áreas ambientalmente mais sensíveis, permitindo assim o desenvolvimento econômico local concomitantemente ao uso sustentável dos seus recursos naturais.

O Roteiro Metodológico para Elaboração de Planos de Manejo de Áreas de Proteção Ambiental da Secretaria Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro (SEARJ), publicado pelo Instituto Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro (INEA), ressalta que “As APAs foram criadas pela Lei Federal no 6.902/1981 como espaços onde a instalação de indústrias e de atividades capazes de causar impactos ambientais ou extinguir espécies da biota nativa poderia sofrer intervenção do Poder Executivo.”

Para a categoria de Refúgio da Vida Silvestre, não existem até esse momento documentos correlatos a um Roteiro Metodológico nas esferas superiores de governo que orientem a criação ou formulação de seu Plano de Manejo. Caberá a órgão ambiental adaptar as condições ecológicas e urbanas intrínsecas à gestão da nova Unidade.

As Vargens dos Campos de Sernambetiba e seu entorno de encostas são um território complexo, multifacetado em suas características naturais, abrigando uma diversidade biológica significativa, uma planície alagada fragilíssima do ponto de vista do equilíbrio hidrodinâmico, simultaneamente acossada pelos interesses da especulação imobiliária que pretende criar há pelo menos 20 anos uma alternativa viável de ocupação que permita a expansão definitiva dos bairros da Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes em direção à região

A área estudada é dotada de atributos naturais e culturais importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações que residem ou visitam a região da Baixada Jacarepaguá. Seu território possui biótopos de elevada riqueza de espécies em fauna e flora que ocorrem em brejos, pequenos lagos, poças e margens de lagoas e rios e que carecem de instrumentos de proteção mais efetivos e modernos que estabeleçam regras de proteção e convivência com a dinâmica de uso e ocupação do solo na Cidade que tanto pressiona essas

áreas úmidas.

O ordenamento da ocupação neste território extremamente sensível do ponto de vista ambiental, que é formado por terras públicas e privadas, deve preservar a principal característica biogeográfica da área que é a conexão entre o Maciço da Pedra Branca e a Lagoa de Jacarepaguá por meio das áreas úmidas e fragmentos florestais, de modo que garanta a manutenção dos recursos naturais para a presente e futuras gerações.

Nesse sentido o Sistema Nacional de Unidades de Conservação define um conjunto de características principais que, juntas, enquadram uma determinada área relevante em uma das categorias de manejo elencadas na lei.

A área das unidades de conservações propostas e seu entorno englobam importantes sistemas ambientais para a cidade, como o Maciço da Pedra Branca, as Lagoas de Jacarepaguá e Lagoinha, os Morro do Rangel, Urubu, Calembá, Portelo, Amorim e Cantagalo, Canal do Cortado, Canal de Sernambetiba, Canal do Portelo, Canal do Cortado e Rio Bonito. Este conjunto de ambientes naturais de grande relevância, que em parte já está sob proteção de tombamentos e unidades de conservação de diferentes esferas de governo, constitui um valioso acervo para a cidade não só como patrimônio natural e paisagístico, mas como provedor de serviços ambientais para a população.

Por se tratar de uma área de extrema relevância ambiental e face ao crescimento urbano sobre as áreas verdes que vem ocorrendo nos últimos anos nessa região, pressionando e colocando em risco os serviços ambientais prestados por esses ecossistemas, se faz urgente a implementação de ações públicas de proteção ambiental.

O presente estudo indica a proteção, através de instrumentos legais, de porções da área estudada, através de criação de duas Unidades de Conservação, uma de Proteção Integral, o Refúgio da Vida Silvestre (REVIS) e outra de Uso Sustentável, Área de Proteção Ambiental (APA), conforme previsto pelo regramento do SNUC.

Em síntese a criação das futuras UCs é de suma importância para proteção dos recursos naturais e adequação e regulação ambiental das atividades e processos vigentes na área. Vem ao encontro da necessidade de uso de instrumentos modernos e eficientes para implantação de “um espaço que permite o desenvolvimento econômico e social local em seu território, porém, sem perder de vista o uso racional e sustentável dos recursos naturais e a manutenção da qualidade de vida das populações locais”.⁴ Deve-se reforçar que esse instrumento (Unidade de Conservação) é implementado através de um longo processo que se inicia na vontade do Poder Público materializado no ato de criação da UC e avança em etapas seguintes com a formalização de Conselhos Gestores, Planos de Manejo e demais

instrumentos que auxiliem na consecução dos objetivos de criação da UC.

RECOMENDAÇÕES

GESTÃO DAS FUTURAS UCS

A gestão destas futuras unidades de conservação municipais ficará a cargo da Gerência de Unidades de Conservação Ambiental (SCMA/CGMA/CAV/GUCA) da Secretaria Municipal de Conservação e Meio Ambiente, conforme as competências desta gerência estabelecidas pelo Decreto Municipal 44.019/2017.

A Gerência de Unidades de Conservação Ambiental é subordinada à Coordenadoria de Áreas Verdes, que por sua vez é subordinada à Coordenadoria Geral de Meio Ambiente da SECONSERMA.

Quanto à implementação da gestão, ressalta-se a necessidade, após a criação das UCs, da elaboração dos seus planos de manejo e da criação do conselho gestor, conforme estabelecido pela Lei Federal 9.985/2000 (Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC) e Decreto 4.340/2002 que a regulamenta, priorizando a participação popular em todos esses processos.

“Art. 13. O Refúgio de Vida Silvestre tem como objetivo proteger ambientes naturais onde se asseguram condições para a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória.

§ 1º O Refúgio de Vida Silvestre pode ser constituído por áreas particulares, desde que seja possível compatibilizar os objetivos da unidade com a utilização da terra e dos recursos naturais do local pelos proprietários.

§ 2º Havendo incompatibilidade entre os objetivos da área e as atividades privadas ou não havendo aquiescência do proprietário às condições propostas pelo órgão responsável pela administração da unidade para a coexistência do Refúgio de Vida Silvestre com o uso da propriedade, a área deve ser desapropriada, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 3º A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.

§ 4º A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento.

(...)

Art. 15. A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.

§ 1º A Área de Proteção Ambiental é constituída por terras públicas ou privadas.

§ 2º Respeitados os limites constitucionais, podem ser estabelecidas normas e restrições para a utilização de uma propriedade privada localizada em uma Área de Proteção Ambiental.

§ 3º As condições para a realização de pesquisa científica e visitação pública nas áreas sob domínio público serão estabelecidas pelo órgão gestor da unidade.

§ 4º Nas áreas sob propriedade privada, cabe ao proprietário estabelecer as condições para pesquisa e visitação pelo público, observadas as exigências e restrições legais.

§ 5º A Área de Proteção Ambiental disporá de um Conselho presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes dos órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e da população residente, conforme se dispuser no regulamento desta Lei.”

(...)

Art. 27. As unidades de conservação devem dispor de um Plano de Manejo.

§ 1º O Plano de Manejo deve abranger a área da unidade de conservação, sua zona de amortecimento e os corredores ecológicos, incluindo medidas com o fim de promover sua integração à vida econômica e social das comunidades vizinhas.

§ 2º Na elaboração, atualização e implementação do Plano de Manejo das Reservas Extrativistas, das Reservas de Desenvolvimento Sustentável, das Áreas de Proteção Ambiental e, quando couber, das Florestas Nacionais e das Áreas de Relevante Interesse Ecológico, será assegurada a ampla participação da população residente.

§ 3º O Plano de Manejo de uma unidade de conservação deve ser elaborado no prazo de cinco anos a partir da data de sua criação.

GESTÃO PARTICIPATIVA

O objetivo primordial em unir alguns membros das comunidades do entorno é o de aumentar a eficácia de uma futura gestão da unidade de conservação a ser criada, aproveitando os diferentes conhecimentos dos participantes já que esses possuem diferentes interesses e capacidades. A intenção de promover o sentimento de segurança e estabilidade levando a uma maior sustentabilidade do processo faz parte da proposta de gerenciar os interesses diversos com respeito e igualdade a gestão fica muito mais eficaz.

Sufere-se reuniões com lideranças comunitárias de modo que haja a possibilidade de expor o papel do Conselho na Unidade de Conservação e o interesse da gestão na participação da sociedade (o papel do conselheiro). Essa etapa é importante já que a própria sociedade pode indicar a participação de outros membros que porventura não estavam presentes no momento das reuniões.

Um Conselho é um espaço público usado como canal de participação formal da sociedade na gestão da UC. É o instrumento mediador nas relações entre o governo e a sociedade civil, possibilitando o exercício da cidadania e da democracia.

As reuniões realizadas com os atores governamentais e não governamentais proporcionam o diálogo sobre a conservação da biodiversidade, possibilidade de realização de projetos em parcerias, monitoramento participativo, e outras atividades que abram espaço para o diálogo entre os saberes tradicionais e acadêmicos.

A gestão participativa assenta-se no pressuposto de que é necessário que a sociedade sinta-se como parte da gestão da UC, percebendo-a como território construído, sínteses de interesses muitas vezes em disputa pelo uso e apropriação de recursos ambientais.

Com a continuidade da capacitação haverá um nivelamento técnico entre o grupo especialmente sobre unidades de conservação, importância de criação de um conselho e a futura realização do plano de manejo para a unidade. Além da capacitação da sociedade outro objetivo desses contatos é que esses se tornem multiplicadores da proposta do poder público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

www.inepac.rj.gov.br - Lista de bens tombados

www.data.rio – Dados demográficos

www.prefeitura.rio/smu - Base de dados dos PALs

[SiGFloresta](#) – Mapa e base de dados da Cobertura Vegetal do Rio de Janeiro (2010, 2014 e 2016).

[GEO Inea](#) – Mapas e bases de dados ambientais do estado do Rio de Janeiro

ALBUQUERQUE, C. T. ANÁLISE MICROCLIMÁTICA DO GRADIENTE FLORESTA-CIDADE NA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ, RIO DE JANEIRO/RJ . Departamento de Geografia da PUC Rio. S/D

AYOADE, J.O. Introdução à climatologia para os trópicos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 332p.

BAGLIANO, R.V. 2012. Principais organismos utilizados como bioindicadores relatados com uso de avaliadores de danos ambientais. Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade, 2 (1): 24-40.

BAPTISTA, R.L.C.; QUEIROZ, A.; CASTRO, D.T.; HOFFMANN, A.; CASTANHEIRA, P.S.; QUINTARELL, F. 2015. Araneofauna (Arthropoda: Arachnida: Araneae) do Parque Natural Municipal de Marapendi, Rio de Janeiro, Brasil, com notas sobre as espécies fluminenses. Pp. 110-133. In: PONTES, J.A.L. (Org.). Biodiversidade carioca: segredos revelados. Rio de Janeiro. Technical Books, 361 p.

BECKMANN, J.P.; CLEVENGER, A.P.; HUIJSER, M.P. & HILTY, J.A. (Ed.). 2010. Safe passages: highways, wildlife, and habitat connectivity. United States of America, Washington DC: Island Press, 397 p.

BERCKER, M.; DALPONTE, J.C. 2013. Rastros de mamíferos silvestres brasileiros: um guia de campo. Rio de Janeiro: Technical Books Editora, 166 p.

BERGALLO, H.G.; ROCHA, C.F.D.; ALVES, M.A.S.; VAN SLUYS, M. (Org.). 2000. A fauna ameaçada de extinção no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ / FAPERJ, 168 p.

BERGALLO, H.G.; UZÊDA, M.C.; FIDALGO, E.C.C.; ALVES, M.A.S.; ROCHA, C.F.D.; VAN SLUYS, M.; COSTA, T.C.C.; COSTA, M.B.; SANTOS, M.A.; COZZOLINO, A.C. 2009. Conservação da biodiversidade da Mata Atlântica no estado do Rio de Janeiro. Pp. 23-32. In:

BERGALLO, H.G.; FIDALGO, E.C.C.; ROCHA, C.F.D.; UZÊDA, M.C.; COSTA, M.B.; ALVES, M.A.S.; VAN SLUYS, M.; SANTOS, M.A.; COSTA, T.C.C.; COZZOLINO, A.C. (Org.). Estratégias e ações para a conservação da biodiversidade no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Biomas, 344 p.

BIBLIOTECA DIGITAL DO SENADO. Mappa do município neutro – Laemmert, 1870. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242547>

BRASIL, 2000. Lei Federal nº 9985/00. Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. Diário Oficial da União de 19/07/00. Brasília, DF.

BRASIL, 2014a. Espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. Brasília: Diário oficial da União, 245: 121-126.

BRASIL, 2014b. Espécies de peixes e invertebrados aquáticos da fauna brasileira ameaçada de

extinção. Brasília: Diário oficial da União, 245: 126-130.

BRUCA, G.J.; BRUSCA, R.C.. 2007. Invertebrados (2ª. Edição). Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 968 p.

CARDEMAN, Rogério e NAME, Leo - Cenários de ocupação e transformação da paisagem na Baixada de Jacarepaguá, 2014 - Rio De Janeiro - acesso em 15/09/2018 <http://www.scielo.br/pdf/mercator/v13n2/1676-8329-mercator-13-02-0061.pdf>

CASTRO, P.F. (Org.) 2015. Atlas das unidades de conservação da natureza do Estado do Rio de Janeiro (2ª. Ed.). São Paulo: Metalivros, 171 p.

COLAUTTI, R.I.; MACISAAC, H.J. 2004. A neutral terminology to define 'invasive' species. Diversity and Distributions, 10: 135-141.

COMPANS, Rose. A CIDADE CONTRA A FAVELA A NOVA AMEAÇA AMBIENTAL in Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais, v.9, nº1 (maio de 2007). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2007v9n1p83>. Acessado em fevereiro de 2018.

COSTA, H.C.; BÉRNILS, R.S. 2015. Répteis brasileiros: lista de espécies 2015. Herpetologia Brasileira, 4 (3): 75-93.

COSTA, W.J.E.M. 2003. Peixes anuais brasileiros: diversidade e conservação. Curitiba: Editora UFPR, 240 p.

COSTANZA, R.; D'ARGE, R.; GROOT, R.; FARBERK, S.; GRASSO, M.; HANNON, B.; LIMBURG, K.; NAEEM, S.; O'NEILL, R.V.; PARUELO, J.; RASKIN, R.G.; SUTTON, P. & BELT, M. 1997. The value of the world's ecosystem services and natural capital. Nature, 387: 253-260.

COSTA, Lúcio - Plano Piloto para a urbanização da baixada compreendida entre Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá - <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.116/3375>

CRUMP M.L. & SCOTT JR. N.J. 1994. Visual encounter surveys. Pp. 84-92. In: HEYER, W.R.; DONNELLY, M.A.; ROY, W.M.; HAYEK, L.C. & FOSTER, M.S. (Ed.). Measuring and monitoring biological diversity. Standard methods for amphibians. Washington: Smithsonian Institution Press, 364 p.

DECRETO Nº 322. APROVA O REGULAMENTO DE ZONEAMENTO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. RIO DE JANEIRO, 3 DE MARÇO DE 1976.

DI-MAIO, F.R.; SILVA, M.B.R. (Org.) 2000. Espécies ameaçadas de extinção no Município do Rio de Janeiro: flora e fauna. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, 68 p.

FREITAS-FILHO, 2015 Jacarés urbanos: o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris* Daudin, 1802) nos parques naturais urbanos da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Pp. 160-175. In: PONTES, J.A.L. (Org.). Biodiversidade carioca: segredos revelados. Rio de Janeiro: Technical Books, 361 p.

FROST, D.R. 2018. Amphibian Species of the World: an online reference. Version 6.0 (21 February, 2018). Electronic Database accessible at February 21, 2018. New York, USA: American Museum of Natural History. Disponível em: <http://research.amnh.org/vz/herpetology/amphibia/index.php>

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1992. Manual técnico da vegetação brasileira. Série Manuais Técnicos em Geociências, 1. Rio de Janeiro: IBGE, 92 p.

FUNBIO; SEA RJ; SMAC. Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Chico Mendes. Rio de Janeiro: SMAC, 2014. p. 91-105.

Fundação GeoRio (Sistema Alerta Rio). Maiores Chuvas. Disponível em: <<http://alertario.rio.rj.gov.br/maiores-chuvas/>>. Acesso em: jan. 2018.

Fundação GeoRio (Sistema Alerta Rio). Acumulados Mensais. Disponível em: <<http://alertario.rio.rj.gov.br/acumulados-mensais/>>. Acesso em: jan. 2018.

GALVANI, Emerson. Unidades Climáticas Brasileiras. Departamento de Geografia – USP. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Emerson/Unidades_Climaticas_Brasileiras.pdf>. Acesso em: fev. 2018.

GEORIO. Mapa Geológico-Geotécnico do Município do Rio de Janeiro. Escala 1:10.000. 1997.

GENTRY, A. La región amazónica: 53-64 (en) *Selva Húmeda de Colombia*. Villegas Editores, Bogotá, 1990.

GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques. FAVELA E QUESTÃO ECOLÓGICA, in Anais da III Jornada Internacional de Políticas Públicas, Questão Social e Desenvolvimento no Século XXI do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão, 28 a 30 de agosto 2007, São Luís – MA

GOLFARI, L.; MOOSMAYER, H. 1980. Manual de reflorestamento do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Banco de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro / Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral, 382 p.

GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques. FAVELA E QUESTÃO ECOLÓGICA, in Anais da III Jornada Internacional de Políticas Públicas, Questão Social e Desenvolvimento no Século XXI do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão, 28 a 30 de agosto 2007, São Luís – MA,.

HADDAD, C.F.B.; TOLEDO, L.F.; PRADO, C.R.A. 2008. Anfíbios da Mata Atlântica: guia dos anfíbios anuros da Mata Atlântica. São Paulo: Editora Neotropica, 243 p.

HEILBRON, M.; EIRADO, L.G. & ALMEIDA, J. (Orgs). Mapa Geológico e de Recursos Minerais do Estado do Rio de Janeiro. Escala 1:400.000. Programa de Geologia do Brasil, Mapas Geológicos Estaduais. CPRM – Serviço Geológico do Brasil, Superintendência Regional de Belo Horizonte. 2016.

HEILBRON, M.; VALERIANO, C.M.; VALLADARES, C.S. & MACHADO, N. A orogênese Brasileira no segmento central da Faixa Ribeira, Brasil. Revista Brasileira de Geociências, 25(4): 245-266. 1995.

IBGE. Manual Técnico de Geomorfologia. IBGE, Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. 2ª ed. Rio de Janeiro. 182p. 2009.

IBGE. MANUAL TÉCNICO da VEGETAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Série MANUAIS

TÉCNICOS em Geociências. nº 1. 92 p. IBGE, 1992.

INEA. Faixa Marginal de Proteção. Série Gestão Ambiental 2. Instituto Estadual do Ambiente – Rio de Janeiro: 37p. 2010.

INEA. O estado do ambiente: indicadores ambientais do Rio de Janeiro / Organizadoras: Julia Bastos e Patricia Napoleão. – Rio de Janeiro: SEA; INEA. 160p. 2011.

INEA. Plano de Manejo do Parque Estadual da Pedra Branca. 657p. 2013.

INSTITUTO CHICO MENDES DE BIODIVERSIDADE (ICMBIO), 2013. Sumário executivo do plano nacional para a conservação dos peixes Rivulídeos ameaçados de extinção. Brasília: ICMBIO/MMA, 8 p. Acessado em 16.03.17. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-rivulideos/sumario-executivo-rivulideos.pdf>.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE – IUCN. 2017. The IUCN Red list of threatened species. Version 2017-3. Disponível em <www.iucnredlist.org>. Acessado em 20 de fevereiro de 2018.

INMET. Normais Climatológicas do Brasil 1961-1990. Disponível em: <<http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/normaisclimatologicas>>. Acesso em: fev. 2018.

IZECKSOHN, E.; CARVALHO-E-SILVA, S.P. 2001. Anfíbios do município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 148 p.

KOIKE, F.; CLOUT M.N.; KAWAMICHI, M.; DE POORTER, M.; IWATSUKI, K. (Ed.). 2006. Assessment and Control of Biological Invasion Risks. Gland, Switzerland: Published by Shoukadoh Book Sellers, Kyoto, Japan and the World Conservation Union (IUCN), 216 p.

LEI COMPLEMENTAR Nº16. DISPÕE SOBRE A POLÍTICA URBANA DO MUNICÍPIO, INSTITUI O PLANO DIRETOR DECENAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. RIO DE JANEIRO, 4 DE JUNHO DE 1992.

LEITÃO FILHO, H.F. ASPECTOS TAXONÔMICOS DAS FLORESTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. SILVICULTURA EM SÃO PAULO, SÃO PAULO, 16A(1):197-206, 1982.

LEITÃO FILHO, H.F. Considerações sobre a florística de florestas tropicais e subtropicais do Brasil. IPEF, n.45, p.41-46, 1987.

LESSA, I.C.M.; BERGALLO, H.G. 2012. Modelling the population control of the domestic cat: an example from an island in Brazil. Brazilian Journal of Biology, 72 (3): 445-452.

LUCENA, Andrews José de, et al. A Evolução da Ilha de Calor na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. REVISTA GEONORTE, Edição Especial 2, V.2, N.5, p.8 – 21, 2012.

LUMBRERAS, J.F. & GOMES, J.B.V. Mapeamento Pedológico e Interpretações Úteis ao Planejamento Ambiental do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EMBRAPA SOLOS. 331p. 2004.

CORRÊA, MAGALHÃES. O Sertão Carioca. Imprensa Nacional, 1936 - http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drq3817/drq3817.pdf

MALDONADO, T.; BRAVO, J.; CASTRO, G.; JIMENEZ, Q.; SABORIO, O.; PANIAGUA, L. 1995. Evaluación ecológica rápida del región del tempisque, Guanacaste, Costa Rica. San Jose, Costa Rica: Fundación Neotropical.

MALLET-RODRIGUES, F.; ALVES, V.S.; NORONHA, M.L.M.; SERPA, G.A.; SOARES, A.B.A.; COUTO, G.S.; MACIEL, E.; MADEIRA, S. & DRAGHI, J. 2008. Aves da Baixada de Jacarepaguá, Município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Ornitologia, 16 (3): 221-231.

MANSUR, André Luis e MORAIS, Ronaldo – A Invasão Francesa do Brasil – O corsário Du Clerc ataca o Rio de Janeiro por Guaratiba – Ed. Edital - 2015

MELLO, Cláudio Prado de – O RIO COMEÇA EM SEPETIBA - <http://urbecarioca.com.br/2018/01/o-rio-comeca-em-sepetiba-de-claudio-prado-de-mello.html> - acessado em 22/01/2018.

MELLO, Cláudio Prado de - OUTRAS NOTÍCIAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SEPETIBA FATOS EXTRAORDINÁRIOS DE UM RIO QUE COMEÇA EM SEPETIBA - <http://urbecarioca.com.br/2018/01/outras-noticias-do-sitio-arqueologico-de-sepetiba-de-claudio-prado-de-mello.html> acessado em 22/01/2018.

MENDONÇA, Jose Carlos. Elementos e Fatores Climáticos. Disponível em: <http://www.professormendoncaenf.com.br/ag_elementosmeteorologicoseclimaticos.pdf>. Acesso em: jan. 2018.

MENDONÇA-SANTOS, M.L.; ANTUNES, F.S.; CALDERANO, S.B.; SANTOS, H.G.; POLIVANOV, H.; CAMPOS, T.M.P.; ZARONI, M.J.; DONAGEMMA, G.K & AMARAL, C.P. Correlação Pedológica-Geotécnica do Município do Rio de Janeiro. EMBRAPA-SOLOS, Rio de Janeiro. 42p. 2009.

MITTERMEIER, R.A.; GIL, P.R.; HOFFMAN, M.; PILGRIM, J.; BROOKS, T.; MITTERMEIER, C.G.; LAMOREUX, J.; FONSECA, G.A.B. 2005. Hotspots revisited: Earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. Chicago: University Chicago Press / Conservation International, 432 p.

MMA. (Orgs: Oliveira, J.C.C. & Barbosa, J.H.C.). Roteiro para criação de Unidades de Conservação Municipais. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente. 68p. 2010.

MONTEZUMA, R. e OLIVEIRA, R. Os ecossistemas da Baixada de Jacarepaguá e o PEU das Vargens. Revista Arquitectos. Jan. 2010.

MOTTA, P.C. 2014. Aracnídeos do Cerrado (1ª. Ed.). Rio de Janeiro: Technical Books, 209 p.

MORI, A.S.; Boom, B. Ecological importance of Myrtaceae in an eastern Brazilian wet forest. *Biotropica*, 15:68-70, 1983.

MUGNAI, R.; NESSIMIAN, J.L.; BAPTISTA, D.F. 2010. Manual de identificação de invertebrados aquáticos do Estado do Rio de Janeiro (1ª. Ed.). Rio de Janeiro: Technical Books Editora, 176 p.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA, G.A.B.; KENT, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, 403: 853-858. NIMER, E. 1989.

Climatologia no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 421 p.

NAME, Leo - Análise da ocupação proposta pelo PEU das Vargens tendo como foco densidades, infraestruturas e condições ambientais (1) – 2010 – acesso em 15/09/2018
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.116/3382>

OAKIM, Juliana. A Cidade, o urbanista e o plano. Um estudo para a Guanabara por Doxiadis. Monografia de Especialização em Sociologia Urbana. 2012 - UERJ

OLIVEIRA, Jorge Luiz Fernandes de. Clima. In: SERRA, M. V.; SERRA, M. T. F. (Org). Guia de História Natural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Cidade Viva: Instituto Cultural Cidade Viva, 2012.p. 84-97.

OLIVEIRA FILHO A.T.; Fontes, M.A.L. Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forests in Southeastern Brazil and the influence of climate. *Biotropica* 32:793-810, 2000.

PAGLIA, A.P.; FONSECA G.A.B.; RYLANDS A.B.; HERRMANN G.; AGUIAR L.M.S.; CHIARELLO A.G., LEITE Y.L.R.; COSTA L.P.; SICILIANO S.; KIERULFF M.C.M.; MENDES S.L.; TAVARES V.C.; MITTERMEIER R.A.; PATTON J.L. 2012. Annotated Checklist of Brazilian Mammals 2ª Edition. Occasional Paper in Conservation Biology 6, 76 p. PALO, J.R.H. 2017. Borboletas do Brasil. São Paulo: Vento Verde Editora, vol. 1, 2, 3.

PCRJ - SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO. Atividade Agrícola em Guaratiba — Dezembro 2015 PCRJ -Relatório Final do Grupo de Trabalho Guaratiba – Outubro de 2004

PCRJ - SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO. Apresentação da Audiência Pública – SMU – GPL4. 2014

PCRJ – SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO. Relatório da Revisão do Plano Diretor Decenal da Cidade. Rio de Janeiro, PCRJ/SMU, 2006.
<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/139339/DLFE-241270.pdf/Relatorio2009PropostadePoliticaUrbanaparte3.pdf>

PCRJ - INSTITUTO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE – IRPH. Relatório Marcos Imperiais– Partes I e II (texto digitado). Rio de Janeiro, 2009 - Guia do Patrimônio Cultural Carioca: Bens Tombados 2014. Rio de Janeiro, 2014.

PCRJ - INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMONIO CULTURAL - INEPAC. Listagem de Bens Tombados. Disponível em <www.inepac.rj.gov.br> . Acessado em: janeiro 2018.

PCRJ – SISTEMA INTEGRADO DE PLANEJAMENTO URBANO E COMITÊ TÉCNICO DE ACOMPANHAMENTO DO PLANO DIRETOR. Diagnóstico Urbano-Ambiental da Cidade do Rio de Janeiro. 2015

PCRJ – SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. Diagnóstico para Revisão da Lei Complementar nº 104/09. 2015

PCRJ - SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. Estratégia de Adaptação às Mudanças Climáticas da Cidade do Rio de Janeiro. Elaborado por COPPE/UFRJ. 2016

PCRJ -. SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica do Rio de Janeiro. 293p. 2015.

PCRJ -. SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. Programa de Monitoramento da Cobertura Vegetal do Município do Rio de Janeiro – SIGFloresta 2016. Disponível em: <http://pcrj.maps.arcgis.com>..

PCRJ -. SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. PLANO DE MANEJO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL BOSQUE DA BARRA. 2014
<http://www.rio.rj.gov.br/web/smac/exibeconteudo?id=5212764>

PCRJ -. SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. PLANO DE MANEJO DO ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE MARAPENDI. 2015

PEREIRA, J.F.M. 2010. Parque Chico Mendes, guia das aves. Rio de Janeiro: JF Editora, 66 p.

PIACENTINI, V.Q. *et al.* 2015. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Revista Brasileira de Ornitologia, 23 (2): 91-298.

PINTO, R.B.C.P. Estudo de inundação do canal de sernambetiba e seus afluentes utilizando o programa modcel. Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016

PIRES, A.S.; FERNANDEZ, F.A.S.; BARROS, C.S. 2006. Vivendo em um mundo em pedaços: efeitos da fragmentação florestal sobre comunidades e populações animais, 231-260. *In*: ROCHA, C.F.D.; BERGALLO, H.G.; VAN SLUYS, M.; ALVES, M.A.S. (Org.). Biologia da conservação: essências São Carlos: RiMa Editora, 582 p.

PONTES, J.A.L.; FERNANDES, V.F. & COUTO, R.S. 2014. Parecer técnico no. 005/14. Regeneração na Área de Proteção Ambiental (APA) das Tabebuias. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Meio Ambiente, PCRJ. DOI: 10.13140/RG.2.2.16961.61286.

PONTES, J.A.L. 2006. Planejamento, manejo de trilhas e impactos na fauna. *In*: CD I Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas. Rio de Janeiro: GEA/UERJ/TECHNOGAIA.

PONTES, J.A.L.; ROCHA, C.F.D. 2008. Serpentes da Serra do Mendanha, Rio de Janeiro, RJ: Ecologia e conservação. Rio de Janeiro: Technical Books Editora, 147 p.

PONTES, J.A.L.; ANDRADE, F.N. ; FICO, B.V. 2017. Estudo técnico das condições bióticas e da dinâmica de transformação das principais áreas úmidas na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Subgerência de Monitoramento de Biodiversidade, Secretaria Municipal de Conservação e Meio Ambiente do Rio de Janeiro, PCRJ, 67 p.

PONTES, J.A.L.; PONTES, R.C.; ROCHA, R.F.; LINDENBERG, P.M.; SILVA, K.P.; SANTOS, W.A.; LEMOS, N.A.; HASSAN, P.G.A.; ALVES, A.O.; LOPES, L.F.B.A.; PERRO, L.C.T.; BOLDRINI, A.P.; NUNES, E.C.F.; COSTA, L.F.; KISLING, R.W.; ROCHA, C.F.D. 2015. Unidades de conservação da Cidade do Rio de Janeiro: Hotspots da herpetofauna carioca. Pp. 176-194. *In*: PONTES, J.A.L. (Org.). Biodiversidade carioca: segredos revelados. Rio de Janeiro. Technical Books, 361 p.

PONTES, J.A.L. 2013. Parecer Técnico no. 003/2013. Implantação do Campo de Golfe Olímpico. Rio de Janeiro: Gerência de Unidades de Conservação, Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, PCRJ, Processo nº 14/201.250/2012, 20 p. DOI:0.13140/RG.2.2.34225.43364

PORTO, R.L.; ZAHED FILHO, K. & SILVA, R.M. Apostila sobre bacias hidrográficas do curso de Hidrologia Aplicada. Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia Hidráulica e Saneamento. 35p. 1999.

QUINTAS, J.S.-Introdução à gestão ambiental pública “- 2ª entrevista Brasília: Ibama, 2006. 2-

RARO-DE-OLIVEIRA, D.; PAES-PINTO, M.P.; SILVA, L.M.R.; NUNES, R.P.; PONTES, J.A.L. Os mamíferos terrestres do Parque Natural Municipal Bosque da Barra, Barra da Tijuca, Rio de

Janeiro. Pp. 246-256. *In*: PONTES, J.A.L. (Org.). Biodiversidade carioca: segredos revelados. Rio de Janeiro. Technical Books, 361 p.

RIBEIRO et al. Regularização Fundiária em Unidade de Conservação e questões sociais- estudo de caso do Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu – RJ, in Medeiros, Rodrigo e Irving, Marta (Editores), Áreas Protegidas e Inclusão Social: tendências e perspectivas, anais do III Seminários Brasileiro de Áreas Protegidas e Inclusão Social (III SAPIS), 11 A 17 DE NOEMBRO DE 2007, Teresópolis-RJ, pg. 237-239.

ROCHA, R.T. Bacias de Contribuição de Nascentes como Áreas Prioritárias para Restauração Florestal. Anais do IV Congresso Brasileiro de Reflorestamento Ambiental. Rio de Janeiro, RJ. 2016.

ROCHA, C.F.; BERGALLO, H.G.; VAN SLUYS, M; ALVES, M.A.S. 2003. A biodiversidade nos grandes remanescentes florestais do Estado do Rio de Janeiro e nas restingas da Mata Atlântica. São Carlos, São Paulo: RiMa, 160 p.

ROCHA, C.F.; BERGALLO, H.G.; POMBAL JR, J.P.; GEISE, L.; VAN SLUYS, M.; FERNANDES, R.; CARAMASCHI, U. 2004. Fauna de anfíbios, répteis e mamíferos do estado do Rio de Janeiro, Sudeste do Brasil. Publ. Avul. Mus. Nac., 104: 3-23.

ROCHA, C.F.D.; BERGALLO, H.G.; MAZZONI 2011. Invasive vertebrates in Brazil. Pp. 53-103. *In*: PIMENTEL, D. Biological invasions: economic and environmental costs of alien plant, animal and microbes species (2nd Ed.). New York: CRC Press, 449 p.

SALINAS, M. O papel das áreas agrícolas no planejamento territorial da cidade do Rio de Janeiro. Apresentado na Câmara Técnica das Bacias Drenantes para a Baía de Sepetiba/CONSEMAC, em 21 de fevereiro de 2018.

SANTANA, C.A.A. Estrutura e florística de fragmentos de florestas secundárias de encosta no município do Rio de Janeiro [dissertação] Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; 2002.

SANTANA, C. A. A. Estrutura horizontal e composição florística de três fragmentos secundários na cidade do Rio de Janeiro. *Acta Scientiarum Biological Sciences*, Maringá, PR, v. 26, n. 4, p. 443-451, 2004.

SANTINI, P. “III Curso de Educação Ambiental na Gestão pública da Biodiversidade”, ACADEBIO-ICMBio, 2000, SP.

SEGALLA, M.V.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, C.A.G.; GRANT, T.; HADDAD, C.F.B.; GARCIA, P.C.A.; BERNECK, B.V.M.; LANGONE, J.A. 2016. Brazilian amphibians: list of species. *Herpetologia Brasileira*, 5 (2): 34-46.

SIGRIST, T. 2007. Aves do Brasil oriental. Série Guias de Campo. São Paulo: Avis Brasilis, 448 p.

SIMBERLOFF, D., 2010. Invasive species. Pp. 131-148. *In*: SODHI, N.S.; EHRLICH, P.R. (Ed.). Conservation Biology for All. New York: Oxford University Press, 358 p.

STRAHLER, A. N. Quantitative analysis of watershed geomorphology. *Transactions of the American Geophysical Union*, 38(6): 913–920. 1957.

TELLES, F.P. & SILVA, J.C. 2015. Perspectivas de cultivo e usos de pau de tamanco com vistas à sustentabilidade na arborização e em unidades de conservação da Área de Planejamento 4 da Cidade do Rio de Janeiro. Pp. 59-77. In: PONTES, J.A.L. (Org.). Biodiversidade carioca: segredos revelados. Rio de Janeiro: Technical Books, 452 p.

TORRES, FillipeTamiozzo Pereira e MACHADO, Pedro José de Oliveira. Introdução à Climatologia / FillipeTamiozzo Pereira Torres, Pedro José de Oliveira Machado – Ubá: Ed. Geographica, 2008. – (Série Textos Básicos de Geografia) 234p. ISBN 978-85-61911-05-8 1. Climatologia – clima. 2. Tempo (Meteorologia). I. Título. II. Série.

VELOSO, H.P.; FILHO, A.L.R.R.; LIMA, J.C.A. 1991. Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema universal. Rio de Janeiro: IBGE. 124 p.

VICENTE, J.F., CARVALHO, M.G. & BARBOSA, G.R. Avaliação Hidrogeológica das Regiões Administrativas de Campo Grande e Guaratiba, RJ. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas. São Luiz, MA. 2010.

WANDERLEY, M.G.L. 2006. Estudos sobre a flora da região Sudeste do Brasil: Situação atual e perspectivas. Pp. 676-679. In: MARIATH, J.E.; SANTOS, R.P. (Ed.). Os avanços da Botânica no início do século XXI. Morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética. Conferências, plenárias e simpósios do 57º Congresso Nacional de Botânica. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 749 p.

WEYRAUCH, Cleia Schiavo - DE MAR A MAR, MODERNIDADE E TRADIÇÃO: CIDADE E CAMPO NO RIO DE JANEIRO - <http://urbecarioca.com.br/2015/05/artigo-de-mar-a-mar-modernidade-e-tradicao-cidade-e-campo-no-rio-de-janeiro-de-cleia-schiavo-weyrauch.html> - acesso em 22/01/2018.

WILKIE, D.S.; BENNETT, E.L.; PERES, C.A. & CUNNINGHAM, A.A. 2011. The empty forest revisited. Ann. N.Y. Acad. Sci. 1223 (2011) 120–128. DOI: 10.1111/j.1749-6632.2010.05908.x

WILSON, E.O. 1988. The current state of biological diversity. Pp. 3-18. In: Wilson EO. (Ed.). Biodiversity. Washington

ANEXO 1 – LISTA DE ESPÉCIES DE FLORA

Espécies nativas de flora encontradas na área de estudo com a indicação dos nomes científicos, famílias a que pertencem, status de ameaça*, formas de vida e nome popular.

*segundo Portaria MMA nº443/2014, Resolução CONEMA nº 80/2018 e Decreto Municipal nº 19.793/2000.

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Aphelandra schottiana</i> (Nees) Profice	Acanthaceae	LC	Arbusto	anil-bravo
<i>Avicennia germinans</i> (L.) L.	Acanthaceae	-	Árvore	-
<i>Avicennia schaueriana</i> Stapf & Leechm. ex Moldenke	Acanthaceae	-	Árvore	-
<i>Chamaeranthemum beyrichii</i> Nees	Acanthaceae	LC	Erva	-
<i>Justicia meyeniana</i> (Nees) Lindau	Acanthaceae	-	Erva	-
<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi) A Gray	Achariaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Sesuvium portulacastrum</i> (L.) L.	Aizoaceae	CR	Erva	beldroega-da-praia, beldroega-miúda, beldro-da-praia, capim-salgado
<i>Bomarea edulis</i> (Tussac) Herb.	Alstroemeriaceae	-	Trepadeira	Bico de -mbu
<i>Alternanthera brasiliana</i> var. <i>villosa</i> (Moq.) Kuntze	Amaranthaceae	-	Subarbusto	-
<i>Alternanthera littoralis</i> var. <i>maritima</i> (Mart.) Pedersen	Amaranthaceae	-	Subarbusto	-
<i>Alternanthera tenella</i> Colla	Amaranthaceae	LC	Subarbusto	-
<i>Blutaparon portulacoides</i> (A.St.-Hil.) Mears	Amaranthaceae	LC	Erva	Capotiraguá
<i>Gomphrena vaga</i> Mart.	Amaranthaceae	LC	Erva	thoronoé
<i>Hippeastrum puniceum</i> (Lam.) Kuntze	Amaryllidaceae	-	Erva	-
<i>Hippeastrum reticulatum</i> Herb.	Amaryllidaceae	-	Erva	-
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	-	Árvore	acajaiba, caju, caju-anão, cajueiro
<i>Astronium glaziovii</i> Mattick	Anacardiaceae	-	Árvore	gibatão
<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	Anacardiaceae	LC	Árvore	aderne, aroeira, gibatan, guaritá
<i>Lithraea brasiliensis</i> Marchand	Anacardiaceae	-	Arbusto Árvore	aroeira-brava
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Anacardiaceae	-	Arbusto Árvore	aroeira-da-praia, aroeira-de-remédio, aroeira-mansa, aroeira-vermelha
<i>Schinus terebinthifolia</i> var. <i>raddiana</i> Engl.	Anacardiaceae	-	Arbusto Árvore	aroeira-de-brejo, aroeira-da-praia
<i>Schinus terebin</i> var. <i>rhoifolia</i> (Mart.) Engl.	Anacardiaceae	-	Arbusto Árvore	aroeira, copaeirinha
<i>Spondias admirabilis</i> J.D. Mitch. & Daly	Anacardiaceae	-	Árvore	cajá-mirim, cajá-miúdo, cajazeira,
<i>Spondias mombin</i> L.	Anacardiaceae	-	Árvore	cajá, cajá-mirim, cajarana, cajazeira
<i>Spondias venulosa</i> (Engl.) Engl.	Anacardiaceae	-	Árvore	cajá, cajazeira
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Anacardiaceae	-	Árvore	camboatá, cupuba, pau-pombo, peito-de-pomba
<i>Anemia phyllitidis</i> (L.) Sw.	Anemiaceae	-	Erva	Feto pluma, Pluma-de-cacho
<i>Anaxagorea dolichocarpa</i> Sprague & Sandwith	Annonaceae	LC	Árvore	Aratieum brabo, Paixinho
<i>Annona acutiflora</i> Mart.	Annonaceae	-	Árvore	Guiné, Guiné Caboclo
<i>Annona cacans</i> Warm.	Annonaceae	LC	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Annona dolabripetala</i> Raddi	Annonaceae	-	Árvore	Araticum, Ata, Araticú, Biribá do mato
<i>Annona glabra</i> L.	Annonaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Annona montana</i> Macfad.	Annonaceae	-	Árvore	Araxiku'y, Jaca de pobre
<i>Annona mucosa</i> Jacq.	Annonaceae	-	Árvore	Araticum, Biribá, Condessa, Fructa da Komdessa
<i>Annona sylvatica</i> A.St.-Hil.	Annonaceae	-	Árvore	Affenbeeren, Alchexú, Araticú, Araticú do mata
<i>Duguetia lanceolata</i> A.St.-Hil.	Annonaceae	LC	Árvore	Capreuva vermelho, Pindabuna, Pindahiba, Pindaíba
<i>Duguetia riedeliana</i> R.E.Fr.	Annonaceae	-	Árvore	-
<i>Guatteria australis</i> A.St.-Hil.	Annonaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Guatteria ferruginea</i> A.St.-Hil.	Annonaceae	-	Árvore	-
<i>Guatteria sellowiana</i> Schltdl.	Annonaceae	LC	Árvore	-
<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Annonaceae	NT	Árvore	Casca de barata, Embira, Erva doce, Guamirim
<i>Xylopia laevigata</i> (Mart.) R.E.Fr.	Annonaceae	-	Arbusto Árvore	Mium, Mium preto, Pindaíba, Pindaíba amarela
<i>Xylopia ochrantha</i> Mart.	Annonaceae	-	Árvore	Coração, Pindaíba
<i>Xylopia sericea</i> A.St.-Hil.	Annonaceae	-	Arbusto Árvore	Chapéu de sol, Embira, Embira vermelha, Pau de embira
<i>Asclepias curassavica</i> L.	Apocynaceae	-	Erva	cega-olho, margarida, oficial-de-sala, chibança
<i>Aspidosperma australe</i> Müll.Arg.	Apocynaceae	LC	Árvore	-
<i>Aspidosperma compactinervium</i> Kuhl.	Apocynaceae	DD	Árvore	-
<i>Aspidosperma olivaceum</i> Müll.Arg.	Apocynaceae	-	Arbusto	-
<i>Aspidosperma parvifolium</i> A.DC.	Apocynaceae	VU	Árvore	amarelão, amarelão pitia
<i>Aspidosperma pyricollum</i> Müll.Arg.	Apocynaceae	-	Árvore	-
<i>Aspidosperma spruceanum</i> Benth. ex Müll.Arg.	Apocynaceae	LC	Árvore	-
<i>Ditassa banksii</i> R.Br. ex Schult.	Apocynaceae	-	Subarbusto	-
<i>Ditassa grandiflora</i> E.Fourn.	Apocynaceae	-	Trepadeira	-
<i>Ditassa guilleminiana</i> Decne.	Apocynaceae	DD	Trepadeira	-
<i>Forsteronia cordata</i> (Müll.Arg.) Woodson	Apocynaceae	CR	Trepadeira	-
<i>Forsteronia leptocarpa</i> (Hook. & Arn.) A.DC.	Apocynaceae	EN	Trepadeira	-
<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	Apocynaceae	-	Árvore	pau-pereira
<i>Malouetia cestroides</i> (Nees ex Mart.) Müll.Arg.	Apocynaceae	LC	Árvore	-
<i>Mandevilla unifloris</i> (Vell.) K.Schum.	Apocynaceae	EN	Trepadeira	-
<i>Mandevilla guanabara</i> Casar. ex M.F.Sales et al.	Apocynaceae	-	Trepadeira	-
<i>Marsdenia dorotheae</i> Fontella & Morillo	Apocynaceae	-	Trepadeira	-
<i>Orthosia scoparia</i> (Nutt.) Liede & Meve	Apocynaceae	-	Trepadeira	-
<i>Oxypetalum alpinum</i> (Vell.) Fontella	Apocynaceae	EN	Trepadeira	-
<i>Oxypetalum banksii</i> R.Br. ex Schult.	Apocynaceae	-	Trepadeira	-
<i>Peplonia asteria</i> (Vell.) Fontella & E.A.Schwarz	Apocynaceae	-	Trepadeira	-
<i>Peplonia axillaris</i> (Vell.) Fontella	Apocynaceae	-	Trepadeira	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Prestonia didyma</i> (Vell.) Woodson	Apocynaceae	-	Trepadeira	-
<i>Rauvolfia sellowii</i> Müll.Arg.	Apocynaceae	-	Árvore	Casca D'Anta, jasmim-grado, leiteiro,
<i>Tabernaemontana catharinensis</i> A.DC.	Apocynaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Tabernaemontana flavicans</i> Willd. ex Roem. & Schult.	Apocynaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.	Apocynaceae	-	Árvore	-
<i>Tassadia obovata</i> Decne.	Apocynaceae	LC EX	Trepadeira	-
<i>Temnadenia odorifera</i> (Vell.) J.F.Morales	Apocynaceae	VU	Trepadeira	-
<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K.Schum.	Apocynaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Ilex cerasifolia</i> Reissek	Aquifoliaceae	-	Árvore	-
<i>Ilex dumosa</i> Reissek	Aquifoliaceae	-	Arbusto Árvore	caú-, mate, erva-mate,
<i>Ilex integerrima</i> (Vell.) Reissek	Aquifoliaceae	-	Árvore	Mange da Serra
<i>Ilex pseudobuxus</i> Reissek	Aquifoliaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Anthurium coriaceum</i> (Graham) G.Don	Araceae	LC	Erva	-
<i>Anthurium harrisii</i> (Graham) G.Don	Araceae	-	Erva	-
<i>Anthurium luschnathianum</i> Kunth	Araceae	EN	Erva	-
<i>Anthurium maricense</i> Nadruz & Mayo	Araceae	-	Erva	-
<i>Anthurium miquelianum</i> C.Koch & Augustin	Araceae	-	Erva	-
<i>Anthurium parvum</i> N.E.Br.	Araceae	NT VU	Erva	-
<i>Anthurium sellowianum</i> Kunth	Araceae	-	Erva	-
<i>Anthurium sucreei</i> G.M.Barroso	Araceae	-	Erva	-
<i>Monstera adansonii</i> Schott	Araceae	-	Trepadeira	costela de adão
<i>Monstera adansonii</i> subsp. <i>klotzschiana</i> (Schott) Mayo & I.M. Andrade	Araceae	-	Erva Trepadeira	-
<i>Philodendron appendiculatum</i> Nadruz & Mayo	Araceae	-	Erva	tucuá
<i>Philodendron bipennifolium</i> Schott	Araceae	-	Erva Trepadeira	-
<i>Philodendron corcovadense</i> Kunth	Araceae	-	Erva	Cipó preto
<i>Philodendron cordatum</i> Kunth ex Schott	Araceae	-	Erva	-
<i>Philodendron crassinervium</i> Lindl.	Araceae	-	Erva	-
<i>Philodendron curvilobum</i> Schott	Araceae	VU	Erva	-
<i>Philodendron hastatum</i> K.Koch & Sello	Araceae	-	Erva	-
<i>Philodendron inops</i> Schott	Araceae	-	Erva	-
<i>Philodendron propinquum</i> Schott	Araceae	-	Erva	-
<i>Spathiphyllum cannifolium</i> (Dryand. ex Sims) Schott	Araceae	-	Erva	-
<i>Syngonium vellosianum</i> Schott	Araceae	-	Erva	-
<i>Dendropanax trilobus</i> (Gardner) Seem.	Araliaceae	-	Árvore	-
<i>Hydrocotyle bonariensis</i> Lam.	Araliaceae	-	Erva	-
<i>Hydrocotyle leucocephala</i> Cham. & Schltdl.	Araliaceae	-	Erva	-
<i>Schefflera calva</i> (Cham.) Frodin & Fiaschi	Araliaceae	LC	Árvore	-
<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire et al.	Araliaceae	-	-	morototó, torém morototó
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Arecaceae	-	Erva	Macaúba, Xodó
<i>Allagoptera arenaria</i> (Gomes) Kuntze	Arecaceae	LC	Erva	Caxandó, Côco da Praia
<i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott) Burret	Arecaceae	LC	Erva	-
<i>Attalea dubia</i> (Mart.) Burret	Arecaceae	-	Erva	camarinha, indaiá

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Bactris setosa</i> Mart.	Arecaceae	-	Erva	-
<i>Bactris vulgaris</i> Barb.Rodr.	Arecaceae	-	Erva	Tucum
<i>Desmoncus orthacanthos</i> Mart.	Arecaceae	-	Erva Trepadeira	-
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Arecaceae	VU EN	Erva	Juçara, Palmito
<i>Geonoma elegans</i> Mart.	Arecaceae	-	Erva	-
<i>Geonoma pohliana</i> Mart.	Arecaceae	-	Erva	-
<i>Geonoma schottiana</i> Mart.	Arecaceae	LC	Erva	-
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Arecaceae	LC	Erva	geriva, jarobá, jeriva,
<i>Aristolochia raja</i> Mart. & Zucc.	Aristolochiaceae	-	Trepadeira	jarrinha-arraia, jarrinha-da-praia
<i>Aristolochia trilobata</i> L.	Aristolochiaceae	EN	Trepadeira	cipó-de-cobra, cipó- milhomens-da-praia, cipó-milhomens- rabudo, jarrinha-da- praia
<i>Herreria salsaparilha</i> Mart.	Asparagaceae	-	Trepadeira	Cipó-salsa, Japecanga, Salsa-do-mato, Salsaparilha
<i>Asplenium claussenii</i> Hieron.	Aspleniaceae	-	Erva	-
<i>Asplenium kunzeanum</i> Klotzsch ex Rosenst.	Aspleniaceae	-	Erva	-
<i>Asplenium martianum</i> C.Chr.	Aspleniaceae	-	Erva	-
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Asteraceae	-	Erva	carrapicho
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae	-	Erva Subarbusto	Mentrasto
<i>Ambrosia artemisiifolia</i> L.	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Austroeupatorium inulaefolium</i> (Kunth) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	-
<i>Baccharis junciformis</i> DC.	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Baccharis microdonta</i> DC.	Asteraceae	-	Arbusto	alecrim-de-vassoura, trapichava, vassoura- alecrim, vassoura- branca
<i>Baccharis rufidula</i> (Spreng.) Joch.Müll.	Asteraceae	-	Trepadeira Subarbusto	-
<i>Baccharis serrulata</i> (Lam.) Pers.	Asteraceae	-	Subarbusto	arnica, erva-de-coelho, joão-russo, vara-de- visgo
<i>Baccharis singularis</i> (Vell.) G.M.Barroso	Asteraceae	EN	Arbusto	-
<i>Baccharis trinervis</i> Pers.	Asteraceae	-	Trepadeira Subarbusto	cambará-rebentão, casadinha-preta, casadinha-preta-de- folha-fina, erva-de- santana
<i>Barrooa apiculata</i> (Gardner) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	LC	Erva	-
<i>Barrooa betonicaeformis</i> (DC.) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Bartlettina hemisphaerica</i> (DC.) R.M. King & H. Rob.	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Blainvillea acmella</i> (L.) Philipson	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Campuloclinium purpurascens</i> (Sch.Bip. ex Baker) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Pol.	Asteraceae	-	Erva	Chamama, Folha-de- grama, fumo-do-mato, erva-de-sangue, sanguineira, língua-de- vaca, língua-de-vaca- miúda, serralha, arnica, Buglosa, Tapira-pecú, tapira

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Chromolaena maximiliani</i> (Schrad. ex DC.) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Critoniopsis stellata</i> (Spreng.) H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Cyrtocymura scorpioides</i> (Lam.) H.Rob.	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Delilia biflora</i> (L.) Kuntze	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Emilia fosbergii</i> Nicolson	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC. ex Wight	Asteraceae	-	Erva	Serrralhinha
<i>Erechtites hieracifolius</i> (L.) Raf. ex DC.	Asteraceae	-	Erva Subarbusto	Caruru-amargoso
<i>Erechtites valerianifolius</i> (Wolf) DC.	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish	Asteraceae	-	Árvore	-
<i>Fleischmannia laxa</i> (Gardner) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Erva	-
<i>Heterocondylus alatus</i> (Vell.) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Koanophyllon consanguineum</i> (DC.) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Lepidaploa muricata</i> (DC.) H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Lepidaploa obtusifolia</i> (Less.) H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Lepidaploa persicifolia</i> (Desf.) H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Lepidaploa salzmännii</i> (DC.) H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Lepidaploa sororia</i> (DC.) H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Mikania argyreia</i> DC.	Asteraceae	VU	Trepadeira	-
<i>Mikania biformis</i> DC.	Asteraceae	NT	Trepadeira	-
<i>Mikania cardiophylla</i> B.L.Rob.	Asteraceae	-	Trepadeira	-
<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd.	Asteraceae	-	Trepadeira	-
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Asteraceae	LC	Trepadeira	guaco
<i>Mikania hoehnei</i> B.L.Rob.	Asteraceae	-	Trepadeira	-
<i>Mikania micrantha</i> Kunth	Asteraceae	-	Trepadeira	-
<i>Mikania stipulacea</i> Willd.	Asteraceae	-	Trepadeira	-
<i>Mikania triangularis</i> Baker	Asteraceae	-	Trepadeira	-
<i>Moquiniastrium polymorphum</i> (Less.) G. Sancho	Asteraceae	-	Árvore	-
<i>Mutisia speciosa</i> Aiton ex Hook.	Asteraceae	VU	Trepadeira	coração-de-jesus, Cravo-divino, cravo-divino-formoso
<i>Pentacalia tropicalis</i> (Cabrera) C.Jeffrey	Asteraceae	-	Trepadeira	-
<i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Baker	Asteraceae	-	-	Canela-podre, Maria-mole, Cambará-do-campo, Vassourão
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Asteraceae	-	Erva Subarbusto	macela
<i>Praxelis clematidea</i> (Griseb.) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Pterocaulon alopecuroides</i> (Lam.) DC.	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Asteraceae	-	Subarbusto	arnica-brasileira, erva-lanceta, arnica, espiga-de
<i>Stiffia chrysanthia</i> J.C.Mikan	Asteraceae	EN	Árvore	-
<i>Stiffia parviflora</i> (Leandro) D.Don	Asteraceae	DD	Árvore	-
<i>Symphyotrichum squamatum</i> (Spreng.) G.L.Nesom	Asteraceae	-	Subarbusto	-
<i>Trichogoniopsis adenantha</i> (DC.) R.M.King & H.Rob.	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Trichogoniopsis podocarpa</i> (DC.) R.M.King &	Asteraceae	-	Arbusto	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>H. Rob.</i>				
<i>Trixis antimenorrhoea</i> (Schrank) Kuntze	Asteraceae	-	Arbusto Subarbusto	Erva-andorinha, Selidônea, Pau-de-Santa-Maria,
<i>Trixis antimenorrhoea</i> (Schrank) Kuntze subsp. <i>antimenorrhoea</i>	Asteraceae	-	Arbusto	Erva-andorinha, Selidônia, Pau-de-santa-maria
<i>Vernonanthura beyrichii</i> (Less.) H. Rob.	Asteraceae	VU	Arbusto	-
<i>Vernonanthura discolor</i> (Spreng.) H. Rob.	Asteraceae	-	Árvore	-
<i>Vernonanthura polyanthes</i> (Sprengel) Vega & Dematteis	Asteraceae	-	Arbusto	-
<i>Lathrophytum peckoltii</i> Eichler	Balanophoraceae	-	Erva	espiga-seca
<i>Anredera cordifolia</i> (Ten.) Steenis	Basellaceae	-	Trepadeira	-
<i>Begonia convolvulacea</i> (Klotzsch) A. DC.	Begoniaceae	VU	Trepadeira	-
<i>Begonia fischeri</i> Schrank	Begoniaceae	-	Subarbusto	-
<i>Begonia maculata</i> Raddi	Begoniaceae	VU	Subarbusto	-
<i>Begonia undulata</i> Schott	Begoniaceae	EN	Subarbusto	-
<i>Anemopaegma chamberlaynii</i> (Sims) Bureau & K. Schum.	Bignoniaceae	-	Trepadeira	-
<i>Bignonia corymbosa</i> (Vent.) L. G. Lohmann	Bignoniaceae	-	Trepadeira	-
<i>Cydistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Bignoniaceae	-	Árvore	caroba-de-flor-verde, caroba-do-campo, carobinha verde, cinco chagas
<i>Dolichandra unguiculata</i> (Vell.) L. G. Lohmann	Bignoniaceae	-	Trepadeira	-
<i>Fridericia conjugata</i> (Vell.) L. G. Lohmann	Bignoniaceae	-	Trepadeira	-
<i>Fridericia elegans</i> (Vell.) L. G. Lohmann	Bignoniaceae	NT	Trepadeira	-
<i>Fridericia leucopogon</i> (Cham.) L. G. Lohmann	Bignoniaceae	-	Arbusto	-
<i>Fridericia rego</i> (Vell.) L. G. Lohmann	Bignoniaceae	-	Trepadeira	-
<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Bignoniaceae	LC	Árvore	-
<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Bignoniaceae	-	Árvore	-
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Bignoniaceae	LC	Árvore	-
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Bignoniaceae	NT	Árvore	-
<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	Bignoniaceae	-	Árvore	-
<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S. Grose	Bignoniaceae	-	Árvore	-
<i>Handroanthus umbellatus</i> (Sond.) Mattos	Bignoniaceae	-	Árvore	-
<i>Handroanthus vellosi</i> (Toledo) Mattos	Bignoniaceae	-	Árvore	-
<i>Jacaranda jasmínoides</i> (Thunb.) Sandwith	Bignoniaceae	-	Árvore	carobo, carobo miuda
<i>Jacaranda macrantha</i> Cham.	Bignoniaceae	LC	Árvore	carabobinho, caroba
<i>Jacaranda micrantha</i> Cham.	Bignoniaceae	-	Árvore	caroba, caroba do mato
<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	Bignoniaceae	LC	Árvore	caroba, carobinha
<i>Lundia corymbifera</i> (Vahl) Sandwith	Bignoniaceae	-	Trepadeira	-
<i>Lundia longa</i> (Vell.) DC.	Bignoniaceae	-	Trepadeira	-
<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum.	Bignoniaceae	-	Árvore	-
<i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam.) DC.	Bignoniaceae	EN EN	Árvore	caixeta, pau de tamanco, tabebuya, tagibibuia
<i>Tabebuia obtusifolia</i> (Cham.) Bureau	Bignoniaceae	LC	Árvore	-
<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith	Bignoniaceae	-	Árvore	ipê branco
<i>Tanaecium seloi</i> (Spreng.) L. G. Lohmann	Bignoniaceae	-	Trepadeira	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	-	Arbusto Árvore	urucum, colorau
<i>Blechnum occidentale</i> L.	Blechnaceae	-	Erva	-
<i>Blechnum polypodioides</i> Raddi	Blechnaceae	-	Erva	-
<i>Telmatoblechnum serrulatum</i> (Rich.) Perrie, D.J. Ohlsen & Brownsey	Blechnaceae	-	Erva	-
<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	Boraginaceae	-	Árvore	cha de bugre
<i>Cordia hatschbachii</i> J.S.Mill.	Boraginaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Cordia magnoliifolia</i> Cham.	Boraginaceae	-	Árvore	-
<i>Cordia sellowiana</i> Cham.	Boraginaceae	-	Árvore	freijó branco
<i>Cordia superba</i> Cham.	Boraginaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Cordia taguayensis</i> Vell.	Boraginaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Cordia trichoclada</i> DC.	Boraginaceae	LC	Árvore	-
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Boraginaceae	-	Árvore	-
<i>Myriopus villosus</i> (Salzm. ex DC.) J.I.M.Melo	Boraginaceae	-	Arbusto	-
<i>Tournefortia membranacea</i> (Gardner) DC.	Boraginaceae	-	-	-
<i>Tournefortia salicifolia</i> A.DC.	Boraginaceae	-	-	-
<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Boraginaceae	-	Arbusto	-
<i>Varronia polycephala</i> Lam.	Boraginaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Varronia urticifolia</i> (Cham.) J.S.Mill.	Boraginaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Aechmea nudicaulis</i> (L.) Griseb.	Bromeliaceae	LC	Erva	-
<i>Aechmea pectinata</i> Baker	Bromeliaceae	LC	Erva	-
<i>Alcantarea geniculata</i> (Wawra) J.R.Grant	Bromeliaceae	EN	Erva	-
<i>Alcantarea glaziouana</i> (Leme) J.R.Grant	Bromeliaceae	EN VU	Erva	-
<i>Alcantarea imperialis</i> (Carriere) Harms	Bromeliaceae	VU	Erva	-
<i>Alcantarea regina</i> (Vell.) Harms	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Billbergia amoena</i> (Lodd.) Lindl.	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Billbergia amoena</i> var. <i>viridis</i> L.B.Sm.	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Billbergia pyramidalis</i> (Sims) Lindl.	Bromeliaceae	DD	Erva	-
<i>Billbergia saundersii</i> Bull	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Neoregelia cruenta</i> (R.Graham) L.B.Sm.	Bromeliaceae	LC VU	Erva	-
<i>Nidularium procerum</i> Lindm.	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Pitcairnia staminea</i> Lodd.	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Portea petropolitana</i> (Wawra) Mez	Bromeliaceae	VU	Erva	-
<i>Pseudananas sagenarius</i> (Arruda) Camargo	Bromeliaceae	-	Erva	pseudo-a-nás
<i>Quesnelia arvensis</i> (Vell.) Mez	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Quesnelia quesneliana</i> (Brongn.) L.B.Sm.	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Tillandsia araujei</i> Mez	Bromeliaceae	EN VU	Erva	-
<i>Tillandsia gardneri</i> Lindl.	Bromeliaceae	LC	Erva	-
<i>Tillandsia mallemonitii</i> Glaz. ex Mez	Bromeliaceae	LC	Erva	-
<i>Tillandsia recurvata</i> (L.) L.	Bromeliaceae	-	Erva	-
<i>Tillandsia tricholepis</i> Baker	Bromeliaceae	LC	Erva	cravo do mato
<i>Tillandsia usneoides</i> (L.) L.	Bromeliaceae	LC	Erva	barba-de-velho
<i>Vriesea neoglutinosa</i> Mez	Bromeliaceae	LC EN	Erva	-
<i>Burmannia capitata</i> (Walter ex J.F.Gmel.) Mart.	Burmanniaceae	-	Erva	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Protium brasiliense</i> (Spreng.) Engl.	Burseraceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Protium icariba</i> (DC.) Marchand var. <i>icariba</i>	Burseraceae	-	Árvore	-
<i>Protium warmingianum</i> Marchand	Burseraceae	-	Árvore	-
<i>Brasiliopuntia brasiliensis</i> (Willd.) A. Berger	Cactaceae	LC	Arbusto Suculenta Árvore	Urumbeba, Rumbaba, Cumbeba, Mumbeca, Mumbebo, Facho-de-renda, Palmatória grande, Palmatória-do-diabo, Ambeba, Arumbeva, Gerumbaba, Jurubeba, Palmadora, Palmatória, Xiquexique-do-sertão.
<i>Cereus fernambucensis</i> Lem.	Cactaceae	-	Arbusto Subarbusto Suculenta	-
<i>Cereus fernambucensis</i> Lem. subsp. <i>fernambucensis</i>	Cactaceae	-	Subarbusto Suculenta	-
<i>Cereus hildmannianus</i> K. Schum.	Cactaceae	-	Arbusto Árvore Suculenta	-
<i>Coleocephalocereus fluminensis</i> (Miq.) Backeb.	Cactaceae	VU	Arbusto	-
<i>Hylocereus setaceus</i> (Salm-Dyck) R. Bauer	Cactaceae	LC	Trepadeira Suculenta	Rainha-da-noite, Mandacaru-de-três-qui-s, Espada-de-jacaré
<i>Melocactus violaceus</i> Pfeiff.	Cactaceae	VU EN	Subarbusto	-
<i>Opuntia monacantha</i> Haw.	Cactaceae	LC	Arbusto Suculenta	Urumbeba, Palmatória, Monducuru
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Cactaceae	LC	Trepadeira	Azedinha, Espinho-preto, Surucucú, Cipó-Santo, Lobolôbô, Espinho-de-Santo-Antônio, Ora-pro-nobis
<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.	Cactaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Pilosocereus arrabidae</i> (Lem.) Byles & Rowley	Cactaceae	LC	Arbusto	. Facheiro-da-praia
<i>Pilosocereus brasiliensis</i> (Britton & Rose) Backeb.	Cactaceae	NT	Trepadeira Arbusto	-
<i>Rhipsalis elliptica</i> G. Lindb. ex K. Schum.	Cactaceae	LC	Erva Subarbusto Suculenta	-
<i>Rhipsalis grandiflora</i> Haw.	Cactaceae	-	Subarbusto Suculenta	-
<i>Rhipsalis teres</i> (Vell.) Steud.	Cactaceae	-	Erva Subarbusto Suculenta	-
<i>Kielmeyera insignis</i> Saddi	Calophyllaceae	-	Árvore	-
<i>Kielmeyera membranacea</i> Casar.	Calophyllaceae	VU	Árvore	Pau-mandioca, Pequiá-amarelo
<i>Kielmeyera rizziniana</i> Saddi	Calophyllaceae	CR	Árvore	-
<i>Acicarpha bonariensis</i> (Pers.) Herter	Calyceraceae	-	Erva	carrapicho-de-praia
<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce	Campanulaceae	-	Arbusto Erva	aninga
<i>Cinnamodendron axillare</i> Endl. ex Walp.	Canellaceae	-	Árvore	bom-para-tudo, canela-branca, casca-de-cutia,
<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	Cannabaceae	-	Arbusto Árvore	cipó farinha seca, cipó laranjinha, Grão de galo, Gumbixava
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Cannabaceae	-	Arbusto Árvore	candiúba, crindiúva
<i>Canna indica</i> L.	Cannaceae	-	Erva	Parirí, Caeté, Caitéde thallo roxo,
<i>Canna paniculata</i> Ruiz & Pav.	Cannaceae	-	Erva	Caitédo brejo
<i>Crateva tapia</i> L.	Capparaceae	-	Árvore	capança, fruto de macaco, catauré, trapiá
<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Presl	Capparaceae	-	Arbusto	feijão de boi, feijão-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
				bravo
<i>Monilicarpa brasiliensis</i> (Banks ex DC.) Cornejo & Iltis	Capparaceae	-	Arbusto	Feijão-de-boi
<i>Citronella paniculata</i> (Mart.) R.A.Howard	Cardiopteridaceae	-	Árvore	Carne-de-vaca, Perobossu
<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A.DC.	Caricaceae	LC	Árvore	jaracatiá
<i>Vasconcellea quercifolia</i> A.St.-Hil.	Caricaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Hippocratea volubilis</i> L.	Celastraceae	-	Trepadeira	-
<i>Maytenus aquifolia</i> Mart.	Celastraceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Maytenus communis</i> Reissek	Celastraceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Maytenus gonoclada</i> Mart.	Celastraceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Maytenus obtusifolia</i> Mart.	Celastraceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Ceratophyllum demersum</i> L.	Ceratophyllaceae	-	Erva	-
<i>Hedyosmum brasiliense</i> Mart. ex Miq.	Chloranthaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Couepia ovalifolia</i> (Schott) Benth. ex Hook.f.	Chrysobalanaceae	-	Arbusto Árvore	oiti, oiti da areia, oiti nativo, fruto de coruja
<i>Couepia schottii</i> Fritsch	Chrysobalanaceae	EN EN	Árvore	oiti boi, milho torrado da folha larga
<i>Couepia venosa</i> Prance	Chrysobalanaceae	-	Árvore	milho cozido
<i>Hirtella angustifolia</i> Schott ex Spreng.	Chrysobalanaceae	-	Arbusto	-
<i>Hirtella triandra</i> subsp. <i>punctulata</i> (Miq.) Prance	Chrysobalanaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Licania kunthiana</i> Hook.f.	Chrysobalanaceae	-	Árvore	-
<i>Parinari excelsa</i> Sabine	Chrysobalanaceae	-	Árvore	Uchira-
<i>Cleome dendroides</i> Schult. & Schult.f.	Cleomaceae	-	Arbusto	-
<i>Cleome rosea</i> Vahl ex DC.	Cleomaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Dactylaena microphylla</i> Eichler	Cleomaceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	-
<i>Hemiscola aculeata</i> (L.) Raf.	Cleomaceae	-	Erva	Mussambê
<i>Clethra scabra</i> Pers.	Clethraceae	LC	Arbusto Árvore	Carne-de-vaca, Caujuja
<i>Clusia criuva</i> subsp. <i>parviflora</i> Vesque	Clusiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Clusia fluminensis</i> Planch. & Triana	Clusiaceae	VU	Árvore	-
<i>Clusia lanceolata</i> Cambess.	Clusiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Garcinia brasiliensis</i> Mart.	Clusiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	Clusiaceae	-	Arbusto Árvore	bacupari
<i>Tovomita leucantha</i> (Schltdl.) Planch. & Triana	Clusiaceae	-	Árvore	-
<i>Tovomitopsis paniculata</i> (Spreng.) Planch. & Triana	Clusiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Buchenavia kleinii</i> Exell	Combretaceae	LC	Árvore	pindahyba, mirindiba, mirindiba-amarela, guarajuba
<i>Combretum laxum</i> Jacq.	Combretaceae	-	Arbusto Árvore Trepadeira	mofumbo, bugio, cipó-de-bugio, jutí'airimbo
<i>Laguncularia racemosa</i> (L.) C.F.Gaertn.	Combretaceae	-	Arbusto Árvore	mange-mariso, falso-mangue, mangue-preto, mangue-vermelho
<i>Terminalia acuminata</i> (Allemão) Eichler	Combretaceae	EN	Árvore	guarajuba, merindiba

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Terminalia glabrescens</i> Mart.	Combretaceae	-	Arbusto Árvore	maria-preta (GO, MG), garrote (MG), pau-sangue (MG), merindiba (CE, GO), pequi (ES, BA), cerne-amarelo (SP), Pequi, Cerne-amarelo
<i>Terminalia januariensis</i> DC.	Combretaceae	LC	Árvore	merindiba, piú-
<i>Callisia monandra</i> (Sw.) Schult.f.	Commelinaceae	LC	Erva	-
<i>Commelina benghalensis</i> L.	Commelinaceae	-	Erva	-
<i>Commelina diffusa</i> Burm.f.	Commelinaceae	-	Erva	-
<i>Commelina erecta</i> L.	Commelinaceae	-	Erva	Erva-de-santa-luzia
<i>Dichorisandra tejucensis</i> Mart. ex Schult. & Schult. f.	Commelinaceae	-	Erva	-
<i>Dichorisandra thyrsiflora</i> J.C.Mikan	Commelinaceae	-	Erva	-
<i>Gibasis geniculata</i> (Jacq.) Rohweder	Commelinaceae	-	Erva	-
<i>Siderasis fuscata</i> (Lodd.) H.E.Moore	Commelinaceae	EN	Erva	-
<i>Tradescantia zanonii</i> (L.) Sw.	Commelinaceae	-	Erva	-
<i>Tripogandra diuretica</i> (Mart.) Handl.	Commelinaceae	-	Erva	-
<i>Connarus detersus</i> Planch.	Connaraceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Connarus nodosus</i> Baker	Connaraceae	-	Arbusto Árvore	mata cachorro, mauba do mato
<i>Bonamia agrostopolis</i> (Vell.) Hallier f.	Convolvulaceae	-	Trepadeira	-
<i>Cuscuta racemosa</i> Mart.	Convolvulaceae	-	Erva	cipó-chumbo, fios-de-ovos, cipó-dourado, aletria
<i>Evolvulus genistoides</i> Ooststr.	Convolvulaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Ipomoea alba</i> L.	Convolvulaceae	-	Trepadeira	batata-brava, batatarana, boa-noite, cipó-café
<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet	Convolvulaceae	-	Trepadeira	campainha, corda-de-violão, coriôla, jitrana
<i>Ipomoea imperati</i> (Vahl) Griseb.	Convolvulaceae	-	Erva Trepadeira	campainha-branca, cipó-da-praia, couve-marinho, salsa-da-praia
<i>Ipomoea pes-caprae</i> (L.) R.Br.	Convolvulaceae	-	Erva	salsa, salsa-brava, salsa-pé-de-cabra,
<i>Ipomoea pes-caprae</i> subsp. <i>brasiliensis</i> (L.) Ooststr.	Convolvulaceae	-	Erva	batata-da-praia, batata-do-mar, pé-de-cabra, salsa-brava
<i>Ipomoea ramosissima</i> (Poir.) Choisy	Convolvulaceae	-	Trepadeira	campainha, corda-de-violão
<i>Ipomoea tiliacea</i> (Willd.) Choisy	Convolvulaceae	-	Trepadeira	-
<i>Jacquemontia heterantha</i> (Nees & Mart.) Hallier f.	Convolvulaceae	-	Erva Trepadeira	-
<i>Jacquemontia holosericea</i> (Weinm.) O'Donnell	Convolvulaceae	-	Trepadeira	-
<i>Jacquemontia martii</i> Choisy	Convolvulaceae	-	Trepadeira	-
<i>Costus arabicus</i> L.	Costaceae	-	Erva	-
<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	Cucurbitaceae	-	Trepadeira	Abobrinha-do-mato, Tayuya-de-fruta encarnada, Tayuya, Cabeça-de-Negro
<i>Melothria cucumis</i> Vell.	Cucurbitaceae	-	Trepadeira	-
<i>Melothria pendula</i> L.	Cucurbitaceae	-	Trepadeira	Abobrinha-do-mato, Abóbora-do-mato, Cereja-de-purga, Guardião

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Wilbrandia verticillata</i> (Vell.) Cogn.	Cucurbitaceae	-	Trepadeira	Abobreira-do-mato-de-Goyaz, Abobrinha-do-mato, Annna-Pinta, Azogue-do-Brasil
<i>Lamanonia ternata</i> Vell.	Cunoniaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Cyathea corcovadensis</i> (Raddi) Domin	Cyatheaceae	LC	Árvore	-
<i>Cyathea leucofolis</i> Domin	Cyatheaceae	-	Árvore	-
<i>Abildgaardia baeothryon</i> A.St.-Hil.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Becquerelia cymosa</i> Brongn.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Becquerelia muricata</i> Nees	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Bolboschoenus robustus</i> (Pursh) Soják	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C.B. Clarke	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Bulbostylis juncoideus</i> (Vahl) K&W. ex Osten	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cladium jamaicense</i> Crantz	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cladium mariscus</i> (L.) Pohl	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cyperus coriifolius</i> Boeckeler	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cyperus haspan</i> L.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cyperus hermaphroditus</i> (Jacq.) Standl.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cyperus ligularis</i> L.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cyperus meyenianus</i> Kunth	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cyperus odoratus</i> L.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cyperus rotundus</i> L.	Cyperaceae	LC	Erva	-
<i>Cyperus simplex</i> Kunth	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Cyperus surinamensis</i> Rottb.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Eleocharis geniculata</i> (L.) Roem. & Schult.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Eleocharis minima</i> Kunth	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Eleocharis mutata</i> (L.) Roem. & Schult.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Eleocharis sellowiana</i> Kunth	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Fimbristylis complanata</i> (Retz.) Link	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Fimbristylis cymosa</i> R.Br.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Fimbristylis spadicea</i> (L.) Vahl	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Fuirena robusta</i> Kunth	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Fuirena umbellata</i> Rottb.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Lagenocarpus rigidus</i> Nees	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Oxycaryum cubense</i> (Poepp. & Kunth) Lye	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Pleurostachys stricta</i> Kunth	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Pycnus polystachyos</i> (Rottb.) P.Beauv.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Remirea maritima</i> Aubl.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Rhynchospora exaltata</i> Kunth	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Rhynchospora holoschoenoides</i> (Rich.) Herter	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Rhynchospora riparia</i> (Nees) Boeckeler	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Rhynchospora velutina</i> (Kunth) Boeckeler	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Scleria latifolia</i> Sw.	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Scleria panicoides</i> Kunth	Cyperaceae	-	Erva	-
<i>Stephanopodium sessile</i> Rizzini	Dichapetalaceae	-	Árvore	-
<i>Doliocarpus sessiliflorus</i> Mart.	Dilleniaceae	-	Trepadeira Arbusto	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Dioscorea campestris</i> Griseb.	Dioscoreaceae	LC	Trepadeira	Cará-casco-de-cavalo, Cará-do-campo
<i>Dioscorea chondrocarpa</i> Griseb.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	Cará-de-espinho, Cipó- jacaré, Inhame-de- espinho,
<i>Dioscorea cinnamomifolia</i> Hook.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	Cará-assu, Cará-de- índio, Cará-peluda,
<i>Dioscorea demourae</i> Uline ex R.Knuth	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	-
<i>Dioscorea dodecaneura</i> Vell.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	cará-do-mato, Caratinga, caratinga- roxa,
<i>Dioscorea laxiflora</i> Mart. ex Griseb.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	Cará
<i>Dioscorea mollis</i> Kunth	Dioscoreaceae	LC	Trepadeira	Dente-de-gato
<i>Dioscorea monadelpha</i> (Kunth) Griseb.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	-
<i>Dioscorea ovata</i> Vell.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	cará-de-pedra, inhame-bravo
<i>Dioscorea piperifolia</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	Cará, Cará-do-mato, cosco-de-burro, inhame-bravo
<i>Dioscorea polygonoides</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	caratinga-branca
<i>Dioscorea pseudomacrocapsa</i> G.M.Barroso et al.	Dioscoreaceae	EN	Trepadeira	-
<i>Dioscorea sinuata</i> Vell.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	Cará-bravo, Caratinga- brava
<i>Dioscorea subhastata</i> Vell.	Dioscoreaceae	-	Trepadeira	cará-redondo-chato
<i>Dioscorea trilinguis</i> Griseb.	Dioscoreaceae	EN	Trepadeira	-
<i>Bolbitis serratifolia</i> Schott	Dryopteridaceae	-	Erva	-
<i>Rumohra adiantiformis</i> (G.Forst.) Ching	Dryopteridaceae	-	Erva	Calaguala, Samambaia-preta
<i>Diospyros apeibacarpus</i> Raddi	Ebenaceae	-	Árvore	Caquí da mata
<i>Sloanea garckeana</i> K.Schum.	Elaeocarpaceae	LC	Árvore	urucura-, urucurana brava
<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.	Elaeocarpaceae	-	Árvore	urucura-
<i>Sloanea hirsuta</i> (Schott) Planch. ex Benth.	Elaeocarpaceae	LC	Árvore	-
<i>Equisetum giganteum</i> L.	Equisetaceae	-	Erva	-
<i>Gaylussacia brasiliensis</i> (Spreng.) Meisn.	Ericaceae	-	Arbusto Árvore Subarbusto	camarinha
<i>Gaylussacia brasiliensis</i> (Spreng.) Meisn. var. <i>brasiliensis</i>	Ericaceae	-	Arbusto Árvore Subarbusto	-
<i>Actinocaulis ramosus</i> (Wikstr.) Sano	Eriocaulaceae	VU	Erva	-
<i>Comanthera nivea</i> (Bong.) L.R.Parra & Giul.	Eriocaulaceae	CR	Erva	-
<i>Leiothrix hirsuta</i> (Wikstr.) Ruhland	Eriocaulaceae	CR	Erva	-
<i>Leiothrix rufula</i> (A.St.-Hil.) Ruhland	Eriocaulaceae	-	Erva	-
<i>Paepalanthus bifidus</i> (Schrader.) Kunth	Eriocaulaceae	-	Erva	-
<i>Paepalanthus planifolius</i> (Bong.) Kuhn	Eriocaulaceae	-	Dracênide Erva	Capipoatinga
<i>Paepalanthus tortilis</i> (Bong.) Mart.	Eriocaulaceae	CR	Erva	-
<i>Syngonanthus gracilis</i> (Bong.) Ruhland	Eriocaulaceae	-	Erva	-
<i>Erythroxylum ambiguum</i> Peyr.	Erythroxylaceae	LC	Arbusto Árvore	fruta-de-pomba
<i>Erythroxylum citrifolium</i> A.St.-Hil.	Erythroxylaceae	-	Arbusto Árvore	cocara--do-cerrado, cumixá, guarda- orvalho, pimentinha
<i>Erythroxylum cuspidifolium</i> Mart.	Erythroxylaceae	-	Arbusto Árvore	baga-de-pomba, cocão, concon, fruta- de-pomba
<i>Erythroxylum gaudichaudii</i> Peyr.	Erythroxylaceae	-	Arbusto	-
<i>Erythroxylum magnoliifolium</i> A.St.-Hil.	Erythroxylaceae	-	Arbusto Subarbusto	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Erythroxylum ovalifolium</i> Peyr.	Erythroxylaceae	-	Arbusto	-
<i>Erythroxylum pulchrum</i> A.St. -Hil.	Erythroxylaceae	LC	Arbusto Árvore	arco-de-pipa, pau-chorão
<i>Erythroxylum subrotundum</i> A.St. -Hil.	Erythroxylaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Erythroxylum sessile</i> (Mart.) O.E.Schulz	Erythroxylaceae	-	Arbusto	-
<i>Acalypha amblyodonta</i> (Müll.Arg.) Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Actinostemon concolor</i> (Spreng.) Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Arbusto Árvore	Barreiro, branquinho e laranjeira-do-mato, Guamirim, laranjeira-brava, laranjeira-do-mato, Limoeiro, pau-rainha, Canela-de-veado, feicassé, laranjeira-brava
<i>Actinostemon klotzschii</i> (Didr.) Pax	Euphorbiaceae	-	Arbusto Árvore	canela-de-veado-comum
<i>Actinostemon verticillatus</i> (Klotzsch) Baill.	Euphorbiaceae	-	Arbusto	marfim, marfim-branco, carangueira-do-mato,
<i>Alchornea glandulosa</i> Poepp. & Endl.	Euphorbiaceae	-	Árvore	-
<i>Alchornea glandulosa</i> subsp. <i>iricurana</i> (Casar.) Secco	Euphorbiaceae	-	Árvore	-
<i>Alchornea sidifolia</i> Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Árvore	canela-raposa, tapiá, tamanqueiro, tanheiro
<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Arbusto Árvore	tapiá, tapiá-guaçu, tinteiro
<i>Algernonia leandrii</i> (Baill.) G.L.Webster	Euphorbiaceae	-	Árvore	-
<i>Aparisthium cordatum</i> (A.Juss.) Baill.	Euphorbiaceae	-	Arbusto Árvore	arique- queimosa, marmelo
<i>Astraea lobata</i> (L.) Klotzsch	Euphorbiaceae	LC	Erva	-
<i>Astraea macroura</i> (Colla) P.L.R. Moraes, De Smedt & Guglielmo	Euphorbiaceae	-	Erva	-
<i>Caryodendron janeirensis</i> Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Árvore	-
<i>Croton compressus</i> Lam.	Euphorbiaceae	LC	Arbusto	-
<i>Croton floribundus</i> Spreng.	Euphorbiaceae	-	Árvore	-
<i>Croton glandulosus</i> L.	Euphorbiaceae	-	Erva Subarbusto	Carvão-branco, Erva peluda
<i>Croton splendidus</i> Mart.	Euphorbiaceae	CR	Arbusto Subarbusto	-
<i>Croton urticifolius</i> Lam.	Euphorbiaceae	-	Arbusto Subarbusto	Marmeleiro branco, Velame
<i>Croton urucurana</i> Baill.	Euphorbiaceae	-	Árvore	Pau-de-sangue, sangra-d'água, urucurana,
<i>Dalechampia convolvuloides</i> Lam.	Euphorbiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Dalechampia ficifolia</i> Lam.	Euphorbiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Dalechampia micromeria</i> Baill.	Euphorbiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Dalechampia triphylla</i> Lam.	Euphorbiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Euphorbia bahiensis</i> (Klotzsch & Garcke) Boiss.	Euphorbiaceae	-	Erva	-
<i>Euphorbia comosa</i> Vell.	Euphorbiaceae	-	Árvore	-
<i>Euphorbia heterophylla</i> L.	Euphorbiaceae	-	Erva	Amendoim-bravo
<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L.	Euphorbiaceae	-	Erva	-
<i>Euphorbia insulana</i> Vell.	Euphorbiaceae	-	Erva	-
<i>Euphorbia sabulicola</i> Boiss.	Euphorbiaceae	-	Erva	-
<i>Euphorbia serpens</i> Kunth	Euphorbiaceae	-	Erva	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Gymnanthes klotzschiana</i> Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Arbusto Árvore	Branquilha, branquinho, branquio
<i>Gymnanthes multiramea</i> (Klotzsch) Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Arbusto	-
<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Euphorbiaceae	LC	Árvore	-
<i>Microstachys corniculata</i> (Vahl) Griseb.	Euphorbiaceae	-	Subarbusto	-
<i>Microstachys daphnoides</i> (Mart. & Zucc.) Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Subarbusto	-
<i>Microstachys glandulosa</i> (Mart. & Zucc.) Esser & M.J.Silva	Euphorbiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Microstachys serrulata</i> (Mart. & Zucc.) Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Pachystroma longifolium</i> (Nees) I.M.Johnst.	Euphorbiaceae	-	Árvore	-
<i>Pausandra morisiana</i> (Casar.) Radlk.	Euphorbiaceae	-	Árvore	almécega vermelha, sangue de negro
<i>Romanoa tamnoides</i> (A.Juss.) Radcl.-Sm.	Euphorbiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Euphorbiaceae	-	Arbusto Árvore	burra leiteira, janaguba, seringarana,
<i>Sapium haemospermum</i> Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Sebastiania pteroclada</i> (Müll.Arg.) Müll.Arg.	Euphorbiaceae	-	Arbusto	-
<i>Senefeldera verticillata</i> (Vell.) Croizat	Euphorbiaceae	-	Árvore	'osso de burro', 'pau marfim', 'marfim verdadeiro', 'sucanga'
<i>Tetrorchidium rubrivenium</i> Poepp.	Euphorbiaceae	LC	Árvore	-
<i>Abarema brachystachya</i> (DC.) Barneby & J.W.Grimes	Fabaceae	EN	Árvore	-
<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grimes	Fabaceae	LC VU	Árvore	Barbatimão, Bordão-de-velho
<i>Abarema langsdorffii</i> (Benth.) Barneby & J.W.Grimes	Fabaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Abrus precatorius</i> L.	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Acosmium lentiscifolium</i> Schott	Fabaceae	VU	Árvore	murta, osso-de-burro
<i>Aeschynomene selloi</i> Vogel	Fabaceae	LC	Arbusto Subarbusto	-
<i>Aeschynomene sensitiva</i> Sw. var. <i>sensitiva</i>	Fabaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Albizia pedicellaris</i> (DC.) L.Rico	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip ex Record	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) Benth.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Andira legalis</i> (Vell.) Toledo	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Andira ormosioides</i> Benth.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Fabaceae	VU VU	Árvore	cumaru cetim, mitaroá, Garapa, Amarelão
<i>Ateleia glazioviana</i> Baill.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Barnebydendron riedelii</i> (Tul.) J.H.Kirkbr.	Fabaceae	VU	Árvore	guarabu, guarabu cebola, guaribeiro, itapicuru
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Fabaceae	-	-	-
<i>Bauhinia longifolia</i> (Bong.) Steud.	Fabaceae	-	-	-
<i>Brownea grandiceps</i> Jacq.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Calliandra brevipes</i> Benth.	Fabaceae	-	Arbusto	-
<i>Camptosema spectabile</i> (Tul.) Burkart	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Canavalia parviflora</i> Benth.	Fabaceae	-	Trepadeira	Feijão-bravo
<i>Canavalia rosea</i> (Sw.) DC.	Fabaceae	-	Erva Trepadeira	Beach bean, Feijão-da-praia

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Cassia ferruginea</i> (Schr.) Schrad. ex DC.	Fabaceae	-	-	são-joão-preto
<i>Cassia grandis</i> L.f.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Centrolobium robustum</i> (Vell.) Mart. ex Benth.	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Centrolobium tomentosum</i> Guillem. ex Benth.	Fabaceae	LC	Árvore	-
<i>Centrosema virginianum</i> (L.) Benth.	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip var. <i>desvauxii</i>	Fabaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Chamaecrista ensiformis</i> (Vell.) H.S.Irwin & Barneby var. <i>ensiformis</i>	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Chamaecrista flexuosa</i> (L.) Greene var. <i>flexuosa</i>	Fabaceae	-	Erva Arbusto Subarbusto	-
<i>Chamaecrista glandulosa</i> var. <i>brasiliensis</i> (Vogel) H.S.Irwin & Barneby	Fabaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Chamaecrista ramosa</i> (Vogel) H.S.Irwin & Barneby var. <i>ramosa</i>	Fabaceae	-	Subarbusto	-
<i>Chloroleucon tortum</i> (Mart.) Pittier	Fabaceae	NT	Árvore	-
<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A.Howard	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Clitoria laurifolia</i> Poir.	Fabaceae	LC	Arbusto Erva	-
<i>Condylotylis candida</i> (Vell.) A. Delgado	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Fabaceae	-	Árvore	Copaíba, Pau-d'óleo
<i>Copaifera lucens</i> Dwyer	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Copaifera trapezifolia</i> Hayne	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Crotalaria vitellina</i> Ker Gawl.	Fabaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Dahlstedtia floribunda</i> (Vogel) M.J. Silva & A.M.G. Azevedo	Fabaceae	-	Árvore	Embira-de-sapo
<i>Dahlstedtia glaziovii</i> (Taub.) M.J. Silva & A.M.G. Azevedo	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vogel	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Dalbergia ecastaphyllum</i> (L.) Taub.	Fabaceae	-	Arbusto Trepadeira	-
<i>Dalbergia foliolosa</i> Benth.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton	Fabaceae	-	Trepadeira Arbusto	cipó preto
<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth.	Fabaceae	VU EN	Árvore	Jacarandá-caviu-, Jacarandá-da-Bahia, Rosewood,
<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.	Fabaceae	-	Subarbusto	-
<i>Desmodium distortum</i> (Aubl.) J.F.Macbr.	Fabaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Desmodium uncinatum</i> (Jacq.) DC.	Fabaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth.	Fabaceae	-	Trepadeira	Cipó-mucunã, Olho-de-boi
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Enterolobium glaziovii</i> (Benth.) Mesquita	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Fabaceae	-	Árvore	Corticeira, Ceibo
<i>Erythrina falcata</i> Benth.	Fabaceae	-	Árvore	Bico-de-papagaio, Ceibo-salteado
<i>Erythrina speciosa</i> Andrews	Fabaceae	-	Arbusto Árvore	mulungu-do-litoral
<i>Erythrina verna</i> Vell.	Fabaceae	-	Árvore	mulungu
<i>Exostyles venusta</i> Schott	Fabaceae	VU	Arbusto Árvore	-
<i>Guilandina bonduc</i> L.	Fabaceae	-	Arbusto	-
<i>Holocalyx balansae</i> Micheli	Fabaceae	-	Árvore	Alecrin, Gabetillo, Tasaá negro, Alecrim
<i>Hymenaea aurea</i> Y.T.Lee & Langenh.	Fabaceae	-	Árvore	Jatobá piloso, Jatobá verdadeiro
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Fabaceae	LC VU	Árvore	jatobá

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Fabaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Inga capitata</i> Desv.	Fabaceae	-	Árvore	inga, ingá branca, ingá de veado, ingá dura
<i>Inga cordistipula</i> Mart.	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Inga cylindrica</i> (Vell.) Mart.	Fabaceae	-	Árvore	ingá feijão, ingarana, inga xixica, ingá branca
<i>Inga edulis</i> Mart.	Fabaceae	-	Árvore	ingá de metro, ingá doce, ingá macarrão, ingá vermelho
<i>Inga flagelliformis</i> (Vell.) Mart.	Fabaceae	-	Árvore	ingá pau
<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.	Fabaceae	LC	Árvore	ingá mirim, ingá feijão, ingá lagarta, ingá pequeno, ingá branco, ingá da praia
<i>Inga marginata</i> Willd.	Fabaceae	-	Árvore	ingá feijão, ingá, ingá mirim
<i>Inga maritima</i> Benth.	Fabaceae	VU VU	Arbusto Árvore	ingá da restinga
<i>Inga tenuis</i> (Vell.) Mart.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Inga vera</i> subsp. <i>affinis</i> (DC.) T.D.Penn.	Fabaceae	-	Árvore	ingá ba--
<i>Inga vera</i> Willd.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Fabaceae	-	-	-
<i>Libidibia ferrea</i> var. <i>leiostachya</i> (Benth.) L.P.Queiroz	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Lonchocarpus cultratus</i> (Vell.) A.M.G.Azevedo & H.C.Lima	Fabaceae	-	Árvore	Embira-de-sapo, envira piaca
<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi	Fabaceae	-	Trepadeira	Escada-de-macaco, Jacarandá-de-espinho
<i>Machaerium brasiliense</i> Vogel	Fabaceae	-	Arbusto Árvore Trepadeira	Jacarandá-cipó, Jacarandá-sangue
<i>Machaerium debile</i> (Vell.) Steffeld	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Machaerium gracile</i> Benth.	Fabaceae	-	Trepadeira	Unha-de-gato
<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Steffeld	Fabaceae	-	Árvore	Jacarandá-bico-de-pato, Jacarandá-de-espinho
<i>Machaerium incorruptibile</i> (Vell.) Benth.	Fabaceae	VU	Árvore	Jacarandá-preto, Jacarandá-rosa
<i>Machaerium lanceolatum</i> (Vell.) J.F.Macbr.	Fabaceae	-	Trepadeira	Rabo-de-macaco
<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.	Fabaceae	LC	Árvore	Jacarandá-bico-de-pato, Tapa-tripa
<i>Machaerium stipitatum</i> Vogel	Fabaceae	VU	Árvore	Sapuvá, Sapuvussu, Farinha-seca, Jacarandá-branco
<i>Machaerium ternatum</i> Kuhl. & Hoehne	Fabaceae	-	Arbusto Trepadeira	Jacarandá-cipó, Jacarandá-sangue
<i>Machaerium uncinatum</i> (Vell.) Benth.	Fabaceae	-	Arbusto Trepadeira	Jacarandá-trepador, Unha-de-gato
<i>Macroptilium erythroloma</i> (Mart. ex Benth.) Urb.	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Macroptilium gracile</i> (Poepp. ex Benth.) Urb.	Fabaceae	-	Erva Trepadeira	-
<i>Macroptilium lathyroides</i> (L.) Urb.	Fabaceae	-	Erva Trepadeira Subarbusto	-
<i>Mimosa artemisiana</i> Heringer & Paula	Fabaceae	-	Árvore	angico-bravo, monjoleiro
<i>Mimosa caesalpinifolia</i> Benth.	Fabaceae	LC	Arbusto Árvore	unha-de-gato, sabiá
<i>Mimosa ceratonia</i> var. <i>pseudo-obovata</i> (Taub.) Barneby	Fabaceae	-	Arbusto	unha-de-gato
<i>Mimosa elliptica</i> Benth.	Fabaceae	-	Arbusto Subarbusto	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Mucuna analuciana</i> T.M. Moura, V.F. Mansano & A.M.G. Azevedo	Fabaceae	-	Trepadeira	olho-de-boi
<i>Mucuna japira</i> A.M.G.Azevedo et al.	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Mucuna pruriens</i> (L.) DC.	Fabaceae	-	Trepadeira	caféberão, pó de mico
<i>Mucuna urens</i> (L.) Medik.	Fabaceae	-	Trepadeira	olho de boi
<i>Muelleria filipes</i> (Benth.) M.J. Silva & A.M.G. Azevedo	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Myrocarpus frondosus</i> Allemão	Fabaceae	LC	Árvore	cabreúva, sapuvão
<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Parapiptadenia pterosperma</i> (Benth.) Brenan	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Paubrasil echinata</i> (Lam.) E. Gagnon, H.C. Lima & G.P. Lewis	Fabaceae	-	Árvore	Pau-brasil, Ibitapitanga
<i>Peltogyne angustiflora</i> Ducke	Fabaceae	VU	Árvore	Guarabu, Guarabu roxo, Roxinho,
<i>Peltogyne discolor</i> Vogel	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Piptadenia adiantoides</i> (Spreng.) J.F.Macbr.	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr.	Fabaceae	LC	Árvore	-
<i>Piptadenia paniculata</i> Benth.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Fabaceae	LC EN	Árvore	-
<i>Platycamus regnellii</i> Benth.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Platypodium elegans</i> Vogel	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Poincianella pluviosa</i> var. <i>peltophoroides</i> (Benth.) L.P.Queiroz	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Pseudopiptadenia contorta</i> (DC.) G.P.Lewis & M.P.Lima	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Pseudopiptadenia inaequalis</i> (Benth.) Rauschert	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Pseudopiptadenia leptostachya</i> (Benth.) Rauschert	Fabaceae	VU	Árvore	-
<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl	Fabaceae	-	Árvore	pau sangue
<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	Fabaceae	LC	Árvore	madeira-nova, vilão
<i>Rhynchosia phaseoloides</i> (Sw.) DC.	Fabaceae	-	Trepadeira	mututi, pau sangue
<i>Schnella microstachya</i> Raddi	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Schnella smilacina</i> (Spreng.) G.Don	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Senegalia bahiensis</i> (Benth.) Seigler & Ebinger	Fabaceae	-	Arbusto Árvore	calumbi
<i>Senegalia polyphylla</i> (DC.) Britton & Rose	Fabaceae	-	Arbusto Árvore	guaruaia, monjoleiro, paricá-rana, paricá-branco,
<i>Senna affinis</i> (Benth.) H.S.Irwin & Barneby	Fabaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Fabaceae	-	Arbusto Árvore Subarbusto	-
<i>Senna macranthera</i> (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby	Fabaceae	-	Arbusto Árvore	manduira-
<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Senna multijuga</i> var. <i>verrucosa</i> (Vogel) H.S. Irwin & Barneby	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Senna pendula</i> var. <i>ambigua</i> H.S.Irwin & Barneby	Fabaceae	-	Arbusto	-
<i>Senna silvestris</i> (Vell.) H.S.Irwin & Barneby	Fabaceae	-	Arbusto Árvore Subarbusto	-
<i>Senna tropica</i> (Vell.) H.S.Irwin & Barneby	Fabaceae	-	Arbusto	-
<i>Sesbania punicea</i> (Cav.) Benth.	Fabaceae	-	Arbusto	Acácia-de-flores-vermelhas, Fedegoso-da-praia
<i>Sesbania virgata</i> (Cav.) Pers.	Fabaceae	-	Arbusto	-
<i>Sophora tomentosa</i> L.	Fabaceae	-	Arbusto	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Sophora tomentosa</i> subsp. <i>littoralis</i> (Schr.) Yakovlev	Fabaceae	-	Arbusto	-
<i>Stylosanthes gracilis</i> Kunth	Fabaceae	-	Subarbusto	-
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	Fabaceae	-	Subarbusto	-
<i>Stylosanthes viscosa</i> (L.) Sw.	Fabaceae	-	Subarbusto	-
<i>Swartzia flaemingii</i> Raddi	Fabaceae	LC	Árvore	-
<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Swartzia simplex</i> var. <i>continentalis</i> Urb.	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Swartzia simplex</i> var. <i>grandiflora</i> (Raddi) R.S.Cowan	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Sweetia fruticosa</i> Spreng.	Fabaceae	-	Árvore	Sucupira-amarela, Sucupira-preta
<i>Tachigali paratyensis</i> (Vell.) H.C.Lima	Fabaceae	-	Árvore	-
<i>Tachigali pilgeriana</i> (Harms) Oliveira-Filho	Fabaceae	NT	Árvore	-
<i>Vigna luteola</i> (Jacq.) Benth.	Fabaceae	-	Trepadeira	-
<i>Zollernia glabra</i> (Spreng.) Yakovlev	Fabaceae	LC VU	Arbusto Árvore	-
<i>Zollernia ilicifolia</i> (Brongn.) Vogel	Fabaceae	-	Arbusto Árvore	Laranjeira-do-mato, Mocitaiba, Mossetaiba, Pau-de-jantar
<i>Zornia glabra</i> Desv.	Fabaceae	-	Subarbusto	-
<i>Zornia latifolia</i> Sm.	Fabaceae	-	Subarbusto	-
<i>Zygia latifolia</i> (L.) Fawc. & Rendle	Fabaceae	-	Arbusto Árvore	ingá do baixo, ingá dura
<i>Fissidens hornschurchii</i> Mont.	Fissidentaceae	-	Flabelado Tufo	-
<i>Fissidens weirii</i> Mitt. var. <i>weirii</i>	Fissidentaceae	-	Flabelado	-
<i>Chelonanthus purpurascens</i> (Aubl.) Struwe et al.	Gentianaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Voyria aphylla</i> (Jacq.) Pers.	Gentianaceae	DD EN	Erva	-
<i>Codonanthe devosiana</i> Lem.	Gesneriaceae	LC	Erva	-
<i>Codonanthe gracilis</i> (Mart.) Hanst.	Gesneriaceae	LC	Erva	-
<i>Nematanthus crassifolius</i> (Schott) Wiehler	Gesneriaceae	LC	Subarbusto	-
<i>Paliavana prasinata</i> (Ker Gawl.) Benth.	Gesneriaceae	-	Arbusto	-
<i>Sinningia bulbosa</i> (Ker Gawl.) Wiehler	Gesneriaceae	EN	Erva	-
<i>Sinningia magnifica</i> (Otto & A.Dietr.) Wiehler	Gesneriaceae	LC	Erva	-
<i>Sinningia speciosa</i> (Lodd.) Hiern	Gesneriaceae	NT	Erva	-
<i>Scaevola plumieri</i> (L.) Vahl	Goodeniaceae	LC EN	Arbusto Subarbusto	-
<i>Laurembergia tetrandra</i> (Schott) Kanitz	Haloragaceae	LC	Erva Subarbusto	-
<i>Heliconia aemygdiana</i> Burle-Marx	Heliconiaceae	VU	Erva	-
<i>Heliconia angusta</i> Vell.	Heliconiaceae	LC VU	Erva	-
<i>Heliconia episcopalis</i> Vell.	Heliconiaceae	LC	Erva	-
<i>Heliconia spathocircinata</i> Aristeg.	Heliconiaceae	-	Erva	-
<i>Humiria balsamifera</i> var. <i>parvifolia</i> (Juss.) Cuatr.	Humiriaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Najas marina</i> L.	Hydrocharitaceae	LC	Erva	-
<i>Hydrolea spinosa</i> L.	Hydroleaceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	Carqueja-do-pântano
<i>Hypoxis decumbens</i> L.	Hypoxidaceae	-	Erva	-
<i>Leretic cordata</i> Vell.	Ilacinaeae	-	Arbusto Árvore Trepadeira	surucuí-, puca yacua
<i>Neomarica candida</i> (Hassl.) Sprague	Iridaceae	-	Erva	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Neomarica longifolia</i> (Link & Otto) Sprague	Iridaceae	NT DD	Erva	-
<i>Neomarica northiana</i> (Schneev.) Sprague	Iridaceae	EN	Erva	-
<i>Lacistema pubescens</i> Mart.	Lacistemataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Aegiphila integrifolia</i> (Jacq.) Moldenke	Lamiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Aegiphila mediterranea</i> Vell.	Lamiaceae	-	Árvore	-
<i>Hyptis inodora</i> Schrank	Lamiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	Lamiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Mesosphaerum pectinatum</i> (L.) Kuntze	Lamiaceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	-
<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult.	Lamiaceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	-
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke	Lamiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Vitex polygama</i> Cham.	Lamiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Aiouea acarodomatifera</i> Kosterm.	Lauraceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Aiouea saligna</i> Meisn.	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Aniba firmula</i> (Nees & Mart.) Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Beilschmiedia angustifolia</i> Kosterm.	Lauraceae	EN	Árvore	tapinhoã
<i>Beilschmiedia emarginata</i> (Meisn.) Kosterm.	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Beilschmiedia fluminensis</i> Kosterm.	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Beilschmiedia taubertiana</i> (Schwacke & Mez) Kosterm.	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Cinnamomum glaziovii</i> (Mez) Kosterm.	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Cryptocarya micrantha</i> Meisn.	Lauraceae	-	Árvore	canela-batalha, goiaba-de-mico
<i>Cryptocarya riedeliana</i> P.L.R.Moraes	Lauraceae	-	Árvore	canela-branca, canela- murici
<i>Endlicheria glomerata</i> Mez	Lauraceae	-	Árvore	canelão
<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F.Macbr.	Lauraceae	-	Arbusto Árvore	canela frade, canela garuva
<i>Nectandra lanceolata</i> Nees	Lauraceae	-	Árvore	canela amarela
<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez	Lauraceae	-	Árvore	canelinha
<i>Nectandra membranacea</i> (Sw.) Griseb.	Lauraceae	-	Árvore	canela branca
<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees	Lauraceae	-	Árvore	canela ferrugem
<i>Nectandra reticulata</i> (Ruiz & Pav.) Mez	Lauraceae	-	Árvore	canela jacú
<i>Ocotea aniboides</i> (Meisn.) Mez	Lauraceae	-	Arbusto	-
<i>Ocotea argentea</i> Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea diospyrifolia</i> (Meisn.) Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea dispersa</i> (Nees & Mart.) Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea divaricata</i> (Nees) Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea elegans</i> Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea fasciculata</i> (Nees) Mez	Lauraceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Ocotea glauca</i> (Nees & Mart.) Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea glaziovii</i> Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea indecora</i> (Schott) Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea insignis</i> Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea lancifolia</i> (Schott) Mez	Lauraceae	LC	Árvore	-
<i>Ocotea mandioccana</i> A.Quinet	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea notata</i> (Nees & Mart.) Mez	Lauraceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Lauraceae	EN EN	Árvore	canela sassafrás

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees	Lauraceae	NT	Árvore	louro, louro-abacate, canela-gosmenta, canela-babosa
<i>Ocotea tenuiflora</i> (Nees) Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Ocotea velloziana</i> (Meisn.) Mez	Lauraceae	-	Árvore	-
<i>Phyllostemonodaphne geminiflora</i> (Mez) Kosterm.	Lauraceae	LC VU	Árvore	-
<i>Rhodostemonodaphne macrocalyx</i> (Meisn.) Rohwer ex Madriãzin	Lauraceae	-	Árvore	canela cedro
<i>Urbanodendron verrucosum</i> (Nees) Mez	Lauraceae	LC VU	Árvore	-
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Lecythidaceae	-	Árvore	bingueiro, cachimbeiro, coatingua, currimboque
<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze	Lecythidaceae	EN	Árvore	-
<i>Couratari macrosperma</i> A.C.Sm.	Lecythidaceae	-	Árvore	embirama, tauari, toari,
<i>Couratari pyramidata</i> (Vell.) Kunth	Lecythidaceae	EN EN	Árvore	-
<i>Lecythis lanceolata</i> Poir.	Lecythidaceae	LC	Árvore	-
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Lecythidaceae	-	Árvore	castanheira de sapucaia, sapucaia
<i>Torenia thouarsii</i> (Cham. & Schltdl.) Kuntze	Linderniaceae	-	Erva	-
<i>Aosa parviflora</i> (Schrud. ex DC.) Weigend	Loasaceae	LC	Erva	Cansação tomate
<i>Spigelia macrophylla</i> (Pohl) A.DC.	Loganiaceae	-	Erva	-
<i>Strychnos brasiliensis</i> Mart.	Loganiaceae	-	Trepadeira Arbusto	estralo
<i>Strychnos trinervis</i> (Vell.) Mart.	Loganiaceae	LC	Trepadeira	-
<i>Nephrolepis biserrata</i> (Sw.) Schott	Lomariopsidaceae	-	Erva	-
<i>Passovia podoptera</i> (Cham. & Schltdl.) Kuijt	Loranthaceae	-	Erva	-
<i>Psittacanthus dichroos</i> (Mart.) Mart.	Loranthaceae	-	Erva	-
<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	Loranthaceae	-	Erva	-
<i>Cuphea flava</i> Spreng.	Lythraceae	-	Subarbusto	-
<i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng.	Magnoliaceae	LC	Árvore	-
<i>Banisteriopsis sellowiana</i> (A.Juss.) B.Gates	Malpighiaceae	VU	Trepadeira	-
<i>Byrsonima crispa</i> A.Juss.	Malpighiaceae	-	Árvore	murici
<i>Byrsonima sericea</i> DC.	Malpighiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Heteropterys chrysophylla</i> (Lam.) DC.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Heteropterys coleoptera</i> A.Juss.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Heteropterys leschenaultiana</i> A.Juss.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Heteropterys nitida</i> (Lam.) DC.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Heteropterys rufula</i> A.Juss.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Heteropterys sericea</i> (Cav.) A.Juss.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Hiraea cuneata</i> Griseb.	Malpighiaceae	LC	Arbusto Trepadeira	-
<i>Hiraea fagifolia</i> (DC.) A.Juss.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Niedenzuella acutifolia</i> (Cav.) W.R.Anderson	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Peixotoa hispidula</i> A.Juss.	Malpighiaceae	-	Subarbusto Arbusto Trepadeira	-
<i>Stigmaphyllon arenicola</i> C.E.Anderson	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Stigmaphyllon auriculatum</i> (Cav.) A.Juss.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Stigmaphyllon lalandianum</i> A.Juss.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Stigmaphyllon paralias</i> A.Juss.	Malpighiaceae	-	Arbusto	-
<i>Tetrapterys mucronata</i> Cav.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Tetrapteryx phlomidoides</i> (Spreng.) Nied.	Malpighiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Abutilon purpurascens</i> K.Schum.	Malvaceae	-	Subarbusto	-
<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Malvaceae	-	Árvore	jangada, malva pente de macaco, pente de macaco,
<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (All.) K.Schum.	Malvaceae	-	Arbusto	-
<i>Byttneria beyrichiana</i> K.Schum.	Malvaceae	EN	Arbusto	-
<i>Callianthe sellowiana</i> (Klotzsch) Donnel	Malvaceae	EN	Arbusto	-
<i>Ceiba crispiflora</i> (Kunth) Ravenna	Malvaceae	-	Árvore	-
<i>Ceiba erianthos</i> (Cav.) K.Schum.	Malvaceae	-	Árvore	paineira-da-praia
<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Malvaceae	-	Árvore	paineira
<i>Eriotheca candolleana</i> (K.Schum.) A.Robyns	Malvaceae	-	Árvore	-
<i>Eriotheca pentaphylla</i> (Vell. & K.Schum.) A.Robyns	Malvaceae	-	Árvore	-
<i>Guazuma crinita</i> Mart.	Malvaceae	-	Árvore	mutamba
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Malvaceae	-	Árvore	araticum-bravo, cabeça-de-negro, mutamba,
<i>Helicteres ovata</i> Lam.	Malvaceae	-	Arbusto	-
<i>Hibiscus diversifolius</i> Jacq.	Malvaceae	LC	Arbusto	-
<i>Luehea conwentzii</i> K.Schum.	Malvaceae	LC	Árvore	-
<i>Luehea divaricata</i> Mart. & Zucc.	Malvaceae	-	Árvore	-
<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.	Malvaceae	-	Árvore	açoita-cavalo, fruta-de-cavalo
<i>Pavonia alnifolia</i> A.St.-Hil.	Malvaceae	DD EN	Árvore	gueta
<i>Pavonia sepium</i> A.St.-Hil.	Malvaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Pelteia obsita</i> (Mart. ex Colla) Krapov. & Cristobal	Malvaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Pseudobombax grandiflorum</i> (Cav.) A.Robyns	Malvaceae	LC	Árvore	-
<i>Quararibea turbinata</i> (Sw.) Poir.	Malvaceae	-	Arbusto	-
<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Sida planicaulis</i> Cav.	Malvaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Spirotheca rivieri</i> (Decne.) Ulbr.	Malvaceae	LC	Árvore	-
<i>Sterculia striata</i> A.St.-Hil. & Naudin	Malvaceae	-	Árvore	amendoim-do-campo, chichá-do-cerrado
<i>Talipariti pernambucense</i> (Arruda) Bovini	Malvaceae	-	Árvore	-
<i>Triumfetta rhomboidea</i> Jacq.	Malvaceae	-	Subarbusto	carrapicho-grande, malva-preta
<i>Urena lobata</i> L.	Malvaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Waltheria collina</i> K.Schum.	Malvaceae	-	Arbusto	-
<i>Waltheria glazioviana</i> K.Schum.	Malvaceae	-	Subarbusto	-
<i>Waltheria indica</i> L.	Malvaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Waltheria maritima</i> A.St.-Hil.	Malvaceae	-	Subarbusto	-
<i>Waltheria petiolata</i> K.Schum.	Malvaceae	-	Subarbusto	-
<i>Goeppertia colorata</i> (Hook.) Borchs. & S.Suárez	Marantaceae	-	Erva	-
<i>Goeppertia cylindrica</i> (Roscoe) Borchs. & S.Suárez	Marantaceae	-	Erva	-
<i>Goeppertia truncata</i> (Link ex A.Dietr.) Borchs. & S.Suárez	Marantaceae	-	Erva	-
<i>Maranta cristata</i> Nees & Mart.	Marantaceae	-	Erva	-
<i>Maranta divaricata</i> Roscoe	Marantaceae	-	Erva	-
<i>Stromanthe thalia</i> (Vell.) J.M.A.Braga	Marantaceae	-	Erva	caeté-roxo

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Stromanthe tonckat</i> (Aubl.) Eichler	Marantaceae	-	Erva	-
<i>Eupodium kaulfussii</i> (J.Sm.) J.Sm.	Marattiaceae	-	Erva	-
<i>Schwartzia brasiliensis</i> (Choisy) Bedell ex Gir. - Cañas	Marcgraviaceae	-	Trepadeira	-
<i>Bertonia mosenii</i> Cogn.	Melastomataceae	VU	Erva	-
<i>Clidemia biserrata</i> DC.	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Henriettea glabra</i> (Vell.) Penneys, F.A. Michelangeli, Judd et Almeda	Melastomataceae	VU	Árvore	-
<i>Huberia ovalifolia</i> DC.	Melastomataceae	VU	Árvore	jacatirão, mangue- bravo, mangue-do- mato, quaresma- branca
<i>Leandra acutiflora</i> (Naudin) Cogn.	Melastomataceae	VU	Arbusto Árvore	-
<i>Leandra australis</i> (Cham.) Cogn.	Melastomataceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Leandra melastomoides</i> Raddi	Melastomataceae	VU	Arbusto Árvore	cambará-do-mato, pixirica
<i>Leandra nianga</i> (DC.) Cogn.	Melastomataceae	VU	Arbusto	-
<i>Leandra reversa</i> (DC.) Cogn.	Melastomataceae	-	Arbusto Subarbusto	pixirica
<i>Marcetia taxifolia</i> (A.St.-Hil.) DC.	Melastomataceae	-	Arbusto Subarbusto	Vassourinha
<i>Meriania glabra</i> (DC.) Triana	Melastomataceae	VU VU	Árvore	-
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia brasiliensis</i> (Spreng.) Triana	Melastomataceae	-	Árvore	-
<i>Miconia calvescens</i> DC.	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia cinerascens</i> Miq.	Melastomataceae	-	Árvore	-
<i>Miconia cinerascens</i> var. <i>robusta</i> Wurdack	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia dodecandra</i> Cogn.	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia fasciculata</i> Gardner	Melastomataceae	LC	Árvore	-
<i>Miconia formosa</i> Cogn.	Melastomataceae	-	Árvore	-
<i>Miconia ibaguensis</i> (Bonpl.) Triana	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia pusilliflora</i> (DC.) Naudin	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia staminea</i> (Desr.) DC.	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Miconia subvernica</i> Cogn.	Melastomataceae	VU	Árvore	-
<i>Miconia tristis</i> Spring	Melastomataceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Ossaea marginata</i> (Desr.) Triana	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Pleroma benthamiana</i> Gardner	Melastomataceae	EN	Arbusto	-
<i>Pleroma gaudichaudiana</i> (DC.) A. Gray	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Pleroma granulosa</i> (Desr.) D. Don	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Pleroma heteromalla</i> D. Don (D.Don)	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Pleroma maximiliana</i> (DC.) Triana	Melastomataceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Pleroma mutabilis</i> (Vell.) Triana	Melastomataceae	-	Árvore	-
<i>Pleroma trichopoda</i> DC.	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Pleroma urceolaris</i> (Schrunk et Mart. ex DC.) Triana	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Pleroma viminea</i> (D. Don) D. Don	Melastomataceae	-	Arbusto	-
<i>Pterolepis glomerata</i> (Rottb.) Miq.	Melastomataceae	LC	Erva	-
<i>Rhynchanthera dichotoma</i> (Desr.) DC.	Melastomataceae	-	Arbusto Subarbusto	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Tibouchina clavata</i> (Pers.) Wurdack	Melastomataceae	-	Árvore	-
<i>Tibouchina estrellensis</i> (Raddi) Cogn.	Melastomataceae	-	Árvore	-
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Meliaceae	-	Árvore	-
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Meliaceae	VU	Árvore	-
<i>Cedrela odorata</i> L.	Meliaceae	VU	Árvore	cedro, cedro branco, cedro rosa, cedro vermelho
<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Meliaceae	-	Árvore	carrapeta, gitó, jatuauba, marinho
<i>Guarea kunthiana</i> A.Juss.	Meliaceae	-	Árvore	carrapeta graúda, cedro bravo, gitó de terra firme, jitó
<i>Guarea macrophylla</i> Vahl	Meliaceae	-	Árvore	cafébravo, cafédo mato, camboatá, catigua branca
<i>Trichilia casaretti</i> C.DC.	Meliaceae	LC	Árvore	-
<i>Trichilia catigua</i> A.Juss.	Meliaceae	-	Árvore	Catigua
<i>Trichilia claussoni</i> C.DC.	Meliaceae	-	Árvore	-
<i>Trichilia elegans</i> A.Juss.	Meliaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Trichilia hirta</i> L.	Meliaceae	LC	Árvore	-
<i>Trichilia lepidota</i> Mart.	Meliaceae	LC	Árvore	-
<i>Trichilia pallida</i> Sw.	Meliaceae	-	Árvore	murici
<i>Cissampelos andromorpha</i> DC.	Menispermaceae	-	Trepadeira	-
<i>Disciphantha hernandia</i> (Vell.) Barneby	Menispermaceae	DD	Trepadeira	-
<i>Mollugo verticillata</i> L.	Molluginaceae	-	Erva	-
<i>Macrotorus utriculatus</i> (Mart.) Perkins	Monimiaceae	LC EN	Arbusto Árvore	-
<i>Mollinedia glabra</i> (Spreng.) Perkins	Monimiaceae	LC VU	Arbusto Árvore	-
<i>Mollinedia longifolia</i> Perkins	Monimiaceae	VU	Arbusto Árvore	-
<i>Mollinedia schottiana</i> (Spreng.) Perkins	Monimiaceae	CR	Arbusto Árvore	Espinheira-santa
<i>Brosimum gaudichaudii</i> TrÃ©cul	Moraceae	-	Arbusto Árvore	Mama-cadela, Mamica-de-cadela, Conduru, Inharé
<i>Brosimum glaziovii</i> Taub.	Moraceae	LC EN	Arbusto Árvore	-
<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	Moraceae	VU	Arbusto Árvore	inharémole, Pau-rainha-roxo
<i>Brosimum lactescens</i> (S.Moore) C.C.Berg	Moraceae	LC	Árvore	inharé, manitê, manixí, mururé
<i>Clarisia ilicifolia</i> (Spreng.) Lanj. & Rossberg	Moraceae	VU	Arbusto Árvore	folha-de-serra, janita
<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	Moraceae	VU	Arbusto	guariúba, guariúba-amarela, guariúba-branca,
<i>Dorstenia arifolia</i> Lam.	Moraceae	LC VU	Erva Subarbusto	-
<i>Dorstenia cayapia</i> Vell.	Moraceae	LC	Erva	caiapia, carapiá
<i>Dorstenia hirta</i> Desv.	Moraceae	VU	Erva	-
<i>Dorstenia ramosa</i> (Desv.) Carauta, C.Valente & Sucre	Moraceae	VU	Erva	-
<i>Dorstenia turnerifolia</i> Fisch. & C.A.Mey.	Moraceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Ficus adhatodifolia</i> Schott in Spreng.	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus arpazusa</i> Casar.	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus castellviana</i> Dugand	Moraceae	LC	Árvore	-
<i>Ficus cestrifolia</i> Schott ex Spreng.	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus citrifolia</i> Mill.	Moraceae	-	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Ficus clusiifolia</i> Schott	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus crocata</i> (Miq.) Miq.	Moraceae	-	-	-
<i>Ficus cyclophylla</i> (Miq.) Miq.	Moraceae	VU EN	Árvore	-
<i>Ficus enormis</i> Mart. ex Miq.	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus eximia</i> Schott	Moraceae	LC	Árvore	-
<i>Ficus gomelleira</i> Kunth	Moraceae	-	Árvore	apuí preto
<i>Ficus guaranitica</i> Chodat	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus hirsuta</i> Schott	Moraceae	LC EN	Árvore	-
<i>Ficus luschnathiana</i> (Miq.) Miq.	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus organensis</i> (Miq.) Miq.	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus pertusa</i> L.f.	Moraceae	-	Árvore	apuí
<i>Ficus tomentella</i> (Miq.) Miq.	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Ficus trigonata</i> L.	Moraceae	LC	Árvore	-
<i>Ficus vermifuga</i> (Miq.) Miq.	Moraceae	-	Árvore	-
<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.) Rusby	Moraceae	LC VU	Árvore	inharé, pama, pama branca, pama caucho
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	Moraceae	EX	Arbusto Árvore	Tatajuba
<i>Pseudolmedia hirtula</i> Kuhlm.	Moraceae	LC VU	Árvore	-
<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C.Burger et al.	Moraceae	-	Arbusto Árvore	Sorocaba, Soroco
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.	Moraceae	LC VU	Arbusto Árvore	bainha-de-espada
<i>Sorocea hilarii</i> Gaudich.	Moraceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Virola bicuhyba</i> (Schott ex Spreng.) Warb.	Myristicaceae	EN	Árvore	Bicuíba, Bicuíba-branca, Bicuuba, Ocuíba
<i>Virola gardneri</i> (A.DC.) Warb.	Myristicaceae	-	Árvore	Bicuíba-açu, Bicuíba-da-folha-larga, Bicuibuçu, Bocuva-fêmea
<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O.Berg	Myrtaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Calypttranthes brasiliensis</i> Spreng.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Calypttranthes lanceolata</i> O.Berg	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Calypttranthes lucida</i> Mart. ex DC.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Calypttranthes strigipes</i> O.Berg	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Campomanesia eugenioioides</i> (Cambess.) D.Legrand ex Landrum	Myrtaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Campomanesia schlechtendaliana</i> (O.Berg) Nied.	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> (Mart.) O.Berg	Myrtaceae	LC	Árvore	Gabirola
<i>Eugenia adenantha</i> O.Berg	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia arenaria</i> Cambess.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia astringens</i> Cambess.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia bahiensis</i> DC.	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Eugenia candolleana</i> DC.	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Eugenia copacabanensis</i> Kiaersk.	Myrtaceae	LC EN	Árvore	-
<i>Eugenia excelsa</i> O.Berg	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Eugenia florida</i> DC.	Myrtaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Eugenia involucrata</i> DC.	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore Subarbusto	-
<i>Eugenia leonora</i> Mattos	Myrtaceae	EN	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Eugenia macrosperma</i> DC.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia neoglomerata</i> Sobral	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia oblongata</i> O.Berg	Myrtaceae	-	Árvore	orelha-de-mula
<i>Eugenia pisiformis</i> Cambess.	Myrtaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Eugenia prasina</i> O.Berg	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Eugenia pruinosa</i> D.Legrand	Myrtaceae	EN	Árvore	-
<i>Eugenia pruniformis</i> Cambess.	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Eugenia puniceifolia</i> (Kunth) DC.	Myrtaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore Subarbusto	-
<i>Eugenia repanda</i> O.Berg	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Eugenia rostrata</i> O.Berg	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia selloi</i> (O. Berg) B.D. Jacks.	Myrtaceae	VU	Arbusto Árvore	Pitangatuba
<i>Eugenia speciosa</i> Cambess.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia sulcata</i> Spring ex Mart.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia teixeireana</i> (Mattos) Mattos	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia umbrosa</i> O.Berg	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	-	Arbusto	pitangueira
<i>Eugenia vattimoana</i> Mattos	Myrtaceae	VU	Árvore	-
<i>Eugenia verticillata</i> (Vell.) Angely	Myrtaceae	-	Arbusto	guamirim
<i>Eugenia villaenovae</i> Kiaersk.	Myrtaceae	EN	Árvore	-
<i>Marlierea excoriata</i> Mart.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Marlierea gaudichaudiana</i> (O.Berg) Loefgr. & Everett	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Marlierea silvatica</i> (O.Berg) Kiaersk.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrceugenia miersiana</i> (Gardner) D.Legrand & Kausel	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Myrceugenia myrcioides</i> (Cambess.) O.Berg	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Myrcia aethusa</i> (O.Berg) N.Silveira	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrcia amazonica</i> DC.	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore	araçá
<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Myrcia ilheosensis</i> Kiaersk.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrcia laxiflora</i> Cambess.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrcia macrocarpa</i> DC.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Myrcia ovata</i> Cambess.	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Myrcia palustris</i> DC.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrcia pubipetala</i> Miq.	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Myrcia racemosa</i> (O.Berg) Kiaersk.	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Myrcia spectabilis</i> DC.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrcia strigipes</i> Mart.	Myrtaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Myrcia tijucensis</i> Kiaersk.	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrcia velutiflora</i> (Mattos & D.Legrand) Mattos	Myrtaceae	CR	Árvore	-
<i>Myrcia vittoriana</i> Kiaersk.	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Myrciaria floribunda</i> (H. West ex Willd.) O.Berg	Myrtaceae	LC	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk.) G.M.Barroso ex Sobral	Myrtaceae	-	Árvore	Jabuticaba-amarela, Cabeludinha, Guapirijuba, Peludinha
<i>Myrciaria tenella</i> (DC.) O.Berg	Myrtaceae	DD	Árvore	-
<i>Myrrhinium atropurpureum</i> Schott	Myrtaceae	EN	Arbusto Árvore	-
<i>Neomitranthes glomerata</i> (D.Legrand) D.Legrand	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Neomitranthes langsdorffii</i> (O.Berg) Mattos	Myrtaceae	EN	Árvore	-
<i>Neomitranthes obscura</i> (DC.) N.Silveira	Myrtaceae	LC	Árvore	-
<i>Neomitranthes warmingiana</i> (Kiaersk.) Mattos	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Myrtaceae	-	Árvore	Jabuticaba
<i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral	Myrtaceae	VU	Árvore	-
<i>Plinia grandifolia</i> (Mattos) Sobral	Myrtaceae	-	Árvore	Jaboticaba, Jabuticaba-de-folha-grande
<i>Plinia peruviana</i> (Poir.) Govaerts	Myrtaceae	-	Árvore	-
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	Myrtaceae	-	Árvore	Araçá, araçá-amarelo, Araçá-de-coroa
<i>Psidium sartorianum</i> (O.Berg) Nied.	Myrtaceae	LC	Árvore	goiabinha
<i>Cladophora corallicola</i> BÅrgesen	NA	-	-	-
<i>Cladophora montagneana</i> KÅtz.	NA	-	-	-
<i>Cladophora vagabunda</i> (L.) C.Hoek	NA	-	-	-
<i>Gymnogongrus griffithsiae</i> (Turner) Mart.	NA	-	-	-
<i>Herposiphonia tenella</i> (C.Agardh) Ambronn	NA	-	-	-
<i>Hypnea spinella</i> (C.Agardh) KÅtz.	NA	-	-	-
<i>Ophidocladus simpliciusculus</i> (P.Crouan & H.Crouan) Falkenb.	NA	-	-	-
<i>Polysiphonia subtilissima</i> Mont.	NA	-	-	-
<i>Pterosiphonia pennata</i> (C.Agardh) Falkenb.	NA	-	-	-
<i>Rhizoclonium riparium</i> (Roth) KÅtz. ex Harv.	NA	-	-	-
<i>Ulva clathrata</i> (Roth) C.Agardh	NA	-	-	-
<i>Ulva linza</i> L.	NA	-	-	-
<i>Andradea floribunda</i> Allemão	Nyctaginaceae	-	Árvore	perema, tapacirica, tapaciriba, mulher pobre, cabelo de negro
<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	Nyctaginaceae	-	Arbusto Árvore Trepadeira	juvú, três-marias, primavera, buganvilla
<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Nyctaginaceae	-	Árvore Trepadeira	três-marias, primavera, tapirica, roseira-domato
<i>Guapira hirsuta</i> (Choisy) Lundell	Nyctaginaceae	LC	Arbusto Árvore Subarbusto	caixeta
<i>Guapira nitida</i> (Mart. ex J.A.Schmidt) Lundell	Nyctaginaceae	LC	Árvore	farinha-seca
<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	Nyctaginaceae	-	Arbusto Árvore	maria mole, farinha-seca, ciriba, pau-pirinha
<i>Guapira pernambucensis</i> (Casar.) Lundell	Nyctaginaceae	-	Arbusto	mangue, farinha-seca, farinha-seca-do-litoral,
<i>Pisonia aculeata</i> L.	Nyctaginaceae	-	Trepadeira	Tapaciriba, espordagalo, espinho-de-Santo-Amaro
<i>Nymphaea pulchella</i> DC.	Nymphaeaceae	-	Erva	-
<i>Ouratea conduplicata</i> (Klotzsch) Engl.	Ochnaceae	-	Arbusto	-
<i>Ouratea cuspidata</i> (A.St.-Hil.) Engl.	Ochnaceae	LC	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Ouratea stipulata</i> (Vell.) Engl.	Ochnaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Sauvagesia erecta</i> L.	Ochnaceae	-	Erva	-
<i>Cathedra rubricaulis</i> Miers	Olacaceae	EN	Arbusto Árvore	-
<i>Heisteria perianthomega</i> (Vell.) Sleumer	Olacaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Heisteria silvianii</i> Schwacke	Olacaceae	-	Árvore	-
<i>Tetrastylidium grandifolium</i> (Baill.) Sleumer	Olacaceae	-	Árvore	tatu
<i>Ludwigia longifolia</i> (DC.) H.Hara	Onagraceae	-	Erva Subarbusto Arbusto	-
<i>Ludwigia octovalvis</i> (Jacq.) P.H.Raven	Onagraceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	-
<i>Acianthera pectinata</i> (Lindl.) Pridgeon & M.W.Chase	Orchidaceae	LC	Erva	-
<i>Acianthera saundersiana</i> (Rchb.f.) Pridgeon & M.W.Chase	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Brassavola tuberculata</i> Hook.	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Campylocentrum crassirhizum</i> Hoehne	Orchidaceae	LC	Erva	-
<i>Catasetum discolor</i> (Lindl.) Lindl.	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Cattleya cernua</i> (Lindl.) Van den Berg	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Cattleya forbesii</i> Lindl.	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Cyrtopodium flavum</i> Link & Otto ex Rchb.f.	Orchidaceae	LC	Erva	sumaré, sumbarê
<i>Eltroplectris calcarata</i> (Sw.) Garay & Sweet	Orchidaceae	LC	Erva	orquídea-bigode
<i>Epidendrum denticulatum</i> Barb.Rodr.	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Epidendrum orchidiflorum</i> (Salzm.) Lindl.	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Epidendrum secundum</i> Jacq.	Orchidaceae	LC	Erva	-
<i>Habenaria parviflora</i> Lindl.	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Liparis nervosa</i> (Thumb.) Lindl.	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Prescottia densiflora</i> (Brongn.) Cogn.	Orchidaceae	-	Erva	-
<i>Vanilla bahiana</i> Hoehne	Orchidaceae	-	Trepadeira	-
<i>Vanilla chamissonis</i> Klotzsch	Orchidaceae	LC	Erva	-
<i>Esterhazyia splendida</i> J.C.Mikan	Orobanchaceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	-
<i>Osmunda regalis</i> L.	Osmundaceae	-	Erva	-
<i>Osmundastrum cinnamomeum</i> (L.) C.Presl	Osmundaceae	-	Erva	-
<i>Oxalis barrelieri</i> L.	Oxalidaceae	-	Erva	azedinha
<i>Oxalis debilis</i> Kunth	Oxalidaceae	-	Erva	-
<i>Oxalis fruticosa</i> Raddi	Oxalidaceae	-	Subarbusto	-
<i>Passiflora amethystina</i> J.C.Mikan	Passifloraceae	LC	Trepadeira	maracujá, maracujá-azul, maracujá-de-cobra, maracujá-do-campo
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Passifloraceae	LC	Trepadeira	-
<i>Passiflora haematostigma</i> Mart. ex Mast.	Passifloraceae	-	Trepadeira	maracujá, maracujá-das-capoeiras, maracujá-de-capoeira, maracujá-de-veado
<i>Passiflora mediterranea</i> Vell.	Passifloraceae	-	Trepadeira	-
<i>Passiflora mucronata</i> Lam.	Passifloraceae	-	Trepadeira	-
<i>Passiflora pentagona</i> Mast.	Passifloraceae	-	Trepadeira	-
<i>Passiflora silvestris</i> Vell.	Passifloraceae	-	Trepadeira	-
<i>Passiflora truncata</i> Regel	Passifloraceae	-	Trepadeira	maracujá
<i>Pera heteranthera</i> (Schrank) I.M.Johnst.	Peraceae	-	Arbusto Árvore	louro apagão, pereiro
<i>Hyeronima alchorneoides</i> Allemão	Phyllanthaceae	-	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Margaritaria nobilis</i> L.f.	Phyllanthaceae	LC VU	Arbusto	botãozinho, cabelo de cotia, cafébravo, fruto de jacamin
<i>Phyllanthus arenicola</i> Casar.	Phyllanthaceae	CR	Erva Subarbusto	-
<i>Phyllanthus submarginatus</i> Müll.Arg.	Phyllanthaceae	-	Subarbusto	-
<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Phytolaccaceae	-	-	-
<i>Microtea paniculata</i> Moq.	Phytolaccaceae	-	-	-
<i>Phytolacca dioica</i> L.	Phytolaccaceae	-	-	Maria Mole, Peúdo, Umbú
<i>Sequiaria americana</i> L.	Phytolaccaceae	LC	-	-
<i>Sequiaria langsdorffii</i> Moq.	Phytolaccaceae	LC	-	-
<i>Picramnia gardneri</i> Planch.	Picramniaceae	-	Arbusto Árvore	cordão vermelho
<i>Picramnia glazioviana</i> Engl.	Picramniaceae	-	Arbusto Árvore	café-bravo, cafezinho-do-mato
<i>Peperomia corcovadensis</i> Gardner	Piperaceae	-	Erva	-
<i>Peperomia glabella</i> (Sw.) A.Dietr.	Piperaceae	-	Erva	-
<i>Peperomia incana</i> (Haw.) Hook.	Piperaceae	-	Erva	-
<i>Peperomia macrostachya</i> (Vahl) A.Dietr.	Piperaceae	-	Erva	-
<i>Peperomia nitida</i> Dahlst.	Piperaceae	LC	Erva	-
<i>Peperomia pereskiaefolia</i> (Jacq.) Kunth	Piperaceae	-	Erva	-
<i>Peperomia stenocarpa</i> Regel	Piperaceae	-	Erva	-
<i>Peperomia trinervis</i> Ruiz & Pav.	Piperaceae	LC	Erva	-
<i>Peperomia urocarpa</i> Fisch. & C.A.Mey.	Piperaceae	-	Erva	-
<i>Piper aduncum</i> L.	Piperaceae	-	Arbusto Árvore	pimenta longa, ti nixpu Kaxinawá
<i>Piper alnoides</i> Kunth	Piperaceae	LC	Arbusto	-
<i>Piper amalago</i> L.	Piperaceae	-	Arbusto	-
<i>Piper amalago</i> var. <i>medium</i> (Jacq.) Yunck.	Piperaceae	-	Arbusto	jaborandi
<i>Piper amplum</i> Kunth	Piperaceae	-	Arbusto	-
<i>Piper arboreum</i> Aubl.	Piperaceae	-	Arbusto	barin pakex kabia
<i>Piper caldense</i> C.DC.	Piperaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Piper divaricatum</i> G.Mey.	Piperaceae	-	Arbusto	-
<i>Piper gaudichaudianum</i> Kunth	Piperaceae	-	Arbusto	jaborandi, apertaruão, erva-de-são-manuel,
<i>Piper hayneanum</i> C.DC.	Piperaceae	LC	Subarbusto	-
<i>Piper hoffmannseggianum</i> Roem. & Schult.	Piperaceae	-	Arbusto	-
<i>Piper mollicomum</i> Kunth	Piperaceae	-	Arbusto	-
<i>Piper rivinoides</i> Kunth	Piperaceae	-	Arbusto	-
<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	Piperaceae	-	Arbusto	pimenta longa
<i>Achetaria ocymoides</i> (Cham. & Schltdl.) Wettst.	Plantaginaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Bacopa monnieri</i> (L.) Pennell	Plantaginaceae	-	Erva	-
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Plantaginaceae	-	Erva Subarbusto	vassoura de botão, vassourinha
<i>Plumbago scandens</i> L.	Plumbaginaceae	-	Arbusto Subarbusto	Louco
<i>Andropogon bicornis</i> L.	Poaceae	-	Erva	capim-rabo-de-cavalo, campim-rabo-de-burro, capim-rabo-de-raposa, capim-vassoura, capim-peba, capim-andaime, capim-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
				rabo-de-boi
<i>Andropogon selloanus</i> (Hack.) Hack.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Cenchrus echinatus</i> L.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Cryptochloa capillata</i> (Trin.) Soderstr.	Poaceae	LC	Erva	-
<i>Dichanthelium aequivaginum</i> (Swallen) Zuloaga	Poaceae	-	Erva	-
<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Imperata contracta</i> (Kunth) Hitchc.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Lasiacis ligulata</i> Hitchc. & Chase	Poaceae	-	Erva	taquari, taquarí mole
<i>Panicum racemosum</i> (P. Beauv.) Spreng.	Poaceae	-	Erva	alho-macho, capim-da-areia, capim-das-dunas, grama-salgada
<i>Paspalum maritimum</i> Trin.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Paspalum millegrana</i> Schrad. ex Schult.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Paspalum urvillei</i> Steud.	Poaceae	-	Erva	Capim-das-roças
<i>Paspalum vaginatum</i> Sw.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Pharus lappulaceus</i> Aubl.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Pseudechinolaena polystachya</i> (Kunth) Stapf	Poaceae	-	Erva	-
<i>Renvoizea trinii</i> (Kunth) Zuloaga & Morrone	Poaceae	-	Erva	-
<i>Saccharum villosum</i> Steud.	Poaceae	-	Erva	-
<i>Sporobolus virginicus</i> (L.) Kunth	Poaceae	-	Erva	-
<i>Stenotaphrum secundatum</i> (Walter) Kuntze	Poaceae	-	Erva	-
<i>Trichanthecium distichophyllum</i> (Spreng.) Zuloaga & Morrone	Poaceae	-	Erva	-
<i>Bredemeyera hebeclada</i> (DC.) J.F.B.Pastore	Polygalaceae	EN	Arbusto Trepadeira	-
<i>Diclidanthera laurifolia</i> Mart.	Polygalaceae	CR	Arbusto Árvore Trepadeira	-
<i>Polygala appendiculata</i> Vell.	Polygalaceae	EX	Erva	-
<i>Polygala cyparissias</i> A.St.-Hil. & Moq.	Polygalaceae	EX	Erva Subarbusto	-
<i>Securidaca diversifolia</i> (L.) S.F.Blake	Polygalaceae	CR	Trepadeira	-
<i>Coccoloba arborescens</i> (Vell.) R.A.Howard	Polygonaceae	-	Arbusto Trepadeira	cipó-ninfolia, cipó-pau
<i>Coccoloba declinata</i> (Vell.) Mart.	Polygonaceae	-	Arbusto Árvore Trepadeira	-
<i>Coccoloba fastigiata</i> Meisn.	Polygonaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Coccoloba glaziovii</i> Lindau	Polygonaceae	-	Arbusto Árvore	Ca-çu, cabaçu, Folha larga da mata
<i>Coccoloba parimensis</i> Benth.	Polygonaceae	-	Arbusto Trepadeira	Cipó-ponte, Costela-de-vaca, caa-uassu-rana,
<i>Coccoloba rigida</i> Meisn.	Polygonaceae	EN	Arbusto Trepadeira	-
<i>Polygonum acuminatum</i> Kunth	Polygonaceae	-	Erva	erva-de-bicho, fumo-bravo
<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Polygonaceae	-	Erva	erva-de-bicho
<i>Polygonum punctatum</i> Elliott	Polygonaceae	-	Erva	erva-de-bicho
<i>Rumex brasiliensis</i> Link	Polygonaceae	-	Erva	-
<i>Ruprechtia laxiflora</i> Meisn.	Polygonaceae	-	Árvore	-
<i>Triplaris americana</i> L.	Polygonaceae	-	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Campyloneurum rigidum</i> Sm.	Polypodiaceae	-	Erva	-
<i>Pleopeltis lepidopteris</i> (Langsd. & Fisch.) de la Sota	Polypodiaceae	-	Erva	-
<i>Serpocaulon latipes</i> (Langsd. & Fisch.) A.R.Sm.	Polypodiaceae	-	Erva	-
<i>Serpocaulon triseriale</i> (Sw.) A.R.Sm.	Polypodiaceae	-	Erva	-
<i>Portulaca elatior</i> Mart.	Portulacaceae	-	Erva	-
<i>Portulaca halimoides</i> L.	Portulacaceae	LC	Erva	-
<i>Portulaca mucronata</i> Link	Portulacaceae	-	Erva	-
<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	Portulacaceae	-	Erva	cariru bravo, joão gomes, major gomes,
<i>Clavija spinosa</i> (Vell.) Mez	Primulaceae	-	Arbusto	-
<i>Cybianthus froelichii</i> Mez	Primulaceae	-	Arbusto	-
<i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R.Br. ex Roem. & Schult.	Primulaceae	-	Arbusto Árvore	capororoquinha
<i>Myrsine gardneriana</i> A.DC.	Primulaceae	-	Arbusto	-
<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	Primulaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Myrsine parvifolia</i> A.DC.	Primulaceae	-	Arbusto	-
<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	Primulaceae	-	Árvore	-
<i>Myrsine venosa</i> A.DC.	Primulaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Roupala gracilis</i> Meisn.	Proteaceae	EN	Árvore	carne de vaca
<i>Roupala montana</i> Aubl.	Proteaceae	-	Arbusto Árvore	carne de vaca, carvalho vermelha
<i>Roupala montana</i> var. <i>brasiliensis</i> (Klotzsch) K.S.Edwards	Proteaceae	-	Arbusto Árvore	carne de vaca
<i>Acrostichum aureum</i> L.	Pteridaceae	-	Erva	-
<i>Adiantum pentadactylon</i> Langsd. & Fisch.	Pteridaceae	-	Erva	-
<i>Hemionitis tomentosa</i> (Lam.) Raddi	Pteridaceae	-	Erva	-
<i>Pityrogramma calomelanos</i> (L.) Link	Pteridaceae	-	Erva	-
<i>Pteris brasiliensis</i> Raddi	Pteridaceae	-	Erva	-
<i>Drypetes sessiliflora</i> Allemão	Putranjivaceae	-	Árvore	-
<i>Colubrina glandulosa</i> subsp. <i>reitzii</i> (M.C.Johnst.) Borhidi	Rhamnaceae	-	Árvore	Saguragi, Sobragy, Sobrasil, Suruaji, Socorujuva, Jucuruxuva
<i>Condalia buxifolia</i> Reissek	Rhamnaceae	EN	Arbusto Árvore	Coronilha, Folha-de-buxo
<i>Reissekia smilacina</i> (Sm.) Steud.	Rhamnaceae	LC	Trepadeira	-
<i>Ziziphus undulata</i> Reissek	Rhamnaceae	-	Árvore	Joazeiro, Juazeiro
<i>Rhizophora mangle</i> L.	Rhizophoraceae	-	Árvore	-
<i>Prunus brasiliensis</i> (Cham. & Schltdl.) D.Dietr.	Rosaceae	-	Arbusto Árvore	coração-de-negro, pessegueiro-bravo
<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urb.	Rosaceae	-	Árvore	coração-de-negro, pessegueiro-bravo
<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	Rosaceae	-	Erva	-
<i>Alseis floribunda</i> Schott	Rubiaceae	-	Árvore	alma-da-serra, quina-de-são-paulo, tarumã
<i>Amaioua intermedia</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	Carvoeiro, Pau-carvão, Cinzeiro, Marmelada-brava, Canela-de-veado, Pimentão, Guapeva-forte
<i>Bathysa australis</i> (A.St.-Hil.) K.Schum.	Rubiaceae	LC	Arbusto Árvore	pau-de-colher, quina-do-mato, fumo, araribão

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Bathysa gymnocarpa</i> K.Schum.	Rubiaceae	-	Árvore	guamirim, guapeba-branca
<i>Bathysa mendoncae</i> K.Schum.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Bathysa stipulata</i> (Vell.) C.Presl	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	qui-da-serra, pau-de-colher, quina-da-serra, autuparana
<i>Borreria capitata</i> (Ruiz & Pav.) DC.	Rubiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Borreria scabiosoides</i> Cham. & Schltdl.	Rubiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Borreria schumannii</i> (Standl. ex Bacigalupo) E.L. Cabral & Sobrado	Rubiaceae	-	Trepadeira Subarbusto	-
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.Mey.	Rubiaceae	-	Subarbusto	-
<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Chomelia estrellana</i> Müll.Arg.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Coccocypselum capitatum</i> (Graham) C.B.Costa & Mamede	Rubiaceae	-	Erva	erva-de-rato, hortelãzinha, jalapa,
<i>Cordia myrciifolia</i> (K.Schum.) C.H.Perss. & Delprete	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Coussarea accedens</i> Müll.Arg.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Coussarea graciliflora</i> (Mart.) Müll.Arg.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Coussarea meridionalis</i> (Vell.) Müll.Arg.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Coussarea nodosa</i> (Benth.) Müll.Arg.	Rubiaceae	LC	Arbusto	-
<i>Coussarea verticillata</i> Müll.Arg.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	capança vermelha, capirona
<i>Declieuxia dusenii</i> Standl.	Rubiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Declieuxia tenuiflora</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) Steyerl. & J.H.Kirkbr.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Emmeorrhiza umbellata</i> (Spreng.) K.Schum.	Rubiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Famea australis</i> (Vell.) Müll.Arg.	Rubiaceae	DD	Arbusto	-
<i>Famea involucrata</i> Müll.Arg.	Rubiaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Famea stipulacea</i> (Cham. & Schltdl.) DC.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	LC	Arbusto Árvore	genipapo
<i>Genipa infundibuliformis</i> Zappi & Semir	Rubiaceae	LC	Árvore	-
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltdl.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Hexasepalum apiculatum</i> (Willd.) Delprete & J.H. Kirkbr.	Rubiaceae	-	Subarbusto	-
<i>Hexasepalum radula</i> (Willd.) Delprete & J.H. Kirkbr.	Rubiaceae	-	Subarbusto	-
<i>Ixora gardneriana</i> Benth.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Manettia fimbriata</i> Cham. & Schltdl.	Rubiaceae	-	Trepadeira	-
<i>Melanopsidium nigrum</i> Colla	Rubiaceae	VU EN	Arbusto Árvore	-
<i>Mitracarpus lhotzkyanus</i> Cham.	Rubiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Mitracarpus strigosus</i> (Thunb.) P.L.R. Moraes, De Smedt & Hjertson	Rubiaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Palicourea marcgravii</i> A.St.-Hil.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Posoqueria acutifolia</i> Mart.	Rubiaceae	-	Árvore	-
<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Schult.	Rubiaceae	LC	Árvore	-
<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Schult. subsp. <i>latifolia</i>	Rubiaceae	-	Árvore	-
<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	chacro-, rainha
<i>Psychotria leiocarpa</i> Cham. & Schltdl.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Psychotria nuda</i> (Cham. & Schltdl.) Wawra	Rubiaceae	-	Arbusto	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Psychotria stenocalyx</i> Müll.Arg.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Psychotria tenuinervis</i> Müll.Arg.	Rubiaceae	EN	Arbusto	-
<i>Psychotria vellosiana</i> Benth.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Rubiaceae	-	-	espinho de judeu, esporão de galo
<i>Richardia brasiliensis</i> Gomes	Rubiaceae	-	Erva	-
<i>Rudgea interrupta</i> Benth.	Rubiaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Rudgea jasminoides</i> (Cham.) Müll.Arg.	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	jasmin-do-mato, café- do-mato, casca d'anta, pasto d'anta
<i>Rudgea jasminoides</i> subsp. <i>corniculata</i> (Benth.) Zappi	Rubiaceae	-	Arbusto Árvore	casca d'anta, pasto d'anta
<i>Rudgea macrophylla</i> Benth.	Rubiaceae	EN	Arbusto Árvore	-
<i>Rudgea minor</i> subsp. <i>calycina</i> (Benth.) Zappi	Rubiaceae	DD	Arbusto Árvore	-
<i>Rudgea nobilis</i> Müll.Arg.	Rubiaceae	NT	Árvore	-
<i>Rudgea reticulata</i> Benth.	Rubiaceae	LC	Árvore	-
<i>Rudgea sessilis</i> (Vell.) Müll.Arg.	Rubiaceae	LC	Arbusto	-
<i>Rustia formosa</i> (Cham. & Schtdl.) Klotzsch	Rubiaceae	-	Árvore	caapeba, sobrasil
<i>Simira glaziovii</i> (K.Schum.) Steyerl.	Rubiaceae	-	Árvore	-
<i>Simira viridiflora</i> (Allemão & Saldanha) Steyerl.	Rubiaceae	-	Árvore	-
<i>Tocoyena bullata</i> (Vell.) Mart.	Rubiaceae	-	Arbusto	-
<i>Rupia maritima</i> L.	Ruppiaceae	-	Erva	-
<i>Conchocarpus elegans</i> (A. St.-Hil.) Kallunki & Pirani	Rutaceae	-	Arbusto	-
<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	Rutaceae	EN	Arbusto Árvore	chupa-ferro, guaxipita, guaxupita, mamonarana
<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart. subsp. <i>grandiflora</i>	Rutaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	Rutaceae	LC	Árvore	guarantã, guarataiá- vermelha
<i>Galipea jasminiflora</i> (A.St.-Hil.) Engl.	Rutaceae	-	Árvore	carrapateiro, chupa- ferro, guamixinga, jasmim-do-mato
<i>Hortia brasiliana</i> Vand. ex DC.	Rutaceae	NT	Arbusto Árvore	coronel, laranjinha, lima d'anta, paratudo- vermelho
<i>Metrodorea nigra</i> A.St.-Hil.	Rutaceae	-	Árvore	carrapateiro, chupa- ferro, pitaguará, vira- sarere
<i>Neoraputia alba</i> (Nees & Mart.) Emmerich ex Kallunki	Rutaceae	-	Árvore	arapoca, arapoca branca, arapoca verdadeira, banha-de- galinha
<i>Pilocarpus giganteus</i> Engl.	Rutaceae	NT	Árvore	-
<i>Pilocarpus pauciflorus</i> A.St.-Hil.	Rutaceae	-	Árvore	pitaguará do branco
<i>Pilocarpus spicatus</i> A.St.-Hil.	Rutaceae	-	Arbusto Árvore	arengueiro, catinga- de-porco, jaborandi- da-restinga, jaburandi
<i>Pilocarpus spicatus</i> A.St.-Hil. subsp. <i>spicatus</i>	Rutaceae	-	Arbusto Árvore	arengueiro, catinga- de-porco, jaborandi, jaburandi
<i>Pilocarpus spicatus</i> var. <i>lealii</i> (Machado) Kaastra	Rutaceae	-	Arbusto Árvore	jaborandi-da-restinga
<i>Zanthoxylum caribaeum</i> Lam.	Rutaceae	-	Árvore	arruda, cera cozida, espinheiro-preto, limãozinho preto

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Zanthoxylum monogynum</i> A.St.-Hil.	Rutaceae	-	Árvore	laranjeira-do-mato, limão-bravo, limãozinho, limeirinha
<i>Zanthoxylum monogynum</i> A.St.-Hil. subsp. <i>monogynum</i>	Rutaceae	-	Árvore	limãozinho, limão-bravo, maminha-de-porca
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Rutaceae	-	Árvore	carne-de-anta, espinho-de-vintém, juva, juvevê
<i>Banara brasiliensis</i> (Schott) Benth.	Salicaceae	LC	Arbusto Árvore	-
<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	Salicaceae	-	Arbusto Árvore	camarão-branco, rama-branca, capança-braba, boieira, língua-de-velho, pindaíba, língua-de-cão
<i>Casearia commersoniana</i> Cambess.	Salicaceae	-	Arbusto Árvore	carapa-uba-í, aderninho-de-capoeira, pau-de-espeto, quebra-facão, cabatão, canela-de-viado, flor-da-noiva, mourão
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Salicaceae	-	Arbusto Árvore	cabelo de cotia, brogotó, pau-vidro, cocão-branco, pau-vidro-branco, espeto, espeto-vermelho, guaçononga
<i>Casearia obliqua</i> Spreng.	Salicaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Casearia oblongifolia</i> Cambess.	Salicaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Salicaceae	-	Arbusto Árvore Subarbusto	guaçononga, pau-de-lagarto
<i>Prockia crucis</i> P.Browne ex L.	Salicaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Xylosma ciliatifolia</i> (Clos) Eichler	Salicaceae	-	Arbusto Árvore	assucará, espinho-de-agulha, coroa de cristo',
<i>Xylosma prockia</i> (Turcz.) Turcz.	Salicaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil. et al.) Hieron. ex Nederl.	Sapindaceae	-	Arbusto Árvore	fruta de paraó, vacum, baga-de-morcego, três-folhas-do-mato
<i>Allophylus leucoclados</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Allophylus petiolulatus</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Arbusto Árvore	fruta-de-paraó, três-folhas-do-mato, baga-de-morcego, timbó-mirim
<i>Allophylus puberulus</i> (Cambess.) Radlk.	Sapindaceae	LC	Arbusto Árvore	cumixá, capiú-de-três-folhas, arbusto-do-pico-alto, frei-jorge
<i>Allophylus racemosus</i> Sw.	Sapindaceae	-	Arbusto Árvore	casca-solta-mirim, farinha-seca, guariba, mama-de-cachorro
<i>Cupania concolor</i> Radlk.	Sapindaceae	VU	Árvore	-
<i>Cupania emarginata</i> Cambess.	Sapindaceae	-	Arbusto Árvore	camboatá
<i>Cupania furfuracea</i> Radlk.	Sapindaceae	VU	Árvore	-
<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	Sapindaceae	-	Árvore	camboatá, camboatá-de-folha-larga
<i>Cupania racemosa</i> (Vell.) Radlk.	Sapindaceae	-	Árvore	-
<i>Cupania schizoneura</i> Radlk.	Sapindaceae	CR	Árvore	-
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Sapindaceae	-	Árvore	arco-de-barril, rabo-de-bugio
<i>Diatenopteryx sorbifolia</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Sapindaceae	LC	Árvore	-
<i>Matayba guianensis</i> Aubl.	Sapindaceae	-	Arbusto Árvore	brazeiro, camboatã, canela-de-negro, camboatá-branco
<i>Matayba intermedia</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Arbusto Árvore	camboatá, camboatade-folha-miúda, mataíba,
<i>Matayba sylvatica</i> (Casar.) Radlk.	Sapindaceae	-	Árvore	camboatá-açu, camboatá-do-mato
<i>Paullinia carpopoda</i> Cambess.	Sapindaceae	-	Trepadeira	-
<i>Paullinia coriacea</i> Casar.	Sapindaceae	-	Arbusto Trepadeira	-
<i>Paullinia elegans</i> Cambess.	Sapindaceae	-	Trepadeira	timbó, olho-de-cabra
<i>Paullinia meliifolia</i> Juss.	Sapindaceae	-	Trepadeira	cipó-timboeira, timbó-de-folha-grande
<i>Paullinia racemosa</i> Wawra	Sapindaceae	LC	Trepadeira	-
<i>Paullinia weinmanniifolia</i> Mart.	Sapindaceae	-	Trepadeira	-
<i>Sapindus saponaria</i> L.	Sapindaceae	-	Árvore	sabão-de-mico, saboeiro, saboneteira, sabonetinho
<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	Sapindaceae	-	Trepadeira	cipó leiteiro, timbó
<i>Serjania communis</i> Cambess.	Sapindaceae	-	Trepadeira	Cipó-timbó-mirim, Timbó
<i>Serjania corrugata</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Trepadeira	-
<i>Serjania cuspidata</i> Cambess.	Sapindaceae	LC	Trepadeira	cipó-cabeludo, cipó-dã€™água, timbó-cabeludo,
<i>Serjania dentata</i> (Vell.) Radlk.	Sapindaceae	-	Trepadeira	timbó das rstingas
<i>Serjania elegans</i> Cambess.	Sapindaceae	-	Trepadeira	-
<i>Serjania eucardia</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Trepadeira	-
<i>Serjania ichthyoctona</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Trepadeira	timbó-de-peixe
<i>Serjania marginata</i> Casar.	Sapindaceae	-	Trepadeira	barbasco
<i>Serjania scopulifera</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Trepadeira	-
<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Sapindaceae	-	Árvore	pitomba, pitombeira, feijao-cru, pitombadamata
<i>Toulicia laevigata</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Árvore	-
<i>Tripterodendron filicifolium</i> Radlk.	Sapindaceae	-	Árvore	-
<i>Urvillea glabra</i> Cambess.	Sapindaceae	VU	Trepadeira	-
<i>Urvillea rufescens</i> Cambess.	Sapindaceae	-	Trepadeira	cipó-ervilha
<i>Urvillea ulmacea</i> Kunth	Sapindaceae	-	Trepadeira	balãozinho, chumbinho
<i>Chrysophyllum flexuosum</i> Mart.	Sapotaceae	LC	Árvore	-
<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichler ex Miq.) Engl.	Sapotaceae	-	Árvore	aguaí, aguaí-da-serra, bapeba, cutite-branco
<i>Diploon cuspidatum</i> (Hoehne) Cronquist	Sapotaceae	-	Árvore	-
<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	Sapotaceae	-	Árvore	abiora--abiu, abiufofo, acá, acá-preto
<i>Manilkara salzmannii</i> (A.DC.) H.J.Lam	Sapotaceae	-	Árvore	Maçaranduba
<i>Manilkara subsericea</i> (Mart.) Dubard	Sapotaceae	LC VU	Arbusto Árvore	maçaranduba
<i>Micropholis crassipedicellata</i> (Mart. & Eichler) Pierre	Sapotaceae	LC	Árvore	bacubicha, bacumacha, bacumixa, bacumixa-branca, curubixa, grumixava

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Pouteria bangii</i> (Rusby) T.D.Penn.	Sapotaceae	-	Árvore	abiora-, abiu- rosadinha, aspeba, bapeba, bapeba-de- casca-preta
<i>Pouteria beaurepairei</i> (Glaz. & Raunk.) Baehni	Sapotaceae	LC	Arbusto Árvore	batatá, boitatá, cuquinha, guapiva
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Sapotaceae	-	Arbusto Árvore	abio, abiorana-peluda, abiu, abiorana, abiu- da-restinga
<i>Pouteria durlandii</i> (Standl.) Baehni	Sapotaceae	-	Árvore	-
<i>Pouteria filipes</i> Eyma	Sapotaceae	-	Árvore	abiora-, abiorana, acá, avio,
<i>Pouteria glomerata</i> (Miq.) Radlk. subsp. <i>glomerata</i>	Sapotaceae	-	Árvore	abiu
<i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma	Sapotaceae	-	Árvore	-
<i>Pouteria psammophila</i> (Mart.) Radlk.	Sapotaceae	EN	Árvore	bapuã
<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Sapotaceae	-	Arbusto Árvore	fruta-do-veado, louco e massaranduba, maçaranduba, pessegueiro-do- cerrado
<i>Pouteria venosa</i> (Mart.) Baehni	Sapotaceae	-	Arbusto Árvore	guacá-de-leite
<i>Pouteria venosa</i> subsp. <i>amazonica</i> T.D.Penn.	Sapotaceae	-	Arbusto Árvore	abiura-, abiura- grande, abiura--preta, curitiriba-rana
<i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk.	Sapotaceae	LC	Árvore	bunhanhém, pau-de- remo, pau-doce, guaranhém, buranhém, cacau-de- caboclo, marmixa, abiu-do-mato, abiu-de- macaco, buranhém
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	Sapotaceae	LC VU	Arbusto Árvore	-
<i>Actinostachys pennula</i> (Sw.) Hook.	Schizaeaceae	-	Erva	-
<i>Schoepfia brasiliensis</i> A.DC.	Schoepfiaceae	-	Árvore	-
<i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schltdl.	Scrophulariaceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	-
<i>Picrasma crenata</i> (Vell.) Engl.	Simaroubaceae	LC	Árvore	pau-amargo, pau- tenente, tenente-josé
<i>Simaba insignis</i> A.St.-Hil. & Tul.	Simaroubaceae	EN	Arbusto Árvore	calunga, paraíba- mirim
<i>Simarouba amara</i> Aubl.	Simaroubaceae	-	Árvore	amarelinho, marupá, marupá preto,
<i>Siparuna bifida</i> (Poepp. & Endl.) A.DC.	Siparunaceae	LC	Arbusto Árvore	caaá-pitiú, capitiú da mata
<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A.DC.	Siparunaceae	LC EX	Arbusto Árvore	limoeiro-bravo, negra- mina
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Siparunaceae	-	Arbusto Árvore	Capitiú, Negramina, Caápitíú, Limão-bravo
<i>Smilax rufescens</i> Griseb.	Smilacaceae	-	Trepadeira Subarbusto	Dente de cachorro, Juquecanga
<i>Acnistus arborescens</i> (L.) Schltdl.	Solanaceae	-	Arbusto	fruta-de-sabiá, mariana, marianeira
<i>Aureliana brasiliana</i> (Hunz.) Barboza & Hunz.	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Aureliana fasciculata</i> (Vell.) Sendtn.	Solanaceae	LC	Árvore	-
<i>Brunfelsia latifolia</i> (Pohl) Benth.	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D.Don	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Cestrum axillare</i> Vell.	Solanaceae	-	Árvore	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Cestrum corcovadense</i> Miers	Solanaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Cestrum intermedium</i> Sendtn.	Solanaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Dysochroma viridiflorum</i> (Sims) Miers	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Schwenckia americana</i> Rooyen ex L.	Solanaceae	-	Erva	-
<i>Solanum americanum</i> Mill.	Solanaceae	-	Erva	erva-moura, maria-pretinha
<i>Solanum argenteum</i> Dunal	Solanaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Solanum asperum</i> Rich.	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Solanum caavurana</i> Vell.	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Solanum capsicoides</i> All.	Solanaceae	-	Subarbusto	-
<i>Solanum cordifolium</i> Dunal	Solanaceae	-	Arbusto Trepadeira	-
<i>Solanum enantiophyllum</i> Bitter	Solanaceae	-	Erva Subarbusto	-
<i>Solanum granulosoleprosum</i> Dunal	Solanaceae	LC	Árvore	-
<i>Solanum jussiaei</i> Dunal	Solanaceae	-	Arbusto Trepadeira	-
<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	Solanaceae	-	Arbusto Árvore	Fruta-do-lobo
<i>Solanum mauritanum</i> Scop.	Solanaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Solanum pachimatium</i> Dunal	Solanaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Solanum paludosum</i> Moric.	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Solanum pseudoquina</i> A.St.-Hil.	Solanaceae	LC	Árvore	-
<i>Solanum pycnanthemum</i> Mart.	Solanaceae	-	Arbusto	-
<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.	Solanaceae	-	Arbusto Subarbusto	joá, joá-bravo, mata-cavalo, arrebeta-cavalo
<i>Solanum swartzianum</i> Roem. & Schult.	Solanaceae	-	Árvore	-
<i>Solanum sycocarpum</i> Mart. & Sendtn.	Solanaceae	NT	Arbusto	-
<i>Symplocos estrellensis</i> Casar.	Symplocaceae	-	Arbusto Árvore	canela-conserva, catatu, congonha, congonha-de-folha-grande
<i>Symplocos laxiflora</i> Benth.	Symplocaceae	-	Árvore	bofe, vanvu
<i>Laplacea fruticosa</i> (Schrad.) Kobuski	Theaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Christella dentata</i> (Forssk.) Brownsey & Jermy	Thelypteridaceae	-	Erva	-
<i>Cyclosorus interruptus</i> (Willd.) H. Ito	Thelypteridaceae	-	Erva	-
<i>Daphnopsis martii</i> Meisn.	Thymelaeaceae	-	-	Embira, Pau-de-embira
<i>Trigonía villosa</i> Aubl.	Trigoniaceae	-	Trepadeira	-
<i>Tropaeolum brasiliense</i> Casar.	Tropaeolaceae	-	Trepadeira	-
<i>Turnera cuneiformis</i> Juss. ex Poir.	Turneraceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Typha domingensis</i> Pers.	Typhaceae	-	Erva	-
<i>Boehmeria caudata</i> Sw.	Urticaceae	-	Arbusto Subarbusto	assa-peixe, lixa da folha larga
<i>Boehmeria cylindrica</i> (L.) Sw.	Urticaceae	-	Arbusto Erva	-
<i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	Urticaceae	-	Árvore	embaúba vermelha
<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	Urticaceae	-	Árvore	embaúba branca, embaubaubaçú
<i>Cecropia pachystachya</i> TrÃ©cul	Urticaceae	-	Árvore	embaúba
<i>Coussapoa microcarpa</i> (Schott) Rizzini	Urticaceae	-	Arbusto Árvore	mata-pau
<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chew	Urticaceae	-	Arbusto Erva	urtiga, urtiga vermelha

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Nome científico	Família	Status	Forma de vida	Nome popular
<i>Pilea nummularifolia</i> (Sw.) Wedd.	Urticaceae	-	Erva	-
<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	Urticaceae	-	Arbusto	-
<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	Urticaceae	-	Arbusto Árvore	urgí
<i>Urera nitida</i> (Vell.) P.Brack	Urticaceae	LC	Arbusto Subarbusto	-
<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Juss.	Verbenaceae	-	Árvore Arbusto	-
<i>Bouchea pseudochascanum</i> (Walp.) Grenzeb.	Verbenaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham.	Verbenaceae	-	Árvore	-
<i>Lantana fucata</i> Lindl.	Verbenaceae	-	Arbusto	-
<i>Lantana robusta</i> Schauer	Verbenaceae	-	Arbusto Subarbusto	-
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Verbenaceae	-	Arbusto Erva Subarbusto	carmelita-, cidreira
<i>Stachytarpheta angustifolia</i> (Mill.) Vahl	Verbenaceae	-	Subarbusto	Gervão-do-alagadiço
<i>Stachytarpheta restingensis</i> Moldenke	Verbenaceae	-	Subarbusto	-
<i>Stachytarpheta schottiana</i> Schauer	Verbenaceae	-	Arbusto	-
<i>Amphirrhox longifolia</i> (A.St.-Hil.) Spreng.	Violaceae	-	Arbusto Árvore	-
<i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.) G.Don	Violaceae	-	Trepadeira	cipó suma, piriguaia
<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza	Violaceae	-	Erva	poaia, falsa ipecacuanha
<i>Rinorea guianensis</i> Aubl.	Violaceae	-	Árvore	-
<i>Rinorea laevigata</i> (Sol. ex Ging.) Hekking	Violaceae	EN	Árvore	-
<i>Cissus erosa</i> Rich.	Vitaceae	-	Trepadeira	-
<i>Cissus paulliniifolia</i> Vell.	Vitaceae	-	Trepadeira	-
<i>Cissus serroniana</i> (Glaz.) Lombardi	Vitaceae	NT	Trepadeira	-
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Vitaceae	-	Trepadeira	-
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis subsp. <i>verticillata</i>	Vitaceae	-	Trepadeira	-
<i>Vochysia laurifolia</i> Warm.	Vochysiaceae	-	Árvore	-
<i>Vochysia oppugnata</i> (Vell.) Warm.	Vochysiaceae	EN	Árvore	-
<i>Vochysia saldanhana</i> Warm.	Vochysiaceae	-	Árvore	canela santa, Muricy
<i>Xyris jupicai</i> Rich.	Xyridaceae	-	Erva	-
<i>Xyris macrocephala</i> Vahl	Xyridaceae	-	Erva	-

ANEXO 2 – LISTA DE ESPÉCIES DE FAUNA

Anfíbios registrados para a região vistoriada com base em observações de campo, registros na coleção herpetológica do Museu Nacional e publicações científicas de estudos regionais (* = espécies identificadas por observação direta ou indireta).

Grupo	Nome vulgar	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
ANURA		
Bufonidae		
<i>Rhinella icterica</i>	Sapo-cururu	LC
<i>Rhinella ornata</i> *	Sapo	LC
Cycloramphidae		
<i>Proceratophrys boiei</i>	Sapo-de-chifre	LC
Hylidae		
<i>Aparasphenodon bruno</i> *	Perereca-de-capacete	LC
<i>Dendropsophus aff. oliverai</i>	Pererequinha	-
<i>Dendropsophus anceps</i>	Pererequinha	LC
<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	Pererequinha	LC
<i>Dendropsophus decipiens</i>	Pererequinha	LC
<i>Dendropsophus elegans</i>	Perereca-de-moldura	LC
<i>Dendropsophus meridianus</i>	Pererequinha	LC
<i>Dendropsophus minutus</i> *	Pererequinha	LC
<i>Dendropsophus pseudomeridianus</i>	Pererequinha	LC
<i>Dendropsophus seniculus</i>	Pererequinha	LC
<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	Perereca-verde	LC
<i>Hypsiboas faber</i> *	Sapo-martelo	LC
<i>Hypsiboas semilineatus</i>	Perereca	LC
<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	Perereca-liquenosa	LC
<i>Phasmahyla guttata</i> *	Perereca-de-folhagem	LC
<i>Phyllomedusa burmeisteri</i> *	Perereca-de-folhagem	LC
<i>Phyllomedusa rohdei</i>	Perereca-de-folhagem	LC
<i>Scinax aff. eurydice</i>	Perereca-de-banheiro	-
<i>Scinax alter</i>	Perereca	LC
<i>Scinax argyreornatus</i>	Perereca	LC
<i>Scinax cuspidatus</i>	Perereca	LC
<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca-de-banheiro	LC
<i>Scinax humilis</i>	Perereca	LC
<i>Scinax littoreus</i>	Perereca-do-litoral	LC
<i>Scinax similis</i>	Perereca	LC
<i>Scinax trapicheiroi</i>	Perereca	NT
<i>Sphaenorhynchus planicola</i>	Perereca-verde	LC
<i>Trachycephalus mesophaeus</i>	Perereca-grudenta	LC
<i>Trachycephalus nigromaculatus</i> *	Perereca-de-capacete	LC
Leiuperidae		
<i>Physalaemus signifer</i>	Rãzinha	LC
Leptodactylidae		
<i>Leptodactylus fuscus</i> *	Rã-assoviadora	LC
<i>Leptodactylus latrans</i> *	Rã-manteiga	LC
<i>Leptodactylus marmoratus</i>	Rãzinha-piadeira	LC
<i>Leptodactylus mystacinus</i>	Rã	LC
<i>Leptodactylus spixi</i>	Rã	LC

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Grupo	Nome vulgar	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
Microhylidae		
<i>Chiasmocleis carvalhoi</i>	Sapinho	EN
<i>Stereocyclops parkeri</i>	Rã-chata-de-aguaceiro	LC
GYMNOPHIONA		
Caeciliidae		
<i>Siphonops annulatus</i>	Cobra-cega	LC

Formas reptilianas registradas para a região vistoriada com base em observações de campo, registros na coleção herpetológica do Museu Nacional e publicações científicas de estudos regionais (* = espécies identificadas por observação direta ou indireta).

Grupo	Nome vulgar	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
SQUAMATA – Amphisbaenia		
Amphisbaenidae		
<i>Amphisbaena microcephala</i>	Cobra-de-duas-cabeças	-
SQUAMATA – Lacertilia		
Anguidae		
<i>Ophiodes fragilis</i>	Cobra-de-vidro	-
Polychrotidae		
<i>Anolis punctatus</i>	Lagarto-papa-vento	-
<i>Polychrus marmoratus</i>	Lagarto-preguiça	-
Tropiduridae		
<i>Tropidurus torquatus</i> *	Calango	LC
Phyllodactylidae		
<i>Gymnodactylus darwini</i> *	Lagartixa-da-mata	-
Gekkonidae		
<i>Hemidactylus mabouia</i> *	Lagartixa-de-parede	Exo
Teiidae		
<i>Ameiva ameiva</i> *	Lagarto-de-jardim	-
<i>Cnemidophorus ocellifer</i> *	Lagartinho	VU
<i>Salvator merianae</i> *	Teiú	LC
Scincidae		
<i>Brasiliscincus agilis</i> *	Lagarto-liso	-
<i>Psichosaura macrorhyncha</i>	Lagarto-liso	End
Liolaemidae		
<i>Liolaemus lutzae</i>	Lagartixa-da-praia	CR, VU, End
SQUAMATA – Ophidia		
Boidae		
<i>Boa constrictor</i>	Jibóia	-
Colubridae		
<i>Chironius bicarinatus</i>	Cobra-cipó	-
<i>Chironius exoletus</i>	Cobra-cipó	-
<i>Chironius multiventris</i>	Cobra-cipó	End
<i>Leptophis ahaetulla</i>	Cobrinha	End
<i>Mastigodryas bifossatus</i>	Jararacuçu-do-brejo	-
<i>Pseudoboa nigra</i>	Cobra	-
<i>Clelia plumbea</i>	Muçurana	-
<i>Elapomorphus quinquelineatus</i>	Cobra	-
<i>Helicops carinicaudus</i>	Cobra-d'água	-
<i>Leptodeira anallata</i>	Dormideira	-

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Grupo	Nome vulgar	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	Falsa-coral	-
<i>Erythrolamprus miliaris</i>	Cobra-d'água	-
<i>Erythrolamprus poecilogyrus</i>	Cobra-de-capim	-
<i>Oxyrhopus petola</i>	Falsa-coral	-
<i>Philodryas patagoniensis</i> *	Cobra-parelheira	-
<i>Thamnodynastes hypoconia</i>	Cobra-corredeira	-
<i>Xenodon neuwiedii</i>	Quiriripitá	-
Elapidae		
<i>Micrurus corallinus</i>	Cobra-coral-verdadeira	End
Viperidae		
<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca	End
<i>Bothrops jararacussu</i>	Jararacuçu	LC, End
<i>Bothrops bilineata</i>	Jararaca-verde	Ex
CROCODYLIA		
Alligatoridae		
<i>Caiman latirostris</i> *	Jacaré-de-papo-amarelo	LC, NT, EP, EN
TESTUDINES		
Chelidae		
<i>Acanthochelys radiolata</i> *	Cágado-amarelo	LR, NT, PA, CR
Testudinidae		
<i>Chelonoidis carbonarius</i>	Jabuti	LC, Ex, CR

Espécies da avifauna registradas para a região vistoriada com base em observações de campo e nos registros em publicações científicas de estudos regionais (* = espécies identificadas por observação direta ou indireta).

Taxa	Nome Comum	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
Tinamiformes		
Tinamidae		
<i>Crypturellus tataupa</i>	Inhambu-xintã	LC
Anseriformes		
Anatidae		
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Pé-vermelho	LC
<i>Anas bahamensis</i> *	Marreca-toucinho	LC
<i>Cairina moschata</i>	Pato-do-mato	LC, VU
<i>Dendrocygna viduata</i> *	Irerê	LC
<i>Netta erythrophthalma</i>	Marreca	LC
<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	Pato-de-crista	LC, EP
Galiformes		
Cracidae		
<i>Penelope superciliosus</i> *	Jacupemba	LC, EN
Suliformes		
Fregatidae		
<i>Fregata magnificens</i> *	Fragata	LC
Ciconiiformes		
Ardeidae		
<i>Ardea alba</i> *	Garça-branca-grande	-
<i>Ardea cocoi</i> *	Garça-moura	LC
<i>Bubulcus ibis</i> *	Garça-vaqueira	LC
<i>Butorides striata</i> *	Socozinho	LC
<i>Egretta caerulea</i> *	Garça-azul	LC
<i>Egretta thula</i> *	Garça-branca-pequena	LC

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Taxa	Nome Comum	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
<i>Syrigma sibilatrix</i> *	Maria-faceira	LC
<i>Tigrisoma fasciatum</i>	Socó-boi-escuro	LC, EN
Threskiornithidae		
<i>Eudocimus ruber</i>	Guará	LC, CP, CR
<i>Platalea ajaja</i>	Colhereiro	LC, PA, EN
Cathartiformes		
Cathartidae		
<i>Cathartes aura</i> *	Urubu-de-cabeça-vermelha	LC
<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-amarela	LC
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta	LC
Accipitriformes		
Accipitridae		
<i>Heterospizias meridionalis</i> *	Gavião-caboclo	LC
<i>Buteo albicaudatus</i> *	Gavião-de-cauda-branca	LC
<i>Rupornis magnirostris</i> *	Gavião-carijó	-
Falconidae		
<i>Caracara plancus</i> *	Carará	LC
<i>Mivalgo chimachima</i> *	Gavião-carrapateiro	-
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã	LC
<i>Micrastur ruficollis</i>	Gavião	LC
<i>Falco sparverius</i>	Gaviãozinho	LC
<i>Falco peregrinus</i> *	Falcão	LC
Pandionidae		
<i>Pandion haliaetus</i>	Águia-pescadora	LC
Gruiformes		
Rallidae		
<i>Aramides cajanea</i> *	Saracura-três-potes	LC
<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato	LC
<i>Gallinula galeata</i> *	Frango-d'água-comum	LC
<i>Porphyrio martinica</i>	Frango-d'água-azul	LC
Charadriiformes		
Charadriidae		
<i>Charadrius collaris</i> *	Batuíra-de-coleira	LC
<i>Charadrius semipalmatus</i>	Batuíra-de-bando	LC
<i>Vanellus chilensis</i> *	Quero-quero	LC
Jacaniidae		
<i>Jacana jacana</i> *	Jaçanã	LC
Laridae		
<i>Larus dominicanus</i> *	Gaivotão	LC
Columbiformes		
Columbidae		
<i>Columba livia</i> *	Pombo-doméstico	LC, Exo
<i>Columbina talpacoti</i> *	Rolinha-roxa	LC
<i>Leptotila verreauxi</i> *	Juriti-pupu	LC
<i>Patagioenas picazuro</i> *	Pombão	LC
Psittaciformes		
Psittacidae		
<i>Amazona amazonica</i>	Papagaio-do-mangue	LC, VU
<i>Brotogeris tirica</i> *	Periquito-rico	LC
<i>Forpus xanthopterygius</i> *	Periquito-verde	LC
<i>Pionus maximiliani</i>	Maitaca-bronzeada	LC
Cuculiformes		
Cuculidae		
<i>Crotophaga ani</i> *	Anu-preto	LC
<i>Guira guira</i> *	Anu-branco	LC
Strigiformes		
Tytonidae		
<i>Tyto alba</i>	Coruja-de-igreja	LC

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Taxa	Nome Comum	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
Strigidae		
<i>Athene cunicularia</i> *	Coruja-buraqueira	LC
<i>Bubo virginianus</i>	Corujão	LC
<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburé	LC
<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato	LC
Caprimulgiformes		
Caprimulgidae		
<i>Nyctidromus albigollis</i>	Bacurau	LC
<i>Hydropsalis torquata</i>	Bacurau-da-telha	LC
<i>Chordeiles minor</i>	Bacurau-norte-americano	LC
Apodiformes		
Apodidae		
<i>Cypseloides fumigatus</i>	Andorinhão	LC
<i>Streptoprocne zonaris</i> *	Andorinhão	LC
<i>Chaetura cinereiventris</i> *	Andorinhão	LC
Trochilidae		
<i>Amazilia fimbriata</i> *	Beija-flor-de-garganta-verde	LC
<i>Amazilia versicolor</i>	Beija-flor	LC
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho	LC
<i>Colibri serrirostris</i> *	Beija-flor	LC
<i>Eupetomena macroura</i> *	Beija-flor-tesoura	LC
<i>Hylocharis cyanus</i>	Beija-flor-roxo	LC
<i>Leucochlocois albicollis</i>	Beija-flor	-
<i>Phaethornis eurynome</i>	Beija-flor	LC
<i>Phaethornis idaliae</i>	Beija-flor	LC, PA
<i>Phaethornis squalidus</i>	Beija-flor	LC
<i>Phaethornis ruber</i> *	Rabo-branco-rubro	LC
<i>Thalurania glaucopis</i> *	Beija-flor-de-fronte-violeta	LC
Coraciiformes		
Alcedinidae		
<i>Megaceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande	LC
<i>Chloroceryle americana</i> *	Martim-pescador-pequeno	LC
Galbuliformes		
Bucconidae		
<i>Malacoptila striata</i>	Barbudo-rajado	LC
Piciformes		
Picidae		
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	LC
<i>Picumnus cirratus</i> *	Pica-pau-anão-barrado	LC
<i>Veniliornis maculifrons</i> *	Picapauzinho-de-testa-pintada	LC
Passeriformes		
Thamnophilidae		
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> *	Chorozinho-de-asa-vermelha	LC
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	Choca	LC
<i>Thamnophilus palliatus</i> *	Choca	LC
Dendrocolaptidae		
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	Arapaçu	LC
Furnariidae		
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	LC
Tyrannidae		
<i>Arundinicola leucocephala</i> *	Freirinha	LC
<i>Attila rufus</i> *	Capitão-de-saíra	LC
<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha	LC
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	Guaracavuçu	LC
<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava-de-barriga-amarela	LC
<i>Fluvicola nengeta</i> *	Lavadeira	LC
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha	LC
<i>Hirundinea ferruginea</i> *	Gibão-de-couro	LC

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Taxa	Nome Comum	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
<i>Lathrotriccus euleri</i>	Enferrujado	LC
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> *	Cabeçudo	LC
<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro	LC
<i>Mionectes rufiventris</i>	Abre-asa-de-cabeça-cinza	LC
<i>Myiarchus ferrox</i>	Maria-cavaleira	LC
<i>Myiophobus fasciatus</i> *	Filipe	LC
<i>Megaryncus pitangá</i> *	Nei-nei	LC
<i>Pitangus sulphuratus</i> *	Bem-te-vi	LC
<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio	LC
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	Teque-teque	LC
<i>Tyrannus melancholicus</i> *	Suiriri	LC
Tityridae		
<i>Pachyramphus polychropterus</i>	Caneleiro-preto	LC
Vireonidae		
<i>Hylophilus thoracicus</i>	Vite-vite	LC
<i>Vireo olivaceus</i> *	Juruviara	LC
Hirundinidae		
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> *	Andorinha-pequena-de-casa	LC
Troglodytidae		
<i>Cantorchilus longirostris</i> *	Garrincho-de-bico-grande	LC
<i>Troglodytes musculus</i> *	corruíra	-
Turdidae		
<i>Turdus amaurochalinus</i> *	Sabiapoca	LC
<i>Turdus flavipes</i>	Sabiá-una	LC
<i>Turdus rufiventris</i> *	Sabiá-laranjeira	LC
Mimidae		
<i>Mimus saturninus</i> *	Sabiá-do-campo	LC
Coerebidae		
<i>Coereba flaveola</i> *	Cebinho	LC
Thraupidae		
<i>Conirostrum speciosum</i> *	Figuinha-de-rabo-castanho	LC
<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul	LC
<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-de-chapéu-preto	LC
<i>Ramphocelus bresilius</i> *	Tié-sangue	LC
<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tié-preto	LC
<i>Tachyphonus cristatus</i>	Tié-de-crista	LC
<i>Tangara seledon</i>	Saíra	LC
<i>Thlypopsis sordida</i> *	Canário-sapê	LC
<i>Thraupis palmarum</i> *	Sanhaço-do-coqueiro	LC
<i>Thraupis sayaca</i> *	Sanhaço-cinza	LC
Emberizidae		
<i>Herpsilochmus pileatus</i>	Chororozinho-de-boné	LC
<i>Sicalis flaveola</i> *	Canário-da-terra	LC
<i>Sporophila bouvreuil</i> *	Caboclinho	End
<i>Sporophila caerulea</i> *	Coleiro	LC
<i>Sporophila collaris</i> *	Coleiro-do-brejo	LC, EP, EN
<i>Volatinia jacarina</i> *	Tíziu	LC
<i>Zonotrichia capensis</i> *	Tico-tico	LC, VU
Paluridae		
<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula	LC
<i>Parula pitiayumi</i>	Mariquita	LC
Icteridae		
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	Garibaldi	LC, Exo
<i>Molothrus bonariensis</i>	Pássaro-preto	LC
Fringilidae		
<i>Euphonia violacea</i>	Gaturamo	LC
Estrilidae		
<i>Estrilda astrild</i> *	Bico-de-lacre	LC, Exo

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Taxa	Nome Comum	Status IUCN/IBAMA/RJ/Rio
Falconidae		
<i>Passer domesticus</i> *	Pardal	LC, Exo

Mamíferos registrados para a região vistoriada com base em observações de campo e nos registros em publicações científicas de estudos regionais (* = espécies identificadas por observação direta ou indireta).

Taxa	Nome Comum	Status IUCN/IBAMA/RJ /Rio
Didelphimorphia		
Didelphidae		
<i>Didelphis aurita</i> *	Gambá	LC
<i>Marmosops incanus</i>	Catita	LC
<i>Chironectes minimus</i>	Cuíca-d'água	LC, PA
Pilosa		
Myrmecophagidae		
<i>Tamandua tetradactyla</i> *	Tamanduá-mirim	LC
Bradyrodidae		
<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça-de-três-dedos	LC
Cingulata		
Dasyrodidae		
<i>Dasyrodus novemcinctus</i> *	Tatu-galinha	-
Chiroptera		
Emballonuridae		
<i>Peropteryx macrotis</i>	Morcego	LC
Phyllostomidae		
<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro	LC
<i>Diaemus youngii</i>	Morcego-vampiro	VU
<i>Chrotophyx auritus</i>	Morcego	LC
<i>Micronycteris hirsuta</i>	Morcego	LC
<i>Micronycteris megalotis</i>	Morcego	LC
<i>Micronycteris microtis</i>	Morcego	LC
<i>Micronycteris minuta</i>	Morcego	LC
<i>Phyllostomus elongatus</i>	Morcego	LC
<i>Phyllostomus hastatus</i>	Morcego	LC
<i>Tonatia bidens</i>	Morcego	DD
<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego	LC
<i>Anoura caudifer</i>	Morcego-beija-flor	LC
<i>Anoura geoffroyi</i>	Morcego-beija-flor	LC
<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego-beija-flor	LC
<i>Carollia perspicillata</i>	Morceguinho-comum	LC
<i>Artibeus fimbriatus</i>	Morcego-fruteiro	LC
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego-fruteiro	LC
<i>Artibeus obscurus</i>	Morcego-fruteiro	LC
<i>Chiroderma villosus</i>	Morcego	LC
<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego	LC
<i>Platyrrhinus recifinus</i>	Morcego	LC, VU
<i>Pygoderma bilabiatum</i>	Morcego	LC
<i>Sturnira lilium</i>	Morcego	LC
<i>Vampyressa pusilla</i>	Morcego	DD
Noctilionidae		
<i>Noctilio leporinus</i>	Morcego-pescador	LC
Molossidae		
<i>Molossus rufus</i> *	Morcego	LC
<i>Tadarida brasiliensis</i>	Morcego	LC
Vespertilionidae		
<i>Eptesicus brasiliensis</i>	Morcego	LC
<i>Histiotus velatus</i>	Morcego	DD
<i>Lasiurus cinereus</i>	Morcego	LC, PA
<i>Lasiurus ega</i>	Morcego	LC
<i>Myotis nigricans</i>	Morcego	LC

PROPOSIÇÃO DE CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NAS VARGENS
DOS CAMPOS DE SERNAMBETIBA
RELATÓRIO FINAL

Taxa	Nome Comum	Status IUCN/IBAMA/RJ /Rio
Primates		
Callitrichidae		
<i>Callithrix jacchus</i> *	Mico-estrela-de-tufo-branco	LC, Exo
<i>Callithrix penicillata</i> *	Mico-estrela-de-tufo-preto	LC, Exo
<i>Callithrix jacchus</i> x <i>C. penicillata</i> *	Mico-estrela-híbrido	Exo
<i>Leontopithecus rosalia</i>	Mico-leão-dourado	EP, Ex, End
Carnivora		
Canidae		
<i>Cerdocyon thous</i> *	Cachorro-do-mato	LC
Procyonidae		
<i>Nasua nasua</i>	Quati	LC
<i>Procyon cancrivorus</i> *	Mão-pelada, guaxinim	LC, VU
Mustelidae		
<i>Eira barbara</i>	Irara, papa-mel	LC, PA
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	DD, EN
<i>Galictis cuja</i>	Furão	LC
Felidae		
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato-pequeno	VU, PA, CR
<i>Puma yagouaroundi</i>	Jaguarundi	LC
Rodentia		
Sciuridae		
<i>Guerlinguetus ingrami</i>	Esquilo, caxinguelê	-
Cricetidae		
<i>Akodon</i> sp.	Ratinho	-
<i>Oxymycterus</i> sp.	Rato	-
<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-d'água	LC
<i>Delomys</i> sp.	Rato	-
<i>Rhipidomys</i> sp.	Rato-arborícola	-
Echimyidae		
<i>Trinomys iheringi</i>	Rato-de-espinho	LC, EP
Muridae		
<i>Mus musculus</i>	Camundongo-de-casa	Exo
<i>Rattus rattus</i>	Rato-de-forro	Exo
<i>Rattus norvegicus</i>	Ratazana	Exo
Cuniculidae		
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	LC, VU
Caviidae		
<i>Cavia aperea</i> *	Preá-do-mato	LC
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> *	Capivara	LC, EN
Dasyproctidae		
<i>Dasyprocta leporina</i>	Cutia	VU
Erethizontidae		
<i>Coendou spinosus</i>	Ouriço-cacheiro	LC
Lagomorpha		
Leporidae		
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti, coelho-do-mato	LC

Notas:

Exo – espécie exótica.

End – espécie endêmica do sudeste ou do RJ.

De acordo com o *status* de ameaça para o Brasil (Machado *et al.* 2005), o Estado do Rio de Janeiro (Bergallo *et al.* 2000) e IUCN (IUCN, 2011. **Red List of Threatened Species** < www.iucnredlist.org>), cada população é classificada em uma das categorias a seguir: Extinta – Ex, Extinta na natureza ou presumivelmente extinta – EW, Criticamente em perigo – CR/CP, Em perigo – EN/EP, Vulnerável – VU, Quase ameaçada – NT, Segura ou pouco preocupante – LC, Dados insuficientes – DD, Não avaliada – NE, Presumivelmente ameaçada – PA.